

COLEÇÃO

EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA HISTÓRIA A TRADUZIR

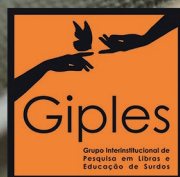
FONTES PARA RELER MILÃO (1880):

tradução dos relatórios “menores”
(La Rochelle; Franck; Treibel; Denison;
Gallaudet; Houdin; Peyron)
e outros documentos para problematizar
uma verdade sobre a educação de surdos

JOSÉ RAIMUNDO RODRIGUES

LUCYENNE MATOS DA COSTA VIEIRA-MACHADO

ORGANIZADORES



JOSÉ RAIMUNDO RODRIGUES
LUCYENNE MATOS DA COSTA VIEIRA-MACHADO
(ORGANIZADORES)

FONTES PARA RELER MILÃO (1880):
tradução dos relatórios “menores”
(La Rochelle; Franck; Treibel; Denison;
Gallaudet; Houdin; Peyron) e outros
documentos para problematizar uma verdade
sobre a educação de surdos

COLEÇÃO EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA HISTÓRIA A TRADUZIR


EDITORA
SCHREIBEN
2024

© José Raimundo Rodrigues | Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado - 2024

Editoração e capa: Schreiben

Imagem da capa: Racool_studio - Freepik.com

Livro publicado em: 09/01/2024

Apoio de publicação:

Ana Carolina Martins	Joaquim César Cunha dos Santos
Brígida Mariani Pimenta	José Raimundo Rodrigues
Cássio Pereira Oliveira	Josué Rego da Silva
Daniel Junqueira Carvalho	Joyce Karolina Ribeiro Baiense
Daniel Marques Costa	Katiuscia Gomes Barbosa Olmo
Eliane Telles de Bruim Vieira	Keila Cardoso Teixeira
Euluze Rodrigues da Costa Júnior	Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado
Fernanda dos Santos Nogueira	Márcio Andrade Borges
Gislene Rodrigues da Silva Coutinho	Rafael Monteiro da Silva

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)	Dr. José Raimundo Rodrigues (UFES)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)	Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)	Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)	Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)	Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)	Dra. Marciane Kessler (URI)
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)	Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)	Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)	Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)	Dr. Valdenildo dos Santos (UFMS)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)	Dr. Wanilton Dudek (UNIUV)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiben@gmail.com
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F683 Fontes para reler Milão (1880): tradução dos relatórios “menores” (La Rochelle; Franck; Treibel; Denison; Gallaudet; Houdin; Peyron) e outros documentos para problematizar uma verdade sobre a educação de surdos. / Organização de José Raimundo Rodrigues, Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado. – Itapiranga : Schreiben, 2024.
202 p. ; e-book.

E-book no formato PDF.
EISBN: 978-65-5440-206-4
DOI: 10.29327/5337067

1. Educação inclusiva. 2. Surdos - educação. 3. Congressos e convenções – surdos – atas. I. Título. II. Rodrigues, José Raimundo. III. Vieira-Machado, Lucyenne Matos da Costa.

CDU 376

Bibliotecária responsável Kátia Rosi Possobon CRB10/1782

*A todos os surdos e surdas do Brasil com votos de que mais pesquisas
apontem a históricas resistências dessa comunidade viva!*

Esse livro não teria se concretizado sem o apoio financeiro dos vários membros do GIPLÉS. A cada pessoa que compõe esse grupo e faz dele uma experiência de saboroso saber o nosso muito obrigado.

SUMÁRIO

QUANDO MUITAS SÃO AS FONTES A NOS FAZER REPENSAR DADAS VERDADES: UMA APRESENTAÇÃO.....	7
<i>José Raimundo Rodrigues</i>	
<i>Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado</i>	
1 PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL PARA O MELHORAMENTO DAS CONDIÇÕES DOS SURDOS-MUDOS (REUNIÃO EM LYON, NOS DIAS 22, 23 E 24 DE SETEMBRO DE 1879).....	15
2 RELATÓRIO DE ERNEST LA ROCHELLE.....	31
3 RELATÓRIO DE ADOLPHE FRANCK.....	53
4 RELATÓRIO DE EDMUND TREIBEL.....	67
5 RELATÓRIO DE JAMES DENISON.....	83
6 RELATÓRIO DE EDWARD MINER GALLAUDET.....	93
7 RELATÓRIO DE AUGUSTE HOUDIN.....	109
8 RELATÓRIO DE LOUIS-ERNEST PEYRON.....	147
9 MILÃO EM QUATRO ARTIGOS DO CORRIERE DELLA SERA.....	159
10 DA IMPORTÂNCIA INCONTESTÁVEL DA LINGUAGEM MÍMICA NO ENSINAMENTO DOS SURDOS-MUDOS DE NASCENÇA.....	169
11 OS ABUTRES DO PROMETEU DOS SURDOS-MUDOS.....	179
12 DESCAMINHOS DESPOSSÍVEIS: DICAS PARA SE ESCREVER (OU NÃO) UM ARTIGO SOBRE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS.....	183
MINICURRÍCULO DOS TRADUTORES E REVISORES DE TRADUÇÃO.....	197
ÍNDICE REMISSIVO.....	198

QUANDO MUITAS SÃO AS FONTES A NOS FAZER REPENSAR DADAS VERDADES: UMA APRESENTAÇÃO

O *Congresso Internacional para a melhoria da condição dos surdos-mudos*, ocorrido em Milão, de 06 a 11 de setembro de 1880, permanece como evento de extrema relevância no que diz respeito à história da educação de surdos. No Brasil, quase todas as obras que problematizam essa história, consideram o Congresso de Milão como momento em que se dá a extinção do uso de sinais e se começa a prática do método oral puro (e conseqüentemente o “oralismo” como ideologia) enquanto novo método a ser utilizado nos diversos institutos pelo mundo. Tal leitura reducionista de tamanho evento, prejudica as possíveis diferentes leituras das discussões travadas em Milão; além de produzir apenas oposições binárias e metanarrativas sobre a educação de surdos.

O acesso aos documentos do Congresso de Milão, especificamente as atas oficiais redigidas e editadas por Pasquale Fornari, permite rever algumas verdades assentadas e repetidas, por vezes, sem uma leitura dos textos. Tais atas, recentemente foram traduzidas por membros do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Libras e Educação de Surdos (GIPLES/CNPq/UFES) e revisadas com competência pela professora Bartira Zanottelli, oferecendo-nos informações desconhecidas por grande parte dos educadores e pesquisadores sobre educação e história da educação de surdos.

A tradução das atas oficiais redigidas por Pasquale Fornari, complementa a obra de Arthur Kinsey traduzida pela Série Histórica do INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos no ano de 2011. Embora se trate também de Atas de Milão, o relatório de Kinsey era destinado especificamente ao público de língua inglesa e traz marcas muito próprias dessa situação, como, por exemplo, o fato de condensar excessivamente os debates das sessões e privilegiar os estudos apresentados pelos membros da Sociedade de Difusão do Método Oral Puro, da qual fazia parte e era diretor de uma escola de formação de professores em Ealing, Inglaterra.

Graças à fidedignidade de Fornari, nos apêndices às suas atas, temos acesso à lista de documentos que foram produzidos sobre o Congresso de Milão. Atentos às pistas deixadas por ele, fomos em busca de tais documentos que, inicialmente, pensávamos apenas repetir o que estava nas atas. Qual não foi nossa surpresa ao perceber que nestes outros textos sobre Milão abrem-se também possibilidades de complementação das atas de Fornari, bem como

ampliam-se horizontes para outras discussões. Parte do material que traduzimos neste livro traz esses relatórios “menores” sobre Milão: La Rochelle; Franck; Treibel; Denison; Gallaudet; Houdin; Peyron. Nomeamos como “menores” por oposição às atas oficiais de Fornari que têm um volume grandioso de páginas, mas também assim os chamamos por considerá-los, desde uma apropriação muito nossa da perspectiva deleuzeana, como relatórios potentes e capazes de fazer-nos questionar a complexidade do congresso italiano. Desde esses diversos olhares sobre Milão, somos colocados diante de possíveis chaves de leituras que falam muito sobre os respectivos relatores e também apontam para detalhes preciosos do Congresso.

Quando considerávamos já termos material suficiente, eis que as leituras nos suscitaram outras pequenas buscas e ultrapassamos o limite dos relatórios. Traduzimos também outras fontes que podem auxiliar pesquisadores a compreender melhor o acontecimento de 1880. A leitura ao redor do grande evento, nos permite adentrar na atmosfera de Milão, o que nos dá indícios de como foram produzidas as discussões, as disputas e as defesas de diferentes ideias acerca da educação dos surdos neste evento. Essa leitura se faz fundamental para que possamos compreender/traduzir Milão, no sentido que dá Steiner (2005). Se compreender é traduzir, a leitura dos textos que rodeiam Milão nos dará mais condições de olharmos a história da educação de surdos de outro modo.

E assim, partimos para a leitura/experiência junto a Steiner (2005), sustentando a compreensão como tradução, e por isso “quando lemos ou ouvimos qualquer enunciado verbal do passado, seja saído do Levítico ou do *best seller* do último ano, nós traduzimos. Leitor, ator, editor são tradutores de eventos linguísticos fora de sua época” (Steiner, 2005, p. 53). Ou seja, ao nos tornarmos leitores/tradutores, compreendemos os documentos do grande evento linguístico que foi Milão, no final do século XIX. Só é possível produzirmos uma leitura-experiência se pudermos olhar todas as possíveis pistas que possam educar o nosso olhar de outro modo.

Nós, ao caminharmos nos documentos através da tradução, buscamos a formação por meio da leitura-experiência. Ou seja, abrimos mão da arrogância de um saber sobre a história da educação de surdos e buscamos educar o nosso olhar para ler sem saber ler duplamente. Nos relacionar com o texto pelo viés da tradução é uma tarefa difícil e complexa e aí reside a “prova do estrangeiro” segundo Ricouer (2011), fazendo referência a Berman. “Ler não é compreender, não é conversar, não é avaliar ou julgar; é traduzir” (Larrosa, 2004, p.52). Posto que na leitura tanto o livro como o leitor são únicos; a leitura está fora do tempo e cada leitura é como a primeira leitura. Com Larrosa (2004), perguntamos: “Quem é esse *EU* que lê o que não se pode ler e que não lê nada lendo tudo?”

Tudo que se pode ler, quando não se lê nada, eu leio... tudo que se pode ler quando se leu tudo, eu leio” (Larrosa, 2004, p. 60).

A seguir propomos uma breve apresentação de cada um dos textos que se seguem como pistas para nos ajudar a ler/compreender e caminhar sobre Milão. Por caminharmos nesta leitura, em diversos momentos optamos por apresentarmos informações que contribuíssem para a leitura. Dessa forma, temos como elemento que também fala de nosso processo tradutório a “nota do tradutor” (NdT) nas notas de rodapé. Todas feitas com muito esmero e cuidado com a fonte tradução direta do texto, procurando mostrar ligações com outras fontes, e até mesmo reflexões sobre a fonte em questão. As notas enriquecem esse material e, em muitos casos, para pesquisadores iniciantes, podem agilizar o trabalho de busca de outros originais em acervos digitalizados.

O primeiro texto que traduzimos é o relatório do *Primeiro Congresso Nacional para o Melhoramento das Condições dos Surdos-mudos*, realizado em Lyon, em setembro de 1879. Este relatório permite-nos perceber como se deu parte da organização do congresso internacional de 1880 e delinea que, no contexto francês, havia uma perspectiva de que o uso de sinais permanecesse em uso na educação de surdos. O relatório de Lyon é citado nas atas de Fornari, contudo, essa fonte histórica, exigiu alguns esforços para que pudéssemos encontrá-la. Por motivos não muito evidentes, o relatório de Lyon só foi publicado em 1885, portanto, seis anos após o evento francês. Ler Lyon é adentrar nas discussões anteriores às de Milão e captar como as divergências entre os participantes de ambos os congressos, nos mostram que Milão não foi consenso. Também nos possibilita inferir sobre os meandros da organização/orquestração de Milão e como ocorreu uma ação extremamente articulada em prol da oficialização do método oral puro.

O segundo texto aqui traduzido é o *Relatório sobre Milão* escrito por Ernest La Rochelle e endereçado ao Sr. Eugene Pereire. La Rochelle, secretário da Sociedade Pereire, grupo da família de Jacob-Rodrigues Pereire, não se restringe a retomar as decisões, mas apresenta de forma bastante detalhada, apesar da concisão, definições sobre os métodos utilizados na educação de surdos. Como se trata de um texto direcionado a uma personalidade, o então presidente da Sociedade Pereire, que mantinha uma escola para surdos em Paris, esse relatório nos coloca em contato com interesses que estavam em jogo para além daqueles explicitamente mencionados.

O texto de Adolphe Franck, *Relatório ao Ministro do Interior e de Assuntos Religiosos*, nos remete ao contexto francês, mas também de boa parte da Europa, em que os institutos para surdos-mudos não eram considerados estabelecimentos educacionais vinculados ao Ministério da Instrução. Além disso, a participação

de Franck no Congresso de Milão reveste-se de grande importância por ter sido ele a redigir, no ano de 1861, um relatório que desaconselhava o uso do método de articulação na educação de surdos. Em 1875, o mesmo Franck já manifestara certa abertura ao novo método e, em Milão, 1880, assume publicamente seu reconhecimento das vantagens do método oral sobre o de sinais como um ato de “conversão”.

O quarto texto traduzido é o *Segundo Congresso Internacional de Professores de Surdos-mudos*, escrito pelo doutor em Teologia, Sr. Edmund Treibel, diretor do Instituto de Berlim. Pelas palavras de Treibel avançamos na compreensão de como, na Alemanha, se concebia o papel dos congressos internacionais e como se praticava lá uma educação de surdos que já fazia uso do método oral com a qual compara os exercícios presenciados em Milão. Treibel sugere uma possível recepção do Congresso de Milão em solo alemão.

De acordo com as Atas de Fornari, quatro surdos participaram do Congresso de Milão. O texto *Impressões sobre o Congresso de Milão* redigido por um dos quatro participantes surdos, o professor James Denison foi publicado em *American Annals of the Deaf and Dumb*. Tal texto nos brinda com uma leitura ímpar do evento. James Denison, professor e diretor da Kendal School, parece nos conduzir à sala de reuniões do Congresso, pois sua forma de descrever o ambiente, personagens e acontecimentos é extremamente viva e caracterizada por um olhar muito meticuloso e crítico. Com James Denison nos tornamos participantes de Milão e podemos acompanhar sua interpretação feita por um surdo acerca do que foi ali vivenciado.

O sexto texto é também um relatório de impressões sobre Milão e publicado no *American Annals of the Deaf and Dumb* por Edward Gallaudet. Em *A convenção de Milão*, Gallaudet relata as informações sobre o congresso e não poupa palavras para criticar os argumentos utilizados para desvalorizar o uso de sinais na educação de surdos. De modo bastante forte, Gallaudet defende em seu relatório o sistema combinado e aponta as falhas cometidas em Milão como, por exemplo, decisões votadas de forma apressada e sem plausibilidade de concretização.

O relatório de Auguste Houdin chegou-nos durante a pesquisa de doutorado de Eliane Telles de Bruim Vieira¹, fruto de suas investigações nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional da França. Talvez não merecesse ser adjetivado como “menor” dada a sua extensão, mas como aqui consideramos

1 VIEIRA, Eliane T. de B. **Práticas pedagógicas na educação de surdos**: circuitos de transnacionalização entre documentos-monumentos, regularidades discursivas e contracondutas em questão. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. Vitória, 2022. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_16229_Tese%20Eliane%20Vieira%20Finalizada%20Atual.pdf.

“menor” aqueles que foram eclipsados por uma dada narrativa, encontramos em Houdin uma série de informações que nos ajudam a ainda mais complexificar a análise de Milão. Houdin elabora um texto em que retoma a história da educação de surdos como preâmbulo para apresentar o Congresso de Milão, concluindo com reflexões acerca de contribuições da educação de surdos para a educação em geral.

O último dos relatórios “menores” é o de Louis-Ernest Peyron, *Congresso Internacional de Milão, para melhoria da condição dos surdos-mudos*. O texto publicado numa revista de medicina, especializada em problemas do ouvido, surpreendentemente, é caracterizado por uma análise crítica, às vezes, até informal, apontando para questões cruciais que outros relatores não sugeriam como, por exemplo, o protagonismo de mulheres e a questão da experiência tendo suplantado a teoria. Sob a lente de Peyron somos orientados a reler tudo desde um outro prisma, mas certos de que Milão havia sido uma batalha em que o vencedor estava desde o início já definido.

Ao longo de nossas pesquisas também nos perguntamos sobre como a imprensa da época teria recebido Milão. Assim, oferecemos um conjunto de quatro pequenos artigos do *Corriere della Sera* que nos mostra os preparativos para o Congresso e sua sessão de abertura, e outro escrito em 1885 que nos sugere a condição de Milão como *lugar de memória*², conforme a compreensão de Pierre Nora (1993). Estes artigos são um convite a se pesquisar os desdobramentos de Milão para a sociedade italiana. Consideramos essa fonte de grande relevância por nos situar junto aos documentos oficiais o *status* de Milão não só no seu momento presente, mas também na imediata sucessão de anos.

O décimo texto que traduzimos é o opúsculo *Da importância incontestável da linguagem mímica no ensinamento dos surdos-mudos de nascença*, escrito pelo surdo Victor-Gomer Chambellan em 1884. Partimos do questionamento sobre como os surdos teriam recebido as decisões de Milão. Chambellan, professor surdo aposentado em função na nova metodologia adotada em Milão, nos responde apontando para o papel essencial dos sinais para os surdos de nascença. Em

2 Os *lugares de memória* são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. [...] nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notoriar atas, porque essas operações não são naturais (Nora, 1993, p. 13). Olhando para essa noção, o Congresso de Milão (1880) se torna um *lugar de memória* quando cristaliza e fixa memórias e narrativas deformadas acerca da oposição binária entre Línguas de Sinais e língua oral. E em decorrência da escassez de publicações sobre os congressos que antecederam e sucederam Milão (1880), em ambiente brasileiro, temos uma massiva leitura reducionista e o apagamento de todo o movimento em curso da história da educação de surdos no final dos séculos XVIII e XIX.

sua obra pode-se perceber não só uma defesa dos sinais, mas também uma clara manifestação de uma análise gramatical sobre a “língua de sinais”, pois o autor elabora comparações com a língua francesa. Fica notória uma resistência dos surdos em relação ao que foi gradualmente implementado.

O último texto aqui traduzido é um pequeno artigo de jornal escrito pelo surdo Lucien Limosin. Em *Os abutres do Prometeu dos surdos-mudos*, o autor, de forma muito elaborada, serve-se do mito de Prometeu aplicado à pessoa do Abade de l'Épée e traça, a partir disso, toda uma crítica aos impactos de Milão na educação de surdos franceses. Bastante direta é sua crítica ao filósofo Adolphe Franck que no Congresso de Milão acabou por aderir ao método que anos antes tinha criticado e mantido sob muitas reservas.

Por fim, foi-nos necessário colocar por escrito algumas coisas que nos atravessaram durante o processo de tradução, mas também diante de uma certa leitura recorrente que encontramos em artigos e teses que nos foram submetidos para avaliação. Em *Descaminhos despossíveis: dicas para se escrever (ou não) um artigo sobre história da educação de surdos* procuramos, de maneira didática, mas também jocosa, sugerir alguns detalhes a serem observados quando nos desventuramos a escrever sobre o tema, particularmente, considerando a ênfase dada a Milão. É uma pequena contribuição diante daquilo que tem nos incomodado ao termos tão farto banquete de materiais e um regime narrativo tão repetitivo.

Consideramos que estes textos, traduzidos para o português, oferecem elementos para múltiplas aproximações ao Congresso de Milão. Constituem-se como fontes que, diante dos olhos questionadores dos pesquisadores, desejam dialogar e nos ajudar a compreender de forma ampla e crítica o evento do passado e suas reverberações na atualidade. São textos-convite no sentido de que eles nos incitam ao encontro não só com eles, mas com outros tantos textos. Um mar sem fim que hoje encontra-se, em grande parte, disponível na rede mundial de computadores.

Este trabalho de tradução não seria possível sem o esforço de várias pessoas a quem agradecemos pela dedicação, disponibilidade e verdadeira amizade. Ao traduzirmos essas fontes recorreremos a conhecidos e desconhecidos que pudessem nos orientar, sugerir, revisar, traduzir novamente o que tínhamos laboriosamente mexido. Pelos textos em língua francesa, nosso reconhecimento pelo trabalho de Bartira Zanotelli. Pelos de língua inglesa, nossa gratidão ao professor Gabriel Silva Nascimento. Pelo texto em alemão, nosso afeto ao professor Alexsandro Rodrigues Meireles. Pelos artigos em italiano, nossos tributos ao Pe. Geraldo Dias Buziani. Essas pessoas, com seus domínios em outras línguas, fizeram-nos também alargar nossos horizontes compreensivos.

Aos leitores e leitoras, a quem se dispõe a pesquisar tema tão antigo e

tão atual relativo à educação de surdos, essa obra é fruto de um trabalho e é, ao mesmo tempo, um texto de trabalho, pois consideramos que há muito que poderia ser ainda melhor desenvolvido. Às vezes, a menção incompleta de um nome, a citação de mulheres apenas pela referência aos seus papéis familiares (filha de... mãe de..., esposa de..., viúva de...), a sugestão de um livro, a ocorrência de uma palavra desencadearam em nós uma série de buscas. Que tenhamos sua companhia nesse exercício vivo e nessa experiência que nos fomenta a ir mais além do que já foi dito sobre Milão.

*José Raimundo Rodrigues*³

*Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado*⁴

Referências

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *In: Les lieux de mémoire. I La République*, Paris, Galimard, 1984, p. XVIII-XLII. Editions Gallimard, 1984. **Projeto História**, São Paulo (10). dez. 1993.

STEINER, George. **Depois de Babel**: questões de linguagem e tradução. 3. ed. Curitiba: Editora da UFPR.

3 Licenciado em Filosofia (PUC-MG); mestre e doutor em Educação pela UFES; mestre e doutor em Teologia Sistemática pela Faje-BH; Coordenador de Turno na Rede Municipal de Ensino de Vitória-ES. E-mail: jrrzena@yahoo.com.br.

4 Mestra e doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo, pós-doutorado pela Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), graduada em Pedagogia pela UFES, professora Associada II do Curso de Letras-Libras, professora dos programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFES) e Linguística (PPGEL-UFES). E-mail: lumatosvieiramachado@gmail.com.

PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL PARA O MELHORAMENTO DAS CONDIÇÕES DOS SURDOS-MUDOS (REUNIÃO EM LYON, NOS DIAS 22, 23 E 24 DE SETEMBRO DE 1879)¹

Obra:

HUGENTOBLER, Jacques; La ROCHELLE, Ernest. 1^{er} Congrès National pour L'Amelioration du sort des sourds-muets (réuni à Lyon, les 22, 23 et 24 septembre 1879). **Revue Internationale de l'enseignement des sourds-muets**, Paris, Tomo I, 1885, p. 188-195; 222-226.

Tradução:

Nota do editor:

Nos últimos seis anos, um grande número de nossos confrades lamentou não ter conseguido obter um relatório do Congresso realizado em Lyon, em setembro de 1879. Por razões que não sabemos, a mesa organizadora desse congresso, do qual o falecido Sr. Houdin² era presidente, não podia ou não achava que poderia publicar um relatório oficial das sessões desta assembleia.

Devemos à gentileza dos senhores Hugentobler³ e La Rochelle⁴, secretários do Congresso de Lyon, poder publicar aqui um relatório analítico que, na ausência de qualquer documento oficial e completo, preenche uma lacuna

1 NdT: Esta tradução bem como uma introdução que contextualiza a relevância de Lyon para o público brasileiro que se dedica à educação de surdos pode ser encontrada na **Revista História da Educação (Online)**, 2019, v. 23, p. 1-25. Disponível em: <https://seer.ufg.br/index.php/asphe/article/view/93873>.

2 NdT: Pierre Auguste Houdin (1823-1884) foi diretor do Instituto de Surdos de Paris-Passy. No Congresso de Milão, Houdin participou na qualidade de representante do Ministério de Educação Pública da França.

3 NdT: Jacques Hugentobler (1844-1924) administrava uma instituição em Lyon que se servia da articulação. Posteriormente, Hugentobler também se dedicou à educação de cegos. Sobre sua instituição: <https://www.centre-gallieni.org/le-centre-gallieni/linstitut-jacques-hugentobler.html>.

4 NdT: Ernest La Rochelle foi secretário da Sociedade Pereire que também priorizava o uso da articulação.

lamentável, permitindo que todos os nossos confrades conheçam os debates que poucas pessoas privilegiadas puderam ter seguido.

L. G.⁵

O RELATÓRIO

Primeira sessão

Segunda-feira, 22 de setembro aconteceu, em Lyon, no Palácio de Saint Pierre, a primeira sessão do Primeiro Congresso Nacional para a Melhoria das Condições dos Surdos-Mudos, ao qual assistiu, como membros do comitê de honra:

Srs. Charles, reitor da Academia de Lyon;

Cuissart, inspetor principal delegado do Sr. Courcière, inspetor da Academia;

Abade Bonnardet, superior do seminário menor de Saint-Jean, delegado pelo Cardeal Arcebispo de Lyon;

Sevène, secretário da Câmara de Comércio;

Os doutores Fontan, Perroud e Pernot;

Aeschiman, presidente do Consistório Protestante de Lyon;

A. Valade-Gabel, chefe de estudos na instituição nacional dos surdos-mudos em Paris, delegado do Ministro do Interior.

Após a constituição da mesa, o Sr. Houdin, eleito presidente, lê as cartas de desculpas de: Srs. Isaac e Eugene Pereire; Lortet, decano da Faculdade de Medicina de Lyon; Develle, prefeito da Primeira vila; Oberkampf, Leroux e Dr. Hugué, de Paris; Piroult, de Nancy; Forestier, de Lyon-Vaise e Padre Pendola de Siena, Itália.

Entre os estrangeiros presentes no congresso, notamos: Srs. Tarra, de Milão; Marchio⁶ e Maccioli, de Siena; Fellmann, de Lucerne; Forestier, de Genebra.

Depois de algumas palavras de agradecimento enviadas pelo Presidente aos membros da Comissão de Honra, sob os auspícios cujo Congresso foi aberto, e aos membros da Faculdade de Medicina de Lyon que estão dispostos a dar o seu apoio, o Sr. Ernest La Rochelle, um dos secretários, depôs na mesa o relatório do Congresso Universal de 1878 para melhoramento das

5 NdT: Possivelmente, Ludovic Gouguillot (1859-1890), professor do Instituto de Paris e um dos precursores da ortofonia.

6 NdT: Padre Marchio era professor no Instituto de Siena, na Itália, e defendia o método de articulação.

condições dos surdos-mudos. Ele então informou ao Congresso sobre a morte do Pastor Bouvier.

O diretor da Instituição Protestante de Surdos-Mudos em Saint Hippolyte Fort (Gard), membro da convenção de 1878, foi afastado por uma doença hepática e se recolheu ao conforto da sua família. Ele era o pai dos surdos-mudos e, ao mesmo tempo, o instrutor intelectual e religioso.

Uma carta endereçada ao Sr. Eugène Pereire pelo pastor Rayroux menciona sua dedicação aos surdos-mudos, depois de ser a preocupação dominante da vida do Sr. Bouvier, foi também de sua última hora, porque as últimas palavras recolhidas em seus lábios foram estas:

“Diretor... Surdos-mudos... Persevere.”

O Presidente convidou o secretário a manifestar para com Madame viúva Bouvier, a respeitosa e dolorosa simpatia dos antigos colegas de seu marido no Congresso de 1878.

O Presidente passou a palavra ao Abade Goyatton sobre a primeira questão do programa:

Como o benefício da educação será assegurado à generalidade dos surdos-mudos?

Preocupado com a insuficiência das escolas para a educação dessas pessoas desafortunadas, ele pensava que o meio de remediá-las seria aumentar a importância das instituições existentes e pensar que, no momento em que se torna instrução obrigatória é para o benefício dos surdos-mudos que se deveria começar sua aplicação.

Animado pela mesma solicitude, é pela multiplicação desses estabelecimentos que o Sr. Vaïsse, diretor honorário da Instituição Nacional de Paris, seria de opinião para satisfazer essa necessidade imperativa. Ele também lembrou o desejo expresso pelo Congresso de Paris do qual ele era o Presidente e que pediu que a gestão dos estabelecimentos de surdos-mudos fosse transferida do Ministério do Interior para o Ministério da Instrução Pública.

Segunda sessão

Na sessão da noite, foi feita a leitura de uma carta do Padre Pendola, que é representado no Congresso pelos senhores padres italianos, onde declara ter abandonado por completo o método dos sinais em favor do método da articulação e felicita o Congresso de Paris pela iniciativa que adotou em favor do segundo método.

Leitura feita de uma carta do Sr. Hirsch⁷, de Roterdã, que pede desculpas

⁷ NdT: David Hirsch (1813-1895) foi diretor do Instituto de Rotterdam. Publicou:

por não poder comparecer ao Congresso de Lyon e espera participar do Congresso Internacional no próximo ano.

O Presidente solicitou que se responda em nome do Congresso às cartas dos seus correspondentes.

O Congresso passa para a segunda questão do seu programa:

Quais são as formas mais eficazes de desenvolver a fala em surdos mudos?

O Sr. Hugentobler, secretário, lê um livro de memórias em que ele considera a questão sob quatro pontos de vista diferentes:

1° - Qual é o propósito de se ensinar surdos-mudos?

2° - Qual deve ser a organização de uma escola especial?

3° - Qual o papel dos gestos no ensino depois do método de articulação?

4° - O que deve ser feito em cada um dos diferentes ramos da educação, conservando-se o propósito principal do ensino da língua?

Acreditando que o objetivo principal de uma escola de surdos-mudos é substituir a escola pública, que não lhes dá instrução suficiente, o Sr. Hugentobler acredita que é seu dever dar aos seus alunos esta dose de conhecimento e aptidões intelectuais e morais que são necessárias para a direção de sua vida.

Passando à segunda questão, o Sr. Hugentobler falou das condições de admissão de crianças à escola, em termos de inteligência, do tempo de estudo, dos meios de ensino, da disposição das instalações, da divisão das classes, do número de alunos que devem conter, da supervisão durante as horas de recreação, do recrutamento de pessoal docente, das palestras entre professores e concursos públicos.

Relativamente ao gesto, o orador disse que a linguagem dos sinais naturais deveria servir como primeiro meio de comunicação entre os alunos e o professor e desaparecer à medida que a criança procede no conhecimento das palavras e formas da língua falada que, sozinha, pode conduzir o surdo-mudo para a Sociedade.

Depois de analisar os diferentes ramos da educação relacionados com a palavra oral ou escrita, o Sr. Hugentobler é da opinião de que o objetivo perseguido no ensino da língua não deve ser alcançado até que a criança tenha chegado a ter um uso familiar o suficiente para permitir que ela continue sua instrução para a leitura.

O Sr. Hugentobler disse que seria bom recusar, em estabelecimentos de surdos-mudos, os sujeitos que sofrem de idiotismo; o Abade Guerin, vice-diretor da instituição de Marselha, é de opinião, com efeito, de admitir as

L'enseignement des sourds-muets d'après la méthode allemande (méthode-Amman) introduit en Belgique: souvenirs d'une visite faite aux écoles des sourds-muets, à Anvers, Bruxelles, Gand et Bruges. Rotterdam: M. Wyt & Fils, 1868.

crianças apresentadas somente após um exame preliminar pelos professores da instituição.

O Sr. Vaïsse concordou com as ideias expostas pelo Sr. Hugentobler e declarou que a leitura nos lábios era tão importante quanto a articulação, não devendo ser dela separada.

Terceira sessão - Terça-feira de manhã, 23 de setembro

Cartas de desculpas dos Srs. Abade Delaplace⁸, capelão da instituição dos surdos-mudos de Saint-Médard-lez-Soissons⁹; Ducurty, presidente da Sociedade Nacional de Educação de Lyon; Abade Roquette, diretor da Instituição de Rodez, e Vingtrinier, vice-diretor da biblioteca da cidade de Lyon.

O Dr. Dor declara que a disposição das crianças em torno de uma mesa oval, proposta pelo diretor Hugentobler, parece-lhe dificilmente admissível. A luz deve vir do lado esquerdo, porque a luz que vem da direita ou que cai nas costas da criança faz sombra sobre o papel.

O Sr. Hugentobler compreende muito bem as observações apresentadas pelo Dr. Dor, que fala como um oculista; mas ele considera que a disposição por ele preconizada também tem seu valor, uma vez que permite ao estudante ler nos lábios de seus companheiros sem se virar. Além disso, a desvantagem relatada é consideravelmente diminuída pelo fato de que as crianças nem sempre permanecem sentadas e muitas vezes recebem suas lições em pé e dispostas em semicírculo.

O Sr. Houdin, Presidente, lê uma síntese sobre as duas primeiras perguntas em conjunto. Ele é um firme defensor da articulação que ele pratica há muitos anos. O professor dos surdos-mudos parece, diz ele, o lavrador, e deve limpar o terreno antes de semear. Dois grandes obstáculos estão no caminho de seu trabalho: primeiro, a ignorância geral dos princípios de seu ensino; em segundo lugar, as más condições em que ocorrem os primeiros anos da vida do surdo-mudo.

De acordo com o orador, o método de articulação, incontestavelmente,

8 NdT: Abade Delaplace era também membro titular da Sociedade Archéologique, historique et scientifique de Soisson. A respeito de sua participação nessa sociedade e alguns de seus achados arqueológicos: https://books.googleusercontent.com/books/content?req=AKW5QaeZZ56mJrJ2qXzKkGqGno737-ZjlEjcEES-uWVKcV78OfipRpQsr9QrD8LHzaX4FODyE325qxIiNH9x1GiR3qZW4u-6dYLBsAmxRIWr8qkNRiUjOipw9Srph4GzqmUazG_tkV6Fm8afhZxvOf6rA3NvkPn92b_siT9rwx5POd1-7XbY4o0tVtAPrGjgLnvBTIEX51pOi3BB2_Ago8D1rK6C5hNrSaZ8kEtDGdkIngeE3eMTHaTbHCA6rLzB2ikYmQ06A4vBfO32ra69YGXL6rcU0lJ5dYkop6ln4WJ9IrXaRRI.

9 NdT: Vinculada aos Irmão de São Gabriel.

oferece numerosas vantagens sobre os sinais, e uma das primeiras consiste no fato de que a construção da frase escrita e da frase falada é a mesma, o que não ocorre na linguagem mímica. No sentido higiênico, a articulação tem a vantagem de contribuir mais para o funcionamento regular dos pulmões, e sua influência é benéfica em crianças surdas-mudas que frequentemente têm um temperamento mais ou menos linfático.

O Sr. Houdin propõe a criação de um boletim informativo periódico que represente os interesses dos surdos-mudos e sirva de elo com o corpo docente das diferentes instituições. O Sr. Pereire estaria, ele disse, bastante disposto a reforçar os esforços de suporte que podem ser feitos para esta publicação. O orador desenvolve o processo da educação do surdo-mudo, segundo o método da articulação, desde seu ingresso até sua saída da escola. Se a educação, diz ele, é adiada até a idade de dez a doze anos, a criança adquire o hábito de sinais e fica mais difícil familiarizá-la com a articulação. É um fato que uma longa experiência o demonstrou com exatidão.

Por fim, o Sr. Houdin, apontando o fracasso do ensino da articulação na Instituição Nacional de Paris, atribui-o não ao método em si, mas às condições impossíveis que lhe são impostas nas escolas do Estado e em quase todas as instituições antigas. Ele recomenda a fundação de pequenas instituições e declara que elas obtiveram incontestavelmente melhor sucesso que as grandes que excedem o número de sessenta alunos, por exemplo.

Retornando à questão tratada pelo Sr. Hugentobler, o Sr. Houdin reiterou que o ensino da gramática deveria ser subordinado ao ensino de coisas e exercícios práticos, que, além disso, já haviam sido ditos pelo Sr. Valade-Gabel, e antes dele, pelo Sr. J.-R. Pereire¹⁰, o primeiro professor de surdos-mudos na França.

O Abade Guérin também se pronuncia a favor da criação de um boletim periódico. Em seguida, dividindo as escolas francesas de surdos-mudos em três categorias:

1º - Aquelas onde domina a articulação pura;

2º - Aquelas em que os sinais são tolerados no início, ao lado da articulação;

3º - Aquelas onde o ensino é misto, o Abade Guérin declara pensar que a verdade encontra-se nos meios termos e ele acredita que a encontra em escolas onde a articulação é ensinada ao lado dos sinais. O método de articulação, parece ao honorável orador, encontrar dificuldades quase intransponíveis, na medida em que requer um pessoal muito maior e, portanto, implica gastos muito além do orçamento do governo e da caridade pública.

¹⁰ NdT: Jacob-Rodrigues Pereire (1715-1780) estabeleceu-se na França em 1741 onde atuou como educador de surdos. Note-se a ênfase do orador de que Pereire foi o primeiro a se dedicar à educação de surdos.

Acrescenta, além disso, que em todas as instituições francesas dos surdos-mudos, se faz uso agora da articulação¹¹; somente nós ligamos a esse ramo da educação uma maior ou menor importância, de acordo com os recursos disponíveis para as respectivas escolas.

O Abade Guérin, em seguida, aponta que muitas crianças surdas, pelo menos três quintos delas, ficam fora da escola. Algumas tentativas, no entanto, são feitas para apresentá-las as indispensáveis noções da verdade cristã; mas é por meio de mímica natural, que requer menos tempo que o outro método. O orador acrescenta que a articulação pura¹², que não admite a mímica, entre os próprios surdos-mudos, quando saem de diferentes instituições, gera uma barreira tão intransponível que eles nem se entendem mais entre si, e é por essa razão que o Abade Guérin gostaria de ver nas escolas a mímica mantida ao lado da língua falada.

O Sr. Hugentobler opôs ao Abade Guérin o testemunho da experiência, que provou que a fusão dos dois métodos concede resultados menos satisfatórios. A criança que usa a mímica negligencia a palavra e a abandona, tão exigente dele, no início, de um maior esforço intelectual. Acontece aos surdos-mudos o que nos acontece quando vamos a um país estrangeiro para aprender a língua. Ao buscar a sociedade dos nativos, nos familiarizamos com sua língua, aprendemos a compreendê-los e a falar em pouco tempo; enquanto que procurando de preferência a sociedade francesa e, falando nossa língua natural, voltamos para casa sem nos colocar na posse do idioma estrangeiro.

O Abade Joseph Lemann manifesta apreço pela mímica e declara que os padres católicos nunca desistirão dos sinais, nem que seja por respeito à memória do Abade de l'Épée.

A sessão conclui com a apresentação do frei Louis de alguns dados estatísticos sobre a aptidão de seus alunos surdos-mudos em relação à articulação.

Quarta sessão - Terça à noite, 23 de setembro

O Sr. Hugentobler, na sessão de terça-feira de manhã, declarou que o professor só pode ensinar de oito a doze alunos, o Sr. Magnat¹³, na sessão da noite, não hesita em afirmar que o professor pode ensinar vinte de cada vez.

11 NdT: Essa informação nos ajuda a compreender que o processo de oralização não se deu imediatamente com o Congresso de Milão, mas trata-se de uma prática que já vigorava nos institutos sob o nome de articulação em que se ensinava os surdos a falar e ler os lábios.

12 NdT: Expressão que se refere ao uso exclusivo do método de articulação. No Congresso de Milão a opção será pelo método oral puro, sem nenhuma cooperação dos sinais.

13 NdT: Marius Magnat (1833-1897) foi diretor da escola Pereire em Paris.

Ele então determina o papel dos sinais e gestos. “Em que consistem os sinais?” disse ele. Eu também tenho feito isso; nós não colocamos os sinais na entrada. Desejando preparar o surdo-mudo para a sociedade, reconhecemos que ele tem sua língua materna e nós o respeitamos. O que queremos é que ele entenda as pessoas que ouvem.

“Mas, se eu permitir, é no máximo no primeiro ano, para a aquisição dos nomes de objetos e suas qualidades, substantivos e adjetivos. Nós não impedimos o uso de sinais fora da escola. Mas, a partir do segundo ano, excluímos isso.”

O diretor-adjunto da Instituição de Marselha solicita que a mímica permaneça na base do ensino, sendo da opinião de admitir a articulação apenas para aqueles que podem se beneficiar dela. Para entrar no caminho deste último ensinamento, ele teria que ter certeza do apoio do governo. Ele viu a escola Pereire; é para ele o ideal; mas ele supõe que os alunos de Sr. Magnat tenham sido escolhidos. Ele ficará contente com a mímica até que ele tenha a oportunidade de praticar o outro método, o que ele não pode fazer por falta de recursos. Os eclesiásticos, de fato, farão a articulação apenas sob a condição de que o governo lhes assegure os meios para uma ajuda. Até lá, Sr. Guérin pede que lhes seja permitido, por mais algum tempo, fazer o bem àquelas crianças que ele ama.

O Sr. Magnat se defende de que tenha feito uma escolha. Ele não admite que se faça. Ele fala da dor que teve ao instruir algumas crianças; mas ele acrescenta que aqueles que lhe causaram mais problemas foram aqueles que mais lhe deram satisfação. Ele achava que, em sua nona resolução, o Congresso de Paris¹⁴ concedera a seus adversários tudo o que podiam pedir.

De acordo com o Sr. Magnat em certos pontos, o Sr. Metzger¹⁵, professor, não acredita, como ele, que se possa instruir vinte crianças. Na Instituição, ele considera preferível colocar, como na Alemanha, crianças em famílias; ele deseja ver os surdos-mudos colocados nas escolas dos ouvintes-falantes, para poderem, ao fim da lição, misturar-se com eles.

O Sr. Magnat disse que, ao ouvir o Sr. Metzger, parece que existem

¹⁴NdT: Refere-se ao *Congresso Universal para a melhoria do destino dos surdos-mudos*, ocorrido de 23 a 30 de setembro de 1878, em Paris. Na ocasião foi decidido que: “O Congresso, depois de o ter deliberado cuidadosamente, embora mantendo a utilização da mímica natural como auxiliar do ensino como primeiro meio de comunicação entre o professor e o aluno, considera que o chamado método de articulação e que nele compreende a leitura da palavra nos lábios, que visa tornar os surdos e mudos parte da sociedade, deve ser decididamente preferido a todos os outros; uma preferência que também se justifica pela utilização cada vez mais generalizada deste método entre todas as nações da Europa e mesmo na América” (La Rochelle, 1879, p. 196, tradução nossa). Disponível em: <https://www.avp.pro.br/mod/glossary/view.php?id=1225&mode=cat>.

¹⁵NdT: Possivelmente, Daniel Metzger (1850-1906), educador de surdos que, em Genebra, criou uma escola junto com sua esposa que também priorizava a articulação.

apenas escolas externas na Alemanha, enquanto na Europa existem apenas três ou quatro estabelecimentos desse tipo. O Sr. Magnat acrescenta que, na escola Pereire, ele recebe externos e internos e que pode assegurar assim que, conseguiu garantir que, à igual inteligência, os externos são bem inferiores aos internos, tanto em termos de articulação da educação e indica suas causas.

O Sr. Hugentobler acredita que um externato bem organizado pode ser uma coisa excelente para os surdos-mudos, pois deve reconhecer que o contínuo contato dos surdos com os ouvintes tem uma influência salutar na prática da palavra articulada e da leitura dos lábios. Só devemos ser capazes de colocar as crianças em boas famílias. O orador destacou os testes desse tipo feitos na Suíça e no sul da Alemanha. No entanto, ele não acha que esse modo de instituição seja fácil de aplicar, especialmente para famílias pobres. Ele nem acredita ser possível a transformação de nossas instituições de surdos-mudos em externatos, em razão da dificuldade de encontrar casas adequadas para colocar essas crianças. Ele conclui, portanto, que, apesar da excelência do internato organizado nas condições exigidas, o internato permanecerá sempre a melhor modalidade de educação para surdos-mudos.

Para o Abade Guérin, que recomendou ter cuidado com o ideal, o Sr. Hugentobler responde aconselhando-o sempre a procurar o ideal, correndo o risco de não alcançá-lo muito facilmente.

A votação das duas primeiras questões é adiada para o dia seguinte, e o Congresso aborda a terceira, da seguinte forma:

“Quais são os meios próprios para permitir que surdos-mudos sejam ensinados em escolas de ouvintes?”

O Sr. Vaïsse começa reconhecendo a extensão da reprovação, às vezes, dirigida às instituições especiais dos surdos-mudos que, ao educar o jovem enfermo no meio de seus similares, o deixam demais em um mundo à parte e não o treinam o suficiente para aquele mundo em que ele tem que viver, quando concluída sua educação. Ele prestou homenagem aos homens que, como Dr. Auguste Blanchet e Grosselin dentre outros, foram movidos pela censura feita para instituições especiais e tentaram educar o jovem surdo-mudo na escola primária simples. Ele admite que alguns casos felizes de educação do surdo-mudo, sob a inspiração desses homens, foram produzidos fora das instituições especiais; mas ele acredita nesses casos apenas devido a circunstâncias excepcionais, e ele não pensa que se pode esperar que, nas condições em que se encontram habitualmente os professores de ouvintes, tais exceções podem se tornar a regra.

O Sr. Emile Grosselin, vice-presidente, começa por declarar que os surdos-mudos diferem dos ouvintes-falantes menos na capacidade mental do que pela

dificuldade de relação com os que estão ao seu redor. Reintegrar essas relações é mais fácil, aos olhos do orador, a única maneira de resolver o problema, ele recomenda a *phonomimética*¹⁶ como a melhor maneira de se colocar o surdo-mudo em boas condições para recuperar a palavra e a perceber entre os outros.

De sua exposição deste sistema de educação e sua aplicação a diferentes tipos de estudos, o Sr. E. Grosselin conclui que se pode procurar no surdo-mudo a bondade da frequência contínua entre os falantes, sem prejuízo daqueles e tendo grande vantagem para ele, seja do ponto de vista de sua própria instrução, seja do ponto de vista do desenvolvimento da fala.

Em reconhecimento à excelência de seu método, o honorável Vice Presidente deu crédito aos sucessos obtidos, nos exames do Hôtel de Ville: meninas de catorze anos de idade, surdas de nascimento e criadas há sete anos em escolas comunitárias segundo o método fononímico.

5ª sessão, quarta-feira de manhã, 24 de setembro

Um dos secretários, Ernest La Rochelle, tomou a palavra para uma comunicação que o Sr. Eugene Pereire o encarregou de fazer ao Congresso. Ele começa por recordar que Saboureux Fontenay, um dos alunos mais destacados de Jacob-Rodrigues Pereire, aprendeu dos recursos de seu mestre a se servir da datilologia para se entreter com ele na escuridão. Ele então lê em um livro que está publicando sobre a vida e as obras do famoso professor espanhol, uma nota escrita, diz ele, sob o ditado do Sr. E. Pereire. Esta nota afirma que os movimentos dos dedos e sensações tácteis mencionados por Saboureux de Fontenay e o irmão de outro estudante de J.-R. Pereire parecem se assemelhar ao sistema do aparelho Morse, no qual um lápis colocado em movimento pela eletricidade imprime linhas e pontos de um valor alfabético em uma tira de papel desdobrada por um movimento de relógio.

Ao final da comunicação que ele foi encarregado de apresentar no Congresso; o secretário lê alguns trechos de um livro de memórias apresentado em 1862, na Academia de Bordeaux, pelo Sr. Daville, diretor de correios e telégrafos em Luçon (Vendée), em que o autor apresenta um novo sistema de digitação baseado no uso do aparelho Morse.

Sabendo que uma reunião seria realizada em Lyon para aconselhar o melhoramento das condições dos surdos-mudos, e preocupado com as vantagens que a aplicação de seu sistema lhe parecia dar àqueles desafortunados, Sr. Daville, sem saber que compartilhava do mesmo pensamento que o Sr. E. Pereire, dirigiu-se a ele, implorando-lhe para chamar a atenção do congresso

¹⁶ NdT: “*phonomimie*”.

para suas memórias na Academia de Bordeaux. É essa a encomenda que Sr. La Rochelle cumpre, submetendo aos seus ilustres colegas, com este interessante memorial do Sr. Daville, uma tabela dos signos empregados no alfabeto Morse, da qual ele distribui algumas cópias. O Congresso fica impressionado com as vantagens incontestáveis dessa tipologia, e o interesse com o qual todos a acolhem recomenda esta invenção à solicitude do Ministro do Interior, em cujas atribuições se colocam os estabelecimentos surdos-mudos.

O Abade Guérin solicita a atenção do Congresso sobre um projeto de resolução pela qual, embora reconhecendo a superioridade da articulação, o Congresso emitiria a opinião de que os sinais servem de base para a educação dos surdos-mudos. Diante desta proposição que suscita as suscetibilidades de alguns membros, o Abade Bourse, de Soissons, defende-se, apoiando-o, contra a resolução do Congresso Internacional de 1878. Ele não supõe, além disso, que por essa resolução, os proponentes da articulação nunca quiseram fechar o debate: “Nosso desejo”, diz ele, “é apenas um retorno sobre o voto do ano passado, mas não é contrário à articulação que os Irmãos de São Gabriel, aqui presentes, e as Freiras da Sabedoria aplicam aos seus muitos estudantes”.

“Ele não tende a descartar a articulação, ele exclui apenas o princípio exclusivo: ele não contradiz o voto do congresso internacional, ele o completa e o comenta.”

A resolução proposta pelo Abade Guérin foi adotada da seguinte forma:

O Congresso de Lyon, ressaltando a vantagem da articulação sobre a mímica, especialmente para tornar mais completamente o surdo-mudo à sociedade, mas considerando ao mesmo tempo que não é possível aceitar a articulação como única base e princípio essencial da educação, expressa o desejo de que uma parte muito grande seja deixada para a mímica no ensino dos surdos-mudos e que, conseqüentemente, os dois métodos, longe de se excluírem, sempre apoiem-se e trabalhem juntos para o mesmo fim, a saber: a instrução e a educação do surdo-mudo.

O Congresso discutiu então a proposta feita pelo presidente na terça-feira de manhã para a criação de um órgão para popularizar o ensino da fala, e adotou por unanimidade a seguinte resolução:

O Congresso, considerando que é importante, em prol do progresso e da humanidade, difundir o conhecimento dos melhores métodos de ensino aplicáveis aos surdos-mudos, manifesta o desejo de uma publicação especial, de vínculo e encorajamento dos professores e do seu órgão ao público, e seja consagrada sob os auspícios do Congresso e sob a direção de uma comissão por ele designada.

O Sr. Vice-Presidente E. Grosselin apresenta uma proposta ao Congresso sobre a admissão de crianças surdas-mudas nas escolas de ouvintes-falantes,

uma proposta que, combatida pelo Sr. Magnat, é apoiada pelo Sr. Hugentobler, secretário, sob reserva.

Nesta reunião matinal de quarta-feira, uma resolução foi retomada confirmando as ideias apresentadas pelo Sr. Hugentobler e debatidas na segunda-feira à noite sobre as condições de admissão de crianças surdas-mudas nas nossas escolas especiais. É votada nestes termos:

O congresso, considerando que certas habilidades são essenciais para tornar a educação do surdo-mudo possível e eficaz; que seria lamentável ver as bolsas desnecessariamente aplicadas a crianças que não se beneficiariam da educação, e isso em detrimento de outras crianças com todas as habilidades necessárias,

Expressa o desejo de que nenhum sujeito surdo-mudo seja admitido em uma instituição sem antes ter sido submetido ao exame do professor ou de um comitê competente.

6ª Sessão, quarta-feira à tarde, 24 de setembro

O Sr. Hugentobler deu conhecimento de uma carta dirigida a ele pelo Dr. Borg, ex-diretor da instituição dos surdos-mudos de Estocolmo, que lamentava não poder comparecer ao Congresso por motivos de saúde.

Foi feita a leitura pelo Sr. E. La Rochelle, secretário, de uma carta endereçada ao Sr. E. Pereire pelo Sr. Ed. Séguin¹⁷, carta na qual o doutor instruído lhe dá uma conta do estado de educação dos surdos-mudos nos Estados Unidos, Inglaterra e Holanda, que ele acaba de visitar.

Ele relata sobre a escola de Northampton na Inglaterra e o colégio de Castelbar Hill, perto de Londres, mas especialmente em Roterdã, a escola dirigida por Hirsch, que, segundo ele, supera todos os outros na arte de dar aos surdos-mudos uma voz clara e pronúncia distinta. O Sr. Ed. Séguin acredita que onde quer que a fala seja ensinada à exclusão da mímica, surdos-mudos de nascença são melhor compreendidos, e melhor educados do que onde a educação é feita por sinais, com ou sem uma palavra, e ele está disposto a dizer

¹⁷ NdT: Édouard Séguin (1812-1880) pedagogo de origem francesa, o primeiro a fundar uma escola particular em Paris dedicada a pessoas com deficiência intelectual, em 1840. Foi colaborador de Jean Itard no caso de Victor de Aveyron. Após a revolução de 1852 emigra para os Estados Unidos, continua sua atuação na educação e, em 1861, recebe o título de doutor em medicina. Foi autor de numerosas obras. Defensor do método criado por Jacob-Rodrigues Pereire, sobre quem escreveu uma biografia, Séguin esforçou-se por juntar documentos que pudessem auxiliar na recuperação de tal sistema. Destaca-se ainda obra que posteriormente será acolhida por Montessori: SÉGUIN, Edouard. *Traitement Moral, hygiène et éducation des idiots et des autres enfants arriérés ou retardés dans leur développement, agités des mouvements involontaires, débiles, muets non-sourds, bègues etc.* Paris: Chez J. B. Baillièrre, 1846. Disponível em: <https://archive.org/details/b21292188/page/n7/mode/2up?ref=ol&view=theater>.

com o Sr. Hirsch que o pior método é o método misto.

Ao abordar a quarta questão do programa do Congresso, o Abade Goyatton, de Bourg (Ain), lê um livro de memórias sobre:

*As melhores maneiras de manter a disciplina nas escolas de surdos-mudos.*¹⁸

Propõe que as diferentes premissas das casas de educação sejam distribuídas de maneira a facilitar a laboriosa tarefa dos supervisores. Ele também pede que todo o pessoal empregado nas instituições dos surdos-mudos seja, mais do que nas outras casas de educação, animado com sentimentos religiosos e maternais.

O Sr. Vaisse, por sua vez, apresenta algumas observações sobre os princípios que devem dominar a disciplina em qualquer escola e, mais particularmente, em uma instituição de surdos-mudos. Ele lembra que não seria mais a tarefa da educação impedir a perpetração de falhas apenas por meios materiais, e que é sobretudo sobre as intenções da criança que a educação deve atuar. Ele conclui salientando que o jovem surdo-mudo é, por uma espécie de compensação providencial, mais completamente colocado sob a ação de seu professor do que aquele que ouve, em quem as lições do mestre são muitas vezes combatidas, e observações não saudáveis ou imprudentes, são ouvidas fora da escola.

O congresso responde à quarta questão com uma resolução nos termos usados pelo Abade Goyatton.

Sobre a quinta questão assim formulada: “Que método deve ser usado na educação dos surdos-mudos menos inteligentes?”

O Sr. Abade Convert, de Bourg, lê um livro de memórias concluindo que a mímica natural deveria ser colocada na base da instrução; que o professor use imagens idealizadas pela mímica; que a escrita seja relegada ao segundo plano.

O Abade Convert disse que os sinais convencionais, que o Abade de l'Épée havia imaginado enriquecendo a linguagem da mímica, não tinham nenhuma conexão com as ideias que pretendiam traduzir. Vaisse, sem querer se fazer propagador dos sinais metódicos, declara que ele não pode permitir que essa afirmação passe sem contradizê-la. “A ligação existiu”, ele disse, “embora frequentemente muito sutil e muito longe”. O Sr. Vaisse termina observando que se deverá ainda menos descartar absolutamente a palavra no programa dos alunos menos dotados que, às vezes, encontramos nessas crianças mais disposições precisamente para esse tipo de exercício do que para a escrita.

O Abade Goyatton não acha que as crianças não inteligentes devam se

¹⁸ NdT: *Les meilleurs moyens de maintenir la discipline dans les écoles de sourds-muets.*

reunir com as inteligentes, pois é deles que devemos estar mais preocupados.

O Sr. Magnat pede a reunião de uns com os outros nas recreações e não nas classes.

Para a quinta questão, o congresso responde com uma resolução assim formulada:

O congresso considera que, na educação dos surdos-mudos menos inteligentes, é necessário:

1º - Colocar na base do ensino a mímica natural;

2º - De se servir, desde o início, de imagens explicadas e idealizadas pela mímica;

3º - Relegar a escrita ao segundo plano e não considerá-la como um meio poderoso para o desenvolvimento intelectual do aluno;

4º - Admitir, fora das aulas, o encontro dos surdos-mudos menos inteligentes com aqueles que são mais dotados.

Esta última resolução é aprovada por unanimidade. O Sr. Hugentobler, a fim de prevenir o possível inconveniente de ver na abertura de um congresso a exclusão daqueles que, durante um ano inteiro, se preocuparam em prepará-lo, propõe aos seus colegas nomear, em vez de um comitê provisório, um comitê definitivo.

Sua proposta foi contestada pelo Abade Bourse, que, como representante de uma instituição na França, não achava que poderia votar por representantes de outras instituições.

O Abade Joseph Lemann, declarando que o congresso não tem o direito de comprometer o futuro, o Abade Bonnardet, delegado do Cardeal Arcebispo de Lyon, concorda em princípio com ele, não acredita que o Congresso de Paris teria pretendido ligar àquele de Lyon.

O Sr. E. Grosselin, atual vice-presidente do Congresso de Lyon, como era naquele de Paris, agradece ao Abade Bonnardet por exonerar este último congresso de qualquer pensamento de usurpação; e o Sr. Vaisse, presidente honorário do Congresso de Lyon, depois de ter sido presidente efetivo do Congresso de Paris, observa, por sua vez, que ninguém jamais pretendeu impor um comitê ao Congresso.

O Abade Augustin Lemann, irmão do Abade Joseph Lemann¹⁹, convida os membros da comissão organizadora para preparar estatutos destinados a regular a realização de futuros congressos, bem como excluir qualquer assunto

¹⁹NdT: Os gêmeos religiosos, convertidos do judaísmo aos 18 anos, Augustin Lemann (1836-1909) e Joseph Lemann (1836-1915), publicaram diversos livros sobre questões religiosas do cristianismo. Também publicaram, em 1886, um livreto em homenagem à esposa de Claudius Forestier, Agathe Chambéry (1820-1885). Os irmãos foram os herdeiros da escola de Claudius Forestier situada em Lyon quando da morte do surdo em 13 de fevereiro de 1891.

de dissidência. Desejosos de ver homens caminhando juntos que, por diferentes meios, tendam com igual devoção ao alívio de um grande infortúnio, recorda esta forte palavra de pai da igreja: *In certis unitas, in dubiis libertas, em omnibus caritas*²⁰.

O Abade Guérin propõe votar os agradecimentos à comissão provisória que preparou este Congresso e os agradecimentos são votados por unanimidade.

São eleitos membros do comitê organizador do próximo congresso: Srs. Vaisse, presidente honorário; Houdin, presidente; E. Grosselin e o Abade Bourse, vice-presidentes; E. La Rocheille e J. Hugentobler, secretários; Abade Goyatton, tesoureiro.

E foi decidido que estes senhores representarão oficialmente a França no Congresso Internacional de Como²¹ (Itália) no próximo ano, e que o segundo congresso nacional se reunirá em Nancy em 1881.

O Abade Bourse agradeceu aos membros do comitê, e especialmente ao Sr. Houdin, presidente, pelo zelo que demonstraram no exercício de seus difíceis deveres.

O Sr. Houdin encerrou o Congresso com um discurso no qual, agradecendo a seus colegas pela honra inesperada que haviam feito ao conceder-lhe a presidência, atribuiu esse favor à sua antiga devoção aos surdos-mudos. Apesar de algumas reservas quanto ao uso da articulação, ele gosta de observar que a superioridade desse método foi novamente afirmada pelo Congresso de Lyon; que a articulação permanece em primeiro plano e que a mímica vem apenas em segundo, como um acessório e a título transitório. O Sr. Houdin também, era, trinta e oito anos atrás, um defensor da mímica; mas faz mais de trinta anos desde que ele encontrou seu caminho de Damasco. Ele não tem dúvida de que seus colegas, homens de bom senso, de coração e boa vontade, logo encontrarão o deles e, por sua vez, trabalharão para cumprir a promessa do fundador do ensino da palavra na França, o famoso Jacob-Rodrigues Pereire, quando ele disse mais de um século atrás: “Não haverá

20 NdT: Santo Agostinho afirmou: “Nas coisas essenciais, união; nas duvidosas, liberdade; em todas as coisas, caridade”.

21 NdT: Importante salientar como essa decisão será depois alterada pelos comitês organizadores do Congresso que decidirão que Milão seria mais oportuna. A justificativa foi registrada em carta que compõe o relatório de Fornari acerca da reunião de 30 de outubro de 1879: “1. É em Milão que chegam as diversas linhas das estradas de ferro que mantêm em comunicação o norte da Itália com os países vizinhos; 2. A capital da Lombardia, além de possuir duas importantes instituições de surdos-mudos, tem a vantagem de ocupar uma posição central em relação a outras cidades onde existem instituições do mesmo tipo, que se poderá assim facilmente visitar. De fato, em um raio de algumas dezenas de quilômetros, em Côme, em Bérgamo, em Lodi, em Crema e em Pavia, existem instituições de surdos-mudos ou de surdas-mudas” (Fornari, 1881).

mais surdos-mudos; haverá surdos-falantes”.

Paris, 5 de agosto de 1885.

Esta é uma cópia do original:
Os secretários do congresso de Lyon,
J. HUGENTOBLER.
E. L. ROCHELLE

**RELATÓRIO DE ERNEST LA ROCHELLE
O CONGRESSO DE MILÃO PARA O
MELHORAMENTO DA CONDIÇÃO DOS
SURDOS-MUDOS: RELATÓRIO DIRIGIDO AO
SR. EUGÈNE PEREIRE, PRESIDENTE DO
COMITÊ ORGANIZADOR**

Obra:

LA ROCHELLE, Ernest. **Le Congrès de Milan pour l'amélioration du sort des sourds-muets**: rapport adressé à M. Eugène Pereire, Président du Comité d'organisation. Paris: Chez M. Saint-Jorre, 1880. Disponível em: https://archive.org/details/gu_congresmilanp00roch.

Tradução¹:

CONGRESSO DE MILÃO

Ao senhor EUGÈNE PEREIRE², Presidente do Comitê Organizador do Segundo Congresso Internacional, reunido em Milão em setembro de 1880, para a melhoria da condição dos surdos-mudos.

I

Senhor Presidente,

As Resoluções do Congresso de Milão, publicadas no *Liberté*³, deram a conhecer os resultados do trabalho desta reunião.

1 Realizada por José Raimundo Rodrigues e revisada pela professora Bartira Zanotelli Dias.

2 NdT: Eugène Pereire (1831-1908), bisneto de Jacob-Rodrigues Pereire, juntamente com seu pai, Isaac Pereire, fundaram em 1875, em Paris uma escola destinada à educação de surdos e a colocaram sob administração do professor Marius Magnat. A família Pereire, que tinha grande capital, atuou em diversos ramos empresariais. Sobre os Pereire: COSTE, Clément; SILVANT, Claire. « Les frères Pereire, financiers saint-simoniens ». **L'Économie politique**, 2021/1 (N° 89), p. 99-112. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-l-economie-politique-2021-1-page-99.htm>.

3 Ver **Liberté** dia 13 e dia 23 de setembro.

Dessas resoluções, algumas dizem respeito ao princípio, outras à organização do ensino dos surdos-mudos.

Só posso aqui ocupar-me com as primeiras, pois é através delas que o Congresso de Milão, confirmando as resoluções do Congresso de Paris, terá marcado gloriosamente seu lugar na história desse ensinamento. Não se teve tempo para tratar tão completamente das outras partes do programa quanto se gostaria.

Foi no palácio do Instituto Técnico de Santa Marta, disponibilizado pela Assembleia Municipal de Milão, que o Congresso se reuniu em 6 de setembro. Contou com mais de duzentas pessoas não apenas das diferentes cidades da Itália e dos vários países da Europa, mas também da América.

Milão possui dois grandes estabelecimentos dedicados à instrução dos surdos-mudos: o Instituto Real, dirigido pelo Padre Élise Ghislandi, e o Instituto dos Surdos-Mudos Pobres da Província, dirigido pelo Sr. Padre Giulio Tarra. Esses dois estabelecimentos são administrados por conselhos presididos, respectivamente, por dois doutores em direito, os senhores Auguste Zucchi e Innocent Pini.

A sessão de abertura do Congresso foi presidida pelo Prefeito de Milão, Comandante Basile, tendo à direita o Sr. Conde Giulio Belinzaghi, intendente de Milão, e o Dr. Zucchi, representante do Ministro da Instrução Pública na Itália, e à sua esquerda o Sr. César Correnti, ex-ministro da Instrução Pública, e o Sr. Léon Vaïsse, diretor honorário da Instituição Nacional dos Surdos-Mudos de Paris.

Foi com um discurso do Sr. Zucchi que as sessões do Congresso foram abertas. Com um sotaque enérgico e cordial, o orador dá as boas-vindas a todos aqueles que, movidos por um sentimento de caridade, foram de tão longe para participar dos trabalhos da reunião.

Ele agradece em nome de sua pátria e em nome dos surdos-mudos. Ele se alegra ao ver a Itália chamada, imediatamente após a França, a dar provas no campo da beneficência; de ver Milão escolhida para ser a sede de tal congresso, imediatamente após esta imensa oficina de conhecimento humano e obras de caridade que se chama Paris. Ele dirige seus agradecimentos à Comissão Organizadora do Congresso, às autoridades municipal e provincial e ao Ministro da Instrução Pública, que lhe disponibilizaram o palácio do Instituto Técnico e generosos subsídios.

De um trabalho realizado pelo diretor de estatística do reino, senhor Comandante Bodio, segue-se que o método que domina as 36 instituições dos surdos-mudos da Itália é o da palavra viva, esse privilégio do homem, esse único órgão fiel do pensamento, esse dom de Deus que fez o poeta dizer: *La parole est*

*la lumière de l'âme et l'âme est, sur terre, la lumière de la pense divine*⁴.

Mas esses 36 estabelecimentos, recebem quantos surdos-mudos? 1.500. E quantos a Itália tem? 15.000. Sabemos, em resumo, quantos surdos-mudos são chamados para o benefício da instrução? Apenas um em cada cinco. E os outros, exclama o orador, como eles vivem? Como eles morrem⁵?

Recordando o projeto apresentado em 1872, pelo Sr. Correnti, então Ministro da Instrução Pública, que procurava tornar aplicáveis aos surdos-mudos as disposições da lei italiana sobre a instrução obrigatória, projeto que o Abade Balestra⁶ apresentou no Congresso de Paris, o Sr. Zucchi expressa o desejo de que os legisladores da Itália, depois de garantir a todos os italianos a instrução elementar, também cuidem da instrução dos pobres surdos-mudos e os chamem ao desenvolvimento dos homens.

Após o aplaudido discurso do Sr. Zucchi, o prefeito cumprimentou carinhosamente os hóspedes de Milão, essa numerosa e brilhante representação de nações estrangeiras, e prestou uma homenagem de pesar ao Conde Paul Taverna, um dos fundadores da Instituto dos Surdos-Mudos Pobres da Província, e ao falecido Conde Alexandre Porro, ex-presidente do Instituto Real e que foi o fervoroso promotor da instrução dos surdos-mudos por toda a Itália.

Foi a vez dos franceses falarem. O Sr. Vaïsse, presidente do Congresso de Paris em 1878, e presidente honorário, mas dos mais ativos, do Comitê Organizador do Congresso de Milão, agradeceu ao prefeito, ao intendente, ao presidente do Comitê local e a seus queridos colegas da Instituto Real e Instituto de Surdos-Mudos Pobres, pela cordial recepção que deram ao Comitê de Paris. “Ao escolher Milão como o local para esta reunião, sabíamos”, disse ele, “que estaríamos na Atenas da Itália e no país de onde largamente se espalhou, nos últimos anos, a obra laboriosa da educação dos surdos-mudos”.

“Estamos convencidos, acrescentou, da possibilidade de desenvolver com muito mais vantagem, por parte do professor, o ensinamento, e, entre os alunos, a prática da palavra e da leitura labial, ensinamento que J.-R. Pereire introduziu

4 NdT: “A palavra é a luz da alma e a alma é, sobre a terra, a luz do pensamento divino.”

5 Não é com o número de surdos-mudos de qualquer idade, mas com o número de indivíduos na idade normal da educação escolar, que o número de alunos nesses estabelecimentos deve ser comparado. Pode-se estimar em um sétimo da população total o número necessário de crianças nas escolas. Para uma população de 15.000 indivíduos de todas as idades, esse número seria pouco mais de 2.000 e, portanto, a diferença seria pouco mais de 500.

6 NdT: O Abade Seraphin Balestra (1831-1887) foi diretor da escola de surdos de Como, Itália, ao fim da vida atuava em Buenos Aires. No Registro Nacional de la República Argentina que compreende los documentos espeditos desde 1810 hasta 1890. Tomo Décimo - 188à 1886, sob o n° 14.318 há um contrato datado de 26 de maio de 1885, firmado entre Roma, o Governo Argentino, representado por Antonio del Viso, e Abade Balestra para formação de uma escola de surdos-mudos. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=wnclAQAAIAAJ&pg=GBS.PA58&hl=pt>.

na França há um século e meio, e que nosso ilustre predecessor, o próprio Abade de l'Épée, reconheceu como a única maneira de reintegrar os surdos-mudos à sociedade.”

As palavras pelas quais o Sr. Léon Vaïsse expressou a convicção de que, para a união tão íntima dos corações, a união mais completa de pensamentos logo seria acrescentada, foram recebidas com os aplausos mais fortes.

Finalmente, Auguste Houdin levantou-se, Presidente do Congresso Nacional de Lyon em 1879, e hoje delegado pelo Ministro da Instrução Pública da França no Congresso de Milão, ele, em um discurso caloroso, saudou a Itália, essa pátria gloriosa das artes e das letras, e homenageou seu zelo pela ciência, pelo progresso e pela humanidade. Recordando a aliança selada, há vinte anos, nos campos de batalha, entre a França e a Itália, ele ficou encantado ao ver as duas nações irmãs lançarem uma nova campanha em que a vitória não deveria custar nem uma gota de sangue, nem uma lágrima, mas, ao contrário, volta-se para o benefício da humanidade e, ao dar a palavra aos mudos, põe fim ao desespero das mães.

Em seguida se procedeu a eleição do comitê definitivo. O Congresso escolheu para presidente o Sr. Abade Tarra, diretor do Instituto para Surdos-Mudos Pobres da Província, e para secretário geral o Sr. Pasquale Fornari, professor do Instituto Real e autor de várias publicações pedagógicas notáveis. Então, para cada uma das quatro nações, ou melhor, das quatro línguas representadas no Congresso, ou seja, as línguas francesa, alemã, inglesa e italiana, foram atribuídos quatro vice-presidentes e quatro vice-secretários: os Srs. Houdin, Treibel, Peet e Padre Marchio e o Srs. Abade Guérin, Hugentobler, Kinsey e Lino Lazzeri.

Não esqueçamos de dizer que a qualidade de Presidentes Honorários foi concedida aos Srs. Thomas Pendola, Élise Ghislandi, Correnti, Innocent Pini, Balestra, Léon Vaïsse, Adolphe Franck, Auguste Zucchi e, finalmente, ao Senhor Eugène Pereire, *propuseram o último*, disse graciosamente o Abade Tarra, lembrando a palavra do Evangelho: *porque vós sois o primeiro*⁷. Os telegramas foram enviados às Suas Majestades, o Rei e a Rainha da Itália, ao Ministro da Instrução Pública, seu Secretário-Geral e também ao Governo francês que desejou ser representado por um membro eminente do Instituto, o Sr. Franck.

II

Lembrai-vos, Senhor Presidente, que no programa do Congresso de Milão a questão dos métodos deveria vir depois daquela da organização material das escolas e daquela do ensinamento. Na sessão da segunda-feira,

⁷ NdT: Possível alusão ao texto do Evangelho segundo Mateus: “Os últimos serão os primeiros” (Mt 19,30).

dia 06, o Abade Balestra propôs reverter essa ordem e abrir a discussão com a questão dos métodos. Essa era, basicamente, a grande questão, aquela cuja solução conduziria à solução de todas as outras. A proposta do Abade Balestra, que, além disso, atendia aos desejos do Comitê Local, foi adotada, e o Sr. Magnat, foi o primeiro inscrito a introduzir a discussão sobre essa questão, tendo lhe sido dada a palavra. Vós conheceis o livro em que o habilidoso diretor da Escola, mantida por vós e vossa família, tem estudado todas as questões do programa; ele vos homenageou e vós sabeis com que cuidado e competência essas questões foram tratadas por ele. Ele começou a leitura de sua Memória sobre os métodos; mas um membro levantou a questão de saber se um Congresso se prestaria a todos os desenvolvimentos que comportaria uma Memória impressa. Se, em teoria, as opiniões podem ser divididas, de fato, o assunto foi resolvido pela disposição do público. Além disso, o Regulamento havia decidido que cada orador não poderia falar por mais de dez minutos, uma duração que várias vezes, na verdade, se reconheceu a necessidade de estender. O Sr. Magnat, portanto, sob essas queixas, passou a palavra à Sra. Ackers, que, apesar de inglesa, chegou a ler, a favor do método oral, um trabalho escrito em francês e que ouvimos com respeitosa simpatia. E vós compreendereis, quando eu lhe disser que a Sra. Ackers, mãe de uma surda-muda, contou sobre as viagens que ela e o Sr. Ackers fizeram e os estudos que realizaram para descobrir o melhor método de instruir sua criança. A preferência que eles dão ao método oral, a Sra. Ackers, justifica-a pelos motivos mais sólidos e convincentes. Ao ouvi-la, admiramos esse julgamento firme e viril que acompanha tão bem a devoção materna. Sua leitura foi seguida de longos aplausos que, animando seu coração, porque anunciavam o triunfo do método que lhe é querido, não deixaram de encabular um pouco sua modéstia natural.

Foi a favor da palavra que Magnat e a Sra. Ackers falaram naturalmente. À essa opinião, o Sr. Kierkegaard-Ekbohrn, diretor de um Instituto para os Surdos-Mudos de Bollnas, na Suécia, veio a se opôr em função de sua pátria, na qual um Congresso julgou necessário reconhecer que não era possível instruir todos os surdos-mudos pela palavra. O orador se pronunciou em favor dos sinais naturais, que Edward Gallaudet, de Washington, filho de mãe surda-muda⁸, defendeu por sua vez em uma memória escrita em francês, cuja conclusão foi, no entanto, que o futuro pertenceria ao método combinado.

O vice-secretário Hugentobler, embora reconheça que se pode desenvolver

8 NdT: Sophia Fowler Gallaudet (1798-1877), surda de nascença, iniciou seus estudos por volta dos 19 anos na escola de Handfort, onde conheceu seu futuro esposo, o professor Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851). Sophia desempenhou papel importante no processo de estabelecimento do Gallaudet Collège.

a inteligência do jovem surdo-mudo com os sinais, sustenta que não se tem menos sucesso, e até se consegue melhor com a articulação.

Não tendo sido encerrada na sessão da manhã, a discussão foi retomada na sessão da tarde.

O Sr. Arnold⁹, diretor de uma instituição privada de surdos-mudos, Northampton (Inglaterra), nega que pela mímica se possa dar ideias abstratas aos surdos-mudos; mas, embora apóie a palavra, que ele diz ser a linguagem natural do homem, ele é da opinião de deixar subsistir, de forma restrita, na verdade, o uso de sinais entre os surdos-mudos.

O Sr. Arnold, falando em inglês, seu discurso foi repetido e traduzido para o francês por Vaisse, que, para oradores da Inglaterra ou da América, atua como intérprete gratuito e voluntário, como o Sr. Hugentobler faz para falantes de língua alemã.

O Sr. Thomas Gallaudet, pastor de uma igreja onde os surdos-mudos protestantes se reúnem para o serviço divino, em Nova York, se opõe à afirmação do Sr. Arnold, que se recusa a reconhecer à mímica a faculdade de transmitir ideias abstratas ao surdo-mudo. Quanto a ele, ele faz sinais há cinquenta anos e não está disposto a desistir deles. Se admitirmos que, para quem ouve, a ação acompanha utilmente a palavra (e recordamos o grande papel que Demóstenes atribui a ela), como não podemos admiti-la para quem não ouve e cuja inteligência pode ajudar? O Abade de l'Épée foi o grande aluno da natureza; o pai do Sr. Gallaudet foi aluno do Abade Sicard. Para sensibilizar a todos sobre a virtude significativa dos gestos, o Sr. Gallaudet a utiliza para traduzir, aos olhos do Congresso, a Oração dominical.

O Sr. Abade Bouchet, capelão da Instituição de surdas-mudas da Chartreuse d'Auray, declarou-se a favor da palavra; mas, desejando conciliar tudo, ele gostaria de combinar os dois métodos. O gesto é, em sua visão, a ilustração do discurso, e o Congresso viu com que sucesso o Sr. Gallaudet, por seus gestos, ilustrou o que ele disse.

O Sr. Richard Elliot, diretor da grande Instituição para os surdos-mudos pobres de Londres, pensa que não se pode prescindir de sinais naturais para iniciar a educação da criança que sofre de surdomutismo e se pronuncia pelo método misto. Este método é contestado pelo Abade Balestra, que declara que os ministros de Cristo devem abrir a boca dos mudos, seguindo o exemplo de

9 NdT: Thomas Arnold (1816-1897), diretor de uma instituição em Northampton, é considerado o pioneiro da educação de surdos pelo método oral na Grã-Bretanha. Escreveu sobre a metodologia que utilizava, produzindo também materiais didáticos. ARNOLD, T. **A method of teaching the deaf and dumb speech, lip-reading, and language with illustrations and exercises**. London, Smith, Elder, & Co., 1881. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/A_Method_of_Teaching_the_Deaf_and_Dumb_S/JTICAAAQAQAJ?hl=en&gbpv=0.

seu divino Mestre; porque a escritura diz: *Aperuit os mutorum (Sabedoria 10, v. 21)*¹⁰.

A senhorita Suzanne Hull leu uma Memória notável e muito interessante sobre a articulação¹¹. Ela enumerou os benefícios e relatou os estudos que a levaram a preferi-la ao método dos sinais. Esta Memória, cheia de ideias as mais justas, expressa na língua mais precisa e lida em um tom de voz firme e modesto, produziu uma ótima impressão, e o Sr. Adolphe Franck se fez intérprete dos sentimentos do Congresso, solicitando que este trabalho seja impresso.

Os triunfos desta sessão são definitivamente para as mulheres, e a sra. Ackers e a senhorita Hull não contribuíram pouco para a vitória que se preparava.

Depois da senhorita Hull, o Sr. Hugentobler, o hábil diretor do internato de surdos-mudos de Lyon, lê sua tradução de uma obra do Sr. Roessler, de Hildesheim, a favor da articulação pura; então se dispõe a passar ao voto da resolução a ser adotada na questão dos métodos.

Na verdade, algumas reivindicações ocorrem a favor do método dos sinais. O Sr. Dr. Peyron, novo diretor da Instituição Nacional de Paris, acredita que os surdos-mudos treinados pela articulação se igualam, mas não excedem os surdos-mudos instruídos pelos sinais. O Sr. Abade Goislot, capelão da mesma instituição, sustenta que, com sinais, desenvolvemos as faculdades morais mais cedo. O Sr. Magnat respondeu que essas últimas faculdades se desenvolvem depois das faculdades intelectuais; o Sr. Houdin, que o desenvolvimento de umas e de outras é simultâneo.

O Sr. Louis Peet, diretor da Instituição de Nova York, gostaria que a resolução fosse adiada para o próximo Congresso; mas, apesar de alguma resistência, o método de articulação prevalece claramente. Seu triunfo é confirmado em uma resolução assim formulada:

“O Congresso,

“Considerando a superioridade incontestável da palavra sobre os sinais para reintegrar o surdo-mudo à sociedade e proporcionar a ele um conhecimento mais perfeito da língua,

“declara que o método oral deve ser preferido ao da mímica para educação e instrução dos surdos-mudos.”

Esta resolução foi aprovada com entusiasmo quase por unanimidade pelos membros presentes. Na contra-prova, apenas um membro se levantou, o sr. Abade Delaplace, capelão de Saint-Médard-les-Sois-sons. E foi assim que,

10 NdT: “Abriu a boca dos mudos”. O trecho foi retirado do versículo 21 do capítulo X do livro bíblico Sabedoria: “porque a sabedoria abriu a boca aos mudos, e tornou eloquente a língua das crianças”.

11 Ver, no nº 6 do **Bulletin de la Société Péreire**, uma comunicação da senhorita Suzanne Hull no Congresso de Professores de Surdos-mudos ocorrido em Londres em 1877.

com a primeira de suas votações, o Congresso Internacional de Milão levantou a bandeira da palavra que o Congresso de Lyon inclinara ligeiramente.

Nesta adesão unânime ao princípio da palavra, há um voto que devemos assinalar devido ao valor que atribuímos a ele: é o do Senhor delegado do Ministro do Interior.

Em 1861, em um relatório dirigido a um dos predecessores do atual ministro, sobre vários trabalhos relacionados à instrução dos surdos-mudos, o Sr. Franck, em nome de uma comissão do Instituto, havia se pronunciado contra a aplicação do método de articulação aos surdos-mudos de nascença. Permitiu, se não o excluir para sempre, pelo menos adiá-lo, em função dos resultados insatisfatórios, segundo ele, que teriam sido obtidos até então.

Quatorze anos depois, em uma conferência realizada em 31 de janeiro de 1875, no teatro de Porte Saint-Martin, o Sr. Franck, em meio a um elogio entusiasta do Abade de l'Épée, ao comentar sobre palavra artificial que ele considerava produzir excelentes frutos no exterior, particularmente na Alemanha e na Suíça, disse: “Se assim for, eu gostaria que esse processo fosse introduzido na França, começando pela Instituição Nacional, porque afinal, a palavra é o meio de comunicação mais universal”; e lembrando a opinião desfavorável que ele tinha em 1861, acrescentou: “Estou bastante pronto para mudar de ideia diante de esforços coroados de um sucesso duradouro e geral”.

Bem, a promessa que ele fez em Paris, em 1875, o Sr. Franck a manteve em Milão em 1880, e nós o ouviremos, na última sessão do Congresso, explicar eloquentemente sua adesão leal e preciosa ao método da palavra.

III

A superioridade da palavra sobre os sinais assim proclamada, segue-se que os sinais devem ser absolutamente excluídos do ensino e que podemos e devemos passar sem eles? Não deveria haver uma distinção entre o sinal natural e o sinal convencional? E o que se entende por método oral puro e por método misto? Foi à discussão dessas três perguntas que se consagrou a sessão da quarta-feira, 8 de setembro.

A leitura da ata da sessão do dia anterior em italiano, francês e inglês levou Franck a declarar, em resposta a uma afirmação de Magnat, que o método seguido na Instituição Nacional de Paris é o método intuitivo exposto em um excelente livro do Sr. Valade Gabel, e que esse método foi aplicado desde 1859¹².

12 NdT: “O método intuitivo - que não descartava o uso de sinais, mas os compreendia como acessório - representado por Valade-Gabel, se consolidou, para o governo francês, entre as décadas de 1850-1870 como o que melhor permitia o ensino dos surdos e assegurava a integração entre os usuários de língua francesa, mesmo que priorizando a escrita” (Rodrigues, 2018, p. 52).

O Presidente Tarra leu, entre outros despachos recebidos pelo comitê, um telegrama que Sua Majestade, o Rei da Itália, dirigiu ao Congresso em resposta ao que ele havia recebido; então, a deliberação foi aberta sobre as questões II e III, que o Sr. Claveau, Inspetor Geral dos estabelecimentos beneficentes na França, propõe inverter a ordem e que o Sr. Treibel, diretor do Instituto Real de Berlim, é da opinião de se juntar uma à outra.

O objetivo da segunda questão é explicar em que consiste o que chamamos de método oral puro e apontar o que distingue esse método do chamado método misto; a terceira é determinar exatamente o limite que separa os sinais metódicos dos sinais naturais.

Para o Sr. Arnold, os sinais naturais são gestos imitativos que o surdo-mudo sem instrução usa para expressar seu pensamento. Para o Sr. Roessler, cujo trabalho o Sr. Hugentobler leu a tradução, esses gestos espontâneos são tão expressivos que todos os entendem instantaneamente. Para o Sr. Elliot, cuja opinião o Sr. Vaïsse lê, os sinais metódicos são aqueles que são adicionados aos sinais naturais para expressar acidentes gramaticais. O Sr. Magnat define os sinais naturais como o conjunto dos vários movimentos das mãos, do rosto, da cabeça, pelos quais o surdo-mudo traduz seu pensamento antes de qualquer instrução especial.

O Sr. Abade Bouchet não acredita no poder dos sinais naturais. Para ele, os sinais metódicos são apenas sinais curtos que expressam o vocábulo. Ele lamenta que queremos enterrar esses sinais.

O Sr. Treibel vem tranquilizar o senhor capelão da Cartuxa de Auray. Na Alemanha, ele diz, os sinais são usados conforme necessário. Nós não os enterramos; nós os restringimos o máximo possível. Por sinais naturais, Treibel entende aqueles que a criança traz para a escola, sinais que geralmente são poucos. O diretor de Berlim termina elogiando as escolas de Milão.

O Sr. Peet fica surpreso ao ver essa pergunta suscitada pelos italianos, em um país em que Cícero e o mímico Roscius rivalizaram sobre quem melhor expressaria o mesmo pensamento, um pelos recursos de sua palavra, o outro pela variedade de suas atitudes e de seu gesto. É através de sinais que o pintor, como a pantomima, expressa seu pensamento. Quando dizemos ao Sr. Peet que a linguagem de sinais prejudica os surdos-mudos e prejudica o desenvolvimento de sua inteligência pelo desvio que muitas vezes essa linguagem lhe traz, ele pergunta se, para proteger os surdos-mudos da distração, nós também não queremos torná-los cegos e adicionar a cegueira ao mutismo.

O Sr. vice-presidente Houdin, depois de explicar o que ele quer dizer com gestos metódicos e gestos naturais, disse que não pensava que poderíamos aceitar um método oral puro, excluindo todos os gestos; porque, sem a ajuda de

gestos, como poderia ser estabelecida a primeira comunicação entre a criança surda-muda e seu mestre? Ele, portanto, se pronuncia por um método misto. Na sua opinião, existe uma questão de medida. Devemos começar com o uso provisório do gesto, que então abandonamos assim que pudermos ficar sem ele.

Campeã incansável do método oral puro, a senhorita Hull se pronuncia contra o método misto. Admitindo os sinais apenas como uma ilustração fugaz da palavra, ela considera que não há surdos-mudos que, exceto no caso muito raro de uma conformação defeituosa dos órgãos da fala ou no caso de idiotismo, não consigam falar.

O Sr. Fornari, baseado na autoridade do Sr. Hill, o falecido professor de Weissenfels, distingue os gestos puros, que precisam sugerir a cada um, da língua dos gestos, que se desenvolve e é aprendida nas instituições. Comparando isso com a praga dos campos que causa o maior dano ao bom grão da palavra, ele considera que é necessário sufocar essa erva daninha antes que ela cresça. O primeiro cuidado a ser tomado pelo professor deve ser então de cortar pela raiz em seus alunos a língua dos gestos.

O discurso do Sr. Fornari foi recebido por calorosos aplausos que demonstraram claramente as resoluções firmemente adotadas do Congresso.

Depois dele, o Abade Brambilla, mestre emérito da Instituição de Surdos-mudos Pobres, por sua vez, sustenta a necessidade da palavra pura como a forma mais adequada ao pensamento.

O Sr. Magnat diz que admite sinais naturais, mas apenas no início do ensino, em que eles desempenham apenas um papel muito limitado e de onde desaparecem quase imediatamente. Se ele os invocar mais tarde, para além disso, seria a título de controle.

O Sr. Hugentobler respondeu às afirmações do Sr. Boselli, diretor do Instituto Real de Gênova, que, em um folheto enviado aos membros do Congresso, se declarou a favor do método misto.

Finalmente, o Sr. AbadeTarra expõe calorosamente as vantagens e a necessidade do método oral puro, cuja aplicação ele declara não apenas possível, mas lógica, adequada e moral. Essas vantagens, ele as reivindica por elas mesmas e recusa qualquer outro método. Segundo ele, o gesto distrai da leitura da palavra nos lábios. Além disso, a palavra é como a mãe trazida ao tribunal de Salomão: ela tem ciúmes e não admite ser dividida. O Abade Tarra deseja que se ensine a palavra pela palavra, sem nenhum sinal. Quanto ao simples gesto, ele o admite como acompanhamento da fala no surdo-mudo, bem como do ouvinte.

O horário avançado obriga o Presidente a adiar o final de seu discurso até o dia seguinte.

IV

Na quinta-feira, dia 09, aceitando a tese que ele começou a apresentar no dia anterior, o Sr. Presidente tenta provar que o sistema oral puro ajuda no desenvolvimento fisiológico das faculdades intelectuais do aluno e contribui singularmente para a educação moral e religiosa. Associando-se ao pensamento expresso pelo Abade Brambilla, ele diz que a palavra não exalta os sentidos como a mímica e cita, como exemplo, a confissão onde a palavra tem sobre o sinal a vantagem de não despertar, como ele, a paixão. Ele também recusa aos sinais a virtude de dar uma ideia precisa das verdades morais.

O serviço que os Srs. Vaisse e Hugentobler fazem aos franceses de traduzir em sua língua os discursos dos oradores ingleses e alemães; o vice-secretário, Abade Guérin, retribui a eles traduzindo o notável discurso do Abade Tarra. Ele se pronuncia pelo método oral puro, reconhecendo que a palavra é a melhor intérprete do pensamento; e, ao espiritual Abade Bouchet, que, depois de comparar a palavra com a mão direita e os sinais com a mão esquerda, pediu que uma não impedisse que esta viesse em auxílio da outra, o professor de Marselha opõe o medo de que a mão esquerda retire o que a mão direita terá recebido. O sinal lhe parece mutilar o pensamento. Misturá-lo com a palavra é, aos seus olhos, arruinar seu trabalho. O sinal reivindica um controle; mas o objeto é, ele mesmo, um controle eficaz. O Sr. Abade Guérin presta homenagem aos Srs. Vaisse e Houdin, que foram na França os iniciadores do ensino da palavra.

É aqui que ocorreu uma queixa patética em favor dos sinais.

Já vimos, na sessão da manhã de terça-feira, o diretor da Instituição Bollnas, Sr. Ekbohrn, opondo-se à opinião do Congresso em relação à sua terra natal, onde se permanece favorável aos sinais. Ele se levanta e, como se estivesse pasmo, se pergunta se, por tantos anos, se enganou quando se orgulhava de iniciar, pelos sinais, os surdos-mudos na vida intelectual e moral. O quê? Ele teria sido o enganador de uma longa e cruel ilusão!? Ele não teria feito nada pelas jovens almas que acreditava trazer das trevas à luz? Seria uma pura perda a que ele teria dispensado um tão grande e doloroso trabalho? Ele se recusa a admiti-lo.

Esse protesto comoveu o Congresso, sem alterar nada sobre suas resoluções, que foram determinadas apenas pela experiência comparativa dos dois métodos.

Sob o benefício das explicações dadas pelos oradores italianos, explicações que parecem reduzidas às proporções modestas de um mal-entendido diante do grande debate entre o método oral puro e o método misto, o Sr. Houdin declara agora admitir a expressão do ensino oral puro; é, de fato, o ensino ao qual ele se dedica há trinta anos. Recontando as várias fases pelas quais a instrução dos surdos-mudos passou na França, ele observa que, depois de passar pelos sinais metódicos

com os Abades de l'Épée e Sicard e pelos sinais naturais com Bébien, voltamos, pela decisão do Congresso de Milão, confirmando a do Congresso de Paris, à palavra articulada, ou seja, ao ponto de partida, a Jacob-Rodrigues Pereira, e que assim se encontram coroados os esforços longos e meticulosos dos apoiadores da palavra na França. Ele termina seu discurso com o grito de: “*viva la parole!*”

O Sr. Arnold admite que, neste momento, a Inglaterra ainda está disposta a seguir o método misto¹³; mas ele declara que se opõe a esse compromisso que ameaça, diz ele, introduzir confusão na mente do aluno e reduzir o surdo-mudo aos sinais.

O Sr. Abade Bouchet, ao admitir a palavra, lembramos, pediu que o sinal fosse mantido como suporte à palavra articulada e escrita; mas o Sr. Abade Balestra defende o método intuitivo oral que ele declara ser dado por Deus ao homem. À essas qualificações de método alemão, método francês, método suíço, método espanhol, que dividem e despertam ciúmes nacionais, ele pede que sejam substituídas pela qualificação imparcial e científica de método oral.

Aqui, o Sr. Irmão Hubert se levanta. Inspetor das escolas de surdos-mudos dirigidas pelos Irmãos de São Gabriel, ele declara que, há trinta anos, a palavra é ensinada nesses estabelecimentos, enquanto ao lado dela subsiste a mímica.

Quanto a ele, desde o último Congresso, visitou as escolas italianas de Gênova, Pávia e Milão. Os preconceitos que ele tinha conseguido manter contra o uso exclusivo da palavra caíram; ele voltou para a França convertido.

Ele agradece publicamente à vossa família, Sr. Presidente, pelos patrocínios que permitiram que seus companheiros de congregação viajassem em número relativamente grande para Milão, e conclui pronunciando-se hoje sem reservas pelo método oral puro.

O Sr. Cônego Bourse, de Soissons, declara que também ele tinha a mesma história das convicções do Irmão Hubert. Ele lealmente percebeu a evidência, ele encontrou seu caminho para Damasco, esse caminho inevitável do qual Houdin falou na última sessão do Congresso de Lyon. Chegando ao Congresso sem estar preparado para as ideias que eles ouviriam expostas lá, ele e seus colegas votaram pela manutenção da mímica ao mesmo tempo em que expressavam sua vontade de buscar a luz. Hoje, para eles, a luz está acesa e eles se rendem. O Sr. Bourse solicita apenas ao Ministro do Interior, a quem as instituições de surdos-mudos da França se reportam, para ajudá-los a superar as dificuldades materiais que a transição de um método para outro pode encontrar, e em particular para permitir prolongar o tempo acordado para a educação dos surdos-mudos.

¹³ NdT: M CLOUGHIN, M; G. **A History of the Education of the Deaf in England.** Gosport: Ashford Colour Press, 1987. O autor demonstra como no relatório da comissão real sobre os métodos usados se constata, em 1886, a existência de três: o oral, o manual e o combinado.

O Sr. Claveau é o autor de um notável relatório dirigido ao Ministro do Interior sobre os métodos usados na Alemanha, Bélgica, Holanda e Suíça para a educação de surdos-mudos. Particularmente instruído pelo Ministro a avaliar o papel atribuído ao ensino do uso da palavra, o Sr. Claveau se pronunciou pela sua introdução nas instituições nacionais. Algumas vezes, nas deliberações do Congresso de Milão, ele já havia feito apreciar seu espírito firme e judicioso. Hoje ele segue o método oral puro, e o saúda repetindo estas linhas de Dante:

*O dolce lume, a cui fidanza io entro
Per lo nuovo cammin, tu ne conduci.*¹⁴

Dois textos de resolução são apresentados pelos Srs. Fornari e Franck. A proposta do eminente delegado do Ministro do Interior na França tem a seguinte redação:

“O Congresso,

“considerando que o uso simultâneo da palavra e dos sinais mímicos tem a desvantagem de prejudicar a palavra, a leitura labial e a precisão das ideias,

“Declara que o método oral puro deve ser preferido.”

Esta resolução foi adotada por unanimidade e a reunião terminou com o grito de “*Viva la parole!*” proferido pelo honorável presidente, Abade Tarra, e repetido por todos.

V

A sessão da sexta-feira, dia 10, foi aberta pelo voto de um agradecimento solene dirigido ao Ministro da Instrução Pública da Itália, ao Prefeito, o Sr. Comandante Basile, e, particularmente, ao intendente de Milão, o Sr. Conde Giulio Belinzaghi, pelo interesse demonstrado por eles nos trabalhos do Congresso e pela cordial acolhida feita aos membros que o compõem.

Agradecimentos também foram votados por aclamação ao Comitê Organizador Local, presidido pelo honorável e simpático Doutor Augusto Zucchi.

O Sr. Fornari, Secretário-Geral, assinalou que a proposta que ele havia adotado no dia anterior diferia apenas na forma daquela apresentada pelo Sr. Franck e felicitou o representante do Governo francês, anteriormente adversário do ensino oral, mas sempre disposto, como declarara em 1875, a mudar de ideia diante de esforços coroados de sucesso duradouro e geral; ele o parabenizou por ter feito isso, hoje, com a autoridade ligada ao seu julgamento, o caloroso e sincero defensor desse mesmo ensinamento.

Este tributo prestado pelo Sr. Fornari ao filósofo eminente, ao ilustre membro do Instituto Nacional da França, provocou aplausos unânimes.

¹⁴ Purgatório, Canto XIII.

NdT: “*Oh, doce luz, na qual confio. Pelo novo caminho, tu conduzes!*”

A deliberação começa então na quarta questão do programa, assim concebida: “Quais são os meios mais naturais e eficazes pelos quais o surdo-mudo adquire rapidamente o conhecimento da linguagem usual?”

O Sr. Ed. Gallaudet fornece detalhes sobre a organização de estudos no Colégio Nacional de Surdos-mudos de Washington, do qual ele é o Presidente e onde ensina as ciências morais e políticas.

O Sr. vice-presidente, Hugentobler, sentindo-se autorizado pelo sucesso de seu aluno Maurice Kœchlin, a quem ele colaborou para que se formasse em letras, em Lyon, expressa o desejo de que sejam fundados, na Europa, estabelecimentos para a instrução superior dos surdos-mudos. Sua proposta foi apoiada pelo Padre Marchio, de Siena, pelo Sr. Kinsey, de Londres e pelo Abade Balestra.

O Sr. Treibel, de Berlim, sugere que o Sr. Hugentobler solicita o que é impossível no momento e acha que é primeiro necessário se ocupar em dar aos surdos-mudos o que ele chama de pão diário. “Vamos começar”, disse ele, “fundando as instituições necessárias para todos, obtendo a extensão do tempo de estudo e a criação de escolas de aperfeiçoamento”. Ele pediu que comitês e sociedades fossem formados para colocar a instrução ao alcance de todos os surdos-mudos.

Rendendo-se a essas observações, o Sr. Hugentobler retirou e adiou sua proposta.

O Sr. Elliot, de Londres, testemunhou que agora, na Inglaterra, a instrução primária é oferecida para surdos-mudos. A senhorita Rosing, professora de Christiania, diz que dois surdos-mudos da Noruega estudaram na universidade, se formaram e ocupam cargos importantes. O Sr. Vaisse lembra que o Sr. Dusuzeau, que hoje ensina matemática em nossa Instituição Nacional, é um ex-aluno deste estabelecimento e que foi aprovado com sucesso no bacharelado em ciências. Ele também cita um aluno formado em Caen, o Sr. Paul de Vigan, que obteve o mesmo diploma universitário, e o Conde Henri de Chastellux, que recebeu a licenciatura em Letras pelo Júri da Academia de Paris.

O Sr. cônego Bourse pede que os Governantes incentivem, nas instituições, a criação de anexos semelhantes aos de Saint Etienne e du Puy, onde são realizadas oficinas relacionadas à indústria do país. O Sr. Vaisse apontou, por sua vez, os bons resultados obtidos em geral no Instituto Nacional de Paris na educação profissional e, especialmente, por dez anos, na área de horticultura.

A deliberação termina com o voto de uma resolução assim concebida:

“O Congresso,

“Considerando que um grande número de surdos-mudos não recebe o benefício da instrução; que esta situação provém dos recursos limitados de famílias e estabelecimentos,

“Expressa o desejo de que os Governantes tomem as medidas necessárias para que todos os surdos-mudos possam ser instruídos.”

Vós notareis, Sr. Presidente, que o Congresso de Milão vai além do Congresso de Paris. Este se limitou a expressar a esperança de que seriam feitos esforços de todos os lados para desenvolver os meios de instrução apropriados aos surdos-mudos. O Congresso de Milão insta os Governantes a intervir nesse interesse e os convoca a agir.

Passamos, então, ao exame da quinta questão assim formulada: “Quando e como usaremos a gramática no ensino da língua, se usamos o chamado método de articulação ou aquele dos sinais?”

Sobre essa questão, cuja especialidade e caráter técnico se prestam mal à análise que poderia ser feita aqui, será suficiente darmos a resolução do Congresso. Observemos, no entanto, que o Sr. Claveau aponta, de passagem, os felizes resultados obtidos nos cursos de articulação, em Bordeaux, pelas freiras da Congregação de Nevers e na Instituição Nacional de Paris, pelo Sr. Abade Balestra.

Há outra instituição que ele poderia ter citado se a tivesse visitado: é a escola fundada por vós, Sr. Presidente, sob os auspícios paternos e mantida por sua família por quase seis anos. É a Escola Pereire, dirigida pelo Sr. Magnat, que tornou a palavra honrada e, com o estímulo da disputa, arrancou outros estabelecimentos do torpor de uma rotina teimosa.

A nomeação do Dr. Peyron para a direção da Instituição Nacional que vimos, no Congresso de Milão, votar sem hesitação as resoluções decisivas e a presença também do Sr. Abade Balestra, um de nossos colegas do Congresso, descrito espiritualmente como *Cavaleiro errante da palavra*, nos dão garantia do triunfo do método oral nesta casa. Mas quando esse triunfo for garantido, será justo dizer que foi pela Escola Pereire que ele foi preparado¹⁵.

O restante da deliberação aberta pela manhã foi adiado para uma sessão noturna. Nesta nova sessão, o Sr. Hugentobler lembra que a Escola de Zurique, onde o método de articulação prevaleceu desde o final do século passado, foi fundada por um discípulo do Abade de l'Épée.

O fato é sem dúvida singular; mas indicado no trabalho de Gérando, foi observado por uma nota do governo de Zurique reproduzida pelo Sr. Claveau em seu excelente relatório. Apenas apontamos isso para aqueles que, como o Sr.

15 Essas linhas estavam escritas faz alguns dias e já impressas, quando tivemos a satisfação de saber que o Ministro do Interior havia acabado de autorizar o Dr. Peyron a começar a levar a cabo as reformas trazidas pelo Congresso de Milão, colocando em prática a Oitava Resolução. Com o autor do artigo publicado sobre o assunto no **Petit Journal**, na sexta-feira, 29 de outubro, parabenizamos o Governo da República por finalmente entrar no caminho do progresso em benefício dos surdos-mudos.

Abade Delaplace, acreditam que devem permanecer fiéis aos sinais, por respeito à memória do Abade de l'Épée.

O pouco tempo que restava aos congressistas não parecia ao Sr. Fornari permitir tratar, com os desenvolvimentos que implicam, a questão relativa ao ensino da gramática, ele foi da opinião de adia-la para o próximo Congresso; mas sua proposta foi rejeitada, a reunião de sexta-feira à noite foi dedicada à discussão desta questão, discussão resumida na resolução seguinte a qual:

“O Congresso,

“Considerando que o ensino dos surdos-mudos pelo método oral puro deve se aproximar o máximo possível do ensino dos ouvintes-falantes,

“Declara:

1º - Que o meio mais natural e mais eficaz pelo qual o surdo-falante adquirirá conhecimento da língua de seu país é o método intuitivo, isto é, o que consiste em designar primeiro pela palavra e depois pela escrita, objetos e fatos colocados diante dos olhos dos alunos;

2º - Que no primeiro período, dito *maternal*, o surdo-mudo deve ser levado à observação de formas gramaticais, por meio de exemplos e exercícios práticos coordenados; e que, no segundo período, devemos ajudá-lo a deduzir desses exemplos os princípios gramaticais presentes com a maior simplicidade e clareza possíveis;

3º - Que os livros escritos com os vocábulos e formas de linguagem conhecidas pelo aluno podem ser colocados em suas mãos a qualquer momento.”

O Sr. Presidente, depois de apontar a falta de livros elementares para o primeiro ensino dos surdos-mudos, propôs convidar os professores a compô-los. Fornari observa que a Alemanha tem um grande número e cita os de Hill e de outros. Também poderíamos citar alguns pela França¹⁶. Seja como for, a resolução proposta pelo Abade Tarra é submetida a votação e votada nos seguintes termos:

“O Congresso,

“Considerando a falta de livros muito básicos para promover o desenvolvimento gradual e progressivo da língua,

“Emite o voto:

“Que os professores de ensino oral se dediquem à publicação de livros especiais.”

O Abade P. Binaghi, guia moral e diretor espiritual dos ex-alunos do Instituto de Surdos-mudos Pobres, oferece 200 francos destinados a recompensar o melhor trabalho composto para uso dos surdos-mudos. Este

¹⁶ O Sr. Magnat, diretor da Escola Pereire, compôs uma série de obras elementares que lhe são solicitadas por todos os lados.

prêmio seria concedido por uma comissão nomeada no próximo Congresso Internacional. Foi decidido compartilhar essa soma e alocar 100 francos para uma obra italiana ou francesa e 100 francos para uma obra em inglês. O Congresso, por meio do seu Presidente, felicita e agradece ao Abade Binaghi por sua liberalidade.

Na quinta-feira, 09, uma comissão foi nomeada para preparar os regulamentos para o próximo Congresso Internacional e propor a escolha da cidade onde ele se situaria. O Sr. Ernest La Rochelle, secretário da comissão organizadora do Congresso de Milão, vem, em nome da comissão, ler o projeto de regulamento elaborado por ela. Esse projeto foi adotado, assim como a designação da cidade de Basileia como sede do Congresso, que se reunirá em 1883 na segunda quinzena de agosto.

Votamos então as resoluções VI, VII e VIII. Seu texto é suficiente para dar a conhecer as objeções que elas rejeitam, as discussões que resumem e as disposições transitórias que consagram.

VI Resolução

“O Congresso,

“Considerando os resultados obtidos pelas numerosas experiências feitas com surdos-mudos de todas as idades, de todas as condições, que há muito tempo haviam deixado os institutos, que, questionados sobre os mais diversos assuntos, responderam com precisão, com uma suficiente clareza de articulação, e fizeram leitura labial de seus interlocutores com a maior facilidade,

“Declara reconhecer:

“1° - Que os surdos-mudos ensinados pelo método oral puro não esquecem, após sua saída da escola, o conhecimento que adquiriram, mas os desenvolvem pela conversação e pela leitura que lhes são mais fáceis;

“2° - Que nas conversas com os falantes eles usam exclusivamente da palavra;

“3° - Que a palavra e a leitura labial, longe de se perder, se desenvolvem através do uso.”

VII Resolução

“O Congresso,

“Considerando que o ensino dos surdos-mudos pela palavra tem exigências particulares;

“Considerando os dados da experiência da quase unanimidade dos mestres dos surdos-mudos,

“Declara:

“1º - Que a idade mais favorável em que o surdo-mudo pode ser admitido em uma escola é de oito a dez anos;

“2º - Que a duração dos estudos deve ser de pelo menos sete anos e, melhor ainda, se de oito anos;

“3º - Que o professor não pode efetivamente ensinar, pelo método oral puro, a mais de dez alunos. “

VIII Resolução

“O Congresso,

“Considerando que a aplicação do método oral puro nas instituições onde ainda não está em vigor, deve ser cuidadosa, gradual e progressiva, sob pena de ser comprometida,

“É da opinião:

“1º - Que os alunos recém-chegados à escola formem uma classe separada, onde a instrução é dada por palavra;

“2º - Que esses alunos sejam absolutamente separados dos outros surdos-mudos muito avançados para serem ensinados pela palavra e cuja educação terminará com sinais;

“3º - Que a cada ano seja estabelecida uma nova classe da palavra na Escola até que todos os antigos alunos ensinados pela mímica tenham completado sua educação.”

Por fim, o Congresso elegeu os vinte e cinco membros do Comitê Organizador do Congresso de 1883, cujos nomes são dados em ordem alfabética, com exceção do eminente membro do Instituto Nacional de França, que abriu a lista: os senhores Adolphe Franck, Ackers, o Abade Bourse, o Abade Balestra, Buxton, Fornari, o Abade Ghislandi, Grosselin, o Abade Guérin, Houdin, o Irmão Hubert, Hugentobler, Huriot, La Rochelle, Magnat, o Irmão Marie-Pierre, Marchio, Peet, Eugène Pereire, doutor Peyron, Roessler, o Abade Tarra, Treibel, Vaïsse e o Irmão Vimin.

VI

No sábado, dia 11, às 13 horas, ocorreu a sessão de encerramento do Congresso, com a presença do Comandante Basile, Prefeito de Milão, do Sr. Correnti, ex-Ministro da Instrução Pública, e do Sr. Visconti Venosta, conselheiro municipal, que foi receber o Dr. Zucchi, um dos presidentes honorários do Congresso, depois de presidir o Comitê Organizador Local.

O Secretário-Geral, Sr. Fornari, fez a leitura de resoluções do Congresso¹⁷, o Sr. Dr. Zucchi, em um discurso caloroso, parabenizou seus colegas pela seriedade e elevação sustentadas que caracterizaram suas deliberações.

O Sr. Franck toma a palavra. Ele lembrou que é acusado, há vinte anos, de se pronunciar, em nome do Instituto, sobre os métodos que disputam a direção do ensinamento dos surdos-mudos, de ter apontado para o perigo dos sinais que apenas despertam ideias sensíveis e preferido a palavra escrita com a aplicação do método intuitivo. Quanto ao ensinamento oral, ele nunca havia proposto proibi-lo; mas como esse ensino lhe parecia ter produzido apenas resultados incompletos na França, ele pediu, não que o método fosse exilado, mas que fosse colocado sob o que se poderia chamar de quarentena.

Hoje, depois de visitar as escolas da Itália, depois de ouvir o presidente do Congresso, o Sr. Abade Tarra, o Sr. Franck declara que tudo o que precisa fazer é gritar do fundo do coração: “*Viva la parole!*” Ele não hesitou em repetir a palavra de Maomé que, entrando em Meca e atingindo na cabeça os 360 ídolos da Caaba, exclamou: “Desapareçam, vaidosos simulacros! O verdadeiro Deus se deu a conhecer”.

O Sr. Franck dirigiu, em nome do Congresso, agradecimentos ao Governo italiano, às administrações provincial e municipal, aos Srs. Ghislandi e Tarra, os diretores das duas principais escolas de Milão, onde a palavra triunfa. Ele lamenta não ter podido cumprimentar aqui o venerável Padre Pendola, de Siena; mas ele pretende ir visitá-lo¹⁸.

“Dissemos muitas coisas ruins sobre o nosso tempo”, continua o Sr. Franck. “Devemos acreditar que tudo está realmente pior hoje do que no passado? E se não, como podemos explicar essas lamentações e anátemas que, de tempos em tempos, ouvimos explodir em nossas cabeças? Foi dito com razão: o mundo sempre esteve doente; apenas anteriormente não se havia percebido. Hoje isso é percebido; esta é a diferença entre o tempo presente e o tempo passado. Mas, assinalando o mal presente, existe o remédio; pelo menos estamos trabalhando nisso, o que é uma maneira de obter sucesso algumas vezes.”

17 Lembro que essas resoluções foram publicadas pelo *La Liberté* em 25 de setembro. Elas serão reproduzidas após este relatório.

18 O Padre Pendola, diretor da Instituição para Surdos-Mudos de Siena, aquele que o Padre Balestra, no Congresso de Paris, chamou de nosso “grande Pendola”, enviou aos membros do Congresso uma brochura escrita em francês. Expressando seu profundo pesar por ter sido impedido pela velhice de ir a Milão, ele os exortou a se pronunciarem pelo ensino da palavra pela palavra e a instar seus respectivos governos a garantir a todos os surdos-mudos uma instrução adequada. A primeira parte do desejo do Padre Pendola, que dependia dos delegados, foi cumprida; cabe aos governos realizar a segunda.

Aqui, o mal é o mutismo, e Franck viu como, na Itália, o ensinamento oral o remedia.

Dirigindo-se diretamente aos membros do Congresso de Milão, vários dos quais fizeram parte do Congresso de Paris em 1878, esses mestres que se dedicaram a uma tarefa tão trabalhosa, o Sr. Frank os parabenizou por terem trazido o surdo-mudo para a Sociedade, de o tê-lo incluído. Por que as pessoas não deveriam se contentar com inclusões semelhantes?...

“A liberdade é a grande paixão da nossa era; mas graças a Deus, a caridade a ela se une para terminar de caracterizá-la. Liberdade e caridade não podem prescindir uma da outra. A liberdade é impossível sem caridade e vice-versa; mas a isso deve ser adicionada a ciência que nos revela as leis da natureza e da humanidade.

“Liberdade, Caridade, Ciência, esses são os três atributos pelos quais nossa humanidade recordará os atributos divinos.”

Por seus repetidos aplausos, o Congresso se apropriou desses sentimentos elevados e generosos que se percebem em um filósofo francês de se fazer entender em um Congresso internacional.

Nesse momento chega de Siena um telegrama de congratulações de Pe. Pendola, recebido com respeitosa simpatia.

O Sr. Abade Tarra, que presidiu o Congresso com tanto tato, benevolência e boa graça, despediu-se de seus colegas com um discurso cordial, que concluiu com estas palavras: *Viva la parole!*

Depois dele, o Sr. Ackers, em nome da Inglaterra, e o Sr. Thomas Gallaudet, em nome da América, agradecem aos organizadores do Congresso pelas boas-vindas que receberam em Milão.

O Sr. Abade Balestra presta homenagem ao Sr. Correnti, o ex-ministro, a quem se deve tanto a causa dos surdos-mudos na Itália, na cidade de Milão, onde nasceu o Conde Paul Taverna, fundador da Instituição de Surdos-mudos Pobres da Província.

O Sr. Hugentobler, o Sr. Abade Bourse, o Sr. Abade Bellanger, de Montreal, no Canadá, que infelizmente chegou tarde demais para participar dos trabalhos do congresso, expressam a seus colegas, à Itália, à hospitaleira cidade de Milão, seus agradecimentos e simpatias.

O Sr. Ekbohrn, esse homem do Norte que fala com calor do Sul, parabeniza a Itália, que é iluminada por mais um sol do que aquele que procuramos, o sol da caridade, e ele termina com o grito de: “Viva a Itália!”.

O Sr. Correnti lê um emocionante discurso de despedida em francês. Houdin, em nome de seus concidadãos, agradece a Itália por sua hospitalidade. Finalmente o Sr. prefeito, o comandante Basile, encerra os

trabalhos do Congresso, com um discurso improvisado no qual, acolhendo os delegados por seu zelo filantrópico, expressa a plena confiança que lhe inspiram os esforços de que é testemunha, em vista da melhoria da condição dos surdos-mudos, em cujo interesse tantos homens ilustres, sob o impulso generoso de seus corações, vieram a Milão para trazer os frutos de sua experiência e sua ciência.

Foi no meio dos aplausos calorosos provocados por este último discurso que o Congresso se encerrou.

VII

Em uma carta que tive a honra de vos escrever quando voltei de Milão, fiquei feliz em relatar ao bisneto de Jacob-Rodrigues Pereire, o triunfo do método que seu bisavô importara da Espanha para a França e aplicara com um gênio e um sucesso que despertaram a admiração de Buffon, de Jean-Jacques Rousseau, de Diderot. Por sorte, foi em 15 de setembro que esta carta apareceu no *Liberté*, ou seja, um século, dia após dia, após a morte de seu antepassado que, em seus últimos anos, não havia deixado de ser dolorosamente tocado pelo sucesso de um método rival inferior ao dele.

Dois anos atrás, o Congresso Internacional de Paris já havia proclamado a superioridade do método de articulação sobre o método dos sinais: mas no ano passado, no Congresso Nacional de Lyon, essa superioridade parecia frustrada como resultado de um mal-entendido.

O Congresso Internacional de Milão acaba de o proclamar novamente, com a autoridade irrefutável que lhe concede a presença, em seu seio, dos membros mais eminentes e dos juízes mais competentes do ensino dos surdos-mudos, tanto da Europa quanto da América.

Vós tendes o direito de vos alegrar, Sr. presidente; não que, no Congresso, tenha sido falado com frequência de seu bisavô, o senhor Vaïsse e o senhor Houdin, outros realmente lembraram seus títulos ao reconhecê-lo como amigo dos surdos-mudos e da humanidade; mas em Milão as doutrinas eram mais discutidas do que os homens. A própria vitória foi menos disputada em 1880 do que em 1878. Nos últimos dois anos, a luz esteve nas melhores mentes, como testemunhado por declarações que honram singularmente certos membros do Congresso. Mas se os representantes dos países estrangeiros onde prevaleceu a articulação invocaram outro nome que não o de Pereire; para a França, o triunfo da palavra é o do estudioso espanhol a quem nossos escritores mais ilustres do século XVIII entregaram suas grandes cartas de naturalização; e para vós e vossa família, para aquele que a fundou e para aqueles que tão generosamente apóiam a escola da

avenida de Villiers, é um triunfo e honra de saudar o historiador de Jacob-Rodrigues Pereire.

Ernest La Rochelle,
Secretário do Comitê Organizador do Congresso de Milão¹⁹

¹⁹NdT: La Rochelle encerra o texto reproduzindo cada uma das resoluções de Milão já propostas ao longo de seu texto, mas assinadas pelo Abade Tarra.

RELATÓRIO DE ADOLPHE FRANCK

RELATÓRIO AO MINISTRO DO INTERIOR E DE ASSUNTOS RELIGIOSOS¹

Sobre o congresso internacional reunido em Milão, de 6 a 12 de setembro, para melhorar a condição dos surdos-mudos, e sobre o estado da instrução dos surdos-mudos nos principais estabelecimentos dedicados a eles na Itália, por Adolphe Franck, membro do Instituto

Obra:

FRANCK, Adolphe. **Rapport au ministre de l'Intérieur et des Cultes sur le Congrès international réuni à Milan du 6 au 12 septembre pour l'amélioration du sort des sourds-muets, et sur l'état de l'instruction des sourds-muets dans les principaux établissements qui leur sont consacrés en Italie.** Paris: Librairie des publications législatives/A. Wittersheim et Cie., 1880. Disponível em: https://www.avp.pro.br/pluginfile.php/5039/mod_glossary/attachment/524/1880%20-%20Relat%C3%B3rio%20de%20Ernest%20Franck%20ao%20Ministro%20do%20Interior%20e%20de%20Assuntos%20Religiosos.pdf.

Tradução²:

Senhor Ministro,

Lembrando-vos que fui relator da comissão do Instituto nomeada, em 1858, para examinar os diferentes métodos aplicados à instrução dos surdos-mudos e que sou membro do comitê consultivo da Instituição Nacional dos Surdos-Mudos de Paris há muitos anos, o senhor me chamou para a honra de representar sua administração no congresso internacional que se reuniu em Milão, de 06 a 12 de setembro³ passado, para melhorar a educação e, conseqüentemente, a condição social dessa classe de desfavorecidos que, privados desde seu nascimento ou de seus primeiros anos do sentido da audição, são

1 NdT: A partir de 1912 esse cargo passa a ser apenas de “Ministro do Interior”.

2 Realizada por José Raimundo Rodrigues e revisada pela professora Bartira Zanotelli Dias da Silva.

3 NdT: Apenas A. Franck menciona que o Congresso de Milão se estendeu até o dia 12 de setembro de 1880.

assim excluídos do dom da palavra. Este não foi o fim da missão que o senhor gentilmente me confiou. Acreditando com razão que regras gerais, máximas puramente teóricas, como aquelas que uma assembleia deliberativa pode adotar, não têm grande autoridade, se não forem confirmadas pela experiência ou se não forem aplicadas com um sucesso incontestável por um período de tempo bastante prolongado, vós me pedistes para visitar algumas das escolas de surdos-mudos da Itália que se apegaram aos melhores métodos e têm obtido até agora os resultados mais fecundos.

A fim de me fornecer os meios de submeter imediatamente ao controle do espírito de administração e do espírito prático as observações que eu pudesse coletar na realização de minha dupla tarefa, vós me indicastes o Sr. Claveau, Inspetor Geral de Instituições de Caridade; o Sr. Peyron, diretor da instituição nacional de Paris, o Sr. Huriot, diretor da instituição nacional de Bordeaux; a Sra. Superiora das Damas de Nevers, encarregada de ensinar e educar no mesmo estabelecimento, a religiosa Irmã Angélique; finalmente, uma das damas submetidas às suas ordens, a religiosa Irmã Augustin. Obrigado, Sr. Ministro, por me dar companheiros tão dedicados e esclarecidos; mas sou especialmente grato ao senhor por me ter beneficiado das luzes e do cuidado atencioso do Sr. Claveau e da Senhora superiora da instituição nacional de Bordeaux, ambos admiravelmente preparados para esta viagem pelo que haviam feito, pouco antes na Alemanha, e que deu origem a um notável relatório do Inspetor Geral de Estabelecimentos de Beneficência.

Antes de apresentar um relato dos fatos que pude observar e das conclusões que considero apropriadas, tenho o dever de vos dizer, Sr. Ministro, que de onde quer que aparecessem, os delegados reunidos, receberam as mais graciosas boas-vindas e o maior apoio das autoridades italianas, provinciais, municipais e escolares. Esse concurso foi ilimitado por parte do Abade Tarra, presidente do Congresso e diretor da Instituição dos Surdos-mudos Pobres da Província, do Sr. doutor Zucchi, presidente do conselho de administração da Instituição dos Surdos-mudos de Milão, do Padre Pendola, fundador e diretor da Instituição dos Surdos-mudos de Siena.

O Congresso Internacional de Milão foi composto por cerca de 230 membros, homens e mulheres, leigos e clérigos, religiosos e padres seculares. Todos os países civilizados, sem excluir os Estados Unidos da América e o Canadá, tinham representantes. Depois da Itália, foi a França que mais teve participantes. Havia também todas as opiniões e crenças, mas unidas entre si por um sentimento comum que sempre deveria dominá-las, como ele fez durante esses seis dias: o sentimento de caridade, o amor ao bem, o desejo de resgatar aqueles marcados por um infortúnio cruel.

O maior número de participantes da reunião consistiu em professores de

surdos-mudos; no entanto, havia também pessoas notáveis do mundo e alguns escritores entre eles. Conheci o mais antigo e não menos fecundo dos historiadores contemporâneos, o Sr. Césare Cantu⁴. Foi uma visão tocante ver todos esses homens advindos de tão longe e separados um do outro por tantas causas de divisão, trabalhando juntos, na mais profunda harmonia, para o trabalho da humanidade que os motivara, e que não é apenas um trabalho de dedicação, mas também de estudos científicos e meticulosos. Não é que a discussão carecesse de vivacidade e calor; ela até se elevou mais de uma vez pela eloquência; mas, livre de paixões e pretensões pessoais, iluminada pelo amor à verdade, inseparável do bem, sempre resultava em uma votação unânime ou muito próxima da unanimidade.

A grande questão a ser resolvida foi como colocar os surdos-mudos em comunicação com a sociedade. O processo é algo diferente do método. O primeiro consiste nos meios de expressão, isto é, a palavra, o gesto, a escrita, o desenho ou a datilografia, que o surdo-mudo usa para expressar seu pensamento, sua vontade, seus sentimentos, suas sensações. O segundo é a ordem que o mestre segue ou o conjunto de regras que ele acredita que deve observar para despertar sucessivamente as ideias dos surdos-mudos e promover gradualmente o desenvolvimento de todas as faculdades. Com o mesmo processo, os métodos podem ser diferentes e diferentes processos podem aceitar a direção de um único método.

Esta importante distinção, o congresso [inter]nacional de Milão não deixou de fazê-la, uma vez que votou por dois votos separados, ambos por unanimidade, pela palavra e pelo método intuitivo. Mas, como a arte de fazer falar o surdo-mudo ou o processo da palavra artificial, inventado na Espanha no século XVI pelo beneditino Dom Pedro Ponce de León, encontrado no século seguinte pelo inglês Wallis e pelo suíço Conrad Amman, importado para a França por volta da metade do século passado e praticado com notável sucesso por Jacob-Rodrigues Pereire, é frequentemente chamado, por engano, de método alemão, o congresso, num ato de imparcialidade, o designou sob o nome de método oral. Além disso, aqui está o texto de sua declaração:

O congresso:

“Considerando a superioridade incontestável da palavra sobre os sinais para devolver os surdos à sociedade e dar a eles um conhecimento mais perfeito da língua,

“Declara que o método oral deve ser preferido ao da mímica para a educação e a instrução de surdos-mudos.”

Não foi sem dificuldade que essa decisão foi adotada. A linguagem mímica, ou, como gostamos de chamá-la frequentemente, a linguagem de sinais, encontrou na assembleia hábeis e vigorosos defensores. Eles vieram da França, Inglaterra,

4 NdT: Césare Cantu (1804-1895) foi um historiador italiano.

Suécia, América. Mas a palavra, no final, reuniu todos os votos menos um, e essa vitória é ainda mais digna de atenção porque foi conquistada não apenas sob opiniões consagradas pelo tempo, mas sob interesses respeitáveis. Assim, o Superior da Congregação de São Gabriel, Irmão Hubert, sem levar em consideração o aumento de gastos e fadiga, ou o novo aprendizado que sua conversão iria impor a todos os estabelecimentos colocados sob suas ordens, declarou-se favorável pelo método oral. O cônego Bourse, diretor da Instituição Saint-Médard-lès-Soissons, mostrou-se animado pelo mesmo espírito de sacrifício. Eu poderia citar outros exemplos.

Qualquer que seja a importância, esta votação em favor da palavra não foi completa. Ela deixou uma dúvida que poderia enfraquecê-la e até aniquilá-la na prática. A palavra associada à escrita e à leitura labial, que formam um todo indivisível, deveria ser usada sozinha na instrução e educação de surdos-mudos, ou era necessário, pelo menos no início dessa grande tarefa e até que a linguagem articulada fosse suficientemente compreendida, pedir em seu auxílio os sinais ou a linguagem mímica?

Esta questão foi objeto de uma discussão animada e interessante dentro do congresso. Cada uma das duas soluções contrárias das quais é suscetível foi defendida com talento, com persistência e, às vezes, com a paixão ligada a fortes convicções.

Durante dois dias, a assembleia pareceu dividir-se em duas partes iguais. Mas, após um discurso magistral do presidente, o Sr. Abade Tarra, onde a verve italiana foi posta a serviço da razão e do senso comum, e que o Abade Guérin, representante da instituição de Marselha, interpretou eloquentemente em nossa língua para a parte francesa da assembleia, a linguagem mímica foi resolutamente condenada, e a palavra, mantida mestra do campo de batalha, foi recebida pelo grito de “Viva la parole!” Somente a redação desta votação causou certa hesitação, porque queríamos misturá-la com considerações metafísicas. Por fim, fixou-se, para satisfação geral, nos seguintes termos:

“O Congresso:

“Considerando que o uso simultâneo da palavra e dos sinais mímicos tem a desvantagem de prejudicar a palavra, a leitura labial e a precisão das ideias,
“declara que o método oral puro deve ser preferido.”

Ao expressar essa opinião, o Congresso não tinha a intenção de remover os sinais naturais comuns aos surdos-mudos e aos falantes, e que, sem serem aprendidos, expressam espontaneamente, sob o impulso de um instinto irresistível, um número muito restrito de nossas paixões, sentimentos e até ações, como medo, espanto, raiva, aversão, nojo, desespero, oração, ordem para nos aproximarmos ou nos afastar. A exclusão pronunciada contra a linguagem mímica só deveria atingir os sinais de convenção que alguns senhores, e

antes deles o Abade de l'Épée, tinham desejado formar uma língua completa aproximadamente equivalente às línguas faladas.

Não me custou aplaudir esta condenação já contida no relatório que tive a honra, em 1861, de endereçar ao Instituto e, através do escritório do Instituto, a um de vossos predecessores. Mas tive que recordar ao Congresso de Milão, a maioria de seus membros franceses e estrangeiros, de um erro prejudicial à boa reputação de nossas duas instituições nacionais. Assim como a educação dos surdos-mudos pelo processo de palavra artificial e a leitura da palavra nos lábios foi chamada de método alemão, se designou sob o nome de método francês, o uso da linguagem mímica com o auxílio mais ou menos eficaz da escrita.

Afirmei que, durante vários anos, a língua escrita, ensinada diretamente sem o intermédio de sinais, ocupou na instituição de Paris o mesmo lugar que a palavra deveria ocupar um dia ali, e essa mesma palavra precedida pelo mesmo sistema já estava instalada no centro da instituição de Bordeaux. Eu poderia ter acrescentado, se não tivesse medo de complicar a retificação de um fato presente por uma questão histórica, que o inventor dos sinais metódicos, o Abade de l'Épée, nunca viu na criação da qual ele é o autor, senão uma obra provisória, à qual um dia deveria suceder uma obra mais perfeita. “O surdo-mudo”, disse ele, “não é totalmente integrado à sociedade até que tenha sido ensinado a se expressar de viva voz e a ler a palavra no movimento dos lábios.”

Uma vez definido sobre o processo ou o melhor meio de expressão a ser implementado para que o surdo-mudo se comunique com seus semelhantes e seja melhor compreendido por eles, o congresso teve que examinar outra questão, muito diferente, como eu já notei aquela que acabara de falar. Eu quero falar sobre o método. Por um longo tempo, especialmente na França, onde estudei principalmente, poderia dizer, quase apenas, desenvolver no surdo-mudo o dom da memória, seja pela palavra, quando tínhamos a arte de ensiná-la, seja pela escrita ou por sinais exatamente modelados por ela, fazendo com que guardasse e repetisse definições, máximas, histórias, cujo significado lhe escaparia inteiramente. Eu conhecia o diretor de uma instituição importante que havia meticulosamente escrito uma coleção volumosa de todas as expressões aplicáveis às diferentes circunstâncias, às diferentes situações da vida, na esperança de que seus alunos mais avançados, depois de instruir sua memória, poderiam usá-la para conversar com seus semelhantes. O Congresso, desejando pôr fim a esta instrução estéril e às exposições enganosas a que deu origem, tomou uma decisão da seguinte forma:

“Considerando que o ensino de surdos falantes, pelo método oral, deve ser o mais próximo possível do ensino de ouvintes-falantes,

“O congresso declara que o meio mais natural e mais eficaz, pelo qual o

surdo falante adquirirá conhecimento da língua, é o chamado método *intuitivo*, ou seja, o que consiste em designar primeiro pela palavra, em seguida pela escrita os objetos e os fatos colocados sob os olhos dos alunos.”

É um professor francês, por longo tempo diretor da instituição nacional de Bordeaux, Sr. Valade-Gabel, que, em um excelente livro⁵, expôs pela primeira vez o método intuitivo e o nomeou como ele ainda é chamado hoje.

Não consiste apenas, como recorda a declaração do Congresso de Milão, em colocar sob os olhos do surdo-mudo os objetos e fatos que se ensina a designar pela língua articulada ou escrita, mas também visa a dar a ele o uso familiar dessa língua, como é feito para crianças com capacidade auditiva, antes de tentar, à maneira dos velhos mestres, explicar seus elementos e regras gramaticais. É esse princípio que o Congresso de Milão pretendia consagrar quando recomenda que os professores primeiro usem apenas exemplos e exercícios práticos para familiarizar o surdo-mudo com as formas essenciais da língua que nós o fazemos falar. Só mais tarde e pouco a pouco ele será ajudado a deduzir desses exemplos as regras mais essenciais da gramática.

Crianças dotadas de todos os sentidos não perderiam nada sendo ensinadas pelo mesmo método. É apenas a aplicação dessa grande lei da inteligência, que coloca o concreto antes do abstrato e a síntese antes da análise.

Tendo proclamado, assim, os princípios nos quais, de acordo com ele, deveria se basear no futuro a educação de surdos-mudos, o Congresso, enfrentando uma objeção, acredita-se autorizado a afirmar que os surdos-mudos ensinados dessa maneira, longe de esquecer, depois que saem da escola, o conhecimento que adquiriram, desenvolvem-no por meio da conversa e da leitura, e que a palavra em casa, assim como a leitura nos lábios, se aperfeiçoam pela prática.

Os processos, o método, a solidez dos resultados obtidos pelo processo preferido não são os únicos assuntos sobre os quais são fixadas as deliberações do congresso; perguntava-se com que idade a instrução do surdo-mudo deveria começar quando se baseia na articulação e na leitura labial; qual deveria ser a duração de seus estudos; qual seria o número de alunos para os quais as lições de um só professor eram suficientes; finalmente, que medidas de precaução devem ser impostas aos diretores da escola que assumiram a tarefa de substituir os sinais ou qualquer outro meio de expressão pelo ensino oral. Aqui, em forma de resumo, estão as respostas que foram dadas a essas diferentes questões, nenhuma das quais, até onde eu sei, deu origem a um debate prolongado.

É na idade de oito a dez anos que o jovem surdo-mudo está mais apto

5 *Méthode à la portée des instituteurs pour enseigner aux sourds-muets la langue française*, Paris, 1857.

aos primeiros exercícios de articulação e aos conhecimentos elementares que os acompanham.

A duração de seus estudos deve ser de pelo menos sete anos e, melhor ainda, de oito anos.

A educação pelo método oral puro não comporta mais que dez alunos para um professor. Esse tipo de ensino deve ser introduzido pouco a pouco, e turma por turma, em estabelecimentos onde ainda não está sendo utilizado. É essencial que os alunos que o recebam sejam absolutamente separados daqueles ensinados por outros métodos.

Não existe uma só dessas decisões que eu não subscrevo e que não desejo que sejam aplicadas o mais rápido possível, não apenas em nossas duas instituições nacionais, mas em todos os estabelecimentos particulares de nosso país, notadamente naqueles que, subsidiados pelos conselhos gerais, aceitariam com gratidão a direção e os conselhos do Ministro do Interior.

O congresso em que participei fez pouco mais que consagrar por seus votos unânimes e esclarecer por suas discussões o que vem sendo praticado há dez anos, com crescente e incontestável sucesso, nas duas escolas de Milão, na escola de Como e, acima de tudo, na de Siena, justamente considerada como a escola modelo, como uma espécie de metrópole para o ensino de surdos-mudos na Itália. Ouvi falar da instituição de surdos-mudos em Nápoles, liderada por uma freira francesa, como uma maravilha. Várias razões, incluindo o estado de minha saúde, impediram-me de continuar minhas explorações até então. Por conseguinte, falarei apenas com o senhor sobre as observações que me foram fornecidas pelos estabelecimentos por mim examinados.

Ao entrar nessas casas cuja população quase inteira, privada de nascença ou desde a primeira infância do sentido da audição, parece, por esse fato, ter sido condenada a um mutismo irreversível, ficamos surpresos por não ver um sinal, não notar um gesto. Posso pelo menos garantir que os sinais e gestos são mais raros, mais contidos ali, do que em qualquer outra instituição educacional.

Todas as ordens são dadas lá pela palavra, todas as perguntas são feitas de viva voz, e as primeiras são seguidas por uma execução, as segundas por uma resposta tão rápida como se elas chegassem umas e outras pelo ouvido à inteligência. A audição é substituída aqui pelos olhos e a mímica exterior pela mímica interior dos órgãos vocais, exercida com paciência e seguindo regras comprovadas, para fazer do surdo-mudo um surdo-falante. O surdo-falante não ouve sua própria palavra mais do que a de outros; mas a dos outros ele lê nos lábios.

Assim que entra na instituição especial que cuida de sua educação, o jovem surdo-mudo aprende quase simultaneamente a falar, a escrever e a ler a palavra nos lábios e a entender o significado dos vocábulos que pronuncia, que ele escreve

no quadro ou decifra na boca de seus senhores. Esses múltiplos exercícios, sujeitos a gradação regular, ocupam sua atenção sem cansá-la e contribuem, ajudando-se mutuamente, ao desenvolvimento de sua inteligência. A palavra é para ele o principal, a expressão imediata de ideias e das coisas. Ele vê isso refletido nos movimentos dos lábios como em uma imagem viva e perfeitamente fiel.

A escrita representa apenas uma notação convencional, destinada a lembrar a palavra em sua ausência. É assim, sem dúvida, que ele tem essa opinião, que só é posta em prática após um certo número de lições dedicadas exclusivamente à articulação e à leitura labial⁶. Finalmente, os vocábulos são explicados a ele quando os pronuncia e, para dar-lhe o significado, colocamos diante de seus olhos os objetos que eles designam ou uma imitação desses objetos o mais fiel possível, seja em madeira ou em papelão. Também as aulas pelas quais transita, especialmente as primeiras, parecem lojas de brinquedos de Nuremberg. Não é diferente das proposições a quem está em posição de articular. O fato ou ação que eles expressam são produzidos em sua presença; então, quando necessário, nós o fazemos produzir por si mesmo e o ensinamos a comandá-los com seus colegas.

Os vocábulos e as proposições que entram inicialmente a seu serviço, provavelmente, expressam apenas objetos e fatos sensíveis; mas a mente do homem é de tal natureza que, a partir de fatos sensíveis, passa rapidamente a fatos intelectuais e àqueles que estão sob nossas faculdades morais. A imagem em si é frequentemente apenas o envelope de uma ideia e, na sensação, quando é de um certo tipo e ocorre de uma certa maneira, o sentimento já aparece. Portanto, não devemos exagerar as dificuldades que enfrentamos para fazer com que o surdo-mudo entenda, chamando o tempo para ajudá-lo, o significado das expressões abstratas, que fazem parte da linguagem geral e com as quais a criança dotada de audição se familiariza tão rapidamente. A palavra é certamente mais própria que a linguagem mímica, mesmo a escrita, e tem mais forte razão que os desenhos que alguns afirmam usar para ensinar moral e religião.

É ainda mais fácil, escolhendo bem seus exemplos e evitando a precipitação, sobretudo colocando a prática antes da teoria, de conduzir o surdo-mudo, posso dizer agora o surdo-falante, da proposição simples à proposição complexa, da proposição complexa à proposição composta e à observação das principais regras de sintaxe.

O ensino da língua materna, em todas as escolas que visitei, está se desenvolvendo paralelamente àqueles conhecimentos que formam a base de uma boa educação primária: instrução moral e religiosa, regras da gramática,

6 Esse é pelo menos o conselho dado pelo Sr. Abade Tarra em seu criterioso e interessante escrito: *Cenni Storici e compendiosa esposizione del metodo seguito per l'istruzione dei sordo muti*. In.8. Milan, 1880, p. 24.

história nacional e sagrada, aritmética, geografia e elementos da cosmografia, o sistema de pesos e medidas.

Todos esses estudos estão repartidos por oito anos ou oito turmas e, passando de uma para a outra, e é impossível não notar um progresso significativo. Não direi que, pela soma dos conhecimentos adquiridos, seja em cada turma em particular, seja no final do curso, as escolas de Milão e Siena são superiores às nossas instituições nacionais de Paris e Bordeaux, especialmente em relação àquela de Bordeaux; elas são iguais. Mas que imensa vantagem eles não encontram no ensinamento da palavra? Pois esse ensino e a leitura labial, por tanto tempo, tão difíceis, tão cansativos para os professores e para os alunos, não prejudicam os conhecimentos que compõem a instrução propriamente dita, é muito mais do que alguém poderia esperar; porque, mesmo que fosse necessário fazer um sacrifício por um lado, haveria sabedoria, quero dizer, humanidade, para consentir, pois o surdo-mudo, uma vez que entrou em plena comunicação com a sociedade, é ainda é capaz de continuar e completar sua educação.

Então, com que amor, que destemor, e que paciência, que variedade de exercícios, que luxo de pessoal, o ensino da palavra não é dado nas escolas italianas que acabei de mencionar! Nenhuma criança surda-muda, por mais fracos que sejam seus órgãos, é excluída. Imaginei que o míope não pudesse se beneficiar disso, devido à dificuldade que existe para discernir os movimentos dos lábios. Esse defeito é corrigido com cuidado e atenção extras e, se o resultado, às vezes, deixa algo a desejar, é inestimável. Crianças atrasadas, de concepção lenta, com constituição fraca ou defeituosa, proporcionalmente mais numerosas entre surdos-mudos do que em outras crianças, são ensinadas separadamente por um mestre treinado nessa tarefa.

Essa é a opinião do Abade Tarra e do Padre Marchio, vice do Padre Pendola na escola de Siena, um homem de raro mérito que une à prática do ensinamento os conhecimentos mais variados, de modo que um surdo-mudo, a menos que seja afetado pelo idiotismo, sempre pode aprender a falar. Uma regra que não é muito diferente de Siena e Milão é que apenas oito alunos são permitidos em uma classe; o que equivale a apenas 64 alunos, se não contar a classe de atrasados, oito professores e oito supervisores. No entanto, somente na cidade de Milão, existem duas escolas para meninos e duas escolas para meninas, tudo fornecido, em uma pelo Estado, na outra por assinaturas e subsídios privados da província, com uma liberalidade exemplar. Agora, entre os fatos que observei diretamente, aqui estão aqueles que melhor podem dar uma ideia do grau de perfeição em que nesses estabelecimentos chegaram a articulação e a leitura da palavra nos lábios.

No final do terceiro ano, o aluno, que não deve mais ser chamado de

surdo-mudo, mas de surdo-falante, encontra-se em posição de articular distintamente e ler nos lábios frases curtas e familiares, formando proposições simples ou compostas; cumprir as ordens que lhe são dadas pela palavra e narrar um fato passado ou que está acontecendo agora diante de seus olhos. Ele pode até manter com seu mestre um pequeno diálogo que não exceda os limites de um vocabulário necessariamente limitado.

Após os dois anos seguintes, nós o ouvimos contar de viva voz uma história curta, sobre um assunto que lhe foi indicado inesperadamente, ou então, depois de contar uma história imaginária ou real, onde o sentimento desempenha um certo papel, vamos ouvi-lo a repetir, às vezes com variantes que testemunham tanto sua inteligência quanto sua memória. Os alunos da mesma categoria são treinados para ler em voz alta e relatar o significado de cada um dos termos que acabaram de pronunciar. Este é um exemplo que merece ser seguido em todas as escolas primárias.

Aos pequenos diálogos encerrados no círculo das coisas mais comuns e as leituras em voz alta, sucedem-se nas classes superiores de verdadeiras conversas, de recitações seguidas, de descrições e definições, de composições epistolares. Levei comigo um bom número de cartas, das quais meus companheiros ou eu tínhamos dado o assunto verbalmente e que foram escritas diante de nossos olhos, que estávamos sentados no local.

Certamente existem medíocres, há outras que muitos estudantes do ensino secundário ou de retórica, ou meninas de nossas mais brilhantes pensões, ficariam orgulhosos de ter assinado tais cartas. Todas, até onde um francês pode julgar, pareciam estar irrepreensivelmente corretas. Mas é menos do estilo e das composições escritas dos surdos-mudos italianos que quero vos falar, Senhor Ministro, que da pronúncia e da habilidade de captar a palavra dos outros pelos olhos.

Em geral, as meninas pronunciam melhor, falam mais cedo e com mais facilidade que os meninos. Isto é, sem dúvida, devido à flexibilidade de seus órgãos, à paciência com que observam os movimentos da articulação e, talvez, também à verdadeira paciência angélica de suas mestras. Mas em ambos os sentidos, com algumas exceções, e eu encontrei muitas dessas exceções, a pronúncia ainda deixa algo a desejar. Ainda hoje justifica a observação feita por Buffon sobre Azy d'Etavigny, um dos alunos mais brilhantes de Jacob-Rodrigues Pereire. Ele achou "a pronúncia lenta e o tom áspero da voz"⁷.

Mas que são essas pequenas falhas se, não para um aluno privilegiado,

7 NdT: Franck refere-se ao elogio feito por Buffon ao método utilizado por Jacob-Rodrigues Pereire publicado no livro do médico e educador francês Edouard Séguin (1812-1880). Cf. SÉGUIN, E. **Jacob-Rodrigues Pereire**: Premier instituteur des Sourds et Muets en France (1744-1780), Pensionnaire et Interprète du Roi, Membre de la Société Royale de Londres, etc., Notice sur sa vie et analyse raisonnée de sa méthode. Paris: A. Guyot et Scribe, 1847.

escolhido entre dez mil, entre vinte mil, tanto para sua sorte quanto para sua inteligência, mas para todos os surdos-mudos, exceto os idiotas, na medida de que somos capazes de dar uma pronúncia inteligível? É nesse nível que chegamos na Itália, na Alemanha, em alguns outros países europeus, e não foi demonstrado que não podemos ir além. Este ramo da educação é, como todos os outros, suscetível de aperfeiçoamento. Mas, se necessário, poderíamos manter os resultados obtidos. Padre Marchio me disse um dia: “não queremos que nossos alunos sejam cantores nem oradores; basta que eles se tornem membros úteis e honestos da sociedade.”

Se não os tornamos cantores ou oradores, às vezes conseguimos torná-los atores até certo ponto. Eu vi peças nas duas instituições de Milão executadas por surdos-mudos. Os autores dessas composições certamente contaram com a indulgência do público, quero dizer de seus convidados, que se colocaram ao alcance dos artistas. Mas nenhum deles falhou em seu papel ou perdeu sua réplica. Observamos até, na instituição real, um jovem primeiro e um jovem cômico que foram ouvidos com prazer e cujos gestos, proibidos em qualquer outra ocasião, pareciam bastante naturais. Essas representações formam uma excelente ginástica para articulação e memória, mas com a condição de que elas não tenham o efeito de exaltar o amor próprio, uma paixão à qual os surdos-mudos geralmente são muito inclinados.

Outro exercício, que me parece preferível, é o de fazer os alunos escreverem o ditado ou pedir que se ditem entre si uma composição improvisada ou memorizada. Eu pude ver os resultados muito notáveis que se obtém dessa maneira. Em Siena, pedi a uma das professoras, irmã de São Vicente de Paulo, que ditasse aos alunos, de número de oito a dez e de diferentes idades, a primeira estrofe de *Jérusalem délivrée*; o teste foi difícil, porque a linguagem poética de Le Tasse não é exatamente a que é feita para falar com essas pobres crianças. No entanto, o sucesso foi completo. Nenhuma palavra não foi escrita de acordo com todas as regras da ortografia italiana. Mas não era nada para escrever, era necessário primeiro ler os lábios da professora, a uma distância em que os movimentos produzidos pela palavra parecem difíceis de se perceber. Uma professora como a que acabei de mencionar, distinta entre todas por suas raras qualidades – o nome dela é Irmã Joséphine – pronuncia infinitamente melhor que uma surda-muda. Bem! É uma jovem afligida por essa enfermidade desde seu nascimento, aluna das instituições de Milão, que ditou, a meu pedido a uma de suas companheiras, um pouco menos avançada e menos dotada que ela, uma história em que propus instantaneamente o assunto. Foi a transfiguração do monte Tabor. A história, que dificilmente poderia ter sido literalmente sugerida pela memória, foi ditada em termos muito bons e com uma voz muito inteligível. Foi reproduzida por escrito com fidelidade rigorosa e ortografia irreprouvável.

Mas nenhum teste me pareceu tão decisivo quanto o que ainda tenho que falar. Ao final dos exames que assistimos, trouxemos para a sala os ex-alunos de cada estabelecimento, adultos de ambos os sexos que se tornaram trabalhadores, contadores, gente do campo, pais e mães de família. Conversas muito animadas, diria até barulhentas, ocorreram entre eles e aqueles assistentes que queriam participar delas. Eles foram questionados sobre suas profissões, suas posições, os eventos de suas vidas passadas, seus projetos para o futuro e muitas outras coisas.

Eles responderam a tudo, certamente com uma voz de surdos-mudos, que lhes constituía um certificado de identidade, mas com uma articulação muito firme e clara, com abundância e variedade de termos que demonstravam o progresso que eles fizeram na sociedade dos ouvintes-falantes. Alguns até falavam o dialeto de sua província ou o dialeto de sua aldeia, que se tomava o cuidado de não ser ensinado na instituição.

A conclusão que resulta dessas observações, não preciso vos indicar, Senhor Ministro, ela se apresenta por ela mesma. É necessário, o mais rápido possível, instruir por meio da palavra, não um certo número de alunos selecionados, mas todos os alunos de nossas duas instituições nacionais. O ensino da articulação deve ser a regra geral, a regra absoluta, e não a exceção. Vós já destes o primeiro passo em direção a essa transformação necessária, confiando um número de estudantes no ano passado ao Abade Balestra, fundador e diretor da instituição de Como. O Abade Balestra, que não é apenas um professor inteligente e zeloso, mas um apóstolo do método chamado oral, um homem cujo coração ainda excede o talento, vos deu, eu sei, resultados satisfatórios. Não menos feliz, com sua aprovação, um teste foi feito na instituição de Bordeaux. Tudo o que resta é regularizar e generalizar esses esforços. É gradualmente, como aconselha sabiamente o Congresso de Milão, e indo de classe em classe, que a reforma, para não parecer uma revolução, terá que ser realizada. Para garantir o sucesso, o Senhor pode julgar ser útil enviar pelo menos dois de nossos jovens professores a Milão para treinar na prática do novo ensinamento ou chamar à Paris, por alguns meses, um ou dois professores de Milão ou Siena. Qualquer que seja a decisão que o senhor seguir, encontrará, tenho certeza, nas instituições italianas o maior desejo de vos ajudar. Quanto ao método, não temos nada para pedir emprestado a ninguém; podemos manter, aperfeiçoando-a, a própria tradição francesa do método intuitivo.

Mas esse não é o fim dos meus desejos em favor dos surdos-mudos. Permita-me, Senhor Ministro, expressar-vos um desejo mais ambicioso. Eu gostaria que todos os estabelecimentos privados, seculares ou eclesiásticos, onde o ensino da articulação seria seriamente introduzido, fossem incentivados e, se necessário, parcialmente subvencionados pelo governo. Pela autoridade de vossos conselhos

e por vosso exemplo, o mesmo aprimoramento pode ocorrer em alguns anos nas instituições mantidas às custas dos departamentos pelos conselhos gerais, e seria urgente que os subsídios disponíveis para essas assembleias fossem concedidos por pelo menos sete anos; que é o tempo estritamente necessário para a instrução dos surdos-mudos.

Senhor Ministro, não esqueço que as propostas que tenho a honra de vos apresentar são muito diferentes daquelas que apresentei no meu relatório de 1861. Elas se afastam, mas não as contradizem. A palavra, como era então ensinada aos surdos-mudos, não era o que é hoje. Apenas me foram apresentados exemplos informais e achei prudente não proibi-lo, mas colocá-lo em quarentena. Agora, faço questão de chamá-la com meus desejos, os mais ardentes. Além disso, é permitido mudar de opinião quando se trata de fazer o bem e servir à verdade.

Com muito respeito, Senhor Ministro, seu muito humilde e obediente servidor.

Ad. Franck
Paris, 8 de dezembro de 1880.

RELATÓRIO DE EDMUND TREIBEL

O SEGUNDO CONGRESSO INTERNACIONAL DE PROFESSORES SURDOS-MUDOS EM MILÃO

Obra:

TREIBEL, Edmund¹. **Der zweite internationale Taubstummenlehrer-Kongress in Mailand**. Berlin: Verlag von Wilhelm Issleib, 1881. Disponível em: <https://archiv.ub.uni-marburg.de/eb/2013/0036/pdf/All.pdf>.

Tradução²:

O primeiro congresso sobre este tema ocorreu em Paris, em setembro de 1878. Por estatuto, essas conferências internacionais são realizadas a cada três anos, mas o fato de o primeiro Congresso convocado após Paris ter tido uma audiência com maioria esmagadora da nação francesa e, portanto, não ter contribuído de maneira desejada para um caráter internacional, acabou motivando a abertura do próximo Congresso para Milão apenas após dois anos passados do evento.

Encontraram-se no Congresso Internacional de Milão: 87 italianos, 57 franceses, 9 ingleses, 5 americanos, 3 suecos, 1 belga e 3 alemães³.

A indiferença da Alemanha a este congresso certamente deve ser bastante lamentada, e, ainda mais, se a razão para essa manifestação tiver sido uma publicação pedagógica de Hanover de 04 de setembro do ano passado que comunicava sobre o congresso de Milão que ainda estava sendo preparado à época. Segundo a publicação, o Congresso buscaria a conscientização sobre as questões que serem discutidas, cujas decisões há muito tempo já tinham sido tomadas na Alemanha. Desta forma, para as instituições deste lado não havia promessa de sucesso prático nas negociações e resoluções do Congresso.

1 NdT: Edmund Treibel, diretor do Instituto Real de Surdos-Mudos de Berlim. Também doutor em Teologia com uma tese sobre a visão da Igreja Ocidental e Africana sobre o batismo de hereges. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Die_Anschauung_der_occidentalischen_und/DjhAAAAAcAAJ?hl=en&gbpv=1&dq=inauthor:%22Edmund+Treibel%22&printsec=frontcover.

2 Realizada pelo professor Alessandro Rodrigues Meireles.

3 NdT: No cômputo de Edmund Treibel foram 165 participantes.

Pode-se supor com confiança que as frases acima não teriam sido escritas se o próprio autor em questão estivesse em Milão e tivesse esperado até então para emitir seu veredicto. Em Milão, havia também muito a se aprender para os professores surdos-mudos alemães, pois do outro lado dos Alpes vivem homens que estudam conscientemente todos os avanços feitos no ensino de surdos-mudos e os aplicam com zelo e habilidade em suas escolas, para que suas realizações sejam reconhecidas de maneira inequívoca. Nas escolas de surdos-mudos de Milão, podia-se perceber que as ideias e os princípios corretos eram compreendidos de forma clara e nítida e aplicados com uma energia e entusiasmo dolorosamente perdidos em algumas escolas alemãs de educação para surdos-mudos.

Nos dias 4 e 5 de setembro, antes da abertura do Congresso, foram realizadas apresentações no Instituto Real de Surdos-Mudos. Os internatos de surdos-mudos em Milão, dos quais existem três, há cerca de 12 anos, ensinam seus discípulos, com os melhores resultados de acordo com o método alemão, ou seja, com a mais estrita exclusão do gesto. Também, na maioria das outras escolas italianas de surdos-mudos, o ensino é praticado há alguns anos, de acordo com esses mesmos princípios.

Sem dúvida, era absolutamente necessário que os participantes do Congresso tivessem a oportunidade de compreender o valor do método ali usado e de formar um julgamento confiável sobre ele; pois o resultado tangível é certamente mais convincente do que a explicação mais brilhante e clara de um princípio.

Os resultados do ensino foram semelhantes aos das melhores escolas da Alemanha; a pronúncia era principalmente compreensível, geralmente clara, a extensão do conhecimento de temas satisfatória em todas as direções. Embora a língua italiana, para o ensino de surdos-mudos, ofereça grandes vantagens em comparação com a língua alemã por causa de sua grande amplitude vocal, suas realizações sempre foram uma evidência altamente reconhecível e honrosa da diligência e capacidade pedagógica do corpo docente.

Também encontrei novamente a experiência que tive muitas vezes de confirmar que a pronúncia e as realizações totais dos alunos são ainda mais excelentes, pois o uso dos gestos é combatido com energia e consequências. Além dos gestos naturais, que não podem ser evitados para se comunicar com os alunos mais novos, as Instituições de Milão não utilizam nem toleram gestos, nem na aula nem nas relações sociais. É claro que também aqui não foi possível garantir que os alunos não utilizem gestos de vez em quando na comunicação uns com os outros durante o tempo livre da escola, mas sobretudo comunicam entre si na linguagem falada, falando numa voz baixa. Na presença de um professor nunca consegui perceber o uso do gesto, mesmo quando as crianças não eram vigiadas.

A impressão das manifestações acima mencionadas no Instituto Real de Surdos-mudos, que foi seguida com o maior interesse de todos os lados, foi inconfundivelmente muito profunda e muito rapidamente foram ouvidas expressões de surpresa e reconhecimento por aqueles que vieram como oponentes ao método de ensino alemão. Para alguns visitantes, ocorreu aqui um processo de transformação que apenas pelas negociações no Congresso dificilmente teria se realizado.

Também deve ser enfatizado aqui que as instituições de surdos-mudos de Milão estão plenamente equipadas e mobiliadas para atender às necessidades em todos os sentidos.

Em 06 de setembro, o Congresso foi aberto por um longo e eloquente discurso do Dr. Zucchi, presidente do Instituto de Surdos-Mudos de Milão e representante do Real Ministério da Educação. Na cerimônia de abertura houve uma saudação do prefeito de Milão, que acolheu os membros do Congresso e desejou que seus trabalhos fossem bem-sucedidos.

Isso foi seguido imediatamente pela eleição do comitê de presidência do evento, o que levou muito tempo, devido à falta de conhecimento mútuo e à diversidade de idiomas e nacionalidades. A eleição resultou no seguinte:

Presidente:

Tarra, Diretor em Milão

Secretário-geral:

Fornari, professor e primeiro instrutor do Instituto Real de Surdos-mudos de Milão

Vice-presidentes:

Para a língua italiana: Marchio, diretor em Siena.

Para a língua francesa: Houdin, diretor em Paris.

Para a língua alemã: Dr. Treibel, diretor em Berlim.

Para a língua inglesa: Peet, diretor em Nova York.

Secretários:

Para a língua italiana: Lazzeri, diretor em Turim.

Para a língua francesa: Guérin, subdiretor em Marselha.

Para a língua alemã: Hungentobler, diretor em Lyon.

Para a língua inglesa: Kinsey, diretor em Londres.

Os debates foram em sua maioria realizados em francês e italiano, mas cada orador foi autorizado a usar seu próprio idioma; nesse caso, o que era falado foi retomado em francês.

Já era possível perceber na comunicação pessoal que os professores italianos de surdos-mudos, sem exceção, davam preferência ao método de ensino alemão, e o mesmo acontecia com a maioria dos franceses presentes. Foi interessante ver com que ansiedade os franceses evitavam a expressão “método alemão”, enquanto ingleses e americanos sempre usavam esse termo, e sempre foi dito pelo francês “método de articulação” ou “método de Pereire”. Também é possível ler em um livreto de Magnat, diretor da Escola Pereire em Paris, intitulado “*Organisation des écoles de sourds-muets*”, p. 69: “credenciado na França pelos trabalhos do Abade de l’Épée e do Abade Sicard, o método de sinais prevaleceu até a introdução do método de articulação em 1745 por Jacob-Rodrigues Pereire e continuado na Alemanha por Samuel Heinicke”.

Pelo fato de Pereire ter introduzido o “método de articulação” na França, o ensino de surdos-mudos na linguagem fonética é uma invenção especificamente francesa, e os alemães não atribuíram a autoria do método aos franceses! Quem sonharia há alguns anos atrás que essa frase pudesse ser escrita na França, terra natal do grande professor de surdo-mudo Abade de l’Épée, sem contradição? Não me parece o lugar aqui para esclarecer mais a insustentabilidade dessa afirmação, especialmente desde que o nosso respeitado colega Renz⁴, na última edição do “*Organ*” de 1880, p. 192, resolveu essa tarefa digna de maneira convincente e arrojada. Gostaria apenas de salientar esse fato, que não deve deixar de ter significado para um julgamento abrangente da controvérsia que nos interessa no momento; o fato é que o banqueiro Pereire, descendente direto do professor surdo-mudo Pereire, em Paris, construiu um instituto para surdo-mudo, que confiou a Magnat, o mesmo homem que primeiro aprendeu sobre o método de ensino de surdos-mudos em Genebra, com professores alemães de surdos-mudos, e publicou em seu *Cours d’articulation*, p. 70: “No ensino de surdos-mudos, existem dois métodos em uso: aquele, que tem como fundador o Abade de l’Épée, e chamado francês; o outro é chamado alemão e foi fundado na Alemanha por Samuel Heinicke”, o qual, depois como diretor da Escola Pereire, descobriu que o método de articulação, que anteriormente era descrito como método alemão por ele, era uma invenção francesa, e a glória dessa invenção era devida ao ancestral do homem que trouxe a instituição do surdo-mudo que ele havia iniciado.

A série de palestras foi aberta em 07 de setembro pelo diretor Magnat acima mencionado. Ele tratou de todas as teses apresentadas pelo Congresso em um panfleto de 116 páginas, entregue a cada participante antes da reunião, e começou a ler esse arrazoado para o Congresso. Ao final dos dez minutos devidos a cada orador, de acordo com o programa agendado, o Presidente o interrompeu

4 NdT: Treibel parece se referir a Karl Renz, educador de surdos.

com o consentimento de toda a assembleia. Magnat não quis sujeitar-se a isso, alegando que ele, na condição de relator, e, por causa da natureza de seu ensaio, não poderia ser afetado por essa disposição do programa. Somente algumas rejeições muito enérgicas se apresentaram e a vontade claramente expressa da Assembléia foi alcançada: manter a validade do Regimento e exigir que Magnat deixasse a tribuna.

Então a Madame Ackers sustentou a tese: “Indicar as vantagens do método de articulação sobre aquele dos sinais”. A famosa dama leu um artigo sobre esse tema, no qual o método alemão foi apresentado como o mais apropriado, com os argumentos geralmente conhecidos na Alemanha.

Permita-me que comece dizendo que um número considerável de membros do Congresso leu tratados acadêmicos que, em minha opinião, não beneficiaram as negociações, prolongando-as indevidamente e privando-as do frescor e da vivacidade das ideias. Em geral, também se pode observar que a palavra livre que sai do coração geralmente tem um efeito muito maior do que essas leituras.

O professor conferencista, Delaplace, professor de surdos-mudos de Soissons, em geral, também justificou a maior praticidade do método de articulação, mas também procurou verificar as vantagens da linguagem gestual e, assim, reconciliar as duas visões opostas. O professor de surdos-mudos Eckborn⁵, da Suécia, apresentou visões semelhantes, mas muito mais amplas, que colocavam a demanda positiva de que a linguagem dos gestos fosse mantida nas escolas de surdos-mudos. Não se deve ignorar, no entanto, que são bem diferentes as condições locais descritas por Eckborn, em que se permite a um grande número de surdos-mudos ter um máximo de 4 anos de escolaridade, e muitas vezes apenas 2 anos, caso em que um voto diferente dificilmente poderia seja esperado.

Gallaudet, presidente do Colégio de Surdos-Mudos, em Washington, falou fervorosamente a favor de manter a linguagem gestual ao lado do idioma falado. Todas as refutações e objeções feitas foram incapazes de destruir sua posição e torná-lo infiel à sua convicção. Por fim, ele se referiu às circunstâncias peculiares que prevaleciam na América, que não pareciam convenientes a qualquer outro procedimento de ensino, o que, é claro, estabeleceu uma meta para qualquer discussão posterior. A mesma opinião foi adotada pelos outros americanos, e eu não sabia que o método alemão havia conquistado um convertido entre eles.

5 NdT: Carl Kierkegaard-Ekbohrn é mencionado em: DOMFORS, Lars-åke. Döfstumlärare – specialpedagog – lärare för döva och hörselskadade En lärarutbildnings innehåll och rationalitetsförskjutningar. 304f. Örebro universitet, 2000. Disponível em: <https://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:135749/FULLTEXT01.pdf> A pesquisa remete a outro trabalho que sugere o quanto a decisão de Milão não foi implementada imediatamente: NYLANDER, Ernst. Åtbördsspråkets **ställning inom döndervisningen**. Nordisk Tidskrift för Döndervisningen, nr 4, s. 144-159, 1979.

Um irmão do mencionado Gallaudet, pastor de uma igreja para surdos-mudos em Nova York, também fez uma tentativa de defender a língua dos sinais e recitou, para essa finalidade, o pai-nosso com gestos, enquanto adicionava a cada frase a tradução para inglês. Essa performance, em sua irresistível comédia, provocou grande diversão, talvez não intencional.

O pastor Arnold, de Northampton, chefe de uma instituição privada de surdos-mudos criada há mais de 20 anos, atuou como um defensor entusiasmado do método alemão, recebendo grandes e merecidos elogios por sua apresentação. A favor do método alemão falaram ainda: Senhorita Hull, Guérin, Balestra, Magnat e Hugentobler, sendo que este último apontou em particular para sua experiência prática e, em parte, realizações surpreendentes, que ele alcançou com a ajuda do método alemão. A isso corresponde o fato totalmente certificado de que Hugentobler ensinou com o método alemão, em 7 anos completos, o filho do Dr. Köchlin em Mühlhausen, e este, depois com a ajuda de outros professores particulares, também treinados cientificamente, passou com sucesso em um teste no ano passado na França, o qual corresponde à nossa conclusão do colegial.

Como resultado dos debates delineados, a seguinte resolução chegou a uma aprovação quase unânime:

Na convicção da inegável superioridade da língua falada sobre a língua de sinais,

1. Na medida em que integra os surdos-mudos na relação com o mundo dos ouvintes, e
2. Permitindo que eles penetrem mais profundamente no espírito da língua, o Congresso declara que o uso da língua falada no ensino e na educação de surdos-mudos seja preferido.

Após a proclamação desta tese, desenvolveu-se uma cena tão nova quanto interessante para os europeus setentrionais. Toda a assembleia, com aplausos animados, soltou um grito de alegria: “*Vive le parole!* Viva o método de articulação”; eles se parabenizaram como depois de uma vitória e manifestaram sua alegria de maneiras mais irrestritas, de modo que involuntariamente se animaram e perderam o controle. E, de fato, esse resultado também é uma grande vitória no campo da humanidade e da pedagogia, cuja importância e amplo significado não podem ser suficientemente enfatizados, mesmo que nenhuma lei e ordenança tenha sido estabelecida aqui. Certamente, esta hora, em que a tese comunicada foi proclamada pelo júbilo dos presentes, marca indiscutivelmente uma característica importante na história da formação dos surdos-mudos, que mostrou em parte novos caminhos para os países não-alemães. Espero que este momento solene não seja sem bênçãos também para a Alemanha, pois ele

indubitavelmente dará um novo impulso ao ensino de lá e ajudará a erradicar os últimos remanescentes de meias medidas e unilateralidade.

Para a próxima questão, “Explicar em que consiste o método oral puro e mostrar a diferença existente entre este método e o método chamado misto”, recebeu pela primeira vez a palavra o Sr. Claveau de Paris, inspetor geral das instituições de caridade francesas. Em sua apresentação, que expressou os pontos de vista prevalecentes na Alemanha, também discutiu simultaneamente a terceira questão: “Determinar exatamente o limite que separa os sinais qualificados como metódicos dos chamados naturais”. O orador estabeleceu fronteiras bem restritas ao gesto chamado natural e suas aplicações. Consequentemente, ele também se manifestou com grande determinação diante dos obstáculos ao método puro de articulação e, em apoio ao seu voto, invocou efetivamente suas próprias experiências nas escolas de surdos-mudos da Bélgica, Holanda, Alemanha e Suíça.

Depois de o orador terminar de falar, o relator solicitou a palavra e declarou que a segunda questão não poderia ser resolvida sem também levar a terceira à discussão, e o orador anterior certamente não foi intencional quanto à correção dessa opinião e apresentou a prova mais forte em sua apresentação. Portanto, ele fez o pedido para juntar a segunda e a terceira questões e tratá-las juntas. A moção foi aceita e as duas teses, com base no método alemão, foram discutidas por Arnold, Dr. Franck de Paris, representante do Ministério de Assuntos Religiosos francês, os relatores, Fornari, Tarra e Guérin. Dos quais, os dois últimos condenaram o sistema misto com astúcia particular, e foram tão longe por este lado, tais quais os mais fortes puristas nas escolas alemãs.

Vários outros oradores também defenderam o método puro de articulação, entre os quais também um professor de surdos-mudos da França, que declarou que havia chegado à Itália com a convicção de que o sistema de articulação era inadequado e inaplicável; mas o que viu e ouviu em Milão havia transformado completamente seus pontos de vista, e ele retornou à França como convertido. Com confissões semelhantes, entraram também outros professores franceses do congresso. Os americanos e o sueco Eckborn foram os únicos opositores. O diretor Peet, de Nova York, defendeu o sistema combinado e conseguiu neutralizar alguns dos defeitos e desvantagens que podem ser encontrados introduzindo certas restrições, que na prática se revelariam inúteis.

Ao responder à pergunta dirigida ao Presidente sobre o que faria usando o método de articulação com os alunos pouco talentosos, ele respondeu: Eu não rejeito uma criança, mas, para os muito fracos, faço minha própria classe com um currículo especial.

A seguinte resolução chegou novamente a uma conclusão quase unânime:

Considerando que o uso simultâneo da palavra falada e dos sinais tem a desvantagem de prejudicar a palavra, a leitura labial e a clareza dos conceitos: Congresso considera que o método puro de articulação seja preferível.

A pedido especial de Gallaudet, de Washington, a Assembleia aprovou um afastamento da ordem de questões apresentada e prosseguiu para discutir a segunda pergunta especial, que diz: “Onde e como pode ser dado aos jovens, que a surdez impediu de fazer os estudos clássicos, um ensino que pode lhes ofertar o análogo ou o equivalente aos estabelecimentos de ensino secundário destinados aos falantes? Será dentro de uma divisão superior das instituições de surdos-mudos ou dentro de uma divisão superior especial? Será com seus professores ou com os docentes do ensino comum?”

Gallaudet, diretor de um colégio para surdos-mudos, recomenda o estabelecimento de instituições similares em países europeus. Embora ele tenha comunicado muitas das excelentes realizações do colégio sob sua direção, ele não conseguiu divulgar seus pontos de vista, e a Assembleia foi muito fria e cética em relação a seus comentários. Gallaudet também apresentou uma fotografia da instituição listada em Washington, que deve causar uma boa impressão por suas magníficas e belas condições.

O relator afirmou então que, em termos gerais, a viabilidade dos argumentos apresentados não podia ser posta em dúvida, e que também era desejável que essas escolas fossem estabelecidas em todos os lugares para o ensino superior de surdos-mudos. Outra questão, no entanto, é se esse objetivo já deve ser buscado e alcançado; ele teve que negar essa decisão. Na Alemanha, França e Itália, não se encontrava número suficiente de surdos-mudos, que tinham a educação necessária para frequentar as escolas superiores. Antes de tudo, é preciso cuidar de uma educação básica geral e eficiente para os surdos-mudos, antes que alguém possa pensar em tais aspirações certamente louváveis. Aqui está um relato detalhado das condições educacionais reais das crianças surdas-mudas. Como meta alcançável, propõe trabalhar com todos os meios para garantir que os grupos comprometidos garantam que todas as crianças surdas-mudas recebam o ensino fundamental adequado e que escolas de educação continuada sejam criadas.

Do mesmo modo, vários outros conferencistas falaram, a partir de onde foi tomada uma decisão e surgiu a seguinte deliberação:

Considerando que um grande número de surdos-mudos necessita da educação devido à inadequação das famílias e dos institutos, o Congresso expressa seu desejo de que os governantes tomem as medidas necessárias para que todos os surdos-mudos recebam a instrução suficiente.

As seguintes questões foram colocadas em discussão: “Quais são os meios mais naturais e mais efetivos para que o surdo-mudo adquira prontamente o

conhecimento da língua usual? Como e quando se usará a gramática no ensino da língua se for empregado o método dito da articulação ou o dos sinais?”

Ao discutir a posição a ser dada à instrução gramatical nas escolas de surdos-mudos, ignora-se completamente um ensino metodológico especial da gramática integral. O relator, por outro lado, cita, com justificativa detalhada, a exigência de que seja dada instrução gramatical especial nas duas classes superiores de um curso de oito anos, embora, é claro, esteja previsto um tratamento científico, puramente metódico. Essa visão é particularmente apoiada por Franck.

O Congresso aprovou a seguinte resolução sobre este ponto:

Considerando que o ensino de surdos-mudos deva ser ministrado através do uso da linguagem das palavras, o congresso manifesta-se da seguinte forma:

1. que, como o meio mais eficaz de colocar o surdo-mudo falante na posse do vernáculo, deve-se aplicar o método vívido, que é designar primeiro pela palavra, depois, através da escrita, mostrar os objetos e ações, os quais são apresentados aos olhos dos alunos;

2. que, nos níveis iniciais, os surdos-mudos devem ser levados à observação de formas gramaticais apenas por meio de exemplos e exercícios práticos, e, nos níveis superiores, a fim do sucesso desse objetivo, devem ser adicionadas regras gramaticais, observando, contudo, a maior simplicidade e clareza possível.

Infelizmente, como o tempo previsto para o Congresso estava chegando ao fim, as teses restantes não puderam mais ser tratadas com a profundidade desejada e, portanto, as seguintes resoluções foram adotadas após uma breve discussão, geralmente sem debate especial.

Para uma melhor compreensão, essas resoluções poderiam encontrar espaço aqui.

O Congresso acredita que os livros acessíveis ao entendimento dos surdos-mudos sempre podem ser colocados em suas mãos.

Tendo em vista os resultados encontrados em numerosas experiências realizadas com surdos-mudos de todas as idades e condições de vida que abandonaram a escola recentemente, respondendo perguntas sobre os mais variados objetos com certeza, clareza suficiente e fluência na leitura dos lábios dos outros, o congresso esclarece:

1. que os surdos-mudos ensinados pelo método puro de articulação após deixarem a escola não esquecem o conhecimento adquirido, mas o desenvolvem ainda mais através da comunicação oral com os outros e da leitura;

2. que em suas comunicações com as pessoas ouvintes, usam exclusivamente a linguagem falada;

3. que a capacidade de falar e ler os lábios não é de modo algum perdida, mas é formada pelo uso de uma habilidade superior.

Considerando as dificuldades particulares de ensinar surdos-mudos de acordo com o método de articulação, e com base na experiência adquirida por quase todos os professores de surdos-mudos nesta área, o Congresso esclarece:

1. que a idade mais adequada para a entrada de crianças surdas-mudas na escola é o período de 8 a 10 anos;
2. que a frequência da escola dever ser, no mínimo de 7 anos, mas é melhor que dure 8 anos;
3. que um professor não pode ensinar mais de 10 alunos usando o método de articulação pura.

Considerando que em instituições nas quais o método puro de articulação ainda não tenha sido utilizado, a introdução deste último, em cálculo criterioso, pode ser feita apenas gradualmente, o Congresso é de opinião:

1. que os novos alunos formem uma turma especial na qual as aulas sejam ministradas de acordo com o método de articulação;
2. que esses alunos devam ser separados dos outros surdos-mudos, que já avançaram demais para serem ensinados de acordo com o método de articulação, cuja educação deve, portanto, ser realizada pelo uso da linguagem gestual.
3. que a cada ano uma nova turma seja criada de acordo com o método de articulação, até que todos os alunos mais velhos, ensinados por meio da linguagem de sinais, concluam seus estudos.

Para conclusão das impressões recebidas em Milão, ainda pode ser permitido comemorar as apresentações teatrais que foram oferecidas aos membros do congresso pelos alunos surdos-mudos de lá. Inicialmente, as meninas surdas-mudas apresentaram uma pequena peça, cujo conteúdo era o seguinte:

Havia uma mulher pobre com uma menina de cerca de sete anos; eles conhecem uma senhora que lhes dá esmolas. A senhora pergunta se a menina está frequentando a escola. Quando a mulher nega isso e pergunta por que ela é negligenciada, ela diz que seu filho é surdo-mudo. A senhora se oferece para levar a criança a uma instituição de surdos-mudos. Eles procuram uma, entram e encontram o professor ocupado ensinando lições de articulação para os alunos menores. Essa cena foi uma verdadeira peça de camarote e forneceu um novo legado para a capacidade imitativa, muitas vezes impressionante, de surdos-mudos.

A mãe deixa o filho na instituição, onde permanece por vários anos, sem voltar para casa e sem ter nenhum relacionamento imediato com a família. Após esse período, a criança aprendeu a falar e agora procura sua mãe, que, com espanto e gratidão, está completamente fora de si diante do fato que seu filho, anteriormente, surdo-mudo pode agora falar como seus filhos que possuem todos os sentidos. Levada por um sentimento transbordante de gratidão, toda a

família se ajoelha, agradece a Deus pela misericórdia mostrada a ela e ora pelos bons professores, que trouxeram tanta alegria e bênção para a pobre residência.

Os meninos representavam uma cena do mercado que era bem adequada à vida. O personagem principal era um jovem inútil que não trabalhava, mas queria interpretar um grande cavalheiro. Para esse fim, ele se tornou um médico milagroso, viajou pelas feiras e ofereceu o seu remédio milagroso para dor de dente com o esforço enorme de publicidade, que era bem conhecido na França. Para administrar o negócio com sucesso, ele se juntou a outros dois jovens. Antes que esse trio valioso aparecesse aos olhos do público com seu agente milagroso, ele realizou um roubo em uma estalagem, que por enquanto permanecia sem ser detectado.

No próximo evento, uma cena de mercado bastante bonita se desenvolveu; tudo que fosse possível foi colocado à venda, foi negociado e barganhado, assim como se pode observar em um mercado semanal.

Aqui eu gostaria de salientar que, no grande drama, vivacidade e movimento de todo o cenário com vários artistas, de vez em quando, o gesto era usado de uma maneira cômica.

Agora nosso herói e seus assistentes entraram em ação. Ele elogiou seu remédio para dor de dente; um de seus cúmplices simula uma leve dor de dente hipocritamente, compra o remédio, aplica-o e foi imediatamente libertado de sua dor. Cheio de prazer, ele contou sua cura milagrosa, que, é claro, encontrou muita adesão e trouxe muitos compradores ao médico milagroso.

Entre as pessoas que agiam dessa maneira estava um cozinheiro, que não aceitou aquela cura tranquilamente, mas testou o chamado remédio, e descobriu que nele havia substâncias tóxicas. Nessas circunstâncias, deve-se solicitar a prisão do vigarista. Ao mesmo tempo, veio um cavalheiro, que reconheceu o médico milagroso e seus assistentes como os ladrões que o haviam assaltado há algum tempo em uma estalagem. Os três transgressores foram levados para a prisão para enfrentar o merecido castigo.

Todos os participantes atuaram muito bem, de uma forma que não se esperaria de atores surdos-mudos. As meninas surdas-mudas, cuja pronúncia era geralmente mais clara e agradável, mereciam uma distinção especial do que os meninos, entre os quais algumas vozes duras, mas que talvez também pudessem estar relacionadas à mudança de voz. Aliás, alguém poderia fazer uma observação que, sem dúvida, era mais interessante e valiosa para o especialista do que o que estava acontecendo bem na frente da plateia. As meninas, que não estavam envolvidas na execução da peça, se destacaram sem nenhuma supervisão e, no entanto, durante todo o tempo das duas apresentações, nenhuma criança fez um único sinal, mas as conversas na língua falada eram conduzidas em voz baixa. As meninas surdas-mudas são educadas e instruídas em Milão por professoras

que, em regra, trabalham diligentemente na disciplina escolar e que, em sua total devoção à profissão e à vontade, são altamente capazes de cumprir com confiança e precisão o que por obrigação recebem de seus superiores. Para os professores cheios de devoção à causa e de prazer profissional, não há necessidade de debates intermináveis e de supervisão muitas vezes sem sentido; basta que o princípio do método de articulação seja claro e a aplicação do mesmo seja ordenada, com meticuloso cuidado, mantendo afastado o que é contrário à natureza desse método. Diligência, paciência e adesão incondicional e escrupulosa às diretrizes dadas são requisitos que devem ser impostos ao professor de uma escola para surdos-mudos estabelecida pelo método alemão, para que algo digno de nota seja alcançado. As mulheres geralmente trazem essas virtudes para a profissão de professora, por isso também se saem muito bem no ensino de crianças surdas-mudas e são de considerável importância educacional para os alunos mais jovens, para cuja orientação, acima de tudo, é necessária uma mão gentil, a qual muitas vezes é subestimada.

Não me parece supérfluo enfatizar tais fenômenos e trazê-los a um conhecimento mais geral, porque os indivíduos ainda questionam o uso bem-sucedido de professoras nas escolas para surdos-mudos. Esta questão foi trazida a mim quando me informei das realizações altamente louváveis das duas aprendizes que trabalhavam na instituição Riehen; e outras experiências e estudos reforçaram em mim a convicção de que o gênero feminino, em particular, é excelente para a educação e o treinamento intelectual de crianças surdas-mudas, e que um maior envolvimento do mesmo neste ministério samaritano seria acompanhado por consequências benéficas.

Basileia foi cotada como local de reunião para o próximo congresso que ocorrerá em 1883. Infelizmente, essa sugestão na instituição de surdos-mudos de lá, como deve ser considerada, não encontrou a acomodação desejada e esperada, de modo que essa cidade teve que ser retirada e o Comitê Organizador se viu forçado a negociar mais sobre esse assunto. Desejamos de todo o coração que a escolha recaia sobre outra cidade alemã e que a participação de nossos colegas alemães se torne bastante numerosa.

O comitê definido em Milão para a organização do III Congresso Internacional de Professores de Surdos-Mudos foi composto pelos seguintes senhores: Ackers, Balestra, Buxton, Fornari, Ghislandi, Grosselin, Guérin, Houdin, Hugentobler, La Rochelle, Magnat, Marchio, Peet, Pereire, Peyron, Rössler, Tarra, Treibel, Vaisse, Vimin.

No final de minha comunicação sobre o Congresso de Milão, não quero deixar de confessar que parti para Milão sem grandes expectativas, por não ter uma opinião particularmente favorável acerca da importância prática e eficaz

de tais reuniões, e especialmente quando têm um caráter internacional. Sou da opinião de que os congressos, provavelmente, não sejam os mais adequados para uma troca mútua de ideias, para conexão de relações pessoais e também para a promoção dos interesses que lhes deram origem; agora com respeito ao significado dos estilos, comparado à importância de um trabalho profissional silencioso e conscientemente cumprido, dentro da gama de obrigações que temos, estimei como bastante baixo o valor de todas essas reuniões de associados profissionais e as considerei, pelo menos, muito dispensáveis, se não, às vezes, desvantajosas.

O desejo vivo de me permitir um certo julgamento sobre esta questão através de minha própria experiência, e também o desejo de ver com meus próprios olhos e ouvir com meus próprios ouvidos o que outras nações ensinam no campo dos surdos-mudos, suas opiniões e princípios e, acima de tudo, que ponto de vista eles tomam no momento de desenvolver e de tornar a questão mais incômoda nessa área, a saber, o uso do gesto para ensinar crianças surdas-mudas, foram os motivos que me motivaram a viajar para Milão para posicionar-me acerca dessa obra. E não tive que me arrepender dessa decisão, encontrei muito mais do que esperava, de modo que, diante das muitas experiências e sugestões que me chamaram a atenção nesta assembleia de profissionais de diferentes países, é com satisfação que aproveito esta oportunidade para expressar meus sinceros agradecimentos ao Alto Ministério de Assuntos Espirituais, Educacionais e Medicinais, que me permitiu a visita ao Congresso de Milão com digna liberalidade. Foi um lindo tempo de revigoramento espiritual, que passei em Milão na comunicação mais movimentada e na troca frutífera de ideias com profissionais corajosos, que, todos apoiados pelo mesmo amor e dedicação por sua árdua profissão, trabalharam duro para encontrar as melhores maneiras e meios para tornar os quatro sentidos a eles confiados da maneira mais racional possível, para dar a vida burguesa o mais completamente possível e abrir as graças e bênçãos da religião aos mesmos.

Até as mudanças e conversões de pessoas que vieram à tona durante o congresso abalaram minhas noções preconcebidas e finalmente as derrubaram; pois em Milão me convencia de que o trabalho leal e pouco exigente na sala de aula e o estudo silencioso são e sempre serão a coisa principal, e que todos os congressos sem essa base indispensável podem ser apenas comédias sem valor; mas o que foi pensado, testado e experimentado em casa pode ser divulgado ao público em tais reuniões, podendo ser testado lá por seu verdadeiro valor e conteúdo pelo teste da crítica, e o que é então considerado ouro genuíno, puro, que o bem comum de todos seja desfrutado em benefício das associações profissionais e para a cura e bênção daqueles a quem nosso trabalho é dedicado.

Não se podia ignorar a convicção de que os poucos dias em Milão ajudaram o método alemão a ser apreciado e reconhecido, o que, sem esse congresso, poderia ter levado anos. Já foi apontado acima que alguns membros do Congresso já passaram por um processo completo de transformação em Milão, e esses convertidos retornaram à sua terra natal como apóstolos entusiasmados do método que anteriormente combatiam. Também não posso imaginar que os oponentes do nosso processo de ensino que ainda mantêm sua opinião tenham deixado a Itália tão completamente inabaláveis em suas convicções; provavelmente não é muito distante pensar que a tremenda impressão que esta grande assembleia, em sua imposição de unanimidade e entusiasmo cativante pelos princípios que defendia, precisou evocar necessariamente, não deixaria o fundamento de seus pontos de vista intocado e, talvez, a memória do sucesso do método de articulação pura, visto em Milão, esclarecerá os últimos pensamentos e ajudará o princípio que defendemos à vitória.

Até os apoiadores e representantes do método alemão agradecerão a Milão em memória pelas diversas sugestões que receberam de lá, pelo frescor e fortalecimento espiritual que lhes foram oferecidos em abundância e pela percepção educacional das condições de ensino ali presenciadas. As informações contidas nas várias publicações especializadas raramente são capazes de nos dar uma imagem clara e correta do que elas visam e do que é feito em lugares distantes, porque a palavra, e especialmente a palavra escrita, é ambígua e, do ponto de vista do leitor, está sujeita a diferentes tipos de iluminação e avaliação, além do fato de que, às vezes, imprecisões impossibilitam a avaliação correta desde o início. Então foi, por exemplo, não é de todo desconhecido que, em muitas escolas de surdos-mudos na Itália, as tradições francesas tenham sido abandonadas e as aulas de idiomas tenham sido substituídas; o fato de esses empreendimentos terem atingido tanto alcance, com energia consistente e sucessos tão notáveis, deve ser tão novo para a maioria dos profissionais alemães quanto altamente agradável e encorajador para seu próprio trabalho. Porque o que poderia nos dar mais alegria e coragem em nosso trabalho rico em cúpulas, o que poderia nos fortalecer mais na convicção da correção de nossos princípios pedagógicos do que no conhecimento de que uma nação grande e altamente instruída, que durante longos anos fez do gesto seu princípio de ensino, abandonou-o e trouxe a pureza do método da linguagem falada e incompreendida para uma pureza ainda considerada impossível aqui e ali na terra natal de Heinicke?

Esses aspectos são bem consolidados, enchem nossas almas com nova coragem, e devem contribuir para silenciar as amargas acusações, as quais os representantes consistentes do método alemão rejeitaram repreensões fanáticas e acusações de que esses princípios tornarão impossível uma educação de base

para os surdos-mudos e irão substituí-la por apenas aparências e retórica. Na controvérsia sobre a maior excelência do método alemão ou francês, a Itália, sem dúvida, através da ação do juiz decidido manifestou da seguinte forma: a Itália abandonou a escola francesa e tornou como seus os princípios de Heinicke e se orgulha da organização de suas escolas de surdos-mudos. Este é um voto que dificilmente poderia ser desejado com mais força.

Não era segredo algum para a Alemanha o fato de que uma reviravolta no campo do ensino de surdos-mudos estava ocorrendo na França nos últimos anos, mas provavelmente será uma surpresa que havia 56 professores de surdos-mudos franceses em Milão, e entre eles vários que são cientificamente proficientes, com vasta experiência pedagógica e posição oficial de excelentes homens, que professavam o método de articulação. Certamente, não devemos esconder o fato de que na França o assunto está apenas agora no estágio de desenvolver-se; mas o Congresso em Milão deu o pontapé inicial, o que provavelmente se tornará uma avalanche dentro de alguns anos para enterrar as lições dos gestos para os surdos-mudos ensinadas na terra natal do Abade de l'Épée. O "*unitis viribus*"⁶ é realmente o lema de tais congressos, porque forças combinadas são usadas aqui para pensar ideias mais rápidas e radicais para avanços e maior reconhecimento, cuja promoção o indivíduo em seu isolamento geralmente não obtém êxito ou, pelo menos, labuta com sucessos escassos e lentos.

Há muito tempo que sou informado da necessidade de um congresso de todas as escolas de língua alemã para surdos-mudos; é por isso que agora tomo a liberdade de sugerir publicamente esse assunto e recomendá-lo para discussões gerais. Tais reuniões de professores de surdos-mudos ocorreram repetidamente na França, América, Suíça e estados alemães individuais. Não deveria ser útil se todos os professores de surdos-mudos, tanto quanto a língua alemã soa e são ensinados de acordo com o método alemão, se reúnam para uma troca mútua de opiniões? Ou talvez conosco no campo do ensino de surdos-mudos tudo seja tão perfeito e claro que exista uma unanimidade tão grande e convincente em todas as questões fundamentais que não haverá mais desejos de discutir e que não há tarefas reais para um congresso?

Os círculos interessados parecem ter uma visão oposta, como pode ser ensinado por uma visão superficial da literatura relevante e do ensino de cada instituição. Além disso, a busca e o aprofundamento da pedagogia e a consecução dos objetivos mais altos possíveis, que se tornaram particularmente populares nos últimos anos, podem muito bem ser vistos como evidência suficiente de que

6 NdT: "*Unitis viribus*" foi o lema austro-húngaro utilizado já em 1848 pelo imperador Francisco José I. Literalmente significa a "união de todas as forças". Cf. MURAD, A. **Franz Joseph I of Austria and his empire**. New York: TW Ayne, 1968.

o tempo para um congresso geral alemão de professores de surdos-mudos está amadurecido, e, com a organização e direção certas, poderá ser a maior bênção para o ensino de surdos-mudos na Alemanha. Caso essa sugestão receba de meus colegas uma recepção amigável e acolhedora, eu ficaria feliz em ter talvez servido nossa causa; se for o contrário, gostaria de ser humilde e esperar para ver se mais tarde essa ideia seja retomada e colocada em prática.

Epílogo

Acabo de ser informado pelo secretário da comissão que prepara o próximo congresso internacional de professores de surdos-mudos, Sr. Ernest La Rochelle, em Paris, que, por maioria de votos, Bruxelas será o local de reunião do congresso de 1883. As teses a serem tratadas só serão determinadas após o Congresso de Bordeaux (1881), ou após o Congresso Nacional de 1882.

RELATÓRIO DE JAMES DENISON

IMPRESSÕES SOBRE A CONVENÇÃO DE MILÃO

Obra:

DENISON, James¹. Impressions of the Milan Convention. **American Annals of the Deaf and Dumb**, v. 26, n. 1, p. 41-50, jan. 1881. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/44461118?searchText=&searchUri=&ab_segments=&searchKey=&refreqid=fastly-default%3Ad232e5004e2712f0662e260d8f8115cf2.

Tradução

Ao entrar pela primeira vez no salão onde se davam as sessões do Congresso Internacional dos Instrutores dos Surdos-Mudos, achei difícil me livrar da impressão de que eu tinha me detido no lugar errado. Não estaria me intrometendo – assim pensei por um momento – ao me deparar com uma convocação eclesiástica solene, em que se discutia pontos da doutrina ou do governo da igreja, a respeito dos quais os leigos não têm voz nem voto? Por todo lado se via coroas raspadas e batinas pretas. Os assentos ao longo do salão preenchidos por uma massa escura de sacerdotes, sentados em profundo silêncio, seus rostos lisos-barbeados em expressão de decorosa atenção. No palanque a frente presidia o abade Tarra, trajado segundo sua ordem religiosa, flanqueado em ambos os lados por indivíduos com as mesmas vestes sacerdotais, enquanto à esquerda aparecia uma fila de freiras com hábitos escuros e capuzes brancos. Estes aspectos do congresso causaram uma impressão tão surpreendente e decisiva que somente mais tarde pude observar que havia outros participantes nos procedimentos além dos padres. Possivelmente um quarto dos membros não trajavam túnicas sacerdotais.

1 NdT: James Denison (1837-1910), surdo aos 10 anos, tornou-se professor e diretor na Kendall School, irmão de Susan Gallaudet, esposa de Edward Miner Gallaudet.

2 NdT: Essa tradução foi originalmente publicada na Revista Letras Raras. RODRIGUES, José Raimundo; VIEIRA-MACHADO, Luciyenne Matos da Costa; NASCIMENTO, Gabriel Silva Xavier. Impressões sobre o Congresso de Milão. **Revista Letras Raras**. Campina Grande, v. 10, n. 3, p. 310-319, set. 2021. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/RLR/issue/view/95>.

Evidentemente, a Igreja Católica Romana, através de seus ministros e ordens religiosas, mantém uma visão tão atenta e constante sobre a educação dos surdos quanto o faz em relação à educação dos ouvintes e falantes. Também é notório que a maioria desses sacerdotes, senão todos, imprimem em seus trabalhos zelo e auto devoção honrados por muitos que acabam os imitando, ainda que não concordem com eles nas questões religiosas. Desprovidos de vínculos familiares ou de cuidados, sem entraves pela ânsia de acumular mesquinha, sem serem incomodados pelos apelos da ambição mundana, são capazes, se quiserem, de se dedicarem às suas tarefas como ninguém mais. Parece ser um fato que a maioria deles assim escolher fazer, mas o que é surpreendente, quando se considera as vantagens e oportunidades que os cercam, não é que eles tenham realizado tanto, mas que eles não tenham realizado *mais*.

Isso parece proceder, especialmente em relação àqueles que usaram o método francês, ou a linguagem de sinais como meio de instrução. Os sinais empregados por eles, tanto quanto eu poderia julgar, pareciam rudimentares e inadequados em comparação àqueles que usamos em nossas escolas americanas. Faltava-lhes polidez, refinamento, expressão. Eles empregavam uma abundância de gestos que materializavam imagens para os olhos mentais dos alunos, mas poucos que poderiam conduzi-los aos reinos superiores do pensamento. Os palestrantes do congresso que defendiam o método oral de instruir surdos-mudos insistiam, e, no que tange a este grupo de indivíduos entre os ouvintes como efeito de evidência, na inadequação, para não dizer ofensa, no uso de sinais como um meio para transmitir ideias morais e intelectuais de um tipo elevado. Em meio aos aplausos da maioria de seus ouvintes, o Abade Tarra afirmou, como um fato indiscutível, a impossibilidade de transmitir por sinais quaisquer ideias do Ser Divino, indicando como possibilidade apenas ideias grosseiras, materiais e falsas. Mas o que ele fez no intuito de ilustrar foi o sem sentido, senão enganador gesto de apontar com o dedo indicador para o teto. Se ele tivesse pedido que o Dr. Peet ou qualquer um dos *gallaudetianos* presentes fizesse o sinal apropriado, nem toda a sua eloquência e entusiasmo teriam surtido efeito para tornar seu argumento convincente. Em outros momentos, os gestos que ele empregou, para mostrar a inferioridade dos sinais em termos de clareza e precisão, foram muito bem pensados visando enfatizar suas afirmações. É possível que ele tenha cedido à farsa ou caricatura intencionalmente, mas é muito mais provável que ele tenha atribuído a si, uma ilustração para o fato que mencionei – de que os professores europeus são muito piores que nós na produção de sinais científicos. Caso a suposição correta seja esta última, por ser italiano e, conseqüentemente o mais familiarizado que possa ser com a gesticulação e, por provavelmente empregá-la de uma forma insensata e na frequência desnecessária que muitos de

nós professores fazemos, seu insucesso com os alunos no que diz respeito ao uso dos sinais, sobre o qual ele tinha tanto a dizer, pode ser facilmente explicado, e a reprovação que ele agora demonstra em relação a eles é, em parte, justificada. Digo, em parte, devido ao seu grande e notável sucesso depreendido dos esforços para ensinar a articulação³ aos surdos-mudos, que pode, naturalmente, tê-lo levado ao desfavorecimento convicto de qualquer outro método, quer ele tenha experimentado ou não.

Ao caracterizar assim o seu sucesso, não quero insinuar que seja o maior ou mais notável do seu tipo, tampouco do que o alcançado nas nossas escolas americanas com o método de sinais, pois é, no meu julgamento, um êxito menos uniforme e mais esporádico.

Em certos aspectos, os italianos, que empregavam o método oral, possuem vantagens excepcionais. Suas turmas são pequenas, e o número de professores grande. Sabe-se que há um instrutor para cada seis ou oito alunos. Foi-me assegurado por uma das professoras que, no Instituto Real em Milão, a média raramente passava de mais de três alunos por professor. O que a faz pensar ser esta, parcialmente, a razão para o sucesso incomum obtido. Sua própria linguagem, como todos admitem, é admiravelmente calculada para auxiliar seus esforços. A mobilidade extrema e expressividade do semblante italiano contribui significativamente. Logo, os gestos que os italianos usam corriqueiramente e frequentemente de forma inconsciente enquanto falam, bastariam para expressar ideias sem empregar a voz. Os italianos são sinalizadores natos. O inglês deles pode ser inútil, seu alemão impossível de entender e seu francês intraduzível, mas seus sinais compensam todos os demais. Não se confunde o que um italiano pretende dizer quando ele sinaliza. Repetidamente, na Itália, descobri que onde meus conhecimentos em inglês ou francês eram inúteis, a linguagem de sinais serviria para qualquer propósito necessário. Eu descobri que os italianos, sejam camponeses, comerciantes, funcionários de hotéis ou oficiais ferroviários, quando abordados em sinais eram ágeis para apreciar a observação feita e solícitos para responder na mesma linguagem. Lembro-me, enquanto escrevo, de uma longa e interessante conversa com um companheiro de viagem ocasional enquanto passava pelo túnel do Monte Cenis em uma linha ferroviária. Nesta viagem falamos de quase todos os assuntos possíveis que poderiam surgir em conversas entre dois viajantes, e ele me forneceu uma quantidade surpreendente, valorosa e exata de informações sobre o próprio túnel, e sobre países e cidades que ele havia visitado ao longo de suas jornadas como viajante comercial. Os sinais eram o nosso único meio de comunicação, mas foram suficientes. Acredito que

3 NdT: O termo empregado, repetidas vezes, ao longo deste texto se refere diretamente ao conjunto de práticas e métodos que visava o desenvolvimento da articulação na língua oral.

alguém que possa conversar em sinais poderia, caso queira, viajar de uma ponta da Itália à outra sem ter que recorrer à fala ou à escrita, e que provavelmente não encontraria metade dos percalços e incompreensões que viajantes estrangeiros normalmente enfrentam neste país.

Foi dito repetidas vezes pelos defensores do método oral em Milão, que eles excluíram das salas de aula todos os gestos, exceto aqueles que eram comumente usados pelas pessoas falantes. Fica perceptível que, quando o professor italiano faz essa exceção ela se torna muito abrangente. De fato, ele abre a porta para admissão de todo o vocabulário gestual empregado pelos italianos e que, dificilmente ou de forma nenhuma, é menos extenso que o usado por muitos surdos-mudos.

Certamente, sob essas circunstâncias, não parece de todo razoável que os conterrâneos do Abade Tarra atribuam, exclusivamente à articulação, todo ou qualquer sucesso por eles obtido na educação dos surdos-mudos.

Sei, por ter observado pessoalmente, que seus alunos usam sinais em maior ou menor grau nos horários fora da escola. Ao longo da semana do congresso foram realizadas várias exposições dos alunos das duas escolas de Milão para fundamentar o “método oral puro”. Enquanto ocorriam as exposições, eu costumava notar pequenos grupos de alunos reunidos fora das salas de aula, provavelmente aguardando sua vez de serem expostos. Eles falavam e gesticulavam junto o que, ainda que de forma animada, parecia mais forçado que elegante, intercalado com tentativas de fala e leitura labial. Duas ou três vezes, um grupo, ao notar minha atenção observando sua conversa, abruptamente parava com os sinais que estavam usando como parte do diálogo, provavelmente reconhecendo entre os espectadores algum membro do Congresso de agosto, no qual seus instrutores buscavam causar certa impressão. Algum tempo depois, ao me aproximar de um dos grupos, eu inquiri em sinais se eles alguma vez fizeram uso dos sinais. A resposta foi um vazio perplexo em cada rosto, e então, uma balançar negativo das cabeças de forma generalizada. Mas quando eu os lembrei do que eu havia observado há pouco, eles se declararam culpados, com um sorriso característico, como quem comeu um fruto proibido da árvore do conhecimento, e então, tivemos alguns minutos de conversa prazerosa. Possivelmente, pode ser que eles tenham falhado em compreender minha pergunta a princípio ou tenham a compreendido de forma equivocada. Agora, pode não ser apropriado inferir que os sinais não fossem inteiramente desconhecidos dentro das salas de aula, já que eles eram tão frequentemente empregados fora delas, mas é difícil me abster de tal dedução.

Essas exposições, entre as quais eu incluo a performance teatral apresentada pelos alunos do Instituto Real durante a qual a fala foi utilizada,

intensificou o entusiasmo dos defensores da *la parole*⁴, e suscitou a admiração e o encanto da parte não profissional do público. Mas se eles ficaram aquém de alcançar a medida desejada de sucesso em seu objetivo principal – que era convencer, todas as pessoas profissionalmente envolvidas na instrução dos surdos-mudos, da superioridade incontestável do método oral sobre todos os outros métodos ou sistemas – um dos motivos se deve ao fato de ter se instaurado até o último momento nas mentes de alguns dos instrutores mais experientes e observadores presentes, uma incerteza frequentemente somada a uma falta positiva de confiança em determinar se tudo era exatamente o que parecia ou era apenas uma encenação. Havia evidências de uma longa preparação, muita dissimulação e manejo pessoal para causar o efeito mais impressionante. Havia, em cada caso exibido, uma ausência aparentemente orquestrada de informações especialmente vitais e determinantes. Na dramática exposição, as maiores ovações da noite se destinaram aos alunos que – conforme me informaram meus vizinhos, eles mesmos italianos e professores de articulação – não eram surdos congênitos, e provavelmente aprenderam a fala antes de ingressarem na instituição. Não teria sido mais justo, para não dizer mais sábio, ter apresentado para tais fins apenas aqueles cujo ensino da articulação teria dado conta de tudo, e a capacidade prévia de ouvir não teria propiciado nada?

Havia uma abundância de materiais apropriados nos institutos de Milão, e, fora deles, alguns casos realmente surpreendentes de sucesso alcançado através do método oral chegaram à minha observação. Conheci um jovem tão habilidoso em leitura labial, e cuja voz detinha tamanha flexibilidade e excelência, que seria possível conversar com ele por muito tempo até que se descobrisse que ele era totalmente surdo. Ele me disse que em sua profissão, que era a de fotógrafo, ele nunca teve que recorrer à escrita. Deveras, duvido que ele precisasse recorrer a ela mesmo por razões coloquiais. Ele fez questão de estar presente nas sessões do congresso, onde suas habilidades de leitura labial o permitiam compreender os trabalhos quando se falava em italiano. Eu o observei, certo dia, no centro de um círculo de falantes entusiasmados, perguntando e respondendo questões relacionadas à *la parole* com uma rapidez inimaginável em alguém tão surdo. Nascido surdo, até os dez anos de idade ele era incapaz de falar uma palavra sequer. Por dez anos seguintes ele esteve sob instrução na escola do Abade Tarra. No que diz respeito a inteligência e conhecimentos gerais ele se equiparava a

4 NdT: O termo aqui empregado pode ser compreendido com pelo menos dois sentidos. Pode remeter a distinção saussuriana da dicotomia *langue/parole* no qual *parole* consiste em realizações idiossincráticas e individuais, atos de fala. Ao mesmo tempo brinca com o jogo de palavras do italiano em que *la parole* pode ser traduzido como “a voz” ou a “palavra”, esta última retomando a analogia cristã religiosa em referência às características já descritas sobre o congresso de ênfase na associação entre palavra e pensamento como dádiva divina concedida ao humano.

qualquer um. No entanto, me pareceu sugestivo o fato de que frequentemente eu via ao seu lado, aparentemente seu parceiro preferido, um surdo-mudo igualmente inteligente, que passou pelo mesmo curso de instrução, mas usava sinais e escrita quase o tempo todo, por considerar sua voz inútil para fins de conversação e a si mesmo um fracasso como leitor labial.

Outra vez, observei um grupo de quatro homens se aproximarem de um fiacre⁵ na porta do Hotel Pozzo. Reconheci um deles como aluno de uma das escolas italianas. Ele conduziu seus companheiros até à carruagem, sentaram-se lá dentro e ele falou com o boleeiro, aparentemente a respeito da rota e pagamento, deu a ordem para partir e, enquanto o veículo desaparecia, ele se ocupava em conversar com os três companheiros. Ele assimilou as maneiras e trejeitos dos outros tão completamente, que parecia absolutamente incrível que ele tivesse sido forçado a usar os olhos como eles usam os ouvidos. Eu o vi repetidas vezes daí em diante, ele sempre se valia dos olhos e da voz – nunca sinalizava – e praticamente se virava em todos os aspectos como se pudesse ouvir tão bem quanto qualquer outra pessoa, e, devo acrescentar, como se fosse tão bom quanto qualquer pessoa.

Havia muita coisa interessante no Congresso. Os palestrantes eram geralmente entusiasmados, fervorosos, convincentes, e frequentemente eloquentes. Caso alguém divagasse, ainda que suas intenções estivessem de acordo com a maioria entretida, seria calado sem excessiva cerimônia. O senhor Magnat, de Paris, tomou a precaução de imprimir um volume dissertando sobre os assuntos antes do congresso, na expectativa de que os presentes o ouvissem ler em admirado silêncio, mas rapidamente votaram para que ele retornasse ao seu assento, o que ele fez com semblante expressivo de extrema indignação, e murmurando ameaças de retaliação. Os organizadores pareciam bem resolvidos que, o que quer que se dissesse sobre o Congresso Internacional, o crime abominável de ser enfadonho jamais lhe seria imputado. É verdade que foi um acontecimento unilateral, em que os defensores do método oral conduziram desde o princípio de sua maneira, mas não se tratava de maneira alguma do triunfo da força bruta. Seus homens mais hábeis, mais enérgicos e mais eloquentes estavam presentes. O próprio Abade Tarra era um anfitrião: entusiasmado, cativante, eloquente, constantemente seguro na defesa do seu sistema favorito, sempre pronto para interpor seu escudo de presidente do congresso, contra qualquer investida divergente. A plenitude com a qual ele se identificava com seus objetivos e mecanismos poderia sugerir, apropriadamente, que o encontro de Milão fosse renomeado de Congresso *In-tarra-nacional*. O

5 NdT: Trata-se de um tipo antigo de carruagem de aluguel com boleia aberta e puxada por um cavalo, muito comum antes da introdução do automóvel.

presidente Tarra tinha um hábil assessor na secretaria francesa, o abade Guérin, proveniente de Bordeaux, cujos olhos escuros e melancólicos, rosto nobre e presença imponente só cativavam menos os olhos que o fluxo suave e persuasivo de frases que saíam de seus lábios encantando os ouvidos, fisingando onde os olhos não convencessem. Depois, havia o Hugentobler, de Lyon, que, embora tenha falado comparativamente pouco, fez com que esse pouco falasse muito. Também digno de menção nesta filiação, era o abade Balestra, apropriadamente brindado em um de nossos jantares como “O Cavaleiro Errante de La Parole”, a lança cuja brilhante eloquência, por vezes vagante, estava sempre ao serviço de sua enamorada. Impressionou-me também o peso dado pelo semblante firme e sério dos apoiadores à causa da articulação, tais como o Sr. e a Sra. St. John Ackers, abastados e de elevado padrão social.

Este pode ser o lugar apropriado para mencionar os irmãos franceses de São Gabriel. Eram dezoito presentes no congresso, sempre disponíveis, e assistiram os trabalhos de forma atenta e inquieta. Como grupo religioso, eles, como compreendo, devotaram-se à instrução dos surdos-mudos, empregando o francês antigo ou método de sinais. Seus rostos eram de expressiva gentileza e benevolência. Muitos dos sinais que eles utilizavam, eram aqueles que Gallaudet e Clerc originalmente importaram da França, e minha familiaridade com estes sinais e o fato de eu ser americano, tornou-se um passaporte em seu favor e um incentivo à sociabilização. Eu presumi que eles estivessem insatisfeitos com a parcialidade, em relação ao sistema oral evidenciada no evento, por se tratar de um grupo oficial. E que suas perspectivas sobre a educação se alinhavam com as expressas pelos senhores Gallaudet e Peet. Conforme um deles me confidenciou, o fato de o italiano ter sido eleito língua do congresso ao invés do francês como se esperava, os colocou em grande desvantagem em qualquer esforço para defender seu sistema e os princípios a ele atrelados. Não obstante, era evidente que pretendiam se pronunciar antes do encerramento dos trabalhos. E assim ocorreu, finalmente. Foi com muito interesse que observei um irmão de cabelos brancos, com rosto magro e gasto pelas vigílias da madrugada ou excesso de jejuns, emergir do grupo de São Gabriel e se dirigir ao palanque. Foi com grande surpresa, no entanto, quando compreendi que seu discurso consistia em uma reformulação dos erros do método francês, e um reconhecimento incondicional da superioridade do método italiano. Percebi que não havia unanimidade de apoio ao seu discurso entre os demais irmãos de São Gabriel, mas ninguém se pronunciou. Pode ser que o rito os tenha induzido ao silêncio por se tratar de um irmão mais velho e de posto possivelmente mais alto. A retórica dos articulacionistas e os resultados que eles apresentaram, devem ter sido mais surpreendentes e convincentes para ele do que para nós transatlânticos. Não

há outra explicação para uma mudança tão radical e inesperada de opinião considerando sua longa experiência de vida e observação.

No entanto, houve momentos em que os membros do congresso, mostraram-se esgotados pela apresentação incessante de argumentos provando, ou tentando provar a superioridade incontestável de *la parole*, e deduzi que receberam de bom grado quando o presidente Gallaudet fez a leitura em francês do seu artigo sobre Ensino Superior e a Universidade Nacional dos Surdos-Mudos. Suas atenções lhe foram completamente direcionadas com interesse, e ao final houve uma calorosa onda de aplausos e votos de agradecimento.

Caminhando para o fim deste artigo, desejo informar, a todos que se deram ao trabalho de lê-lo, que tenho consciência tanto quanto vós, do meu fracasso em assumir um posicionamento exato e definitivo em relação aos dois métodos, aparentemente antagônicos, isto é, o sistema de articulação e o de sinais. Isto se deve ao fato de eu considerar que ambos os sistemas apresentam vantagens e desvantagens. Caso eu me detivesse em observar apenas um lado, não incorreria em expressar opiniões menos corretas, mas elas certamente teriam sido mais deliberadas e ancoradas nos aspectos positivos. Mas, como diz Arthur Help? “O conhecimento traz inquietações, exceções e limitações, as quais, ainda que em alguns casos conduzam à verdade, constituem, em sua totalidade, obstáculos para assunções resolutas”.

Na verdade, embora eu suspeite que muito tenha sido reivindicado em favor da articulação em Milão, sei que nos Estados Unidos essas discussões não tiveram o mesmo espaço até muito recentemente. A linguagem gestual apresenta vantagens incomparáveis no que diz respeito à instrução, mas não ocupa ainda um lugar subordinado no contexto da sala de aula? É fato que não se deva permitir que ela usurpe o lugar da soletração manual e da língua escrita. Em muitas das salas de aulas americanas ela tem sido empregada incansavelmente e de forma desnecessária. Um tempo precioso e oportunidades valiosas de incutir nos estudantes uma noção correta e bom uso da língua são desperdiçados. Surdos-mudos têm sido designados como professores quando sua única qualificação se resume a serem sinalizadores hábeis. Professores falantes têm sido pagos proporcionalmente à sua fluência em sinais, e não de acordo com sua prática de excelência em sala de aula.

Antes da publicação do relatório do presidente Gallaudet, sobre sua visita às escolas europeias de articulação, ser publicado em 1867, a ideia de ensinar aos surdos a falarem tinha pouco incentivo na maioria das instituições americanas. Os argumentos em favor deste tipo de instrução eram ridicularizados e combatidos. O modo antigo de ensino, não era simplesmente o melhor: era o único. Novos professores e dirigentes das instituições tinham que seguir os

passos de seus predecessores. Eles tinham que jurar fidelidade às tradições do velho *régime*, do contrário, qualquer esperança de ingressar nos recintos sagrados lhes seria negada. Apresentado como um auxílio temporário para a aquisição da língua escrita, e a ser descartado quando não mais fosse necessário, o ofício dos sinais nos mecanismos e economia da instrução foi potencializado e seu lugar elevado de servo do sistema, engrandecido e ferrenho, até tornar-se o próprio sistema e, como tal, com suas vantagens e lugar de prioridade, ter de ser adotado por qualquer um que desejasse ensinar aos surdos-mudos como usar a língua de seu país. O que remete à história contada por Longfellow em *Hyperion*⁶, acerca da esposa do vigia da torre em Warblingen, que engordou de tal forma que não cabia mais nos corredores estreitos das escadas. E quando seu marido faleceu, seu sucessor foi forçado a casar com a viúva obesa na torre.

Quando relegamos aos sinais o lugar de subordinação, ao qual eles propriamente pertencem, e concedemos ao alfabeto e à língua escrita a proeminência e o efeito que lhes são atribuídos, pode-se esperar resultados mais satisfatórios. E os que aderem à outros métodos ou sistemas terão menos fatores, do que têm agora, para criticar no nosso, à medida em que se percebam compelidos a compará-lo com o método oral puro, para reconhecer – o que cremos ser verdade – que aquele é superior e pode ser aplicado com sucesso na educação de todos os surdos-mudos, sem que se exclua ninguém.

6 NdT: Trata-se de um dos primeiros trabalhos publicados em 1836 por Henry Wadsworth Longfellow, um romance em prosa inspirado em suas viagens pela Europa, incorporado, posteriormente, ao seu primeiro volume de poemas intitulado “Voices of the Night”, em 1839.

RELATÓRIO DE EDWARD MINER GALLAUDET

A CONVENÇÃO DE MILÃO

Obra:

GALLAUDET, E. M¹. The Milan Convention. **American Annals of the Deaf and Dumb**, v. 26, n. 1, p. 1-16, jan. 1881. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/44461114?searchText=&searchUri=&ab_segments=&searchKey=&refreqid=fastly-default%3Ac71ebc12f3d7b9ed7184bf787ebb343d.

Tradução²

Os leitores dos *Annals* se lembrarão que, no verão de 1878, durante o andamento da Exposição Universal Francesa, foi convocada às pressas uma reunião de instrutores de surdos-mudos, à qual foi dado o nome dominante da Convenção Internacional (Congrès Universel). Vinte e sete professores compareceram a essa reunião, dos quais vinte e três eram da França; Suécia, Áustria, Suíça e Bélgica, cada um fornecendo um único delegado. O caráter da assembleia, portanto, não correspondia ao seu título e, como tentativa de representação da obra e de vários métodos de ensino de surdos-mudos no mundo, bem como das opiniões dos instrutores, a Convenção de Paris foi uma falha. Além disso, é sabido que a administração da Convenção estava nas mãos dos promotores da articulação e, mais especialmente, sob o controle de representantes da Sociedade Pereire (Société Pereire), uma associação estabelecida há alguns anos desde Paris com o objetivo de garantir o reconhecimento de Pereire como o primeiro professor de surdos-mudos da França e de promover a adoção geral do método oral, praticado por Pereire. Provavelmente não é tão conhecido que vários bisnetos de Pereire estão morando agora em Paris; que eles estão

1 NdT: Edward Miner Gallaudet (1837-1917), filho de Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851) e da surda Sophia Fowler Gallaudet (1798-1877), foi o primeiro diretor do Gallaudet College, posteriormente Gallaudet University. Edward foi casado com Jane Melissa Fessenden (1837-1866) e com Susan Skinner Denison (1847-1903) após enviudar do primeiro casamento em 1866. Sobre os primórdios da Gallaudet University e dados biográficos da família Gallaudet: <https://ssl.gallaudet.edu/gupress/excerpts/HOGU.pdf>.

2 Realizada por Gabriel Silva Xavier Nascimento.

unidos em uma empresa bancária muito rica e que têm contribuído com grandes quantias de dinheiro nos últimos anos para o apoio da Sociedade Pereire e da Escola Pereire para surdos-mudos, da qual o Sr. Magnat é o diretor.

A Convenção de Paris nomeou um comitê de doze de seus próprios membros para fazer arranjos para uma segunda reunião internacional. Dos que compunham esse comitê, onze eram da França, e uma grande maioria era fervorosa promotora do método de articulação. Milão foi escolhida como o local em que a Convenção de 1880 deveria ser realizada, nesta cidade se encontram duas instituições anteriormente conduzidas segundo o método do Abade de l'Épée, mas que, nos últimos dez anos, deram o maior possível destaque à articulação.

Quando a Convenção foi organizada, o diretor de uma das escolas de Milão, o Abade Tarra, foi nomeado presidente; e o instrutor líder da outra escola, o professor Fornari, foi nomeado secretário. Dos quatro vice-presidentes e quatro vice-secretários, sete foram partidários da articulação.

Dois dias antes da abertura da Convenção foram dedicados a exames públicos das escolas de Milão, nas quais os delegados foram sinceramente convidados a comparecer; e durante metade de cada dia em que a Convenção estava em sessão, não foram realizadas sessões, a fim de deixar os membros livres para visitar as escolas de Milão.

Todos esses fatos são mencionados para mostrar – o que certamente não pode ser contestado – que, ao estabelecer a Convenção, os promotores da articulação garantiram a si mesmos todas as vantagens possíveis, transmitindo um caráter partidário a todo o caso desde o início. E a sequência provará que a Convenção de Milão não era mais internacional ou representativa em sua composição do que a de Paris; que suas declarações formais não devem mais ser interpretadas como representando os sentimentos dos professores de surdos e mudos em todo o mundo quando são resoluções de uma convenção de indicação de um partido que pretende ser considerada como uma expressão justa das opiniões de toda a comunidade.

E, no entanto, um jornal de menos proeminência e influência do que o *London Times*³ anuncia seriamente, em um editorial publicado poucos dias após o encerramento da Convenção de Milão, que “nenhum órgão representativo poderia ter sido coletado além do que Milão declarou para ensino oral para surdos, e para nada mais que o ensino oral”, e fala da ação da Convenção como expressando uma “unanimidade virtual de preferência pelo ensino oral parece abafar todas as possibilidades de oposição”⁴.

3 NdT: Edward Gallaudet faz referência a matéria publicada no **Times' Leader**, de 28 de setembro de 1880. Disponível em: <https://www.newspapers.com/search/?t=7857&ymd=1880-09-28>.

4 NdT: A notícia em questão e, especificamente, esse trecho é recordado também em um artigo de David Buxton, um dos defensores do método oral e participante do Congresso de Milão.

Com tanta estupidez, se é que não é pior, por parte dos condutores de uma das principais revistas do mundo, não é fácil ser paciente.

Se os editores do *Times* tivessem se esforçado ao máximo para investigar, saberiam que, dos cento e sessenta e quatro membros ativos da Convenção, *oitenta e sete*, ou uma clara maioria de dez, eram da Itália; que *cinquenta e seis* eram da França, fazendo, com os membros italianos, a maioria dos *sete oitavos*; que, dos oito delegados ingleses, seis eram articulacionistas ardentes e apenas dois favoráveis a qualquer outro método – uma proporção que deturpa inteiramente o sentimento atual dos professores ingleses de surdos; que a única delegação verdadeiramente representativa presente foi a dos Estados Unidos, composta por cinco membros, devidamente credenciados na reunião de Milão por uma Conferência de Diretores de Instituições Americanas para Surdos e Mudos realizada em Northampton em maio passado, na qual os apoiadores de vários métodos de instrução atualmente utilizados neste país (incluindo todos os que são conhecidos no mundo) se reuniram em conselho amistoso; que os delegados americanos representavam cinquenta e uma escolas, contendo mais de seis mil alunos – um número maior do que o representado por todos os outros cento e cinquenta e nove delegados juntos; que a Convenção permitiu que os delegados americanos fossem derrotados na proporção de quase *dez para um* pelos representantes das duas escolas de Milão, obtendo *quarenta e seis* cadeiras na Convenção.

Possivelmente, se todos esses fatos tivessem chegado ao conhecimento dos editores do *Times* antes da publicação do artigo citado acima, menos poderia ter sido dito sobre o caráter “representativo” da reunião de Milão.

E não nos esqueçamos do “*The Thunderer*” da Grã-Bretanha, pois ele é infeliz nos correspondentes que emprega, bem como em sua equipe editorial.

Em um relato sobre os exames públicos das, assim chamadas, escolas de Milão, realizados nos dois dias anteriores à montagem da Convenção, o repórter do *Times* diz:

“Note-se que o meio de exame – o único meio de comunicação, de fato, entre aluno e examinador, professor ou visitante – foi o discurso – discurso sozinho. Toda palavra do exame foi proferida audivelmente; toda palavra da

Comentando sobre eventos de educação de surdos e do impacto de Milão, afirma Buxton (1883): “[...]com muito mais resultados surpreendentes do que em qualquer outro lugar, num Congresso Internacional realizado em Milão há dois anos, no qual estive oficialmente presente, quando o sistema ‘oral puro’ foi exemplificado nos seus alunos, defendido pelos seus professores e aprovado pelo consenso de muitas nações e por uma votação de 160 a 4, de uma maneira que inquestionavelmente efetuou em uma semana o que poderia ter levado mais um quarto de século para acontecer” (p. 42). BUXTON, D. Notes of progress in the education of the deaf. *American Annals of the Deaf and Dumb*, v. 28, n. 1, p. 37-47, jan. 1883. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/44460872.pdf> .

resposta foi falada da mesma maneira, audível e em voz alta. Não houve sequer neste país, onde gesto e ação acompanham a fala com tanta frequência, o mínimo recurso a sinais ou a linguagem dos dedos. * * * As crianças surdas foram abordadas como se não fossem surdas, na língua falada, e todas responderam na língua falada, embora em nosso país as chamemos de idiotas”.

Agora, embora tudo isso fosse verdade, o escritor de cartas inglês falhou em relatar que os exames seguiam de muito perto os programas impressos; que as respostas foram, em muitos casos, iniciadas antes de o examinador concluir sua pergunta; que nenhum exame real foi feito por pessoas externas; que a muitos alunos foram feitas muito poucas perguntas, enquanto outros foram examinados longamente; que essas discriminações foram feitas pelos professores em todos os casos; que nenhuma informação foi dada sobre a história de qualquer aluno – ou seja, se a surdez era congênita ou adquirida e se a fala havia sido desenvolvida antes da perda da audição ou não; que a impressão foi, portanto, que procurou-se transmitir ao público que todo o discurso de todos os alunos foi transmitido por seus professores, o que certamente não era o caso. Em vista de tudo isso, não hesitamos em caracterizar esses chamados exames como meras exposições, mereciam ter muita pouca influência ao observador profissional.

Os trabalhos da Convenção começaram ao meio-dia de segunda-feira, 06 de setembro, e todo o tempo da sessão daquele dia foi consumido em discursos de cortesia e na eleição das funções oficiais.

Os assuntos apresentados para discussão pela Comissão de Organização foram agrupados em quatro classes, a saber: (1) Os relacionados a instituições e todos os arranjos materiais para a acomodação de internos; (2) tudo sobre os detalhes da instrução; (3) os vários métodos de ensino; (4) perguntas especiais.

Depois do que foi dito sobre a organização e aparência da Convenção, não surpreenderá ninguém que, dentre os muitos tópicos sugeridos no programa, o dos métodos de instrução tenha absorvido o tempo da Convenção com a exclusão de quase tudo.

A discórdia foi iniciada no segundo dia com a apresentação de um volume impresso de cento e dezesseis páginas, preparado pelo Sr. Magnat, diretor da escola Pereire para surdos-mudos em Paris. Nesta brochura, todos os tópicos incluídos nos três primeiros grupos foram tratados *in extenso*. Uma pequena parte apenas deste volume foi lida na Convenção. Como evidência da *entente cordiale*⁵ existente entre o chefe da família Pereire e os que estão sob seu patrocínio, a dedicatória deste volume:

5 NdT: Série de acordos assinados em 8 de abril de 1904 entre o Reino Unido e a França. Além das preocupações imediatas de expansão colonial abordadas pelo acordo, a assinatura da Entente Cordiale marcou o fim de quase um milênio de conflitos intermitentes entre as duas nações e seus Estados antecessores, e a formalização da coexistência pacífica que já existia desde o fim das guerras napoleônicas em 1815.

“A Eugène Pereire, Presidente do Comitê de Organização do Congresso Internacional de Milão. Tributo de perfeito enlaçamento. Magnat.”

A Sra. B. St. John Ackers, conhecida pelos leitores dos *Annals* como uma talentosa senhora inglesa que há alguns anos supervisiona a educação de uma filha surda, leu um artigo sobre o “Desenvolvimento mental dos surdos sob o método alemão”.

A sra. Ackers foi seguida pela senhorita Susanna E. Hull, de Londres, dona de uma escola particular para surdos-mudos, em um artigo intitulado “Minha experiência com vários métodos de educação de surdos”.

Ambas as senhoras em linguagem eloquente falaram da superioridade do método alemão ou oral sobre o francês ou o método dos sinais, mas nenhuma reconheceu a objeção que pode ser levantada contra o método oral para *todos* os surdos-mudos: que, de fato, uma grande proporção de surdos é incapaz de alcançar algum sucesso real na fala e na leitura labial.

O autor deste artigo opôs-se ao uso do método alemão ou francês, excluindo-se um ao outro, e advogou um sistema combinado⁶, no qual todos os meios disponíveis deveriam ser empregados, sendo sabiamente adaptados às diversas condições daqueles que serão ensinados.

Ele admitiu a propriedade de se manter escolas nas quais o método oral deveria prevalecer, mas insistiu que, ao mesmo tempo, outras escolas fossem fornecidas para o benefício daqueles que são incapazes de obter sucesso na fala.

Esses pontos de vista, no entanto, encontraram pouco favor na Convenção e, após um debate, absorvendo três dias inteiros, nos quais o presidente, o Abade Tarra, foi o orador mais proeminente, ocupando mais de duas horas em dois dias sucessivos, foram adotadas as seguintes resoluções, as únicas vozes negativas foram as dos delegados americanos e um delegado inglês, Sr. Kichard Elliott,

6 NdT: Sobre o “sistema combinado” é importante compreender sua sistematização por parte de Edward Gallaudet. GALLAUDET, E. M. Remarks on the Combined System. **American Annals of the Deaf and Dumb**, v. 26, n.1 p. 56-59, jan. 1881. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/44461120?searchText=Remarks+on+the+Combined+System&searchUri=%2Faction%2FdoBasicSearch%3FQuery%3DRemarks%2Bon%2Bthe%2BCombined%2BSystem&ab_segments=0%2Fbasic_search_gsv2%2Fcontrol&refreqid=fastly-default%3Af1622c10a8d9d79538d1f0f785e75ce6. GALLAUDET, E. M. The Combined System of Instruction. **American Annals of the Deaf**, v. 36, n. 4, p. 255-266, oct. 1891. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44464040>. GALLAUDET, E. M. **The Combined System of Education the Deaf**. Washington, Gibson Bros., Printers and Bookbinders, 1891. Disponível em: <https://gaislandora.wrlc.org/islandora/object/rarebooks%3A74/datastream/PDF/view>. GALLAUDET, E. M. What is the Combined System?. **American Annals of the Deaf**, v. 40, n. 1, p. 31-35, jan. 1895. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/44463583?searchText=What+is+the+Combined+System&searchUri=%2Faction%2FdoBasicSearch%3FQuery%3DWhat%2Bis%2Bthe%2BCombined%2BSystem%253F&ab_segments=0%2Fbasic_search_gsv2%2Fcontrol&refreqid=fastly-default%3A2fe7ce5c3e6a36e9066132c550cf7c6b.

diretor da antiga instituição de Londres:

1. “A Convenção, considerando a superioridade incontestável da fala sobre sinais, (1) para restaurar surdos-mudos à vida social, (2) por lhes proporcionar maior facilidade de linguagem, declara que o método de articulação deve ter preferência sobre o de sinais na instrução e educação de surdos e mudos”.

2. “Considerando que o uso simultâneo de sinais e fala tem a desvantagem de prejudicar a fala, a leitura labial e a precisão das ideias, a Convenção declara que o método oral puro deve ser preferido”.

No quinto dia da reunião, o escritor deste artigo foi convidado pelo Presidente a ler uma comunicação que havia preparado sobre a educação colegial de surdos e mudos, sugerido pela segunda das perguntas especiais propostas no programa:

“Onde e como aqueles que a surdez impediu de seguir os estudos clássicos recebem uma educação equivalente à das escolas superiores abertas a estudantes de ouvintes e falantes? Deveria estar em um departamento superior das instituições para surdos e mudos, ou em uma instituição especial? Com instrutores especiais ou comuns?”

O escritor argumentou a favor do estabelecimento de faculdades para surdos nos vários países da Europa, e sustentou que, mesmo com a maior facilidade possível em discursos e leituras, o número de estudantes surdos que poderiam passar com êxito por uma faculdade comum seria muito pequeno. O esforço para dar o ensino superior em cada instituição ao mero punhado que seria capaz de recebê-lo foi considerado caro e impraticável. O escritor demonstrou a praticabilidade de suas ideias, apresentando uma história do progresso bem-sucedido, durante os últimos dezesseis anos, do National Deaf-Mute College, em Washington.

A sugestão da fundação de faculdades para surdos na Europa foi calorosamente endossada pelo Sr. Hugentobler, de Lyon, Padre Marchiò, de Siena, e pelo Abade Balestra, de Paris. O Presidente agradeceu a Convenção pelo trabalho sobre Educação Colegial e desejou uma cópia para publicação.

Sugeriu-se que a Convenção expressasse formalmente sua aprovação da ideia de estabelecer faculdades para surdos na Europa, mas o Sr. Treibel, de Berlim, seguido por outros, pedia que o ensino superior não fosse realizado na Europa enquanto muitos surdos-mudos não conseguiam garantir nem mesmo a educação primária.

A discussão sobre o assunto foi encerrada com a adoção do seguinte: “Considerando que um grande número de surdos-mudos não recebe o benefício da instrução, e que isso se deve à pobreza de suas famílias e à falta de instituições adequadas, a Convenção decide que os governos devem tomar as medidas

necessárias para que todos os surdos e mudos recebam instrução.”

O escritor teve o prazer de declarar à Convenção que a disposição exigida pela resolução já foi feita, com raras exceções, em todos os Estados da União Americana. O restante da sessão de sexta-feira foi ocupado na discussão de alguns detalhes no trabalho de ensino, mais especialmente no que se refere ao ensino de gramática.

No sábado, dia de encerramento da reunião, foram adotadas resoluções solicitando a elaboração de livros didáticos especiais para serem usados no ensino de surdos-mudos pelo método oral; recomendando a entrada de alunos na escola entre oito e dez anos e sua continuidade sob instrução por pelo menos sete anos; aconselhando que não mais que dez alunos sejam designados para um instrutor e aconselhando uma substituição gradual e progressiva para o método oral em instituições nas quais ele não está atualmente empregado.

Foi decidido que a próxima Convenção Internacional deveria ser realizada em Basileia, em agosto de 1883, e após os habituais discursos e resoluções complementares, a Convenção foi encerrada.

Os seguintes documentos preparados para a Convenção não foram lidos, mas serão publicados nos autos: “Vantagens para os surdos do sistema ‘alemão’ ao longo da vida” por B. St. John Ackers; “Sobre a educação de surdos”, de Arthur A. Kinsey, diretor do Colégio de Treinamento para Professores de Surdos, sobre o método alemão, Ealing, perto de Londres; “Discurso e leitura labial para surdos. Testemunho de um professor sobre o sistema alemão”, de David Buxton, Ph. D., secretário da Sociedade para a Formação de Professores de Surdos e Difusão do Sistema “alemão” no Reino Unido; e “The Combined System”, do venerável e eminente monsenhor De Haerne, de Bruxelas, cujos trabalhos e escritos em favor da educação dos surdos-mudos são tão conhecidos e apreciados nos Estados Unidos.

O fato de o comitê organizador não ter acolhido a leitura deste último artigo é uma prova adicional do caráter partidário da administração da Convenção, pois, na discussão da questão dos métodos, nove décimos do tempo foi ocupado pelos defensores do método oral puro. No entanto, não é difícil entender que, em uma convenção amplamente composta por eclesiásticos da Igreja Romana, os promotores do método oral puro deveriam ter preferido que uma autoridade tão alta como o monsenhor De Haerne não fosse ouvida em oposição a seus pontos de vista. Se ele estivesse presente na Convenção, é provável que a maioria a favor do método oral puro fosse consideravelmente menor do que era. E, nesse contexto, somos obrigados a mencionar um fato que não deixa de ter um certo significado na estimativa do valor a ser colocado nas conclusões da Convenção.

A maioria dos delegados franceses era membro de uma ordem eclesiástica

chamada Irmãos de São Gabriel⁷. Muitos desses irmãos expressaram livremente a opinião em conversas particulares de que sinais não poderiam ser dispensados na instrução de surdos-mudos e também de que nem todos os surdos-mudos poderiam ter sucesso sob o método oral. Eles não participaram do debate até o final, quando Frei Hubert, inspetor das escolas sob a direção dos Irmãos, levantou-se e anunciou sua conversão ao “método oral puro”, encerrando seu pequeno discurso agradecendo a Eugène Pereire, por cuja liberalidade os membros de sua irmandade foram autorizados a visitar Milão e participar da Convenção. E nem um irmão de São Gabriel votou contra o método de Pereire.

Tendo agora apresentado uma breve descrição dos procedimentos da Convenção e demonstrado, como acreditamos, que era totalmente partidária em sua administração e nem representativa em sua composição ou forma de votação, tentaremos mostrar que as declarações da Convenção (quanto aos métodos) são, em alguns aspectos, inconsistentes com as opiniões expressas de seus proeminentes apoiadores, e que essas conclusões se baseiam em premissas pouco consistentes; em suma, que eles não merecem nenhum valor junto aos amigos de surdos-mudos, amigos de mente aberta, sincera e progressista.

Se o leitor voltar às resoluções um e dois e considerá-las juntas, perceberá que não é apenas o método de articulação que tem preferência sobre o dos sinais, mas que os sinais não devem ser usados simultaneamente com a fala: em outras palavras, todo uso de sinais deve ser proibido na instrução de surdos-mudos. Que esse era o requisito do “método oral puro” que seus apoiadores mantiveram com maior seriedade em certos pontos do debate, apesar que em outros estágios da discussão, admitiu-se que os sinais são usados sob o “método oral puro” e o professor Fornari ofereceu uma resolução na qual ele se esforçava em declarar em que medida os sinais deveriam ser empregados. Esta resolução foi apoiada pelo Sr. Hugentobler e vários dos defensores da articulação mais conservadores. Mas os radicais achavam que as admissões da resolução de Fornari seriam inconsistentes com o termo “oral puro”, com o qual haviam resolvido batizar seu método e, é claro, não apoiaram a moção.

Infelizes oralistas puros! O ponto fulcral do dilema foi considerado um local de descanso desconfortável e doloroso. Se eles admitissem que os sinais eram empregados, o mundo sorriria com o uso das palavras “*oral puro*”. Se eles dissessem ao mundo que haviam banido os sinais, os registros da Convenção testemunhariam contra eles, pois se reconhecia claramente que “sinais naturais”,

7 NdT: Os Irmãos da Instrução Cristã de São Gabriel são um grupo religioso católico que teve sua inspiração com o trabalho de Luís de Montfort (1673-1716), posteriormente, refundado pelo Padre Gabriel Deshayes (1767-1841) que, antes de fazer parte do grupo, já havia criado escolas para surdos. Sobre a história desse grupo que também chegou ao Brasil em 1949. Sobre a história do grupo: <https://www.isgbrasil.org/historia>.

“aqueles que são usados e entendidos pelas pessoas que ouvem”, poderiam ser “empregados anteriormente nos estágios de instrução”.

O escritor relembra um incidente ocorrido durante a infância, quando um jovem francês, recém-chegado ao país e bastante ignorante do inglês, visitou a casa de seu pai. Esse jovem nunca tinha visto um surdo-mudo, mas, ao conhecer a mãe da família, que era muda, começou a conversar com ela por sinais e continuou a conversar por mais de uma hora sobre uma grande variedade de assuntos, fazendo, é claro, apenas os sinais “usados e compreendidos pelas pessoas ouvintes”.

É sabido que os sinais em uso entre os indígenas da América do Norte, que certamente são “pessoas ouvintes”, cobrem uma ampla gama de ideias⁸.

Mas é desnecessário aprofundar o assunto para mostrar que o chamado “método oral puro” existe apenas no nome. Não terminamos, no entanto, com as inconsistências de alguns de seus proeminentes apoiadores.

Nenhum dos delegados de Milão era mais fervoroso defensor do “método oral puro” do que o Sr. Arthur A. Kinsey, que teve a gentileza de apresentar ao escritor uma cópia do artigo que ele preparou para a Convenção de Milão⁹, a partir da qual citamos o seguinte:

“Antes de prosseguir, proponho classificar aqueles para quem trabalhamos de acordo com sua condição física e mental. Pedirei seu consentimento em colocar os simplesmente surdos de um lado, e os surdos e outras formas de aflição do outro: nesta última classe, incluo aqueles que sofrem de poder cerebral defeituoso, visão imperfeita, fraqueza constitucional extrema ou malformação grave dos órgãos vocais e articuladores.

“A primeira divisão que se propõe instruir com o sistema ‘Alemão’; a segunda com o ‘Francês’. [O itálico é nosso]

“Atualmente, as escolas especiais na Alemanha não rejeitam aqueles que sofrem outras doenças graves, além da surdez. Todos os surdos são admitidos nas vantagens da instrução, independentemente de outro defeito estar infelizmente presente.

“Mas a pergunta que desejo vos apresentar é: – Isso deve continuar?”

8 NdT: A questão da influência de sinais indígenas também na instrução de surdos foi abordada, já em 1885, em um livro que apresentava os sinais usados por surdos e outros sinais usados pelos “aborígenes”. CLARK, W. P. **The Indian Sign Language: With Brief Explanatory Notes of the Gestures Taught Deaf-mutes in Our Institutions for Their Instruction and a Description of Some of the Peculiar Laws, Customs, Myths, Superstitions, Ways of Living, Code of Pace and War Signals of our Aborigenes.** Philadelphia: L. R. Hammersly & Co., 1885. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/The_Indian_Sign_Language/d99EAAAAMAAJ?hl=en&gbpv=1&dq=the+indian+sign+language&printsec=frontcover.

9 Veja página 07 deste artigo.

“Onde o tempo, o dinheiro e o poder de ensino são limitados, onde os alunos excedem as acomodações escolares nas instituições especiais, não seria mais sábio ensinar aos que são apenas surdos com o sistema ‘alemão’ – aqueles que realmente se beneficiariam com tal instrução e colocá-la em uso prático e valioso depois na vida, – do que reter esses alunos em benefício de pessoas duplamente aflitas, que, apesar de todo esforço e habilidade, só seriam avançadas para uma *certa conquista na linguagem falada de valor insignificante e incerto*. [Novamente os itálicos são nossos]

“As crianças com as quais esse método [o alemão] é incompetente devem ser tratadas por outros meios, não exigindo tanta capacidade por parte dos aflitos”.

Se pudermos ser perdoados pelo uso de uma pequena gíria, arriscaremos a opinião de que poucos casos serão encontrados com uma “entrega” mais completa de si mesmo do que o anterior. Oralista puro e consistente! na Convenção, ele vota e grita por “la méthode orale pure” e, em seguida, envia um documento no qual se propõe estabelecer e manter escolas sobre o método “francês” ou “sinal”, no qual se reconhece que há certos surdos-mudos com quem o método “alemão” é “incompetente para lidar” e que, segundo ele, “apesar de todo esforço e habilidade, só seria avançado para uma certa realização na linguagem falada, com valor insignificante e mais incerto”. Imploramos chamar a atenção do *London Times* para esse registro e sugerir que, se o Sr. Kinsey for considerado um espécime “oralista puro”, pode haver algo não confiável nas declarações desse “órgão” representativo “que, em Milão, declarou ensino oral para surdos, e nada além de ensino oral”. Mas perdoamos o Sr. Kinsey por suas inconsistências, alegremente recebemos o seu artigo e estendemos a ele a mão firme da comunhão. Longe de ser um “oralista puro”, ele é claramente a favor de um “sistema combinado” – um sistema que acolhe todos os meios possíveis para avançar e aperfeiçoar a educação de *todos* os surdos e mudos; um sistema que aprova o estabelecimento de escolas nas quais os o método oral pode ser empregado, desde que ao mesmo tempo outras escolas possam ser mantidas para o benefício daqueles que são incapazes de obter sucesso na fala; um sistema que está em operação hoje na Nova Inglaterra, com suas escolas orais em Northampton, Boston, Portland, Providence e Mystic; com a grande e conhecida instituição de Hartford, onde o método do sinal ainda é empregado com excelentes resultados.

Para que alguns amigos do Sr. Kinsey não pensem que estamos sendo muito rápidos em colocá-lo onde o colocamos, consideraremos por um momento, antes de passar para outros assuntos, o quanto está envolvido em sua divisão de surdos-mudos em duas classes, como citado acima.

Nisto, ele mostra mais clarividência do que tínhamos lhe dado crédito, e não podemos deixar de admirar a discrição com que ele deixa uma porta aberta, e de modo algum estreita, para a saída conveniente daqueles com quem o método “alemão” é considerado “incompetente para lidar”.

“Poder cerebral defeituoso”: expressão mais felizmente escolhida! Pois é aplicável à memória imperfeita ou fraca, falta de faculdade imitativa, lentidão de apreensão, nervosismo e várias outras condições familiares àqueles que tiveram a ver com surdos-mudos. “Visão imperfeita”, incluindo “miopia”, “hipermetropia” e outros estados anormais dos órgãos visuais (comum entre surdos-mudos) que impediriam o sucesso na fala artificial, pois isso é uma conquista do olho não menos que dos órgãos vocais. A “fraqueza constitucional” forneceria uma porcentagem muito considerável de todo o número a ser educado, e deixamos cair a palavra “extremo”, pois certamente uma predisposição a resfriados, dores de garganta e afecções catarrais opera seriamente contra a obtenção da fala por surdos-mudos. E quando adicionamos aqueles que sofrem de “malformação grave dos órgãos vocais ou articuladores”, temos um agregado suficientemente grande para exigir algumas das escolas de “método francês” que Kinsey recomenda com tanta sabedoria.

Mas já foi dito o suficiente para mostrar que as opiniões expressas dos proeminentes “oralistas puros” na Convenção de Milão são inconsistentes com as “declarações” pelas quais eles votaram. Procuraremos agora evidenciar que essas declarações se baseiam em premissas inconsistentes.

Levando em consideração todo o corpo dos surdos-mudos e o tempo e dinheiro disponíveis para sua educação, não é verdade que o método baseado na fala tenha uma “superioridade incontestável” sobre o baseado em sinais.

E, antes de tudo, para a classe com a qual, sob a autoridade do Sr. Kinsey, o “método alemão é incompetente para lidar”, a bota está do outro lado¹⁰. Quanto à proporção indicada por essa classe, as opiniões diferem, mas, no julgamento de alguns dos mais capazes instrutores de articulação da Europa, supera a outra com quem o sucesso na fala é praticável.

Quanto à “superioridade incontestável” da fala, mesmo para eles, tudo depende do ambiente. Tendo em conta amplos fundos, implicando uma grande proporção de professores, e bastante tempo, implicando um longo período de treinamento escolar, a superioridade do “discurso” é admitida. Por outro lado, com um período de ensino restrito a quatro ou cinco anos e fundos tão limitados que apenas se permite um professor para vinte ou mais alunos,

¹⁰ NdT: “the boot is quite on the other leg”, ditado que sugere a alternância de situação propícia, sugerindo uma mudança em que quem era privilegiado acaba sendo prejudicado e vice-versa.

não hesitamos em afirmar que resultados de maior valor prático para o surdo-mudo podem ser atingidos e serão alcançados daqui em diante pelo método de De l'Épée do que pelo de Heinicke.

Pouco tempo depois, o escritor conheceu pela primeira vez um surdo-mudo com cerca de quarenta anos de idade, um residente de Natick, Massachusetts. Ele se comunicava conosco por sinais, através do uso do alfabeto manual e por escrito. Ele nunca havia aprendido a falar.

O que se segue pode ser tomado como uma amostra justa da capacidade desse surdo-mudo de usar seu vernáculo, enquanto os fatos trazidos darão uma ideia de seu sucesso e prazer em se misturar com aqueles que ouvem e falam. Ao apresentar as seguintes perguntas e receber as respostas, a escrita foi o único meio de comunicação:

“Você nasceu surdo?”

“Sim, senhor; nasci surdo e mudo. Posso ouvir claramente o apito alto de um motor.”

“Quantos anos você esteve na Instituição de Hartford e em que ano você deixou a escola?”

“Seis anos. Eu tinha nove anos quando fui para a escola; 1847; deixei lá em 1853. Antes de ir para a escola, minha mãe me ensinou o alfabeto dos dedos e muitas palavras, além de me ensinar a escrever. O Sr. Vice-Presidente Henry Wilson¹¹ era meu colega de escola. “

“Como você está empregado desde que deixou a escola?”

“Quando eu saí da escola, abandonei a lavoura com meu irmão depois de sete anos; deixei por causa de muito trabalho. Entrei em uma fábrica de calçados, onde trabalho há dezoito anos e ainda estou trabalhando”.

“Você já teve alguma dificuldade em ganhar o suficiente para se sustentar?”

“Não, senhor; não tive dificuldade em ganhar o suficiente para me sustentar desde que saí da escola. Agora estou em circunstâncias muito confortáveis e poderei me sustentar enquanto viver. Meus salários na loja são bons.”

“Você fez muitos amigos entre pessoas que ouvem e falam?”

“Sim, senhor; muitos. Gosto muito de me associar a eles. Eles são muito bons e gentis comigo.”

“Como você conversa com esses amigos?”

“Por escrito, e alfabeto de uma e duas mãos.”

“Quantas pessoas aprenderam o alfabeto dos dedos, para poder falar com você?”

“Muitos. Eu não consigo contar. Eles gostam muito de conversar comigo. Muitas vezes, eles me dizem o que estão falando com os outros e o

¹¹ NdT: Henry Wilson (1812-1875), vice-presidente dos EUA de 1873 a 1875.

que os outros dizem.”

“Quando uma linha de pensamento passa pela sua mente, suas ideias tomam forma em sinais ou em palavras?”

“Em palavras sempre, uma vez que é assim que minhas ideias são expressas.”

Entre os formandos das escolas de surdos-mudos deste país podem ser encontrados grandes números que tiveram o mesmo sucesso no mundo, igualmente felizes em suas relações com as pessoas ouvintes e igualmente corretos no uso da linguagem como essas pessoas, e isso é muito conhecido para ser contestado com sucesso.

Agora, se a pessoa acima descrita pudesse ter seu período de estudo estendido em cinquenta por cento. E pudesse ter adquirido a fala e a leitura labial, além do que conseguiu em Hartford, ele certamente teria sido o ganhador. Porém, com seu período escolar limitado a seis anos, talvez com apenas uma segunda ou terceira capacidade de adquirir fala, exigindo a devoção de grande parte de seu tempo à fala, não hesitamos em reivindicar a “superioridade incontestável”, no caso dele, para o método baseado em sinais. E o que é verdadeiro nesse caso se aplica a muitos outros.

Desejamos agora direcionar a atenção para algumas distorções gritantes encontradas em documentos apresentados à Convenção por alguns dos delegados ingleses, evidenciando um grau de ignorância ou descuido da parte deles que, se for para ser considerado um índice de seu método geral de investigação, responderá prontamente por esse maior de todos os erros cometidos ao atribuir uma superioridade incontestável ao método de fala em relação àquele baseado em sinais no geral.

No final do artigo da Senhorita Hull, encontramos o seguinte:

“Quando olhamos para a vida doméstica, a vida social e, acima de tudo, a vida religiosa dos surdos, vemos quão maior vantagem têm aqueles que podem conversar livremente com os outros pela fala e leitura labial, em comparação com os discípulos da linguagem de sinais, que devem necessariamente limitar suas relações dentro de um círculo – o círculo limitado – daqueles que aprenderam o mesmo modo de conversar com eles”.

O leitor deste parágrafo é claramente deixado a deduzir que um surdo-mudo, educado sem fala, não tem como manter relações com seus semelhantes, salvo pelo uso da linguagem dos sinais. Pedimos para informar à senhorita Hull que os surdos-mudos ensinados pelo “método dos sinais” aprendem a ler e escrever; que eles frequentemente mantêm, por escrito, conversas prolongadas com pessoas que ouvem; além disso, eles têm no alfabeto manual um meio de comunicação fácil e muito frequentemente adquirido por seus amigos ouvintes,

o que é, em muitos aspectos, e sob muitas circunstâncias, um meio de conversa muito mais satisfatório do que a fala e a leitura labial.

No artigo apresentado pelo Sr. Ackers, o seguinte será encontrado na página 8:

“O contraste foi mais acentuado entre aqueles ensinados pelo sistema ‘alemão’, com quem conversávamos oralmente, e aqueles que foram ensinados no sistema ‘francês’, incapazes de conversar conosco, que não estavam familiarizados com sinais e o alfabeto manual, e cujas tentativas de escrever foram mais difíceis e, em muitos casos, impossíveis de entender devido ao idioma de seu país ser para eles uma língua estrangeira. Que a língua de seu país será sempre assim, mesmo para os mais instruídos, será admitida até pelos mais fiéis defensores desses sistemas. O Dr. E. M Gallaudet reconheceu isso para mim e disse que eu poderia mencionar que mesmo alguém tão dotado pela natureza e pela educação como sua própria mãe nunca, mesmo nos anos posteriores, poderia ter perdido em seus escritos todos os surdos-mutismos.”

Para aqueles que estão familiarizados com surdos-mudos educados neste país, não será necessário dizer nada em resposta às distorções contidas no parágrafo acima. Mas, para o benefício do leitor em geral, declararemos que não conhecemos nem mesmo um defensor moderadamente firme do método ‘francês’, que admita que o idioma de seu país permaneça como idioma estrangeiro para os mais instruídos dos surdos-mudos ensinados por esse método; que milhares de surdos-mudos neste país têm um bom domínio da linguagem verbal, embora continuem mudos; que a mãe do escritor, longe de ser “altamente dotada pela educação”, teve o infortúnio de ter atingido a idade adulta antes da abertura da primeira escola para mudos neste país, e teve apenas três anos de instrução; que, apesar dessas desvantagens, adquiriu um domínio tão bom da língua de seu país que foi capaz de manter uma correspondência volumosa com membros de sua família e de outras pessoas, mesmo na extrema velhice, nunca tendo dificuldade em expressar suas ideias pela linguagem verbal, que, se não sempre corretas, geralmente eram assim, e certamente estavam mais livres de erros do que as de muitas pessoas ouvintes que desfrutaram de vantagens educacionais muito maiores do que as dela.

Arriscamo-nos a prometer ao nosso amigo Sr. Ackers, cujos trabalhos desinteressados e generosos na causa da instrução surda-muda merece a nossa mais calorosa admiração, que na ocasião de sua próxima visita à América o colocaremos em comunicação com surdos-mudos educados, cujos conhecimentos na linguagem verbal modificarão bastante suas visões atuais quanto aos possíveis resultados do método “francês” de ensino.

No artigo do Sr. Kinsey, encontramos o seguinte na página 22:

“Essas observações são dirigidas, não aos meus irmãos do ‘sistema alemão’, mas àqueles que se dedicam a outros métodos, em minha opinião muito menos satisfatórios, e acho que não são inoportunas, quando me lembro das palavras dirigidas pelo chefe de um Colégio Nacional para os surdos-mudos, a saber, que ‘se sentira receoso em conferir um diploma a um jovem que não era competente para construir uma frase gramaticalmente correta em sua própria língua nativa’.”

Não diremos que o exposto acima é uma deturpação intencional, mas diremos que é uma declaração inteiramente injustificável. O que dissemos ao Sr. Kinsey na ocasião mencionada foi que, em um determinado momento, hesitamos em conceder um diploma a um jovem que, apesar de ter realizado todos os exames exigidos para seu diploma, nem sempre era capaz usar seu vernáculo corretamente. O Sr. Kinsey não precisa ser informado de que, entre os graduados em faculdades que ouvem e falam, tanto na Inglaterra quanto na América, existem aqueles que nem sempre são irrepreensíveis no uso de sua “própria língua nativa”.

Talvez a evidência mais flagrante de uma falta de conhecimento do assunto com o qual alguém estava tentando lidar seja encontrada em uma declaração do Presidente da Convenção, o Abade Tarra, cuja reputação profissional é a de um *mestre* do método dos sinais, que ele ensinou uma vez, bem como do oral, do qual era sumo sacerdote e apóstolo em Milão.

Ele encerrou sua oração em favor do método oral puro da seguinte maneira:

“A fala é dirigida ao intelecto, enquanto os gestos falam grosseiramente aos sentidos. Eu usei sinais por muitos anos no meu ensino religioso, mas decidi definitivamente desistir deles e adotar o sistema oral puro, porque fiquei convencido de que meus alunos, em vez de entender as ideias abstratas que pretendia transmitir a eles, foram colocados apenas em posse de imagens grosseiramente materiais”.

Nada mais do que isso é necessário para marcar o Abade Tarra, na mente de instrutores talentosos de surdos pelo método dos sinais neste país, como um mero novato no uso da linguagem dos sinais. Pois todo mestre dessa língua sabe quão completamente ela pode transmitir e expressar claramente as mais altas verdades e sentimentos religiosos e morais.

Os limites que nos propusemos neste artigo não permitirão a inserção de vários pontos que temos em mente bastante pertinentes à linha de pensamento geral sugerida pelos trabalhos da Convenção, e só podemos expressar a esperança, ao encerrar, que, apesar do pouco valor agregado às chamadas conclusões, bons resultados poderão resultar da reunião, com um interesse

crescente por surdos-mudos em toda a Europa. E acreditamos que até mesmo o sóbrio pensamento de muitos que foram empolgados pelo entusiasmo da hora em Milão, e por isso foram levados a votar por coisas impraticáveis e até impossíveis, os impedirá de tentar absurdos manifestos.

RELATÓRIO DE AUGUSTE HOUDIN

Obra:

HOUDIN, Auguste. **Rapport a M. le Président du Conseil, Ministre de l'Instruction Publique et des Beaux-Arts, sur Le Congrès International des Maîtres des Sourds-Muets, à Milan, en 1880.** Extrait des Archives des Missions Scientifiques et Littéraires. Troisième Série - Tome Huitième. Paris: Imprimerie Nationale, 1881.¹

Tradução²:

MINISTÉRIO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA.

RELATÓRIO

AO PRESIDENTE DO CONSELHO,
MINISTRO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA E DE BELAS ARTES, SOBRE

O CONGRESSO INTERNACIONAL

DOS

MESTRES DOS SURDOS-MUDOS,

EM MILÃO, EM 1880,

PELO

SR. AUG. HOUDIN,

OFICIAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA; PRESIDENTE DO CONGRESSO NACIONAL DE LYON, EM 1879, PARA O MELHORAMENTO DO SURDO-MUDO E DA COMISSÃO CENTRAL ORGANIZAÇÃO DE ESTUDO DO CONGRESSO NACIONAL DE BORDEAUX, EM 1881; VICE-PRESIDENTE, PELA FRANÇA, E DELEGADO DO MINISTRO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA NO CONGRESSO INTERNACIONAL DE MILÃO; DIRETOR-FUNDADOR DA INSTITUIÇÃO DE SURDOS-MUDOS DE PARIS-PASSY PARA O ENSINAMENTO DA PALAVRA; ETC.

1 NdT: Exemplar disponibilizado pela Biblioteca Nacional da França.

2 Realizada por Eliane Telles de Bruim Vieira e José Raimundo Rodrigues, revisada por Bartira Zanotelli Dias da Silva.

CARTA

AO SR. PRESIDENTE DO CONSELHO,
MINISTRO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA E DE BELAS-ARTES.

MINISTÉRIO
DA
INSTRUÇÃO PÚBLICA
E DE BELAS ARTES

GABINETE E SECRETARIADO

Paris, 12 de fevereiro de 1881

Senhor,

Tenho a honra de informar que, em sua reunião de 02 de fevereiro corrente, a Comissão das Missões me propôs a publicação, nos *Archives des missions*, do notável relatório que escreveu sobre sua viagem a Milão.

A Comissão manifestou também o desejo de que este documento seja reimpresso e de que uma cópia seja enviada a cada um dos estabelecimentos públicos ou privados dedicados à educação de surdos-mudos.

Aprovei estas duas propostas e apraz-me, Senhor Presidente, transmitir-lhe os elogios particularmente lisonjeiros que a Comissão lhe dirigiu.

Aceite, Excelentíssimo Senhor, os protestos da minha mais elevada consideração.

O Presidente do Conselho,
Ministro da Educação Pública e de Belas Artes,

JULES FERRY.³

Sr. A. HOUDIN, diretor-fundador da Instituição de Surdos-mudos de Paris-Passy, para o ensino da palavra, 72, r. de Longchamps-Passy.

3 Jules Ferry (1832-1893) foi advogado, jornalista, diplomata e político francês. Ao assumir o Ministério da Educação Pública, foi o responsável pela laicização da educação e tornou o ensino primário gratuito (1881) e obrigatório (1882).

RELATÓRIO

AO SR. PRESIDENTE DO CONSELHO,
MINISTRO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA E DE
BELAS ARTES SOBRE
**O CONGRESSO INTERNACIONAL
DE
MESTRES DE SURDOS-MUDOS,
EM MILÃO, EM 1880.**

Senhor Ministro,

Vossa Excelência gentilmente me confiou a missão de participar do Congresso Internacional de Mestres de Surdos-Mudos de Milão, e de enviar-lhe um relatório geral sobre os resultados de minhas observações.

Cumpri a primeira parte desta missão: venho cumprir a segunda.

O ensino de surdos-mudos, da competência administrativa do Ministério do Interior, ainda não foi estudado pelo Ministério da Educação Pública, onde, como educação e como educação especial, muitas vezes é chamado a lançar luzes teórica e prática acerca da educação geral, porém, também tem seu lugar de destaque e, de certa forma, seu direito de cidadania. Por volta de 1860, houve apenas um breve comparecimento de uma comissão constituída por ocasião das turmas que acabavam de abrir para surdos-mudos, nas escolas municipais da cidade de Paris, a Sociedade geral de assistência, educação e mecenato para surdos-mudos da França, da qual eu era o secretário-geral, e esse comparecimento não poderia torná-la suficientemente conhecida lá. Antes de abordar o Congresso de Milão, que, depois do de Paris em 1878, e do de Lyon em 1879, acaba de resolver definitivamente a questão dos *métodos*, questão especial por tanto tempo polêmica, algumas explicações preliminares me parecem indispensáveis.

Vou apresentá-las primeiro à Vossa Excelência sob o título de *História e Filosofia do Ensino dos Surdos-Mudos*, feliz por ter assim a honra de ser o primeiro a apresentar ao nosso Ministro da *Educação*, um ensino tão particularmente digno de atenção e interesse.

Essas explicações formarão, se Vossa Excelência o permitir, a primeira parte do meu relatório, e o Congresso de Milão será o tema da segunda.

I

HISTÓRIA E FILOSOFIA DO ENSINO DOS SURDOS-MUDOS

O ensino dos surdos-mudos permaneceu desconhecido ao longo da antiguidade e da Idade Média. Data, na Europa, apenas do século XVI e, na França, apenas do século XVIII. Pedro de Ponce⁴, monge espanhol, é o primeiro que o praticou com seriedade, que por isso adquiriu uma certa fama, e cujo trabalho nos é atestado por vários testemunhos escritos. “Pedro de Ponce”, diz A. Moralès em seu livro *Antiquités d’Espagne*⁵, “ensinou surdos-mudos a falar com rara perfeição. Ele é o inventor desta arte. Já instruiu assim dois irmãos e uma irmã do condestável⁶, e atualmente é o responsável pela instrução do filho do governador de Aragão, surdo-mudo de nascença, como os anteriores”. “Pedro de Ponce, monge beneditino, coisa admirável! diz F. Vallès⁷, médico de Filipe II, em seu tratado sobre filosofia sagrada⁸, ensinou surdos-mudos de nascença a falar, etc.” “O ano de 1584, está escrito no registro das mortes do mosteiro dos beneditinos de San Salvador de Ôna, no mês de agosto, adormeceu no Senhor o frei Pedro de Ponce, que, distinguido por virtudes eminentes, principalmente se destacou, e alcançou a justa fama em todo o universo ensinando surdos-mudos a falar”⁹.

No início do século seguinte, a Espanha viu a publicação da primeira obra conhecida sobre o assunto¹⁰. Era de Pablo Bonet¹¹, que criara o irmão do condestável de Castela, surdo-mudo de nascença, e lhe ensinara a palavra, enquanto inventava para ele o alfabeto manual designado desde então com o nome de *Datilologia*; e, pouco depois, Ramirez de Carion¹², aluno de Bonet, e,

4 NdT: Acerca de Pedro Ponce de León (1520-1584) ver: GASCON RICAÑO, Antonio; GRACIA Y ASENSIO, José Gabriel S. **Fray Pedro Ponce de León, el mito mediático**. Madrid: Editorial Universitaria Ramón Areces, 2006.

5 Descrição Hispanica, f. 38.

NdT: Ambrósio de Morales (1513-1591) foi um poeta e historiógrafo de Filipe II.

6 O condestável Velasco.

NdT: “Condestável” era um título honorífico referente ao primeiro dignitário do reino.

7 NdT: Francisco Valles de Covarrubias (1524-1592), também chamado de Divino Valles, foi um médico pessoal de Filipe II. É considerado o responsável pela anatomia patológica moderna. O livro em questão: VALLES, F. **De Sacra Philosophia**. Francoforti: ExChalcographia Romani Beati, impensis Nicolai Baffæi 1600. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=T_s7AAAACAAJ&pg=GBS.PP4&hl=pt.

8 Ver Paul Zacchias, *Questions médico-légaes*, liv. II, tit. II, onde essa passagem é relatada.

9 Ver Degerando, *De l’éducation des sourds-muets de naissance*, tome I.

10 **Reduccion de las letras, y arte para enseñar a hablar los mudos**, Madrid, 1620.

11 NdT: Juan Pablo Bonet (1573-1633) foi um sacerdote espanhol que destacou-se por educar Luís Velasco.

12 NdT: Manuel Ramirez de Carrión (1579-1652) foi convocado pelo Marquês de Priego y de Montalbán para ensinar seu filho surdo-mudo, Alfonso Fernández de Córdoba y Figueroa.

como seu mestre, professor de surdos-mudos, publicou ele mesmo uma obra curiosa em que seu método era mais indicado do que descrito¹³.

Enquanto, na segunda metade do século XVI, W. Holder¹⁴ e J. Wallis¹⁵ introduziram esse ensinamento na Inglaterra, os doutores Van Helmont¹⁶ e Conrad Amman¹⁷ o introduziram na Holanda, e todos os quatro nos deixaram escritos que o atestam¹⁸. A primeira metade do século XVIII viu nascer o mesmo ensino na Alemanha com Kerger¹⁹, Wild, Schulze, Niederoff, Raphel²⁰, etc., e, na França, com Jacob-Rodrigues Pereire²¹, o ancestral de nossos grandes

Sobre Carrión ver trabalho de Gascón Ricao que discute elementos da obra de Lorenzo Hervás y Panduro acerca do educador de surdos espanhol: GASCÓN RICA, A. El secreto español para “hablar” a los sordomudos por el “remolino” de la cabeza, en la obra de Lorenzo Hervás y Panduro. Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2009. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/el-secreto-espaol-para-hablar-a-los-sordomudos-por-el-remolino-de-la-cabeza-en-la-obra-de-lorenzo-herv-y-panduro-0/>.

- 13 **Maravillas de naturaleza, en que se contienen doz mil secretos de cosas naturales**, 1629. NdT: A obra de Carrión encontra-se disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=_xzEF8rCbPIC&pg=GBS.PA2-IA1&hl=pt.
- 14 NdT: William Holder (1616-1698) foi um cônego que ganhou importância ao ensinar o filho do almirante Edward Popham, que nasceu surdo, a falar. Em seu livro **Elements of speech an essay of inquiry into the natural production of letters: with an Appendix concerning persons deaf & dumb**, Holder apresenta o seu método. Também tornou-se popular sua rivalidade com John Wallis. Disponível em: <https://quod.lib.umich.edu/e/eebo2/A44129.0001.001?view=toc>.
- 15 NdT: John Wallis (1616-1703), matemático geralmente associado ao símbolo do infinito, produziu uma obra acerca da gramática inglesa (1652), com um apêndice sobre os sons da fala, a partir do qual desenvolveu um método para ensinar surdos a falar. Uma carta de Wallis para Robert Boyle, tratando da questão da educação de surdos encontra-se disponível em: https://www.jstor.org/stable/pdf/101583.pdf?refreqid=fastly-default%3A04672e9d1e8235689103856a0c8e8313&ab_segments=&origin=&initiator=&acceptTC=1.
- 16 NdT: Franciscus Mercurius van Helmont (1614-1698), alquimista e escritor flamengo, fez parte de um esforço daquele século em pesquisar línguas universais, elaborou uma teoria que apoiava Conrad Amman. Em 1667 publicou **The Alphabet of Nature**, argumentando que o hebraico seria uma protolíngua.
- 17 NdT: Johannn Conrad Amman (1669-124), médico suíço e instrutor de surdos, em 1692 publicou **The talking deaf man**. disponível em: <https://www.gutenberg.org/cache/epub/13014/pg13014.html>.
- 18 W. Holder, **Elements of speech**, etc.; apêndice concernant les sourds-muets, Londres, 1669; J. Wallis, **Grammatica linguae anglicane. De loquela sive sonorum formatione, Tractatus grammatico-physicus**, 1674; Van Helmont, **Alphabeta vere naturalis hebraici brevissima**, etc., Sulzbach, 1667; C. Amman, **Dissertatio de loquela qua non solum vox humana, et loquendi artificium ex originibus suis eruuntur**, etc., Amsterdam, 1692.
- 19 NdT: L. Wilhelm Kerger, Fundou uma escola para surdos em Liegnitz, Silésia, Alemanha, usando nela um sistema misto de instrução.
- 20 NdT: Georges Raphel (1673-1740), pastor em Lüneburg e estudioso do grego, ensinou suas três filhas surdas.
- 21 Jacob-Rodrigues Pereire (1715-1780). educador português que se instala na França por volta de 1741 e dá prosseguimento a atividades de educação de surdos, usando um método que servia-se dos gestos, mas priorizava a articulação. Um livro de 1847 apresenta Pereire como o primeiro educador de surdos na França: SEGUN, Edouard. **Jacob-Rodrigues**

financiadores²².

Pereire obteve o merecido sucesso em sua arte e goza de real renome em sua pátria adotiva. Ele havia dito à Academia de Ciências em 1769, apresentando um de seus alunos, Saboureux de Fontenai²³: “Os surdos-mudos de nascença falarão e se tornarão tão capazes quanto os outros homens para qualquer coisa que não dependa da audição. Não haverá mais surdos-mudos, haverá surdos-falantes²⁴”; e em um relatório para a Academia de 27 de janeiro de 1751, assinado por Buffon, encontramos estas linhas...: “Isso é suficiente para confirmar o julgamento que fizemos do Sr. Pereire, em nosso relatório do mês de julho de 1749, e fazer sentir que sua forma de educar surdos-mudos só pode ser muito engenhosa, que seu uso interessa ao bem público e que não se pode animar muito quem o usa com tanto sucesso.” Em seu tratado sobre as sensações, Lecas, por sua parte, disse: “Deve-se admitir que Pereire merece ser colocado na fila daqueles que mais mereceram o reconhecimento de toda a humanidade”; e o rei Luís XV, logo homenageando Pereire com uma pensão, concedeu-lhe, no certificado emitido nessa ocasião, o glorioso título de *primeiro professor de surdos-mudos na França*²⁵.

Note-se que todos esses professores procuraram, antes de tudo, dar voz ao surdo-mudo. Outro bom homem, São João de Beverley²⁶, arcebispo de York, que segundo, Beda²⁷, havia já no século VII, tentado educar um surdo-mudo na Inglaterra, também tinha pensando acima de tudo na palavra²⁸. Qual foi a causa

Pereire. Paris: J.-B. Baillière, Libraire de l'Académie Royale de Médecine, 1847. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Jacob_Rodrigues_Pereire/K8Lmn7KlkT8C?hl=en&gbpv=1&dq=Jacob-Rodrigues+Pereire&printsec=frontcover.

22 NdT: Acerca da educação de surdos nesse período, interessante texto de 1848: RAY, Luzerne. **American Annals of the Deaf and Dumb**, v. 1, n. 4, p. 197-208, Jul. 1848. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44401413>.

23 NdT: Acerca desse aluno de Pereire sugerimos: OVIEDO, Alejandro. **Saboureux de Fontenay, el famoso discípulo de Jacob-Rodrigues Pereira**. Berlin, 2007. Disponível em: <https://cultura-sorda.org/saboureux-de-fontenay/>.

24 Ver a excelente obra de M. E. La Rochelle, da Biblioteca Nacional, Jacob-Rodrigues Pereire, premier instituteur des sourds-muets en France, Paris, librairie Hachette.
NdT: LA ROCHELLE, Ernest. **Jacob-Rodrigues Pereire, premier insti-tuteur des sourds-muets en France, sa vie et ses travaux**. Paris: Société d'imprimerie Paul Dupont, 1882. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=umn.31951002136312n&seq=9>.

25 Ver a excelente obra de M. E. La Rochelle.

26 NdT: Em 1037 Beverley, falecido em 721, foi canonizado. João de Beverley foi quem conferiu a ordenação sacerdotal de Beda.

27 NdT: Venerável Beda (673-735) foi um monge inglês que viveu nos Mosteiros de São Pedro, em Monkwearmouth, e São Paulo, em Jarrow, na Inglaterra.

28 Ver Venerável Beda, **Histoire ecclésiastique des Anglais**.

NdT: Disponível em: <https://web.archive.org/web/20141218051325/http://www.northvegr.org/histories%20and%20chronicles/bedes%20ecclesiastical%20history%20of%20england/index.html>.

de sua determinação? Por que nenhum deles pensou, embora dedicando, como alguns o fizeram, uma maior ou menor ênfase na escrita e os sinais mímicos ou datilológicos, em dar a esses meios de comunicação o papel preponderante na formação de seus alunos? Em grande parte, é certo que o preconceito da antiguidade, que atribuía à palavra uma propriedade mística e exclusiva como meio de expressão do pensamento, pesou sobre eles com toda a sua força. O surdo-mudo havia sido declarado por Aristóteles incapaz de aceitar qualquer noção intelectual ou moral²⁹. Os surdos que falavam, os mudos que ouviam e os surdos-mudos cuja dupla enfermidade parecia ter surgido apenas no decorrer da existência, isto é, todos aqueles que tiveram ou deveriam ter tido, pela palavra, um ponto de contato com os homens, só foram dispensados por Justiniano³⁰ de certas interdições pronunciadas antes dele contra os surdos-mudos em geral pelo direito romano. Para tomar literalmente certas passagens de São Paulo e Santo

29 Aristóteles, De Hist. anim. lib. IV, cap. 9. De Metaphys.

NdT: A história da educação de surdos na Antiguidade permanece um terreno a ser melhor explorado. Um texto de 1906 do sacerdote e educador de surdos italiano Giulio Ferreri (1862-1942) trata do tema. Note-se que é um defensor do método oral puro: FERRERI, G. The Deaf in Antiquity. **American Annals of the Deaf**, v. 51, n. 5, p. 460-473, nov. 1906. Fabrice Bertin e Andrea Benvenuto, em artigo sobre Bébien, fazem um recuo histórico e analisam as sentenças de Aristóteles. Ver: BERTIN, F.; BENVENUTO, A. Língua de sinais e ensino bilíngue: simples escolha linguística e pedagógica? A lição de Auguste Bébien. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 24, n. 4, p. 781-795, out./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8670059>.

30 Justiniani Instit., lib. II, **De testam. ordin. quibus non est remiss**, etc.

NdT: O Institutas de Justiniano é considerado como um dos primeiros fundamentos do direito romano. No código datado de 529 havia restrições em relação aos surdos com relação a celebração de contratos, testamentos, posses e heranças. Todavia, havia exceção para o surdo que falasse. Albert Gaw, numa sequência de artigos, analisa o texto de Justiniano: GAW, A. C. The development of the legal status of the deaf: a comparative study of the rights and responsibilities of deaf-mutes in the laws of Rome, France, England, and America — I. **American Annals of the Deaf**, v. 51, n. 4, p. 269-275, oct. 1906. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/pdf/44464648.pdf?refreqid=fastly-default%3A70610ede89e409fdf72918521b78c809&ab_segments=0%2Fbasic_expensive_solr_cloud%2Fcontrol&origin=&initiator=search-results&acceptTC=1 GAW, A. C. The development of the legal status of the deaf: a comparative study of the rights and responsibilities of deaf-mutes in the laws of Rome, France, England, and America. — II. **American Annals of the Deaf**, v. 51, n. 5, p. 401-423, nov. 1906. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/pdf/44463118.pdf?refreqid=fastly-default%3A70610ede89e409fdf72918521b78c809&ab_segments=0%2Fbasic_expensive_solr_cloud%2Fcontrol&origin=&initiator=search-results&acceptTC=1 GAW, A. C. The development of the legal status of the deaf: a comparative study of the rights and responsibilities of deaf-mutes in the laws of Rome, France, England, and America. — III. **American Annals of the Deaf**, v. 52, n. 1, p.1-12, jan. 1907. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/pdf/44462929.pdf?refreqid=fastly-default%3A70610ede89e409fdf72918521b78c809&ab_segments=0%2Fbasic_expensive_solr_cloud%2Fcontrol&origin=&initiator=search-results&acceptTC=1 O livro de Justiniano encontra-se também disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/D_Justiniani_Institutionum_libri_quatuor/Yj5WAAAACAAJ?hl=en&gbpv=0.

Agostinho, “*fides ex auditu*”³¹... “*Quod vitium ipsam impedit fidem; nam surdus natu litteras quibus lectis fidem concipiat, discere non potest*”³², vemos que o preconceito lançou suas raízes em nossa era, e todos esses primeiros professores surdos-mudos obviamente agiram mais ou menos sob seu império. Este império tinha sido absoluto sobre a mente de Van Helmont e de Amman. Van Helmont chegou a acreditar em uma língua natural, que era o hebraico. Ele chegou a encontrar uma concordância óbvia entre a forma dos caracteres dessa língua e aquela que o órgão vocal afeta para pronunciá-los. O alfabeto hebraico era para ele o resultado das próprias leis da palavra, tal como Deus as havia instituído, então ele passou seu aluno rigorosamente pelo hebraico para lhe ensinar alemão. Só Pereire nos parece ter escapado dessas teorias místicas e ter preferido o ensino da palavra, depois de ter experimentado o dos sinais, apenas pela razão fisiológica e de utilidade prática.

Ele estava na França com plena posse de seu renome, quando apareceu o Abade de l'Épée, que fundou a escola mímica e que o apagaria, pelo menos por um certo tempo.

Um filósofo italiano, Girolamo Cardano³³, indicou, desde o século XVI, o ensino da escrita. Ele havia dito³⁴: “O surdo-mudo deve aprender a ler e escrever... a escrita está associada à palavra e, por meio da palavra, ao pensamento; mas também pode traçar diretamente o pensamento sem o intermédio da fala, como testemunham os escritos hieroglíficos cujo caráter é inteiramente ideográfico”. Wallis, na Inglaterra, e um professor alemão, Lasius, aproveitaram a ideia, que foi um golpe de luz; mas essa ideia não era de forma alguma a do Abade de l'Épée, que, colocando a mímica em primeiro plano, deixou para a escrita apenas um papel subalterno e falso, que reduziu seu ensinamento mímico à impotência.

O Abade de l'Épée, partindo deste verdadeiro princípio “de que as palavras³⁵ das nossas línguas só estão ligadas às ideias que representam por um elo arbitrário e convencional”, apenas tirou metade da consequência, e não perdeu tempo a tomar o caminho errado. Em vez de concluir que, se o sinal mímico pode ser ligado à ideia e representá-la convencionalmente se necessário, como a

31 NdT: “A fé vem pelo ouvido” (Rm 10,17).

32 NdT: “Esse vício atrapalha a própria fé; pois uma pessoa que nasceu surda não pode aprender as letras pelas quais pode conceber a fé”. AGOSTINHO DE HIPONA. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos. Explicação incoada da Carta aos Romanos. São Paulo: Paulus, 2009. Sobre esse tema foi publicado em 1912 um artigo de provável autoria de Edward Allan Fay: A.E.F. What did St. Augustine say?. **American Annals of the Deaf**, v. 57, n. 1, p. 108-120, jan. 1912.

33 NdT: Girolamo Cardano (1501-1576), matemático, filósofo, astrólogo, inventor e médico nascido em Pávia.

34 **De utilitate ex adversis capienda**, lib. II, tome II de ses oeuvres.

35 NdT: aqui é usado o vocábulo “mots”. Ao longo desse parágrafo Houdin usa sempre “mots”. Possivelmente, uma forma de sugerir que o método do Abade de l'Épée se distanciava da “parole”.

palavra falada, a palavra escrita, pelo mesmo motivo, deve necessariamente ter a mesma propriedade, como Girolamo Cardano, ele viu e se obstinou em não ver nenhuma conexão direta e possível, depois da palavra falada e da ideia, que aquela do sinal mímico e da ideia. Resultou para ele que o surdo-mudo, a quem no entanto era necessário fazer escrever a língua de seu país para aproximá-lo um pouco mais da sociedade, jamais poderia falar essa língua a não ser pela tradução, ou seja, pensando em sinais e traduzindo esses sinais em palavras escritas, sem nunca poder pensar ou expressar-se diretamente com eles. “Não espere, escreveu ele ao Abade Sicard, que os surdos-mudos possam algum dia colocar suas ideias por escrito; nossa linguagem não é a deles: é a dos sinais. Basta-vos que saibam traduzir as nossas com a dele, como nós próprios traduzimos línguas estrangeiras, sem saber se devemos pensar ou nos exprimir nessas línguas. Deixe seus alunos saberem, como o meu, como escrever sob o ditado dos sinais”³⁶.

Não creio que possa fazer melhor do que reproduzir aqui a seguinte avaliação³⁷, que já tive oportunidade de fazer do método do Abade de l’Epée, denominado *dos sinais metódicos*:

“A primeira falta do Abade de l’Epée leva-o a outras. Preocupado com a eterna obra de tradução da qual se fez uma condição absoluta, ele distorce e destrói essa mímica da qual acaba de descobrir o recurso. O instrumento que ele acabou de encontrar, ele o quebra com a sua própria mão.

“A mímica é uma língua sumária, uma língua da ação; está para nossas línguas analíticas apenas como o que o esboço é para o desenho. Eminentemente adequada à expressão das coisas materiais e aos movimentos bem acentuados da alma, mas impotente para reproduzir outra coisa senão o que se poderia chamar de relevos e asperezas do pensamento, não poderia transmitir as nuances deles e as infinitas delicadezas. Não diremos, como Napoleão disse ao Abade Sicard, que ela tem apenas dois tipos de palavras, o *substantivo* e o *adjetivo*, devemos pelo menos e acima de tudo adicionar o *verbo*; mas diremos que seu vocabulário, necessariamente muito limitado, não pode oferecer nem a extensão nem a variedade do nosso, nem consequentemente atender às mesmas necessidades intelectuais. A mímica também tem sua própria sintaxe, seu gênio, seus ritmos,

36 Carta do Sr. de l’Epée ao Sr. Sicard, novembro 1785.

NdT: Um extrato da carta encontra-se na obra: SICARD, Roch-Ambroise. **Cours d’instruction d’un sourd-muet de naissance, pour servir à l’éducation des sourds-muets et qui peut être utile à celle de ceux qui entendent et qui parlent**. Paris: Chez Le Clere, 1800. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k821816>.

37 L’Enseignement mimique et celui de la parole articulée, la vérité sur ces deux enseignements, mémoire à M. le Ministre de l’intérieur par M. Aug. Houdin, Paris, 1874. Há uma resenha sobre esse livro disponível em: <https://www.jstor.org/action/doBasicSearch?Query=ti%3A%22L%27enseignement%20des%20sourds-muets%2C%20en%201874%22>.

sua fraseologia própria. Rebelde contra as leis da forma Francesa, ela arruma e agrupa à sua maneira os objetos e fatos que nos apresenta na forma de um quadro vivo; primeiro coloca o objetivo, depois traz o sujeito e expressa o verbo somente depois de ambos, e o modificador do verbo somente depois deste. Em vez de dizer: “Pedro bateu em Paulo”; ela dirá: “Paulo, Pedro bateu em”. Independente como uma criança selvagem do deserto, a liberdade é sua primeira condição de existência, e o jugo estrangeiro a mata. O Abade de l’Épée ignora tudo isso; ele sacrifica tudo por sua ideia fatal de tradução. Pelas necessidades desta tradução, para facilitar o seu trabalho, dá um sinal mímico a cada palavra da língua francesa, mesmo para aquela cuja natureza é não ter nenhum; isso é o que ele chama de seu sinal *principal*; ele imagina alguns *acessórios* para indicar os acidentes gramaticais da frase; e, finalmente, ele coroa a obra submetendo inteiramente a construção da frase mímica àquela da frase francesa. Porém, a mímica, assim escravizada e torturada, oferece apenas uma mistura confusa de sinais sem coesão natural e sem força lógica, onde o principal se perde no acessório e onde o deslocamento arbitrário dos termos completa a confusão. Um mecanismo engenhoso talvez, mas um mecanismo simples, um escravo acorrentado, arrastando-se sem expressão, sem caráter, sem individualidade, sem vida, a reboque de uma língua estrangeira, a mímica do Abade de l’Épée não é mais uma língua como o escravo não é um homem sob o chicote de seu dominador. Como então poderia ter sido usado para a interpretação e o ensino de outro, foi este outro apenas chamado para o papel mais do que modesto de instrumento de tradução?

“O ensinamento do Abade de l’Épée foi, portanto, *ipso facto*, atingido pelo desamparo e esterilidade. Se, segundo admite o mestre, ele não conseguiu levar o surdo-mudo a pensar e a se expressar com palavras escritas, podemos acrescentar que, pela força das circunstâncias, ele não poderia nem mesmo colocá-lo em estado para realmente pensar e se expressar com o sinal mímico. O método dos sinais metódicos terminava inevitavelmente apenas com o papagaio imitando e escrevendo. Isso explica porque as crianças pobres que, sofrendo de surdo-mudez, ignorando anteriormente, e talvez ainda hoje, o nome do pão que comiam, conseguiam sustentar “em francês, em latim, em italiano, em espanhol, em alemão e em inglês – línguas que, entre parênteses, o próprio professor em sua maioria ignorava – teses de teologia da força de um doutor na Sorbonne, “os argumentos eram comunicados”, como o homem honesto ingenuamente advertiu. Lá estava, infelizmente! apenas um pouco de força de memória, um fenômeno fisiológico-mecânico.

“O Abade Sicard, sucessor de Abade de l’Épée, mente flexível e delicada, imaginação fina e ardente, enfatiza ainda mais os procedimentos do mestre. O que o Abade de l’Épée fizera na boa simplicidade do seu coração, e com o único propósito, como costumava dizer, de ser útil aos seus filhos adotivos,

o Abade Sicard, não menos bom além disso, o faz com o ardor de uma inteligência meridional tão viva quanto ousada, e tão ávida por fama quanto por resultados. Os simples fatos do bom senso bastavam para retificar a obra do Abade de l'Épée; o Abade Sicard, ao contrário, invoca em seu auxílio todas as sutilezas de uma metafísica sem saída. Seu livro, *De l'éducation d'un sourd-muet de naissance*, que causou sensação, é apenas um romance filosófico onde o brilho da forma não consegue esconder a pobreza do fundo. São apenas frases vazias e intermináveis, onde, através da magia do estilo e da vagabundagem da imaginação, o pensamento e a razão procuram em vão um fio lógico para se guiarem e se reconhecerem. Suas sessões públicas, que atraíam a multidão e o maravilhamento, são apenas uma espécie de encenação habilidosa, onde cada pequeno ator vem com desenvoltura para *recitar* seu papel. E se a causa dos surdos-mudos ganhou algo com tudo isso pelo barulho que se fazia ao seu redor, seu ensino certamente perdeu todo o caráter sério e realmente proveitoso”.

Apesar disso, o Abade de l'Épée fez escola. Logo falamos dele não apenas na França e em quase toda a Europa. Nossas duas instituições em Paris e Bordeaux, sucessivamente declaradas nacionais pela Assembleia Constituinte e pela Convenção, em 21 de julho de 1791 e 16 de maio de 1793, são o asilo de signos metódicos. Outras instituições, fundadas sucessivamente em Angers, Ronen, Lille, Marselha, Besançon, etc., também lhes abrem as portas. O movimento se estendeu a Madrid, Viena, Roma, Nápoles, Gênova, Turim, São Petersburgo, Estocolmo, etc., que viram o nascimento de escolas onde o espírito do mestre dominava, e cujos fundadores eram geralmente discípulos do Abade de l'Épée.

Observe que na Alemanha o oposto é verdadeiro. Treze anos antes de a Assembleia Constituinte dar vida oficial na França à instituição do Abade de l'Épée, o eleitor da Saxônia inaugurou em Leipzig, sob a direção de Heinicke, a primeira instituição para surdos-mudos que teria fundado um governo, e esta instituição é consagrada ao ensino da palavra, como foram as muitas instituições fundadas desde então na Alemanha. Alguns anos depois, outras instituições foram abertas em Copenhague, Lubeck, Berlim, Groningen, Genebra, etc e os fundadores, em sua maioria também discípulos do Abade de l'Épée, no entanto, deram ali um lugar mais ou menos importante ao ensino pela palavra, que, até os nossos dias, continuará a aumentar.

As coisas ficaram lá até por volta de 1820. Então, finalmente, amanheceu o dia sobre o método do Abade de l'Épée, e esse dia veio da França. Um de nossos professores mais hábeis, Auguste de Bébien³⁸, foi o primeiro a ver e

38 NdT: Auguste Bébien (1789-1839) foi um professor ouvinte do Instituto de Paris que, conhecendo profundamente a língua de sinais utilizada pelos surdos, dedicou-se a defender a instrução dos surdos por meio dos sinais e elaborou estudos sobre o tema. Ver: BERTIN, Fabrice. **Auguste Bébien et les Sourds: le chemin de l'émancipation**. Suresnes/Nîmes:

revelar o verdadeiro caráter da mímica e o papel lógico que, ao lado da escrita, é naturalmente chamado a desempenhar na educação dos surdos-mudos. Ele substituiu os sinais metódicos pelo que desde então se passou a chamar *sinais naturels*, isto é, uma mímica liberada do jugo da sintaxe francesa e entregue à sua própria sintaxe e ao seu gênio natural, tal como o descrevemos acima. Essa substituição ocasionou na arte de instruir os surdos-mudos com profundas modificações que resultaram no que hoje se denomina *Escola francesa de sinais*, em oposição à dos sinais metódicos, na qual alcançaram grande distinção, depois de Bébian, nosso falecido mestre Valade-Gabel³⁹, os senhores Piroux⁴⁰, Léon Vaïsse⁴¹ e Valade-Rémi⁴².

INSHEA/Champ Social, 2019. (Recherches). LAGE, Aline L. da S.; KELMAN, Celeste A. Mimografia ou dos Rastros da Língua de Sinais como patrimônio cultural, in: **The Specialist**, 40, 3, 01-22, 2019. Ainda o capítulo: CARVALHO, Daniel J.; OLMO, Katuscia G. B.; VIEIRA-MACHADO, Lucyenne M. da C. Uma obra de *memória* de Ferdinand Berthier (surdo-mudo): Auguste Bébian (ouvinte) como um infame. In: SOUZA, Regina M. de; RODRIGUES, José R. **Ferdinand Berthier (1803-1886)**: erudito, professor, ativista surdo e suas contribuições para nosso *presente*. Curitiba: CRV, 2021, p. 74-93.

39 NdT: Jean-Jacques Valade-Gabel (1801-1879) foi professor do Instituto de Paris e, posteriormente, designado como diretor do Instituto de Bordeaux (1838-1850) com o objetivo de reformar a instituição. Como não alcançou sucesso, retornou à Paris e, em seguida, aposentou-se. Em 1862 foi nomeado pelo Ministério da Interior e Assuntos Religiosos como interventor departamental dos institutos de surdos. O método de Valade-Gabel, chamado de intuitivo, alcançou grande destaque. Ver: VALADE-GABEL, J.-J. **Méthode a la portée des instituteurs primaires pour enseigner aux sourds- muets la langue française sans l'intermédiaire du langage des signes**. Paris/Bruxelles: Librairie Dezobry et Magdeleine/Librairie Decq, 1857. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/M%C3%A9thode_%C3%A0_la_port%C3%A9e_des_instituteurs/QIxeAAAAcAAJ?hl=en&gbpv=0.

40 NdT: Joseph Piroux (1800-1884) foi um professor de surdos que destacou-se pela recusa aos sinais metódicos, utilizando de outra metodologia na escola de Nancy após ter obtido certo sucesso na educação de alguns surdos. Com o objetivo de que sua instituição fosse assumida nacionalmente como os institutos de Paris e de Bordeaux, Piroux procurou pela produção de cartas e livros, além da criação de uma revista, demonstrar a relevância de seu trabalho. Ver, dentre outras: PIROUX, J. **Organisation, situation et méthode de l'Institut des Sourds-Muets de Nancy**. Paris: Chez Treuttel et Wurtz, 1834. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Organisation_Situation_Et_M%C3%A9thode_De_L/GeK9-ByIsrC?hl=en&gbpv=0.

41 NdT: Auguste Joseph Léon Vaïsse (1807-1881) foi diretor do Instituto Nacional de Paris no período de 1866 a 1872, foi condecorado com a medalha de Cavaleiro da Legião de Honra. Vaïsse tinha especial gosto pela etnografia e participou ativamente da Société d'anthropologie. Publicou um artigo sobre a questão fisiológica da surdez: Vaïsse Léon. Des sourds-muets et de certains cas d'aphasie congénitale. **Bulletins de la Société d'anthropologie de Paris**, II Série, T. 1, 1866, p. 146-150. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/bmsap_0301-8644_1866_num_1_1_4208.

42 NdT: Valade Rémi Yves Léonard (1809-1890) destacou-se por seu estudo sobre a língua de sinais enquanto língua natural: Études sur la lexicologie et la grammaire du langage naturel des signes. Paris Librairie Philosophique de l'arange, 1854. Disponível em: <https://2-as.org/editions-du-fox/valade-remi/152-1854-etude-sur-la-lexicologie-et-la-grammaire-du-langage-naturel-des-signes.html>.

Já descrevi esta escola francesa nos seguintes termos:

“A escola francesa, partindo do princípio estabelecido pelo Abade de l'Épée e todas as suas consequências lógicas, acredita que o surdo-mudo pode muito bem pensar e expressar-se diretamente com a palavra escrita como com o sinal mímico; e, uma vez que a língua escrita aproxima o surdo-mudo da sociedade mais do que a mímica, o ensino direto da língua escrita é o objetivo de seus esforços. A mímica, não seria e não poderá mais ser que uma meta, fica apenas indicada como meio. A expressão escrita será a tradução direta da ideia, mas a forma mímica, destinada a despertar essa ideia como pintura ou quadro vivo do objeto ou do fato ausente, sua fonte, será apenas o agente provocador. O papel da mímica, então, em vez de se tornar mais e mais importante e se expandir à medida que o aluno progride, como acontece com o Abade de l'Épée, ao contrário se tornará menos, menos, e se reduzirá à medida que o vocabulário escrito se expande. O dia em que esse vocabulário escrito tiver se desenvolvido o suficiente para que a palavra escrita possa ela mesma provocar a ideia, e pela ideia de novas formas escritas, o papel da mímica terminará e o sinal não terá mais propósito.

“É necessário, na escola francesa, chegar a este duplo resultado que, dada a ideia, a forma escrita é a única expressão, e que, sendo a forma escrita por sua vez dada, desperta só e imediatamente a ideia na mente; enfim, que o surdo sempre vê a palavra escrita na ideia e a ideia na palavra escrita. Se pensarmos que só temos realmente uma língua na medida em que pensamos e nos expressamos diretamente com as palavras dessa língua, reconheceremos que esse caminho, que é o da natureza, é o único que pode conduzir os surdos-mudos à posse da língua escrita de seu país.

“O Abade de l'Épée ensinava gramática a crianças que não tinham uma língua em que pudessem formular seus princípios e regras; o Abade Sicard, que um dia exclamou, esquecendo-se de aproveitar-se de sua judiciosa observação: “Como o Abade de l'Épée não viu que nunca se aprende uma língua com uma gramática escrita nesta língua?” o Abade Sicard também o fazia. Eles falavam de substantivos, adjetivos, declinações, casos, para crianças pobres que não sabiam nem aplicar a palavra adequada aos objetos e fatos mais vulgares. E é para chegar a essa aplicação que eles se deram tanto trabalho! O arado estava na frente do cavalo!

“A escola francesa não comete esse erro. Comparando acertadamente o surdo-mudo, que chega sem instrução, ao ouvinte de dois anos que começa a gaguejar as primeiras palavras sobre os joelhos da mãe, ela apenas se propõe a dar também a ele, mas por escrito, uma língua materna. E o que a mãe no ensino instintivo da língua falada, ela o faz, ela, em seu ensino refletido da língua escrita, a qual ensina sem regras racionais, sem gramática teórica, e simplesmente pelo

uso e regra prática, no meio das coisas e dos fatos da vida, pela *intuição direta*, como se costuma dizer, ou pela dupla percepção pelo sentido e pela inteligência dessas coisas e desses fatos. E é só então que o jovem surdo-mudo adquiriu, por este meio, um vocabulário escrito bastante extenso e suficientes formas usuais de linguagem, que com a ajuda desse vocabulário e dessas formas de linguagem, se começa a formular e explicar as regras de uma gramática fundamentada. Este é obviamente, e no mais alto grau, o curso natural e racional.

“Esses são os princípios da escola francesa. Marcados ao canto do bom senso e da razão prática, neles não existem paixão e não produzem as alegadas maravilhas da época dos abades e l’Épée e Sicard, mas ao seu lado (o que é melhor) a aprovação refletida de pessoas sensatas, e elas simplesmente retornam (o que é melhor ainda) à família e à sociedade, homens comuns, mas capazes de servir e estar em toda parte, senão admirados, pelo menos para amar e honrar. Eles fazem modesta e discretamente tudo o que, dentro dos meios empregados, é possível fazer em face de uma enfermidade terrível que, se não altera o princípio das faculdades intelectuais, sempre impedirá o seu desenvolvimento.

“Esse era o estado das coisas por volta de 1850. Foi na França de uma forma lógica, mas o progresso não disse a última palavra. O ensino da palavra não teve mais asilo nem eco, pois não se podia considerar como tal a classe dita *de articulação*, fundada com excelente intuito pelo Doutor Itard do Instituto Nacional de Paris, mas que, embora confiada a um professor de grande mérito, cuja ciência e dedicação eram notórias, o Sr. Léon Vaïsse, já citado e hoje diretor honorário do Instituto Nacional de Paris, não poderia, com sessenta alunos no mínimo, um único professor e uma hora de aula por dia, exceto quintas-feiras e domingos, produzir senão resultados ilusórios. Uma tentativa, incentivada pelo Estado e feita pelo Sr. Dubois, em uma instituição privada, a favor da palavra, por sua vez, havia fracassado completamente.

Foi então que o Dr. A. Blanchet e eu reunimos nossos esforços para atender às necessidades de progresso e buscar restaurar o ensino da palavra ao lugar que lhe era devido.

Nossa tese foi esta:

“Sem remontar à criação do mundo e sem nos preocupar se existe uma língua natural ou não, mas julgando todas as línguas naturais da mesma forma, pela razão de que, todas formadas por elementos naturais, elas são todas o resultado natural de necessidades, de faculdades e esforços naturais, nós os vemos todos naturalmente assimiláveis ao espírito, e todos de primeira necessidade neste mundo, cada uma no país onde é falado; sem considerar se a palavra tem ou não propriedades místicas e exclusivas como meio de expressão e desenvolvimento intelectuais, mas sabendo que é o meio de comunicação mais

conveniente e geral, buscaremos simplesmente restituí-la ao surdo que dela é privado, e o devolveremos sob a forma da língua falada de seu país, com uma finalidade de utilidade prática e pelos meios eminentemente práticos empregados pela escola francesa de sinais no ensino da língua escrita.

“Mas pode o surdo-mudo falar? O surdo-mudo falará? A história e a experiência de um país vizinho dizem-nos sim, e a ciência também nos diz sim, com ainda mais autoridade. Por que nós duvidaríamos?”

“A ciência nos diz: as palavras faladas não têm apenas forma sonora, mas também uma forma visual e uma forma tátil; e, embora a forma sonora seja a mais completa e melhor, a forma visual e a tátil podem bastar, se necessário, para transmitir a palavra à inteligência e para pôr o órgão vocal em ação e em condições de reproduzi-la. Portanto, qualquer surdo-mudo, surdo de nascença ou não, se dotado de inteligência, visão, tato e órgão vocal intacto, pode ler a fala nos lábios e na expressão fisionômica alheia, falar por si, instruir-se pela palavra, e por meio dela entrar em comunicação com a sociedade. E uma vez que a palavra, que é o meio de comunicação mais prático, conveniente e geral, aproxima o surdo-mudo infinitamente mais da sociedade do que a mímica e a escrita, a última palavra do progresso na educação do surdo-mudo não será dita, enquanto a cura da surdez continuar sendo o *desejo* da ciência, desde que chegamos ao ponto de falar.”

Combinando a prática com a teoria, não ensinamos mais, a partir de então, nenhum outro ensinamento além da palavra, e trinta anos de experiência e sucesso nos permitem hoje afirmar que não só todas as nossas esperanças se realizaram, mas até elas o foram e frequentemente são ultrapassadas.

Em poucos meses, o jovem surdo-mudo inteligente é colocado em condições de emitir quase todos os sons e as articulações de nossa língua, que aliás se reduzem a um número de elementos menor do que se pensa, e sua pequena mão está habilitada para traçar os sinais escritos, sua inteligência compreendendo perfeitamente a concordância e distinguindo-os perfeitamente um do outro. Seguindo o curso natural indicado pela escola francesa de sinais, ou seja, colocando constantemente o aluno à frente da forma escrita e da palavra falada, e vice-versa, no meio das coisas e fatos da vida e correspondentes, obtém-se imediatamente um triplo vocabulário: escrito, falado e lido labialmente. E este vocabulário, que se expande à medida que se amplia o círculo de lições e ideias, logo nos dá uma língua materna com a qual já podemos, ao longo do caminho, ensinar muitas coisinhas de natureza intelectual e moral, mas com a qual podemos acima de tudo, ao final de alguns anos, chegar a formular as regras de uma gramática e, assim, entrar no seio da educação pela grande porta da linguagem analítica e racional, como é o caso da criança comum que deixa sua mãe para passar para as mãos do mestre.

Chegado a este período que chamarei de *gramatical*, o progresso geral torna-se cada vez mais perceptível, pois a criança, que sente cada vez mais a necessidade e a utilidade da instrução e que se apegava cada vez mais à palavra, à medida em que ele procura mais prazeres e promete-lhe mais frutos, adiciona mais vontade e participação no trabalho da sua educação; e, com cuidado, paciência, método e tempo, podemos assim viajar pelo vasto círculo do conhecimento humano.

A palavra do surdo, se bem ensinada, não é, como dizem mecânica, artificial e morta: ao contrário, é consciente, natural e viva. Pode, sem dúvida, não ser tão suave, tão matizada, tão expressiva quanto o do ouvinte (isso depende de várias circunstâncias, da idade em que a educação foi iniciada, das condições em que foi ministrada, dos cuidados de que foi o objeto, da aptidão fisiológica do aluno), mas, sempre *inteligente*, esta palavra é pelo menos sempre *inteligível*; e o surdo educado que a fala é verdadeiramente devolvido à vida e à sociedade, e nela ocupa um lugar diferente daquele do pobre surdo-mudo que tem à sua disposição apenas uma mímica embaraçosa e incompreendida, e a escrita tão raramente e tão dificilmente praticável. Se o surdo, que se vê obrigado a ler a palavra nos lábios, não está em situação tão favorável como a de quem a ouve, está sempre em situação infinitamente melhor do que aquele que não ouve nem lê. Já comparei este último a um cego da sociedade, e disse que, ao lado dele, o surdo-falante não necessita mais do que apenas um olho. Repito e digo que se o surdo-falante, ainda com um olho só, só vê com um olho, mas pelo menos vê, e que é cem vezes melhor ver só com um olho do que não ver.

O novo ensino despojou completamente o ensino dos surdos-mudos do caráter misterioso com que havia sido revestido por muito tempo, e o trouxe de volta aos dados do ensino comum; não havia mais nenhuma diferença, exceto na reversão de dois termos gerais. Enquanto o ouvinte pensa e fala primeiro o seu pensamento, depois escreve a sua palavra e pensa a sua escrita, o surdo-falante, ao contrário, primeiro pensou e escreveu o seu pensamento, depois falou a sua escrita e pensou a sua palavra.

Depois de trinta anos, portanto, na França havia dois métodos gerais, duas escolas presentes: a *Escola francesa de sinais* e a *Escola francesa da palavra*. Esta última tem sido chamada por muitos de *Escola Alemã*, por causa da hospitalidade que a Alemanha sempre deu ao ensino da palavra; mas eu insisto em chamá-la de *Escola francesa da palavra* porque é, na França, nosso trabalho e nossa propriedade, para nós franceses; porque, sem precisar do esclarecimento e do exemplo da Alemanha, o deduzimos e extraímos, como consequência última e natural, da *Escola francesa de sinais*; e porque, enfim, está conosco apenas o retorno a um ponto de partida, a Pereire, que o trouxe e o praticou na França, cujo coração era francês e cuja família é francesa.

A nova escola tinha muito a combater. Diante das hostilidades e até do ódio mais violento, ela lutou e abriu caminho. Repelido inicialmente pela grande maioria dos professores franceses, permanece, no entanto, recrutando a cada ano em seu caminho novas adesões e novos reforços, acabando por romper e triunfar.

Por muitos anos não teve outro abrigo senão a nossa instituição; e, apesar das repercussões que a erudita discussão da Academia de Medicina de Paris lhe trouxe em 1853⁴³, que absorveu dez sessões da erudita assembleia, não teve, durante todo esse tempo, outro suporte senão a fé e a dedicação do fundador desta instituição, ele próprio apoiado pelo Doutor Blanchet, falecido em dificuldades no ano de 1867, e pelo Sr. Vaisse, então diretor do Instituto Nacional de Paris; mas, pouco a pouco, nossas fileiras estão crescendo e se fortalecendo. Os irmãos de São Gabriel, que têm instituições para surdos-mudos ou que ensinam em Lille, Soissons, Nantes, Poitiers, Toulouse, Saint-Étienne, etc., logo abriram seus estabelecimentos ao novo método, e suas portas entreabertas no início, terminaram por abri-se amplamente. Os irmãos e irmãs, assim como os diretores leigos encarregados das escolas municipais de Paris, por sua vez, fizeram o que puderam a favor da palavra, nas aulas abertas aos surdos-mudos em seus colégios, a partir de 1850, pelos Sociedade Geral de Assistência, Educação e Mecenato. Uma escola especial foi aberta em Lyon, com o Sr. Hugentobler como diretor. Outras escolas foram abertas em Saint-Hyppolite-du-Fort (Gard) e perto de Avignon, uma sob a direção do Sr. Martin e mais tarde do Pastor Bouvier, a outra sob a direção do Abade Grimaux. E finalmente, em 1875, Paris foi dotada de uma segunda instituição destinada ao ensino da palavra: a instituição Pereire, fundada pelos senhores Isaac e Eugène Pereire, neto e bisneto de Jacob-Rodrigues Pereire, e administrada pelo Sr. Magnat. Todos esses esforços reunidos deram necessariamente um impulso considerável ao nosso ensino e, a esta hora, e apesar de certos exageros nos jornais que mais prejudicaram a causa do que a servem, verifica-se que a mesma maioria, que uma vez foi contra nós, é pelo contrário mais forte do que nunca por nós.

Um Congresso Internacional, o primeiro que a França viu sobre o tema da educação dos surdos-mudos, inaugurado em Paris em 1878, sob os auspícios do Governo, por ocasião da Exposição Universal; e, presidido pelo Sr. Léon Vaisse, declarou, após madura deliberação, que “o chamado *método de articulação*, envolvendo a leitura da palavra nos lábios, que visa integrar o surdo-mudo na sociedade, deve ser decididamente preferido sobre todos os outros”.

43 Ver *Examen critique et raisonné de cette discussion*, por Aug. Houdin, Paris, 1855 (Labé, editor).

Um Congresso Nacional aberto em Lyon no ano seguinte, sob os auspícios de um comitê honorário do qual o reitor da academia era membro e mantido sob nossa presidência, parecia dar um passo para trás ao declarar que, “por notar a vantagem da articulação sobre a mímica, sobretudo para tornar o surdo-mudo mais integrado na sociedade, expressou o desejo de que grande parte fosse deixada à mímica no ensino dos surdos-mudos”. Mas, na realidade, ele não recuou e só queria manter certa reserva por algum motivo não relacionado aos próprios métodos. E o presidente do Congresso de Lyon, que desde então conheceu e compreendeu esta razão, pode afirmar aqui que o método de articulação encontrou em Lyon as mesmas simpatias e, basicamente, a mesma sanção que em Paris.

Esta apresentação, Senhor Ministro, não seria completa se não acrescentarmos que o Ministro do Interior, com razão com ciúme de permitir que as instituições do Estado sob sua administração se beneficiem do progresso feito na educação privada, foi bom o suficiente para tomar uma grande parte no próprio movimento e dar-lhe de alguma forma uma sanção oficial, como V. Exa. já tinha tido a bondade de o fazer, promovendo-o por todos os meios ao seu alcance.

O Senhor Ministro do Interior, que colocou à disposição do Congresso de Lyon uma verba destinada ao serviço de estenografia, e que nomeou um delegado, o Senhor André Valade-Gabel, censor de estudos do Instituto Nacional de Paris, para assistir a este congresso, tinha também provocado anteriormente, nas Instituições Nacionais de Bordeaux e Paris, julgamentos que, habilmente dirigidos, em Bordeaux, pelas irmãs da congregação de Nevers, e em Paris pelo Sr. Abade Balestra, um apóstolo ardente do ensino da palavra, deu bons resultados, que não poderiam deixar de acontecer com a excelência da causa de um lado, e com o zelo, a dedicação e o talento postos ao seu serviço, de outro.

O Ministro do Interior não parou por aí. Já no ano passado havia confiado ao Sr. O. Claveau, inspetor geral das instituições de caridade, a missão de estudar, com a assistência do Sr. Théop. Denis, chefe adjunto do Ministério do Interior, “os métodos usados na Alemanha, Bélgica, Holanda e Suíça para a instrução de surdos-mudos, e para apreciar particularmente o papel atribuído neste ensino à língua falada”; e o relatório do Ilustre Sr. Claveau, que tenho diante dos olhos e que revela uma mente tão firme quanto judiciosa, concluía, embora com prudente reserva, todo a favor do ensino da palavra.

“O ensino dado aos surdos-mudos pelo uso paralelo da língua escrita e da língua falada, disse Claveau, pode conduzir, em muitos casos, a resultados sérios, desde que se obrigue a fazer uso constante da comunicação oral com os alunos ... Na hipótese do sucesso obtido, este processo apresenta vantagens nas

quais seria supérfluo insistir, em relação aos processos que associam ao estudo da língua escrita o uso da língua de sinais”⁴⁴.

E foi neste estado, Sr. Ministro, que a questão surgiu no Congresso de Milão.

II

O CONGRESSO DE MILÃO

O Congresso de Milão, preparado, por iniciativa dos professores livres franceses, aos cuidados de uma comissão local em Milão e uma comissão central de organização e estudo em Paris, foi aberto solenemente, sob os auspícios do Governo italiano e da cidade de Milão, aos 06 de setembro de 1880, e durou, segundo os termos do seu regulamento, até sábado 11 de setembro inclusive.

Foi precedido e seguido por numerosos e interessantes exercícios realizados pelos alunos sob o olhar de seus membros, nas duas instituições de Milão, e nas de Pávia e Como.

Ele teve dez sessões. A sessão de abertura, onde se trocaram os mais cordiais e calorosos sentimentos de bom companheirismo internacional⁴⁵, foi presidida pelo prefeito da província de Milão, assistido pelos Senhores Conde Giulio Belinzaghi, Prefeito de Milão, César Correnti e Giulio Bianchi, deputados do Parlamento, Dr. Aug. Zucchi, presidente do Comitê local de Milão e representante do Ministro da Educação Pública da Itália. Junto com esses senhores, tinham ocupado seu lugar no departamento os senhores membros do Comitê Local de Milão, os do Comitê organizador de Paris, com seu presidente honorário, Sr. Léon Vaïsse, em substituição ao Sr. Eugène Pereire, presidente ausente, e os da delegação francesa do Congresso de Lyon, com seu presidente, Sr. Aug. Houdin, encarregado da missão do Ministro da Educação Pública da França. Depois de muitos discursos aplaudidos dos Srs. Aug. Zucchi, Giulio Belinzaghi, Léon Vaïsse e Aug. Houdin, a última secretaria foi montada, e o congresso começou seus trabalhos sob a presidência do padre Giulio Tarra, diretor da instituição para surdos-mudos pobres da província de Milão, e a vice-presidência para a Itália, de P. Marchio, professor de Siena; para a França, do Sr. Aug. Houdin, diretor em Paris; para a Inglaterra, do Sr. J.-L. Peet, diretor em Nova York; e para a Alemanha, do Sr. Edm. Treibel, diretor em Berlim.

44 **L'Enseignement de la parole dans les institutions des sourds-muets**. Rapport à M. le Ministre de l'intérieur et des cultes, par M. O. Claveau, inspecteur général des établissements de bienfaisance, 1880.

45 Ver os jornais italianos e notadamente o **Lombardia** de terça-feira, 07 de setembro de 1880.

Os membros registrados foram 254, sendo 156 italianos, 66 franceses, 19 ingleses ou americanos e 13 alemães, suíços, russos, suecos ou noruegueses.

O Ministro do Interior da França havia delegado especialmente ao congresso o Senhor Ad. Franck, do Instituto, acompanhado pelos Srs. O. Claveau, inspetor geral de estabelecimentos de caridade; Dr. Peyron, diretor da instituição nacional para surdos-mudos em Paris; Gust. Huriot, diretor da instituição nacional de surdos-mudos em Bordeaux; e duas senhoras de Nevers, vinculadas a esta última instituição.

Estas são as duas escolas *mímica e oral*, que descrevemos acima, que estiveram presentes no Congresso de Milão. Mas logo ficou evidente que a primeira havia perdido tanto terreno desde o Congresso de Lyon em benefício da segunda, que não era mais do que uma sombra de si mesma, e que na realidade estava mais entre a escola mímica e aquela da palavra a luta que estava dali em diante travada, mas entre duas frações da própria escola da palavra: a fração da escola da palavra dita *mista*, e aquela dita *oral pura*. Uma admite a palavra como meio e fim de ensino, mas deixando, nos termos da decisão do Congresso de Lyon, um lugar e uma ação aos sinais mímicos, isto é, à mímica da escola francesa de sinais, sempre mais ou menos convencionais, embora ditos *naturais*; a outra não admitindo de forma alguma o concurso do sinal mímico, mas apenas o do *gesto* natural, imperativo, interrogativo, descritivo ou exclamativo, tal como é usado na educação e conversação do ouvinte.

Na verdade, o pessoal das escolas departamentais ou privadas, que é de longe o mais numeroso na França, incluindo veteranos, primeiros trabalhadores, que eu conhecia há quarenta anos, todos com sinais metódicos, e que, após serem chamados de sinais *naturais*, viram aí o último termo do progresso, se reagruparam sinceramente, de acordo com os resultados que haviam observado nas instituições da Itália, e aos quais prestaram lealmente homenagem, ao ensino da palavra. Pela presença e atitude absolutamente solidárias do eminente representante do Ministro do Interior, Sr. Ad. Franck; por aquelas do Sr. Claveau, que veio a saudar o nosso ensino com estes belos versos de Dante:

O dolce lume, a cui fidanza io entro
Por lo nuovo cammin, tu ne conduci⁴⁶;

por aquelas dos Srs. Dr. Peyron e Gust. Huriot, das irmãs de Nevers e do Frei Cássius, de Chambéry, sentado ao lado do Abade Balestra, o ardente apóstolo da palavra, a alta administração e as nossas três instituições nacionais de Paris, Bordeaux e Chambéry, trouxeram-lhe mais do que uma expressão de homenagem e adesão. Nossos colegas ingleses ou americanos, que até então

46 Purgatório, Canto XIII.

e em geral mantiveram suas preferências pela mímica, convencidos por vários deles, ficaram felizes em seguir o fluxo. Sozinho, o corpo docente da Instituição Nacional de Paris não deu sua nota harmônica no concerto; mas essa exceção não alterou nem a significação nem o seu escopo. A superioridade do ensino da palavra não estava mais em questão; era apenas uma questão de saber se seria aceito em termos absolutos, como em Paris em 1878, ou em termos relativos, como em Lyon em 1879. Era, se a comparação pode encontrar graça aqui, como uma *beleza* que ia ser disputada entre dois campos, termo a termo⁴⁷.

A primeira e principal questão do programa era esta:

“Indicar as vantagens do método de articulação sobre o dos sinais e vice-versa; do ponto de vista da educação, sem descurar o que diz respeito à vida social”.

A discussão se perdeu um pouco com a leitura de resumos pré-escritos que, por mais interessantes que fossem, não tratavam diretamente a questão e não condensavam suficientemente os argumentos sobre o mesmo ponto. Mas não demorou, e nem poderia, as seguintes considerações gerais, já invocadas por nós em Lyon, recorrentes em mentes confirmadas por tudo o que tinha sido visto na Itália, não eram susceptíveis de deixar em suspenso desta vez a determinação da maioria:

“Se a palavra, diante dos surdos, oferece a desvantagem de exigir do professor mais sacrifício e mais cuidado do que mímica, e de exigir um maior número de professores para o mesmo número de alunos, tem em compensação a imensa e apreciável vantagem de dotar os surdos-mudos de um meio de comunicação conveniente e geral na vida e, assim, de resolver, tão completamente quanto possível, o problema da educação dos surdos-mudos necessariamente dado nestes termos: “Reintegrar os surdos-mudos o mais próximo possível do ouvinte-falante da sociedade”.

“Se a mímica tem sobre a palavra a vantagem de exigir menos sacrifício e cuidado e um menor número de professores para o mesmo número de alunos, tem a imensa e inquestionável desvantagem de dar aos surdos-mudos apenas um meio incômodo e singular de comunicação na vida, conseqüentemente de mantê-lo isolado da sociedade ao invés de aproximá-lo dela, e assim resolver apenas de forma absolutamente insuficiente o problema de sua educação dado nos termos acima.

“Se a mímica tem a vantagem de atingir mais facilmente o número, a palavra, que em última análise também pode alcançá-la, tem a vantagem sobre ela de ter mais controle e ação sobre a inteligência e obter melhores resultados.

“As lições aprendidas pela palavra, ou seja, decompondo os textos a serem aprendidos em elementos sonoros e silábicos, como o faz o ouvinte, são aprendidas mais rapidamente do que as lições aprendidas pela mímica, ou

47 NdT: no original “manche à manche”.

seja, pela decomposição dos textos em elementos datilológicos ou alfabéticos, dez vezes mais numerosos que os primeiros; e aquelas lições, aprendidas mais rapidamente, são muito melhores, porque a impressão mais nítida, mais forte e mais natural, produzida no centro intelectual pela palavra falada, alivia consideravelmente a ação da memória, e assim deixa ainda mais espaço àquela da inteligência pelo duplo trabalho de percepção e assimilação da ideia e do conjunto da palavra, das ideias e do conjunto da frase.

“Se a palavra lida nos lábios tem a desvantagem de ser mais fugaz e de produzir uma sensação mais vaga do que a palavra percebida pelo ouvido, a mímica tem, não menos grave, a falta de laços e sinais gramaticais que sua natureza rejeita, com uma imprecisão e desarticulação desesperadoras em sua fraseologia.

“Se a demonstração oral é lenta para o surdo que lê lábios, ela é pelo menos precisa e clara em suas formas; se a demonstração mímica é mais rápida, suas formas, por outro lado, estão cheias de equívocos e obscuridade.

“Se a mímica tem para nós a desvantagem de apresentar ao aluno uma frase construída diferente da frase escrita; a palavra tem, ao contrário, a vantagem de apresentá-la como outra exatamente semelhante, e assim simplificar o estudo da língua escrita, que por sua vez auxilia o da palavra, e principalmente o da língua, por oferecer um ponto de apoio mais sólido para o olho e, conseqüentemente, para as operações da mente, para a atenção, para a reflexão e, como se poderia dizer, para a *ruminação* de ideias e formas expressivas.

“Se a palavra lida nos lábios tem o sério inconveniente, infelizmente irreparável, de fazer o surdo-falante perceber apenas *sucessivamente* e pelo mesmo sentido, uma única porta intelectual aberta, a visão, as duas ordens de sensações, *sensação-ideia* ou percepção da coisa, *sensação-sinal* da ideia, ou percepção da expressão, que o ouvinte percebe *simultaneamente* por dois sentidos, duas portas intelectuais se abrem ao mesmo tempo, visão e audição; a mímica apresenta exatamente o mesmo inconveniente para o surdo-mudo, que também tem apenas um só sentido, uma única porta intelectual aberta a duas ordens de sensações; e tanto a lentidão como o atraso que resulta desta dificuldade nos estudos de um existem também nos do outro.

“Se a palavra tem a desvantagem, que a mímica não tem, de absorver, em benefício da educação do órgão vocal, um certo tempo tirado da educação intelectual, ela tem, em compensação, a vantagem de poder tornar o aprendizado mais rápido e melhor, de poder se recuperar, e além, em benefício do segundo o tempo dedicado ao primeiro e, finalmente, conseguir executar pelo menos os mesmos programas, enquanto dota o surdo-mudo do meio de comunicação geral da sociedade.

“E, por fim, uma circunstância lembrada na discussão pelo Sr. Presidente Tarra e o Abade Brambilla, a mímica muitas vezes tem a desvantagem gravíssima, que a palavra não tem, de excitar os sentidos ao mais alto grau e provocar a paixão. Rudeza, e eu poderia dizer nudez, o *naturalismo* do sinal mímico tem, de fato, a triste propriedade de exprimir certas coisas de maneira ofensiva à delicadeza e perigosa para a boa moral. Ovídio, reclamando da desaprovação de seus escritos licenciosos, há muito clamou:

“*Quid, si scripsissent mimos obscoena jocantes?*”⁴⁸

“Quer dizer que, sem sequer invocar a razão higiênica que vem, ela também milita fortemente a favor da palavra, o exercício da palavra favorece a função respiratória, uma das mais importantes e gerais da vida, e pode ser considerada como tal como uma ginástica especial e revigorante dos órgãos do peito e mesmo de todo o ser fisiológico, isto é, sem sequer invocar esta razão já tão poderosa, todas as vantagens ficam com o ensino da palavra.”

A seguinte resolução, confirmação explícita ou implícita dessas considerações, foi de fato logo votada por unanimidade, em resposta à primeira questão do programa:

RESOLUÇÃO I

“O congresso,

“Considerando a indiscutível superioridade da palavra sobre os sinais, para reintegrar o surdo-mudo na sociedade e dar-lhe um conhecimento mais perfeito da língua,

“Declara:

“Que o método oral deve ser preferido ao da mímica para a educação e instrução dos surdos-mudos.”

O honorável Sr. Claveau, em seu bem elaborado relatório ao escrever ao Ministro do Interior, relatório já citado, havia dito: “Partindo do pressuposto de que a quantidade de conhecimentos adquiridos foi reconhecida como menor nos surdos-mudos criados com o auxílio da palavra, acreditamos que o futuro a ser considerado além do final do período escolar traria mais promessas para a criança que ingressaria no mundo dos ouvintes com um meio de comunicação verdadeiramente usual”. E, terminando com uma comparação encantadora tão bela quanto justa, acrescentou: “Se nos for permitido introduzir aqui uma comparação familiar, diremos que as ideias a serem transmitidas pela palavra representam, para o surdo-falante, um capital realizado em espécie acontecendo em qualquer

⁴⁸ Os Tristes, Liv. II.

NdT: “E se eu tivesse feito escrito desenhos obscenamente engraçados?”.

lugar, facilmente e utilmente permutável a qualquer momento; que as ideias cuja transmissão está sujeita ao emprego da escrita são, ao contrário, assimiláveis a valores mais preciosos, mas cuja troca não se dá da maneira corrente. Em muitas circunstâncias, no entanto, esses valores podem oferecer menos recursos do que um capital menor em espécie e cambiável a todo momento.

Esta foi, Sr. Ministro, uma homenagem tão merecida como sentida, prestada ao ensino da palavra, por uma das vozes mais autorizadas, e, se nos pareceu útil reproduzi-la imediatamente após a primeira decisão de Congresso, é que nos pareceu apropriado trazer à tona todo o seu alcance. O Sr. O. Claveau fez apenas uma reserva bem medida ao fazer apenas uma suposição simples sobre a soma de conhecimentos que se pode dar ao surdo pela palavra, em comparação com o que a mímica pode dar a ele, e diante desta suposição simples em si o Congresso não deixou mais nenhuma razão de ser. Se pela palavra se deve adquirir *um conhecimento mais perfeito da língua*, segue-se que também se deve adquirir um conhecimento mais perfeito das outras disciplinas da educação para as quais a língua contribui, e essa ideia de *maior perfeição* implica necessariamente antes a *ideia de mais* do que a *ideia de menos* na soma dos conhecimentos adquiridos. As considerações gerais precedentes já o indicavam, mas os fatos o demonstraram ainda melhor do que o próprio voto do Congresso: os surdos-falantes que, na Itália, chegaram a nos oferecer uma representação teatral, e que mantiveram em cena por horas, nos expressaram, por meio da palavra, uma soma de ideias e conhecimentos adquiridos por meio da palavra que a mímica certamente nunca poderia lhes conceder tão grande.

A primeira votação do Congresso de Milão correspondeu àquela de Paris, que também foi afirmativa no sentido da palavra, e este foi decididamente bem-sucedido. Mas esse não era de todo o interesse do Congresso: outra votação, ainda mais importante, iria decidir entre as duas frações, que definimos, da escola da palavra: a da palavra dita *mista*, e a da palavra chamada *oral pura*.

A questão que constituiu apenas ocasião da votação, não sendo os seus termos diretamente provocados, era a segunda do programa e foi assim concebida:

“Explicar em que consiste o denominado método *oral puro* e destacar a diferença entre este método e o denominado *misto*.”

Depois de uma discussão bastante trabalhosa em que participaram um grande número de membros do Congresso, e em particular os Srs. Presidente, Secretário-geral, vice-presidente e vice-secretário francês, Srs. Arnold, Abade Bouchet, Treibel, Hugentobler, Peet, Magnat, Abade Brambilla, Ekborhn, Srta. Hull, a seguinte solução foi adotada por uma maioria esmagadora:

RESOLUÇÃO II

“O congresso,

“Considerando que o uso simultâneo da palavra e dos sinais mímicos tem a desvantagem de interferir na palavra, na leitura labial e na precisão das ideias,

“Declara:

“Que o método *oral puro* deve ser preferido.”

As duas questões principais do Congresso foram assim decididas. O triunfo da escola da palavra foi completo; e, para melhor acentuá-lo, as duas últimas sementes de divisão que subsistiam nesta escola desapareceram de seu seio.

Restava apenas abordar as principais questões de aplicação e de detalhes. A seguinte resolução foi votada pela primeira vez, de interesse geral para a população surda-muda:

RESOLUÇÃO III

“O congresso,

“Considerando que grande número dos surdos-mudos não recebe o benefício da educação;

“Que esta situação decorre dos poucos recursos das famílias e estabelecimentos, expressa o desejo de que os governos tomem as medidas necessárias para que todos os surdos-mudos possam ser educados.”

Em seguida, as seguintes questões do programa foram respondidas sucessivamente, após discussão:

1º - Quais são os meios mais naturais e eficazes para o surdo-falante adquirir conhecimentos da língua habitual?

2º - Quando e como a gramática será usada no ensinamento dos surdos-mudos?

3º - Quando os manuais ou livros devem ser colocados nas mãos dos alunos?

4º - Os surdos educados pelo método da articulação esquecem, ao sair da escola, dos conhecimentos que aí adquiriram e, nas suas conversas com os falantes, dariam preferência à linguagem mímica e à língua escrita?

5º - Qual a idade mais favorável para o surdo-mudo ser admitido na escola?

6º - Qual deve ser a duração dos estudos do surdo-falante?

7º - Qual o número de alunos que um único professor pode efetivamente ensinar pelo método de articulação?

As respostas foram as seguintes:

RESOLUÇÃO IV

“O congresso,

“Considerando que o ensino do surdo-falante pelo método oral puro deve ser o mais próximo possível ao dos ouvintes-falantes,

“Declara:

1° - Que o meio mais natural e mais eficaz, pelo qual o surdo-falante irá adquirir conhecimentos da língua, é o chamado método *intuitivo*, isto é, aquele que consiste em designar, primeiro pela palavra, depois pela escrita, os objetos e os fatos colocados diante dos olhos do aluno;

2° - Que, no primeiro período de educação, conhecido como *maternal*, o surdo-falante seja conduzido à observação das formas gramaticais por meio de exemplos e exercícios práticos coordenados; e que, no segundo período, devemos ajudá-lo a deduzir desses exemplos os preceitos gramaticais expressos com a maior simplicidade e clareza possíveis;

3° - Que livros escritos com as palavras e formas da linguagem conhecidas pelo aluno possam ser colocados em suas mãos a qualquer momento.

RESOLUÇÃO V

“O congresso,

“Considerando a falta de livros muito elementares para promover o desenvolvimento gradual e progressivo da língua,

“Emite o desejo:

“Que os mestres do ensino oral se dediquem a publicar livros especiais.”

RESOLUÇÃO VI

“O congresso,

“Considerando o resultado das numerosas experiências realizadas com surdos-falantes de todas as idades, de todas as condições, há muito afastados dos institutos, que, questionados sobre os mais diversos assuntos, respondiam com exatidão, com suficiente clareza de articulação, e liam os lábios de seus interlocutores com a maior facilidade,

“Declara:

1° - Que os surdos ensinados pelo método oral puro não esquecem, ao sair da escola, dos conhecimentos que aí adquiriram, mas desenvolvem-nos através da conversação e da leitura, que lhes são oferecidas mais facilmente;

2° - Que, em suas conversações com os falantes, eles se servem

exclusivamente pela palavra;

3º - Que a faculdade da palavra e da leitura nos lábios, longe de se perder, se desenvolve com o uso.”

RESOLUÇÃO VII

“O congresso,

“Considerando que o ensinamento da palavra tem exigências particulares;

“Considerando os dados da experiência trazidos pela quase unanimidade dos professores dos surdos-falantes,

“Declara:

1º - Que a idade mais favorável para o surdo-mudo ser admitido na escola é a idade de 8 a 10 anos;

2º - Que a duração dos estudos seja de, no mínimo, sete anos, e melhor ainda, de oito anos;

3º - Que o professor não pode eficazmente, pelo método oral puro, ensinar mais de dez alunos.”

RESOLUÇÃO VIII

DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

“O congresso,

“Considerando que a aplicação do método oral puro, em instituições onde ainda não está em vigor, deve ser cuidadosa, gradual, progressiva, sob pena de ser comprometida,

“É da opinião:

1º - Que os novos alunos nas escolas formem ali uma turma separada onde o ensino será ministrado pela palavra;

2º - Que esses alunos sejam absolutamente separados dos surdos-mudos, muito avançados para serem instruídos pela palavra, e cuja educação deverá ser concluída com os sinais;

3º - Que a cada ano uma nova classe da palavra seja estabelecida na escola, até que todos os antigos alunos ensinados pela mímica tenham completado sua educação.

Com estas resoluções diante de mim, permita-me, Senhor Ministro, apresentar à Vossa Excelência, a respeito da terceira e quarta, algumas observações que me parecem ter o seu lugar aqui, e talvez a sua importância.

A Resolução III, ao expressar o desejo de ver todos os surdos-mudos chamados ao benefício da educação e, conseqüentemente, hoje ao da palavra, apenas renova um pensamento que, sem o termo *palavra*, já era o de nossa primeira República, a mãe de nossas primeiras escolas. Por um decreto de 3 Nivôse ano III⁴⁹ que elevou para 60, em cada uma das nossas duas instituições nacionais em Paris e Bordéus, o número de bolsas de valores do Estado inicialmente fixado em 24. A Convenção tinha, de fato, declarado querer abranger com a proteção estatal todos os franceses surdos-mudos. Mas o número destes últimos, que por engano foi aumentado para 3.000, já era então muito maior, e o objetivo de nossos legisladores não foi alcançado. Ainda hoje, embora na França estejamos nos aproximando bem, em geral ainda não é assim, e é por essa razão que o Congresso considerou necessário apelar aos governos em geral, sem cuja ajuda muitas vezes é necessária a devoção privada. Quanto ao nosso, estou certo de que estará associado ao pensamento humanitário do Congresso, e que os surdos-mudos franceses encontrarão, no precedente invocado, mais um título à sua benevolência.

A população surda-muda aumentou em proporção ao aumento da população em geral, às vezes até além dessa proporção, de acordo com circunstâncias que podem afetar o físico e o moral de mães e crianças, e, embora a última enumeração geral apenas o traga para 21.395 indivíduos entre nós, temos todos os motivos para acreditar que pode ser aumentado para um valor ligeiramente superior. Muitas famílias, mesmo quando questionadas sobre isso, não declaram seus filhos *surdos-mudos*; até os 3, 4, 5 e 6 anos, alguns ainda não sabem que eles o sejam ou se recusam a acreditar; a surdez, causa do mutismo, pode não ocorrer até essa idade, e ainda mais tarde, e, seis meses após o levantamento, resultar em surdo-mudo de uma criança registrada como ouvinte-falante; finalmente, a surdez que surgiu mais cedo, por ser acentuada apenas gradativamente, pode não ser notada e tornar-se uma certeza, embora já exista bem no momento do levantamento, somente após esta operação; e por todas essas razões, colocamos, eu digo, nossa população de surdos-mudos em cerca de 24.000 indivíduos. Se compararmos o número de crianças de 8 a 16 anos, no total de 5.125.249, com o número da população geral, no total de 36.905.888⁵⁰, descobrimos que é cerca do sétimo dessa população que forma o que poderíamos chamar de elementos de nossa população escolar, e, portanto, são 3.428 surdos-mudos, ou o sétimo de 24.000, que formam os mesmos elementos para a população surda-muda. No entanto, temos neste momento na França 60 instituições especiais, e nestas 60 instituições, nacionais, departamentais ou

49 NdT: O autor cita o calendário revolucionário utilizado na França no período de 1792 a 1805. Nivôse era o período entre 21 de dezembro e 19 de janeiro do calendário gregoriano.

50 Censo de 1876.

privadas, 2.500 alunos⁵¹: faltam, portanto, apenas novecentas e poucas para que o nosso número normal seja alcançado e o objetivo da Convenção alcançado.

Em nosso país de sufrágio universal, onde a educação se tornou a necessidade e o direito de todos, não é ainda mais particularmente a necessidade e o direito do pobre surdo-mudo? O ouvinte-falante, sem mestre e apenas em contato com a sociedade, pode pelo menos adquirir certas noções necessárias, as do bem e do mal, do direito e do dever: o surdo-mudo não pode. No meio dos outros, será dirigido apenas pelo instinto, e se este instinto for mau, sem o mestre e a instrução que o dirige, ilumina e retifica, ele seguirá seu curso. E se, um dia, o pobre isolado viola a moralidade e as leis, em que medida a sociedade, que lhe recusou a luz, terá justificativa para lhe pedir contas de seus atos e reprimir nele um ato ilícito ou criminoso? Não tem mais, graças a Deus! a esta hora, apenas mil surdos-mudos neste caso por cada período escolar, mas estes mil são muitos: é mais do que nunca uma mancha na nossa civilização!

O ano de 1848 colocou, pela primeira vez, o surdo-mudo na posse de seus direitos eleitorais e, desde então, os caminhos de nossos escrutínios estão abertos para ele; mas poderão eles ir lá cumprir o seu dever, estes milhares que, aumentando periodicamente o número dos negligenciados dos períodos escolares anteriores, se permanecem como eles neste estado de abandono, ignorância e irresponsabilidade? E este grupo de separados, quase escravizados⁵², não trabalha por sua vez no dia augusto da liberdade?

Esta situação, Senhor Ministro, parece-nos cada vez mais digna da solicitude e do patriotismo dos nossos poderes públicos, pois parece que está a chegar ao fim e que o mínimo esforço pode esta hora fazer cessar. Depois da República de 92, que deu o sinal para a emancipação intelectual dos surdos-mudos; depois da de 1848, que deu o sinal para a sua emancipação cívica, resta uma parte muito boa, a melhor talvez, a de 1870, que pode hoje coroar a obra de ambas.

Na Itália, onde o governo, as províncias, as cidades e os indivíduos contribuem de forma tão eficaz para o bem dos surdos-mudos e para a realização das maravilhas que testemunhamos, duas administrações, a do interior e a da educação pública, julgaram que era bom combinar a sua atuação em comum acordo e a participação, cada um na medida acordada, nos encargos e na alta direção dos estabelecimentos. Tal combinação, possível e fecunda na Itália, não seria possível na França, e não poderia ser tão fecunda, especialmente neste momento decisivo? Esta é uma pergunta simples que faço sem pretender resolvê-la.

51 Números fornecidos pelo Sr. Léon Vaïsse no Congresso de Lyon, em 1879.

52 NdT: “*ilotes*” do grego antigo hilota ou escravo. A considerar que o autor está mencionando um quadro de participação de todos como cidadãos, talvez a menção ao termo grego tenha sido intencional para contrastar com “liberdade”.

A Resolução IV, Senhor Ministro, não suscita considerações de interesse prático como as anteriores, mas dá origem a uma constatação de grande interesse teórico. Ao declarar que “o meio mais natural e eficaz pelo qual o surdo-falante irá adquirir conhecimento da língua é o denominado método *intuitivo*”, o Congresso, nesta resolução, completa a expressão do seu pensamento ao acrescentar que este método consiste “em designar, *primeiro pela palavra, depois pela escrita*, os objetos e os fatos colocados sob os olhos do aluno”.

No entanto, o que se deve notar aqui é que o Congresso está dando um último passo à frente que traz completamente a educação dos surdos-mudos de volta aos dados da educação comum.

Em 1850, nossa marcha consistia em primeiro colocar a palavra escrita sob os olhos do surdo-mudo, diante do objeto ou fato, e fazê-lo *ler e falar* a palavra. Em outras palavras, e ao contrário do que se faz para o ouvinte que primeiro pensa e *fala* o seu pensamento, e depois *escreve* a sua palavra e pensa a sua escrita, fizemos o surdo-mudo pensar, o fizemos *ler e escrever* o seu pensamento, e então o fizemos *falar* sua escrita e pensar sua palavra, que derruba, como eu disse, os dois termos gerais de um mesmo ensinamento. Por decisão do Congresso, o ensino do surdo-mudo está agora exatamente reduzido aos termos gerais daquele do ouvinte-falante. Assim como quem ouve e fala, o surdo-mudo doravante pensa e fala primeiro e depois lê e escreve. Resta apenas uma diferença entre o ouvinte e o surdo, ambos falantes de agora em diante, e essa diferença subsistirá enquanto a audição não for restaurada ao último; é vendo e sentindo, e sob a influência de uma direção e impulso particulares, que ele sempre terá a posse da palavra, enquanto é por ouvir e pela ação espontânea do jogo de seus órgãos, que o faz o ouvinte.

E como estamos tão próximos da educação comum, talvez seja o caso, Senhor Ministro, de colocar aqui estas últimas observações que não interessam mais apenas aos surdos-mudos, mas à educação em geral:

Eu disse que nossa educação especial muitas vezes pode lançar luz sobre a teoria e a prática da educação comum, e acrescento que ela pode e já prestou um grande serviço à educação primária.

Em poucos meses, dissemos, nosso jovem surdo-mudo inteligente é capaz de emitir quase todos os sons e articulações de nossa língua, e sua mãozinha é capaz de traçar os sinais escritos, sua inteligência compreendendo perfeitamente a concordância e distinguindo-os perfeitamente uns dos outros. Isso quer dizer que em poucos meses nosso jovem surdo-mudo aprende tanto a falar como a *ler e escrever*, como dizem; leitura e escrita sendo tomadas aqui na aceitação ordinária da palavra, isto é, para a faculdade de reproduzir, pela palavra, o vocábulo escrito e, pela escrita, o vocábulo falado, sem sempre compreender o seu significado. Ora, se para obter este resultado em poucos meses foi necessário

primeiro, para nós, despertar um órgão inerte, e naturalmente condenado à inércia pelo fato da surdez, colocá-lo em ação, fazê-lo funcionar, e por meios relativamente artificiais, o que não obteríamos, com nosso método, no ensino do ouvinte, no qual o órgão funciona natural e espontaneamente?

Minhas duas filhas e outras pessoas ouvintes, que fui capaz de criar no meio de meus surdos-falantes, já liam e escreviam com cinco anos de idade e entendiam palavras lidas ou escritas o suficiente para já poderem manter uma correspondência de sua idade com pessoas ausentes. Que vantagem e que avanço para o resto da educação! Quanto progresso foi feito, quanto de tempo já se economizou na idade em que, normalmente, a criança mal começou a conhecer e a montar suas cartas!

A lei rudimentar do *a, b, c* não existe para nós; nem a ortografia funciona. Nunca dizemos a nossos filhos que existem letras, sílabas, palavras, assim como a mãe não diz ao filho que começa a falar de joelhos: aprenderão depois. Não dizemos à criança *a, b, b-a, ba*, “o que ela escuta distraidamente”, como disse o senhor Félix Hément⁵³, “porque não há interesse nisso, e isso só põe em prática a sua memória e não sua inteligência”; nós o fazemos dizer *pa* e escrevemos *pa, ba* e escrevemos *ba*, e então *papa, baba*, palavras inteiras e significativas, de aplicação imediata e, portanto, *vivas*. Fazemos assim a fisiologia e não a anatomia da palavra, da leitura e da escrita, e a criança diz, lê, escreve e compreende *papa* e *baba*, o que lhe interessa e o que é importante seguindo em ação as principais forças de sua pequena inteligência: vontade, atenção, reflexão. Percorremos assim a escala dos sons e das articulações da língua, tendo sempre o cuidado de aproximar e de apresentar, lado a lado, – o que é um grande equívoco ainda não se fazer no ensino comum –, as articulações semelhantes, o *pa* e o *ba*, o *ta* e o *da*, o *fa* e o *va*, o *ca, ka, qua* e o *ga*, o *sa* e o *za*, que são apresentados assim aos pares, um forte e outro macio, formando apenas um no fundo. Ao longo do caminho, fazemos frases curtas de aplicação imediata e viva como a palavra – a fisiologia quente e fértil da linguagem agora e não a anatomia fria e seca – *papai é bom, eu amo papai*, que em breve nos oferecerá um ponto de apoio sólido para mudar da frase simples para a frase composta, sem medo de andar no vazio. “Quando nos aproximamos de articulações ou consoantes”, diz então o Sr. F. Hément,

53 Félix Hément, Bulletin de la Société Pereire (enseignement primaire, enseignement des sourds-muets, 1878).

NdT: Félix Hément (1827-1891) foi inspetor geral da educação pública e dedicou-se à pedagogia e popularização das ciências, vindo a interessar-se pela educação oral de crianças surdas. Foi também o autor de um livro sobre Jacob-Rodrigues Pereire e autor do verbete “Pereire” do Dictionnaire de pédagogie de Ferdinand Buisson. Verbetes disponíveis em: <https://archive.wikiwix.com/cache/index2.php?url=http%3A%2F%2Fwww.inrp.fr%2Fedition-electronique%2F1d01%2Fdictionnaire-ferdinand-buisson%2Fdocument.php%3Fid%3D3369#federation=archive.wikiwix.com&tab=url>.

“escolhemos as mais fáceis de formar; nós as agrupamos por causa das analogias que apresentam; elas seguem uma à outra em uma ordem determinada, porque é racional. A partir da segunda lição, as sílabas e certas palavras são formadas. Com a palavra vem a *lição das coisas*, não a lição das coisas especiais, preparada, à qual uma lição específica é dedicada, mas explicações contínuas, conforme a necessidade as faz surgir. E se assim conseguirmos dar ao surdo-mudo, sem regras e sem teorias gramaticais, em meio às coisas e aos fatos da vida, e pela aplicação imediata e simultânea da forma falada e escrita à coisa e ao fato que expressam; uma dupla língua materna falada e escrita que nos permite, depois de alguns anos, formular uma gramática teórica, a chave definitiva da língua, para ensiná-la enquanto há letras, sílabas, palavras e diferentes tipos de palavras, para formular para ela as regras do seu arranjo e assim entrar no seio da educação pela grande porta da linguagem analítica e racional, o que poderia impedir a mãe ou a professora de primeira infância de fazer o mesmo, com ainda mais chances de sucesso, em benefício do ouvinte? Seria supérfluo insistir nas vantagens que daí decorreria para este último, das quais o fim dos estudos, quer se trate do ensino básico ou secundário, seria assim antecipado em alguns anos.

E esta lição objetiva de que acabamos de falar, que também tem sido chamada de *ensinamento pelo aspecto*, e que felizmente começa a ocupar tanto lugar no nosso ensino público, a quem devemos, se não depender de nós? Quem disse mais alto do que nós no campo da educação: *Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu, nisi ipse intellectus*⁵⁴? E quem poderia sabê-lo melhor do que nós? Somos nós que, não podendo nos apoiar no vocábulo, vazio em si, como somos muito tentados a fazer na educação comum onde a elocução é tão fácil, nós que fomos obrigados a buscar sempre o nosso ponto de apoio na ideia, fomos os primeiros a sentir a necessidade de fazer sempre de nossas aulas e de nossas casas uma imagem viva e fiel da vida, da qual coisas e fatos, aspectos e movimentos são o objeto contínuo de nossas lições e a fonte permanente de onde tiramos o ideia, bastando referir-se de dentro para fora para ter a ideia da vida social, e do presente ao passado para ter a da história. Sem esta *lição de coisas*, ensinar por muito tempo só pode ser este dicionário em que a criança procura o sentido desconhecido de uma palavra, e onde ela encontra para a iluminar, junto a esta palavra, apenas uma outra palavra cujo significado não é mais conhecido por ela. Fomos nós que criamos para a criança o dicionário infalível e fecundo do objeto e da ação, do visível e do palpável.

O princípio do ensino metódico da ideia abstrata pela ideia concreta – esta última servindo de veículo e base para a outra – que sempre aplicou instintivamente

54 NdT: Axioma peripatético: “Nada está no intelecto que não tenha estado primeiro nos sentidos”.

a mãe inteligente que nunca, como disse uma de nossas professoras, “ensinado a falar com seu filho de *braços cruzados*”, esse princípio, que hoje cada vez mais toma lugar em nossas escolas de ouvintes, ainda é nosso e nos pertence, como mostra o texto acima. Somos nós que, antes de dizer: *A beleza desta coisa, a feiúra desta outra*, sempre colocamos metodicamente coisas *belas* e coisas *feias* diante dos olhos da criança, para podermos passar com segurança as qualificações, materialmente apreensíveis, *bela* e *feia*, com substantivos abstratos, *a beleza, a feiúra, o belo, o feio*. Somos nós que, obrigados a avançar prudentemente nos caminhos claros e iluminados, sempre tivemos o cuidado de colocar primeiro diante dos olhos do aluno uma série de atos cuja beleza é materialmente visível, e uma série de outros cuja feiúra é evidente, para conseguir aplicar a ideia abstrata de *beleza* e de *feiúra* a uma coisa também abstrata, *bela* ou *feia*, que por sua vez surgiu dos fatos, que se tornaram materialmente apreensíveis como eles, podendo dizer, sem medo do vazio ou imprecisão para a mente do aluno: *A beleza da VIRTUDE, a feiúra do VÍCIO*.

Não havia sido notado o suficiente até agora, na educação comum, que a ideia geral é muito ampla para a pequena mente da criança, e que só se pode conseguir fazê-la realmente abraçá-la gradual e progressivamente aumentando a capacidade do recipiente. Não havíamos notado o suficiente que, a esse respeito, a caminhada sintética é em geral infinitamente mais adequada para a criança do que a caminhada analítica, e novamente fomos nós os primeiros a trazer essa verdade à luz e metodicamente, na prática, desde os primeiros passos, isto é, de nosso ensino na língua materna.

Aplicando-o de forma geral em nosso caminho, não começamos, por exemplo, o estudo da geografia pela ideia geral de nosso globo, para depois voltar aos detalhes, como se comete o erro de fazer ao ensinar, sem perceber que essa primeira ascensão está além das forças da mente de uma criança, que cansa a atenção e a boa vontade, e que gasta sua seiva em vez de nutri-la. Não temos tanta pretensão e não vamos tão longe ou tão alto com o primeiro movimento da asa. Partimos de forma simples e natural, como numa verdadeira viagem de exploração, de onde estamos. Exploramos brevemente nosso ponto de partida, nossa cidade, depois a cidade vizinha, depois a cidade mais distante, outras ainda mais distantes que um interesse ou particularidade nos indica e, finalmente, nosso país, a França. Temos uma primeira ideia geral bem adquirida, que nos permitirá abraçar ainda outras antes daquela da Terra. Chegados às fronteiras, encontramos, no Norte, o mar, ao Sul, as montanhas; nós os cruzamos e não estamos mais na França, mas na Inglaterra e na Espanha. Viajamos rapidamente pela Europa; passamos pela Ásia, África, etc., coletando pouco em nosso caminho, mas coletando apenas o que é necessário. Assim, temos percorrido a

terra que, com um olhar retrospectivo geral, o olho da inteligência pode agora abarcar, e temos, certamente desta vez, uma ideia geral precisa do nosso globo. *Quem abraça demais, abraça mal*, diz o provérbio: certamente escapamos desse incômodo, porque sempre nos interessamos, sempre estivemos na medida das necessidades e forças do nosso aluno, e sempre fomos ouvidos sem cansaço, com atenção, até com curiosidade e, conseqüentemente, com proveito. A cada ano começamos nossa jornada novamente, coletando mais e mais cada vez em nossa passagem, e com a circunstância de que, a ideia geral de *terra* e as ideias gerais relativas às *partes do mundo, nação, região* tendo sido adquiridas, nós podemos agora, à nossa vontade, descer ou subir, analiticamente ou sinteticamente, do todo para os detalhes ou dos detalhes para o todo.

Os professores e os autores que adotaram este rumo racional para os ouvintes certamente só podem ser felicitados.

Seria supérfluo multiplicar essas observações, que me parecem suficientes para estabelecer tanto a estreita relação que une nossa educação especial à educação geral, quanto às vantagens que podem resultar para esta última de sua aproximação e comparação. De minha parte, continuo convencido de que um professor de ouvintes, mesmo um professor de ensino superior, nunca vai visitar nossas aulas, nunca vai assistir às nossas aulas sem ter uma nova percepção, algum raio de luz inesperado do qual ele muitas vezes será capaz de tirar proveito.

Não vou terminar sem apontar, em outra ordem de ideias, um fato que não me parecia passível de ser deixado de lado em silêncio. É sobre a notável e notória execução, na instituição real dos surdos-mudos de Milão, de uma peça de piano a quatro mãos por um cego e *surdo-mudo* de nascimento. Não é sem dúvidas em fatos desse tipo que devemos buscar o lado sério e prático de nosso ensino; mas, do ponto de vista fisiológico, não deixam de suscitar um mundo de reflexões muito interessantes, o jogo e a solidariedade dos sentidos e das forças da vida tendo aqui efeitos mais curiosos e talvez mais marcantes, embora menos úteis do que no ato de emitir a palavra por surdos e de ler a palavra nos lábios. Além disso, fiquei ainda mais feliz em apontar este fato em homenagem à Itália, visto que fatos semelhantes podem ser citados em homenagem à França. Já faz muito tempo que os *surdos-mudos* de nascença não tocavam também peças para piano na minha instituição francesa, com um senso de medida e expressão muito notável, duas coisas que não são apenas do ouvido, mas que anteriormente são de inteligência, do tato físico e moral e do sentido interior.

Tal foi, Senhor Ministro, o Congresso dos Mestres dos Surdos-Mudos de Milão, e tal é o resultado das observações que tive oportunidade de fazer e de relatar. Vou completá-los, se Vossa Excelência o permitir, com esta última informação e uma reflexão final:

A última sessão⁵⁵ presidida pelo prefeito da província, o Comandante Basile, representante do Governo italiano, coadjuvado pelo Sr. C. Correnti, deputado, ex-Ministro da Educação Pública da Itália, e Srs.: o médico Aug. Zucchi, em representação do atual Ministro, e Giulio Bianchi, deputado, e na qual fizeram uso da palavra: Srs. o prefeito, o presidente Tarra, C. Correnti e Aug. Zucchi, para a Itália; Srs. A. Franck, A. Houdin e Abade Bourse, para a França; Srs. Ackers e Ekbohrn, para Inglaterra e Suécia; Srs. Thomas Gallaudet e Abade Bellanger, do Canadá, pela América; Sr. Hugentobler, pela Alemanha; a última sessão, disse eu, foi elevada, e o Congresso foi encerrado com um grito unânime de “Vive la parole!”

O Sr. A. Franck, nosso eminente compatriota, numa magnífica improvisação que lhe mantivera a audiência suspensa aos seus lábios, deu-se, com a autoridade que se atribui ao seu nome e ao seu conhecimento, o sinal para este grito. Depois de ter visto e observado, disse ele, só lhe restava gritar do fundo do coração: “Viva a palavra!”, não hesitando em repetir as palavras de Maomé que, entrando em Meca e golpeando os trezentos e sessenta ídolos da Caaba na cabeça, exclamou: “Desapareçam, simulacros vãos! O verdadeiro Deus se deu a conhecer!”

Ao resolver desta forma e assim notadamente tão clara a questão dos métodos, e ao realizar sua unificação tão resolutamente, o Congresso de Milão estava realizando um trabalho considerável; assegurou finalmente, no grande interesse da humanidade, o triunfo, laboriosamente adquirido mas cheio de promessas, da verdade, da justiça, da ciência e do progresso.

Este foi encerramento do Congresso de Milão, um único fato, Senhor Ministro, pode além disso caracterizá-lo e, melhor do que todos os comentários possíveis, ressaltar sua importância. Vou pedir permissão a Vossa Excelência para a ele me reportar.

Em 1848, na presença de uma grande delegação de surdos-mudos franceses que viera saudar a Liberdade, e que tive a honra de apresentar ao Governo Provisório, solicitando para os surdos-mudos o gozo dos direitos civis e políticos do cidadão, uma voz ilustre, aquela de Lamartine⁵⁶, dirigiu-se a mim e posso então dirigir-vos estas palavras: “Dizei aos vossos infelizes amigos que a República terá por eles, por seu infortúnio, por todo o seu destino, toda a solicitude com que têm direito como homens e como cidadãos, e que ela lhes devolveria, *se fosse possível, sua palavra!*”

Porém, estas últimas palavras, que ficaram gravadas na minha memória e que pouco contribuíram para que eu então abraçasse o ensino da palavra, estas

⁵⁵ Ver os jornais de Milão, e notadamente o **La Perseveranza** do domingo, 12 de setembro de 1880.

⁵⁶ NdT: Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine (1790-1869) foi um escritor, poeta e político francês.

últimas palavras, o grande cidadão não poderia mais pronunciá-las depois do Congresso de Milão. Hoje, diria: *A República dará a palavra aos surdos-mudos!*

A trinta e dois anos de distância, o Congresso de Milão, completando e coroando os trabalhos dos Congressos de Paris e Lyon, estava realizando este magnífico trabalho de colocar a República de 1870 na França em condições de fazer, para 24.000 de seus filhos deserdados, o que a República de 1848 considerou impossível; e, além disso, colocaria, no mundo, todos os governos para alcançar o mesmo benefício, para realizar a mesma maravilha para quase 200.000 deles!

Tenho a honra de ser, com o mais profundo respeito, Senhor Ministro,
Seu servo mais humilde e obediente,
Auguste Houdin.

Paris, 21 de novembro de 1880.

APÊNDICE

Lista dos trabalhos publicados ou em impressão

aos 15 de abril de 1881

sobre o Congresso de Milão

Atas e relatórios oficiais⁵⁷

COMPTE RENDU OFFICIEL (in extenso), en italien et en français, sous presse. à Rome, Tipografia eredi BOTTA.

RAPPORT au Ministre de l'intérieur de France, par M. A. FRANCK, de l'Institut, délégué du Ministre. Journal officiel du 18 décembre 1880.

Le même, Extrait du Journal officiel. Paris, librairie des publications législatives, quai Voltaire, 31.

RAPPORT à M. le Président du Conseil, Ministre de l'instruction publique et des beaux-arts, par M. Aug. HOUDIN, délégué du Ministre et vice-président du Congrès pour la France. Archives des missions scientifiques du Ministère, 3 série, t. VIII. Paris, 21 novembre 1880, Imprimerie nationale.

Le même, **Extrait des Archives des missions scientifiques**, avec Appendice, Imprimerie nationale, et chez l'auteur, 72, rue de Longchamps-Passy, Paris.

ÉVÈNEMENT INTERNATIONAL RELATIF À L'INSTRUCTION DES SOURDS-MUETS (*Internationale Vorgänge auf dem Gebiete des Unterrichts Taubstummer*), par le D' SCHNEIDER, conseiller au Ministère des cultes, Gazette centrale officielle de l'instruction en Prusse. Cahiers de mars et avril 1881; Berlin. chez Guillaume Hertz.

Relatórios, Atas e outros trabalhos não oficiais

COMPTE RENDUS QUOTIDIENS DES JOURNAUX ITALIENS: *la Perseveranza, la Lombardia, lo Spettatore lombardo, il Secolo (Gazetta di Milano), la Regione*, etc. Milan, 6, 7, 8, 9, 10, 11 et 12 septembre 1880.

CONGRESSO INTERNAZIONALE DEI MAESTRI DEI SORDO-MUTI, par M. Pasq. FORNARI, secrétaire général du Congrès. *L'Educatore italiano*, numéro double 35 et 36. Milan, 30 septembre et 14 octobre 1880.

LE CONGRÈS DE MILAN POUR L'AMÉLIORATION DU SORT DES SOURDS-MUETS, Rapport à M. Eug. Pereire, président du Comité d'orga-

⁵⁷ NdT: Tendo em vista facilitar que possíveis pesquisadores procurem os textos originais, optamos por manter as referências. Desta forma, os interessados podem por diversos mecanismos de busca encontrar os textos nos acervos digitais.

nisation, par M. Ern. LA ROCHELLE, secrétaire du Comité. Paris, octobre 1880; chez M. Saint-Jorre, 91, rue Richelieu.

CONGRÈS INTERNATIONAL DE MILAN, par le docteur P. *Annales des maladies de l'oreille*, fondées et publiées par les docteurs Ladreit de Lacharrière et Krishaber, numéros de novembre et décembre 1880. Paris, G. Masson, boulevard Saint-Germain.

RAPPORT, en allemand, de M. HUGENTOBLER, directeur du pensionnat des sourds-muets de Lyon et vice-secrétaire du Congrès pour l'Allemagne. *Organ der Taubstummen- und Blindenanstalten in Deutschland und den deutschredenden Nachbarländern*. Friedberg, numéro double de novembre et décembre 1880.

LES INSTITUTIONS DE SOURDS-MUETS EN ITALIE ET LE CONGRES DE MILAN, Rapport à M l'évêque de Soissons et à MM. les Membres du Conseil d'administration de l'Institut des sourds-muets de Saint-Médard-lès-Soissons, par M. le chanoine BOURSE directeur. Soissons, 1880.

Dell' educatione dei sordo-muti in Italia. Articles du P. PENDOLA, de l'abbé TARRA, président du Congrès, du P. MARCHIO, vice-président pour l'Italie; numéros de septembre, octobre, décembre 1880, janvier et février 1881. Sienne (Italie).

REPORT OF THE PROCEEDINGS OF THE INTERNATIONAL CONGRESS ON THE EDUCATION OF THE DEAF, HELD AT MILAN, par M. KINSEY. Londres, 1880.

Articles de MM. KINSEY et le docteur BUXTON, *The Times* des 10, 13, 22, 25, 28 et 29 septembre 1880.

Mémoires de M^{mes} ACKERS et HULL, de MM. KINSEY, ACKERS, THOMPSON et David BUXTON, annexés au Rapport de M. Kinsey. Londres, 1880.

American Annals of the deaf and dumb: THE MILAN CONVENTION, by E. M. GALLAUDET; *IMPRESSIONS OF THE MILAN CONVENTION*, by James DENISON; *THE INTERNATIONAL CONGRESS: A REPLY*, by Miss S. HULL; *PADRE MARCHIO'S REPLY TO D' GALLAUDET*, by the editor; *ARTICULATION TEACHING IN ITALY*, by D. GREENBERGER. Washington, D. C. Printed by Gibson brothers, janvier et avril 1881, vol. XXVI, n° 1 et 2.

UN PREMIER RÉSULTAT DU CONGRES INTERNATIONAL DE MILAN, par M. Léon VAÏSSE, président honoraire du Congrès, Conseiller-Messager des sourds-muets, Saint-Laurent-du-Pont (Isère), numéro de janvier 1881.

LE CONGRES INTERNATIONAL DES INSTITUTEURS DE SOURDS-MUETS A MILAN (*Der internation le Taubstummenlehrer-Kongress zu Mailand*), par M. le D' TREIBEL, vice-président du Congrès pour l'Allemagne. Berlin, 1881; chez Guillaume Issleit.

RELATÓRIO DE LOUIS-ERNEST PEYRON

CONGRESSO INTERNACIONAL DE MILÃO, PARA MELHORIA DA CONDIÇÃO DOS SURDOS-MUDOS DE SÁBADO, 6 DE SETEMBRO A SEGUNDA-FEIRA, 11 DE SETEMBRO DE 1880

Obra:

PEYRON, L-E. Congrès international de Milan, pour l'amélioration du sort des sourds-muets. Du samedi 6 au lundi 11 septembre 1880. In: **Annales des maladies de l'oreille, du larynx (otoscopie, laryngoscopie, rhinoscopie) et des organes connexes**. Paris: G. Masson, 1880, v. VI. pp. 301-306; 342-352. Disponível em: https://play.google.com/store/books/details/Annales_des_maladies_de_l_oreille_et_du_larynx_oto?id=kiZGAQAAMAAJ&hl=cs.

Tradução¹:

O Congresso Internacional de Milão, para a melhoria da condição dos surdos-mudos, realizou onze sessões. Apesar do interesse que todas essas sessões têm apresentado, é impossível acompanhar o Congresso passo a passo nesta longa carreira, e devemos nos limitar, depois de tentar esboçar sua fisionomia geral, dar uma visão geral de seu trabalho e indicar as importantes resoluções que tomou.

Mais de duzentos membros responderam à convocação dos comitês organizadores e a França foi oficialmente representada no Congresso. O Ministro do Interior nomeou para participar o Sr. Ad. Franck, membro do Instituto, professor do Collège de France, membro do comitê consultivo da Instituição Nacional para Surdos-Mudos de Paris. Nenhuma escolha foi melhor indicada. Franck já conhecia há muito tempo as questões a serem discutidas no Congresso. Ele foi acompanhado pelo Sr. Claveau, Inspetor Geral de Instituições de Caridade, do Diretor da Instituição Nacional de Paris e de duas irmãs professoras da Instituição de Bordeaux. Nossos leitores conhecem o excelente relatório do Sr. Claveau sobre suas missões na Alemanha, Bélgica, Holanda e Suíça e sabem com que ardor de convicção ele defende o uso da língua falada

¹ Realizada por José Raimundo Rodrigues e revisada por Bartira Zanotelli Dias da Silva.

para a instrução de surdos-mudos.

Por sua parte, o Ministro da Educação Pública delegou o Sr. A. Houdin, diretor da instituição privada de Paris-Passy, presidente do Congresso Nacional de Lyon, em 1879.

A primeira reunião do Congresso foi aberta sob a presidência do Conde Basile, prefeito da província de Milão, e foi preenchida com um discurso do cavaleiro doutor A. Zucchi, presidente do conselho de administração da Instituição de Surdos-Mudos Pobres de Milão, representante do Ministro da Educação Pública e da Associação Pedagógica da Itália, presidente do comitê organizador local do Congresso e pela constituição definitiva da mesa diretora.

Não foi sem emoção que ouvimos o Dr. Zucchi falar, em seu eloquente discurso “deste imenso centro do conhecimento humano e da caridade chamado Paris”.

O Abade Tarra, diretor do Instituto de Surdos-Mudos Pobres de Milão, foi nomeado presidente. Todos os membros do Congresso manterão na memória desse tipo caracterizado de graça italiana, cuja fisionomia expressiva sublinhou cada aspecto de uma palavra que, sempre abundante, que é natural, muitas vezes e sem esforço se elevava à eloquência. O Sr. Pasquale Fornari, um dos professores mais ilustres dessas instituições de Milão, que possui tantos mestres e mestras distintos, foi nomeado secretário-geral.

Cada nação, ou melhor, cada idioma, teve que escolher um vice-presidente e um secretário.

Para a França, o Sr. Houdin e o Abade Guérin, vice-diretor do Instituto de Surdos-Mudos de Marselha, foram eleitos: o primeiro, vice-presidente; o segundo secretário.

A língua italiana era a língua oficial do Congresso, cada orador mantendo o direito de falar em seu próprio idioma. O Sr. Hugentobler serviu como intérprete para o idioma alemão; o Abade Guérin, para a língua italiana. Os italianos facilitaram sua missão, muitas vezes usando nossa língua e nem sempre pedindo a tradução para o italiano dos discursos proferidos em francês. A tarefa mais pesada foi para o Sr. Léon Vaisse, diretor honorário da Instituição Nacional de Paris, responsável por resumir em inglês todas as comunicações feitas no Congresso e traduzir para nós todos os discursos feitos pelos ingleses e pelos americanos. Os Srs. Arnold, de Northampton, e Gallaudet, de Nova York, não lhe pouparam a tarefa; mas foi um prazer ver aquele idoso alerta, ainda em movimento, ainda encontrando tempo para falar em seu próprio nome.

A discussão de questões metodológicas deveria ocupar a maioria das sessões, e parecia que o Congresso de Milão seria o campo fechado², onde se

2 NdT: “champ clos” expressão francesa para se referir ao campo reservado, área delimitada,

encontrariam os partidários do método de articulação e os defensores do método dos sinais. Pelo próprio fato da composição do Congresso, os representantes vitoriosos do primeiro método quase sozinhos ocuparam a tribuna. Os italianos, que eram muito numerosos, foram todos conquistados para ele; Alemanha, Holanda e Suíça, igualmente favoráveis, abstiveram-se de comparecer ao Congresso e enviaram apenas alguns raros representantes, mas a Inglaterra e a América, onde as mentes estavam divididas sobre essas questões, pelo contrário, com duas exceções, enviaram apenas partidários determinados da palavra para os surdos-mudos e para eles próprios. Não tivemos do que reclamar. Para o Sr. Arnold e o Sr. Gallaudet, a quem já mencionamos, devemos juntar a Sra. Ackers e a senhorita Hull, que nos deram a cortesia de ler suas interessantes comunicações em francês. Mãe de uma menina surda-muda, educada com o maior sucesso pelo método de articulação, a Sra. Askers tornou-se apóstola desse método que ela defende principalmente por razões de sentimento. A Srta. Hull, mestra privada de surdos-mudos de acordo com o sistema alemão puro (esse é o título que ela atribui a si mesma), leu duas memórias que eram uma verdadeira autobiografia. Com um charme requintado, com uma surpreendente correção da linguagem no uso de uma língua que não era dela, nos contou todas as suas tentativas e erros, suas falhas desde que seguiu o método misto que mistura os sinais e a palavra, e, finalmente, seu triunfo final pela aplicação do método oral puro. Cheias de ideias, alimentadas por fatos, essas comunicações foram um dos grandes sucessos do Congresso.

A atitude da seção francesa era particularmente curiosa. Teve mais de sessenta representantes cujo voto deveria ter uma influência singular nas resoluções do Congresso. Alguns de seus membros haviam tomado partido contra o método de articulação, mas eles eram os menos numerosos; e o maior número estava em uma reserva prudente, esperando para se pronunciar até ter ouvido as discussões do Congresso e, sobretudo, ter visto *in loco* os resultados obtidos pelo uso do método oral puro.

Digamos imediatamente que nessa fração cuja opinião era conhecida anteriormente, a maioria em número e a superioridade em talento estavam do lado dos partidários da articulação. O Sr. Claveau, o Sr. Vaisse, o Sr. Houdin, o Abade Guérin e o Abade Bourse estavam deste lado, e todos, em graus variados, participaram ativamente e, muitas vezes, brilhante da discussão. Seus adversários apenas tentaram uma defesa tímida e, ainda assim, só a tentaram no momento em que surgiu a questão de discutir a exata determinação do limite que separa os sinais qualificados como metódicos dos chamados naturais.

Além disso, a discussão nunca foi tão confusa: a confusão de línguas

destinado à luta ou embate entre cavalheiros.

somada à confusão de ideias, a diferença que os italianos fazem entre gesto e sinal, e que nem sempre foi bem compreendida por seus ouvintes estrangeiros, aumentou ainda mais a obscuridade. Pela honra do método de sinais, por tantos serviços prestados, por tantos nomes ilustres que conta em sua história, gostaríamos que sua causa fosse melhor defendida e que da América, da Inglaterra e da França, aqueles que cruzaram os Alpes poderiam ter colocado a autoridade de seu talento e de sua experiência a seu serviço.

A discussão teria então os dois lados, o que por um lado faltou, mas as mesmas resoluções teriam sido aprovadas pelo Congresso.

O Sr. Franck teria, no entanto, se unido ao método oral puro e, teria atraído com ele toda a parte hesitante da seção francesa. Temos certeza, de fato, que não foram os discursos feitos no Congresso que levaram o Sr. Franck a novas convicções, assim como outros discursos mais eloquentes o teriam impedido de formar a opinião sobre o método oral que ele trouxe da Itália.

O Sr. Franck viu as escolas de Milão, a escola de Como, aquela magnífica escola de Siena, dirigida pelo padre Pendola. Todos os nossos leitores conhecem o nome desse idoso ilustre que suporta com alegria o peso dos seus 80 anos e que reúne em sua pessoa tantas qualidades da ciência, do espírito filosófico e do espírito liberal.

Seria necessário um longo artigo para falar em detalhes dessas visitas interessantes às escolas na Itália, e faremos um trabalho especial sobre elas. Seremos obrigados a voltar a isso no decorrer deste relatório. Portanto, nos contentemos em dizer neste lugar o que o Sr. Franck observou nessas escolas: foi pela leitura labial, dos resultados maravilhosos, e, pela articulação, com os resultados tão satisfatórios, que ele se declarou partidário convencido do método oral puro; tanto assim, e esse não foi um dos aspectos menos singulares do Congresso, que ele elaborou e adotou, na forma que lhe fora dada, a segunda resolução votada pelo Congresso, que declara que o método oral puro deve ser preferido. Quando abordarmos a parte técnica das discussões do Congresso, teremos que falar da parte considerável que o Sr. Franck assumiu nessas discussões. Mostraremos que sua nova atitude só poderia ser erroneamente chamada de conversão, que ele não encontrou o caminho de Damasco no caminho para Milão, mas que de novos fatos, diferentes daqueles que como ele notara em 1859, naturalmente tirou conclusões novas e diferentes.

Hoje, queremos nos limitar a essa visão geral e, assim, resumiremos a impressão geral que o Congresso nos deixou.

Poucos congressos testemunharam tanto trabalho; alguns dias tinham ao menos de seis a sete horas de tempo sentado e quase todos os membros ainda estavam presentes.

Dos dois métodos envolvidos, apenas um foi realmente defendido, seus oponentes estavam ausentes ou se retiraram voluntariamente.

Os defensores do método oral procediam mais pelo motivo afirmativo do que pelo demonstrativo, e o fato é explicado pela ausência de contradição.

Finalmente, e foi isso que mais nos impressionou: o maior número de oradores e os ingleses, em particular, assimilaram absolutamente à palavra viva, a palavra morta que se ensina aos surdos-mudos.

Um exame resumido das discussões que precederam cada uma das resoluções aprovadas pelo Congresso justificará essa afirmação.

[...]

Todas as questões preliminares de instalação foram resolvidas e todas as congratulações trocadas, o Congresso entrou diretamente na discussão dos métodos, revertendo corretamente a ordem do programa que colocara em primeiro plano a questão da organização material das escolas de surdos-mudos. O Sr. Magnat abriu essa discussão lendo um relatório impresso sobre o trabalho enviado ao Congresso. A assembleia não permitiu a leitura completa deste trabalho, aplicando a ele um artigo do regulamento que limitava a dez minutos a duração de cada comunicação. Houve um pouco de aquecimento nisso; o Sr. Magnat sustentou que, por sua qualidade de relator e pela natureza de suas memórias, ele escaparia tal artigo; pelo contrário, a assembleia acreditava que aquele trabalho era menos um relatório sobre a obra de outros do que o desenvolvimento de teorias pessoais e que deveria se enquadrar no escopo da regra comum. Esta regra, a seguir, nem sempre foi tão inflexível. As assembleias deliberativas têm esses juizes distintos, cujas fontes secretas escapam aos leigos, mas aqui, não deve ser ocultado, o julgamento da assembleia tinha um falso ar de represálias. A leitura do Sr. Magnat deu origem a um segundo incidente.

Querendo justificar uma de suas afirmações, Magnat errou ao invocar a autoridade questionável do Sr. Maxime Ducamp. Esse acadêmico entregou por volta de 1873, na instituição nacional de Paris, um artigo de revisão, fruto de meio dia de estudos e de sua imaginação.

Foi neste artigo que Magnat apoiou sua demonstração. Essa imprudência pedia um protesto. E ele foi tão rápido quanto brilhante. Em uma linguagem masculina e vigorosa, Franck opôs a verdade ao romance. Ele lembrou que em 1873, o ensino da instituição nacional havia muito se baseava no método intuitivo. Em poucas palavras, ele caracterizou esse método que, remontando dos fatos à ideia, usa a linguagem mímica apenas como um acessório que ele poderia estritamente dispensar e usa a escrita como seu principal agente.

O Sr. Magnat foi sucedido pela Sra. Ackers. Já falamos dessa senhora e dissemos que, mãe de uma menina surda-muda, ela havia sido a defensora

incansável do método oral. Falar é bom, agir é melhor; o Sr. e Sra. Ackers são de um país onde essa máxima é mais honrada do que qualquer outra; eles a colocaram em prática e, na lista de membros do Congresso, o título de fundador da Instituição de Ealing acompanha o nome do Sr. Ackers.

A Sra. Ackers é uma mulher e suas razões, como já dissemos, são principalmente razões de sentimento. A primeira, mescla com seu argumento um ditirambo³ sobre a palavra, sobre o Verbo dado por Deus. A doce voz da senhorita Hull ecoará em seu favor e, mais tarde, o Abade Balestra adotará o mesmo tema de maneira mais retumbante. Mas nem a Sra. Ackers, nem a senhorita Hull, nem o Abade Balestra nos disseram, e ninguém no Congresso perguntou a eles, se, essa palavra que será para os surdos-mudos um benefício inestimável, é a palavra verdadeira, e se em posse dessa faculdade maravilhosa de expressar suas ideias pelos sons da voz, o surdo-mudo, por esse mesmo fato, formará suas ideias pelo mesmo mecanismo que o ouvinte falante e estará em situação de igualdade com ele no desenvolvimento de suas faculdades intelectuais. Da minha parte, não sei, mas duvido.

Aperuit os mutorum, disse a escritura, mas quero acreditar que foi abrindo os ouvidos que Cristo abriu a boca dos mudos. Para aqueles que, julgando o método com base em seus resultados e que chegaram à Itália, livres de preconceitos, voltaram convencidos de sua excelência, essa admissão de ignorância é permitida, mas aquele que raciocina *a priori* e que, somente por isso, pelo fato que um surdo-mudo sabe articular os sons, quer que lhe seja concedido por antecedência que ele deve adquirir um maior desenvolvimento intelectual do que se fosse instruído pela linguagem mímica, é preciso que forneça algumas evidências para apoiar sua afirmação. Ouvimos nos corredores do Congresso um amante de paradoxos que emitia, sem se levar a sério, as seguintes reflexões: Quando falamos com ele, o surdo-mudo instruído pelo método oral não ouve o som emitido pela boca de seu interlocutor; ele vê os movimentos que os lábios fazem e quando ele mesmo articula, são movimentos que ele viu repetir e que, para outros, mas não para ele, assumem as qualidades do som. Nos dois casos, esses são sinais reais de que ele percebe ou que ele forma. Essa linguagem mímica difere da linguagem mímica convencional, pois segue passo a passo a linguagem dos ouvintes e isso lhe dá uma pequena semelhança com a linguagem dos sinais metódicos contra o qual tanto se conspirou.

Mas vamos deixar para os psicólogos, que ainda poderão debater por um longo tempo, esses problemas que a fisiologia poderá um dia resolver. Enquanto isso, vamos nos contentar com um empirismo sábio, e que, no interesse do sucesso

3 NdT: Do grego (διθύραμβος), trata-se de uma forma lírica marcada por entusiasmo e delírio, típica de um louvor exagerado.

do método oral, todos os seus defensores tiram desse aparato declamador que nos estragou um pouco algumas excelentes comunicações.

Quase todos os membros do Congresso concordaram, além disso, sem debate, que a palavra seria para o surdo-mudo um meio de comunicação superior à linguagem mímica e, eles também admitiram que a palavra facilitaria o estudo da língua, porque todos sabiam quais as dificuldades que o surdo-mudo encontra quando quer expressar por escrito um pensamento concebido na linguagem mímica. Os defensores do método oral queriam mais um ponto e o Congresso inscreveu em sua primeira resolução que o método oral assegurava maior desenvolvimento das faculdades intelectuais.

A Sra. Ackers, a Srta. Hull, se colocaram em apoio dessas razões tiradas do que elas tinham visto, e mais atuais do que o argumento *a priori* que os criticamos por usar. E foi sobre a única base da experiência que se colocaram o Sr. Hugentobler e o Sr. Magnat para defender a mesma opinião. Ambos citaram fatos interessantes tirados de suas próprias práticas. O Sr. Thomas Gallaudet, de Nova York, em um discurso, com uma tradução mímica do Pai-nosso, defendeu os sinais; um sueco, Sr. Ekborhn, estava do mesmo lado. O texto da primeira proposta submetida à votação do Congresso visava, entre as vantagens do método oral, esse maior desenvolvimento das faculdades intelectuais. O Abade Guérin, diretor adjunto da escola de Marselha, solicitou e obteve a supressão deste parágrafo, que ameaçava, não comprometer o sucesso já garantido da votação, mas diminuir seu alcance ampliando o número de votos da minoria.

Havia boas razões para essa exclusão. Se os partidários da palavra haviam citado exemplos impressionantes da extensão do conhecimento que os sujeitos instruídos pelo seu método tinham sido capazes de adquirir, e que justificaram o diploma universitário valentemente conquistado, seus adversários se opuseram com resultados semelhantes obtidos por eles. O Sr. Hugentobler conseguiu apresentar o nome de seu aluno, o Sr. Kæclin, que acabara de passar com sucesso o bacharelado em Letras; por outro lado, o Sr. Dusuzeau, professor de matemática da instituição nacional de Paris, foi nomeado bacharel em ciências.

Felizmente, o Congresso tinha um meio de controle disponível. No sábado anterior, os membros haviam participado do exame público dos surdos-mudos pobres da província.

O novo diretor da instituição nacional de Paris, Dr. Peyron, reconheceu que essas crianças haviam testemunhado um desenvolvimento intelectual igual, mas não superior ao dos alunos de sua instituição; ele baseou seu testemunho no de Franck; ele pediu ao Congresso para julgar o que lhe fora mostrado e endossar a emenda do Abade Guérin. Um pouco por polidez internacional, muito por habilidade, os italianos, embora convencidos da superioridade de seus

alunos, fizeram esse sacrifício considerando o desejo de reduzir o número de oponentes, e a seguinte resolução foi votada quase por unanimidade.

“O congresso,

“considerando a superioridade incontestável da palavra sobre os sinais, para integrar os surdos-mudos à sociedade e proporcionar a eles um conhecimento mais perfeito da língua,

“Declara que o método oral deve ser preferido ao da mímica para a educação e instrução dos surdos-mudos.”

Membro honorário do Congresso, o Sr. Franck não pôde participar da votação; mas, em várias ocasiões, esclareceu a discussão, entregou à proposta submetida ao Congresso a forma pela qual foi definitivamente votada e seu voto pode ser contado como a vantagem mais preciosa e decisiva que a palavra conquistou naquele dia.

A batalha foi vencida pelos partidários do método oral, restando apenas que eles aumentassem ainda mais suas vantagens e, depois de proclamar a superioridade da palavra, reivindicar que ela fosse ensinada pura de qualquer mistura com a linguagem mímica.

Primeiro, foi necessário definir o que distingue o método oral puro do método misto, que mistura em seus ensinamentos o uso da palavra com o do sinal. Esta foi a segunda pergunta feita ao Congresso. A terceira questão dizia respeito à determinação exata do limite que separa os sinais metódicos dos sinais naturais. Não foi possível resolver a primeira dessas duas perguntas sem discutir a segunda ao mesmo tempo e proibir absolutamente o sinal sem ter explicado sua definição e seu valor.

Ao falar apenas de sinais metódicos e naturais e ignorar os sinais convencionais, a questão colocada ao Congresso lançou alguma confusão na discussão. Todos pareciam concordar em rejeitar o significado dos sinais metódicos do Abade de l'Épée, que recordavam palavras e não ideias, como o Sr. Vaisse definiu muito bem em um livreto sobre a história e os princípios da arte de ensinar surdos-mudos.

Para os membros do Congresso que continuaram a usar essa expressão de sinais metódicos, a definição que eles deram foi mais a da base convencional de sinais da linguagem mímica que é ensinada nas escolas de surdos-mudos.

É, portanto, entre o sinal natural e o sinal convencional, entre aquele em que a criança aprende apenas o significado e o uso, como um sorriso e o cenho franzido, e aquele que faz parte do ensino da escola que se procurou estabelecer a distinção. Cada um ensaiou sua definição e provou que definir bem é a coisa mais difícil do mundo. Nesse caso, não foi fácil. Muitos dos sinais aparentemente naturais que todos usam e que todos entendem são apenas o resultado de uma

convenção que tem a vantagem de ter longas raízes no passado e um caráter de generalidade que faz acreditar que é universal. Que sinal mais natural para o nosso senso do que esses movimentos da cabeça que usamos para negar ou afirmar, e, no entanto, esses mesmos movimentos não têm em todos os países o mesmo significado. Por outro lado, como certos sinais desenhavam razoavelmente bem o objeto que eles designam, eles não são menos convencionais.

Era mais interessante conhecer a parte que cada um pretendia dar ao sinal no ensino pela palavra. Entre os defensores da palavra pura que desejavam restringir o uso do sinal à sua expressão mais simples, encontramos na ordem em que eles falavam:

A Srta. Hull que compara o sinal com uma ilustração da palavra e sugere que, para ela, os melhores livros são os que têm menos gravuras;

O professor Fornari, da Instituição Real, de Milão, cujo discurso muito estudado foi calorosamente aplaudido; Abade Brambilla, que começou a ler uma obra que esperamos encontrar no relatório do Congresso e que será uma de suas curiosidades, porque carrega a marca dessa cultura filosófica do clero italiano desconhecida em outros países;

O Abade Tarra, que obteve todos os votos com sua boa razão, suas ideias engenhosas e sua alta eloquência;

O Abade Guérin, que se entregou modestamente como o tradutor do Abade Tarra, mas que produziu um trabalho muito pessoal, digno do modelo em que se inspirou sem o copiar;

O Sr. Houdin que, antes de tudo, falou a favor do método misto, mas que não difere de opinião com seus colegas da Itália, pois todos reconhecem em graus variados a necessidade de usar sinais nas primeiras comunicações entre o professor e o aluno;

O Sr. Arnold, de Northampton, que se declarou pessoalmente hostil ao método misto, mas que constata que na Inglaterra os partidários desse método ainda são majoritários.

O Sr. Claveau, Inspetor Geral de Instituições de Beneficência, que trouxe à defesa do método oral puro o apoio de sua palavra elegante e sua experiência, e que observa os resultados já obtidos na instituição nacional de Bordeaux, graças à ciência e dedicação das irmãs Ângélique e Augustine que participaram do Congresso. Toda a assembleia se juntou a esse merecido tributo. A lista de oradores que havia feito uso da palavra antes dele já era tão longa que ele temia, com razão, fatigar a atenção do Congresso e enganou a expectativa daqueles que esperavam dele um resumo de suas missões na Bélgica, Holanda, Suíça e Alemanha. O Sr. Claveau fez aos italianos a cortesia de se traduzir, ele mesmo, para o idioma deles, e seu discurso terminou com esta feliz citação,

*O dolce lume, a cai fidanza io entro
Per le nuoro cammin, tu ne conduci*

e foi calorosamente aplaudido.

Entre os defensores do método oral puro, não poderíamos nos esquecer do mais ardente de todos, aquele que o fez adotar o nome, o Abade Balestra, este Pedro, o Eremita da cruzada pela palavra, que em todos os assuntos, às vezes um pouco irrelevantes, entrou na discussão como uma bomba em uma cidade sitiada, que queria que o voto a favor da palavra precedesse qualquer discussão, que mantivesse o presidente de ouvidos atentos, a assembleia de bom humor e que recebeu de seus compatriotas uma ovação merecida pelo ardor de suas convicções e seu altruísmo.

Não nos atrevemos a classificar o Sr. Magnat entre os defensores do método oral puro, porque ele faz do uso de sinais uma concessão que nos surpreende. Ele os usa a princípio, mas os guarda e os usa mais tarde como mais uma maneira de garantir que a criança entenda o significado de uma palavra. Se lhe objeta com razão que um museu escolar bem abastecido cumprisse o mesmo papel com menos inconvenientes.

O Abade Bouchet concorda com o Sr. Magnat; ele também gostaria de manter o sinal como um meio de controle, mas, ao ouvi-lo achar tão natural que, ao pedir água, se move o dedo mindinho, acho que ele estenderia com prazer seu uso. O Sr. Thomas Gallaudet pronunciou-se francamente pelo método misto, reconhecendo a importância do método oral e acreditando na possibilidade de sua implementação. Um suco, Sr. Ekbohrn, diretor da instituição Bollnas, desejou acreditar na eficácia do novo método quando se pode manter os alunos por sete ou oito anos, mas geralmente recebe crianças surdas-mudas de 20 anos, incultas e selvagens, que devem permanecer apenas dois anos sob sua direção; por isso, ele não está disposto a mudar seu método de ensino. Em dois anos, com a ajuda da linguagem mímica, ele quase transformou um homem rude que lhe foi confiado. O que ele faria com o método oral? A pergunta feita pelo Sr. Ekbohrn permaneceu sem resposta. A discussão dos termos da resolução a ser submetida à votação do Congresso ocupou a assembleia por um longo tempo. Com rara tenacidade, o Sr. Fornari defendeu uma redação que se opunha ao texto da resolução proposta pelo Sr. Franck.

Franck teve que intervir várias vezes no debate, e a assembleia concordou com ele, apesar da resistência prolongada de seu oponente. Vamos acrescentar rapidamente que, no dia seguinte, o professor Fornari proclamou em um discurso muito bem-vindo que o debate havia se concentrado na forma e não na substância, e ficou muito satisfeito ao ver o Sr. Franck, que em 1875, declarou-se pronto “para mudar de ideia diante de esforços coroados de sucesso duradouro

e geral”, se tornar o defensor caloroso e sincero do método oral.

A resolução proposta pelo Sr. Franck e adotada pelo Congresso aos gritos de: “Viva la parole”; foi formulado da seguinte forma:

“O Congresso,

“Considerando que o uso simultâneo da palavra e dos sinais mímicos tem a desvantagem de prejudicar a palavra, a leitura nos lábios e a precisão das ideias,
“Declara que o método oral puro deve ser preferido.”

Em sua penúltima sessão, o Congresso votou em geral um grande número de resoluções, todas importantes, todas interessantes. Não podemos citá-las, mas abriremos uma exceção para a VIII, porque foi literalmente aplicada à instituição nacional de Paris e que tornará o Congresso de Milão um lugar especial na história dos Congressos, é assim que suas resoluções serão colocadas em prática.

“O Congresso:

“Considerando que a aplicação do Método Oral Puro em instituições, nas quais ainda não está completamente implantado, deva ser prudente, gradual e progressiva, caso contrário estará fadada ao fracasso,

“Recomenda:

“1º - Que os alunos que ingressaram mais recentemente na escola devam formar uma classe à parte, na qual o ensino deva ser efetuado pela palavra;

“2º - Que esses alunos iniciantes devam ficar completamente separados dos outros surdos-mudos mais avançados para ser instruídos pela palavra, e cuja educação deve ser concluída pelos sinais;

“3º - Que a cada ano seja formada uma nova classe da palavra até que todos os alunos antigos, que aprendem por meio de sinais, tenham concluído sua educação.”

A sessão de sábado 11 de setembro foi a sessão de encerramento dos trabalhos do Congresso e, portanto, uma sessão de discursos.

Em primeiro lugar, o cavaleiro Zucchi que, em termos eloquentes, cheios de calor e elevação, felicitou o Congresso pela importância e pelo brilhantismo de suas deliberações.

O Sr. Franck o sucedeu. Deveríamos ser capazes de citar todo esse belo discurso, cheio de palavras felizes que foram sublinhados pelos aplausos da assembleia. O Sr. Franck não pediu que a palavra jamais fosse banida do ensino de surdos-mudos, ele a colocou em quarentena, até que ela se mostrasse salutar, e ele deseja, agora, abrir para ela as portas largas. Uma invocação magistral à liberdade, à ciência e à caridade completou essa bela discussão.

Em seguida foi o Abade Tarra; depois o Sr. Ackers, em nome da Inglaterra e o Sr. Gallaudet, em nome da América, que agradeceram aos organizadores do Congresso. O Sr. Ekcborn teve uma palavra encantadora: “Em nossas florestas

do Norte, em nossas longas noites polares, sob a neve e o vento, quando o frio endurece nossos membros, para nos aquecer, fechamos os olhos e pensamos na Itália”.

O Sr. Correnti, ex-ministro da Educação Pública, leu um discurso escrito em francês. O Sr. Correnti é um filósofo, mas sua filosofia nos parece muito desdenhosa da ciência; ele realiza o evolucionismo em duas frases, e lamentando que nenhum representante autorizado dessa doutrina esteja presente, recordaremos uma palavra de um personagem de Erckmann-Chatrian⁴, que acabou de ouvir um jovem missionário da Restauração narrar seu fato à Revolução: “Se o velho Colin tivesse representado o jacobino, acredito que ele teria envergonhado terrivelmente o jovem”.

O Sr. Houdin, vice-presidente do Congresso por uma seção francesa, expressou a gratidão de seus compatriotas pela hospitalidade milanese. Os sentimentos que ele expressou e a forma feliz com que ele os conduziu foram altamente aplaudidos. O comandante Basile, prefeito da província, nos reservou uma última surpresa. O Sr. prefeito demonstrou uma verdadeira coragem, sessão de abertura, sessão de encerramento, exames públicos do dia, apresentações noturnas, ele fugira antes de mais nada, de fazer uso da palavra. No último minuto do Congresso, ele foi convidado a falar; ele resistiu, mas finalmente ele se levantou com um ar resignado, lá estava ele, hesitou novamente; e sentimos compaixão para com ele, e de repente ele se decidiu, falou e nos deliciou com o entusiasmo, o brilho, o fogo de uma eloquência tributária. Ele terminou solicitando aplausos em voz alta ao nome da rainha Margarida, que seria a personificação da caridade, e foi nesses dois nomes tão graciosamente associados que o Congresso se encerrou.

Dr. Peyron

4 NdT: Referência aos autores Émile Erckmann (1822-1899) e Alexandre Chatrian (1826-1890).

MILÃO EM QUATRO ARTIGOS DO *CORRIERE DELLA SERA*¹

Artigos:

Os quatro artigos traduzidos foram extraídos do jornal milanês **Corriere della Sera**. Nos artigos não constava nome do(a) autor(a).

Tradução²:

CONGRESSO DOS PROFESSORES DE SURDOS-MUDOS

Corriere della Sera

04 de setembro de 1880

É característico e muito importante o Congresso Internacional dos Professores de Surdos-Mudos em função dos experimentos que ali serão realizados.

O congresso será realizado nos dias 6 a 11 de setembro, na sala do Instituto Técnico de Santa Marta, organizada sob os cuidados do município.

Dois trabalhos dos nossos institutos precedem a abertura. Um deles ocorreu esta manhã, às 10h, pelos estudantes do internato masculino dos pobres surdos-mudos da Província de Milão. Foi um evento brilhantíssimo, comovente. Outra atividade ocorrerá amanhã, dia 5, meio-dia, para estudantes de ambos os sexos do Instituto Real, que acolhe surdos-mudos civis em toda a Itália. No final do congresso, no dia 13, na mesma sala do Internato Masculino, os surdos-mudos pobres do país dependentes da mesma administração serão examinados e instruídos pelo mesmo método oral pelas Filhas da Caridade na pensão de São Miguel na Clausura.

1 NdT: Os artigos do jornal foram analisados no artigo: VIEIRA-MACHADO, Lucyenne M. da C.; RODRIGUES, José Raimundo. **Olhar novamente para o Congresso Internacional de Educação para Surdos em Milão (1880): um desafio historiográfico.** <<https://doi.org/10.4025/rbhe.v22.2022.e202>>.

2 Realizada por Geraldo Dias Buziani.

E vamos falar sobre isso.

Essa tríplice prova é extremamente importante para os mestres estrangeiros, a fim de estabelecer suas discussões sobre o eloquente assunto dos fatos ou, em conjunto, para reconhecer o estado próspero de nossas instituições desse tipo, cujo bom nome fez com que Milão fosse escolhida como sede do congresso, entre, aproximadamente, trezentas cidades que possuem um instituto para surdos-mudos.

Para esta ocasião solene, o comitê milanês local através do comandante Bodio, diretor de estatística geral do reino, publica um trabalho estatístico completo sobre o estado desse grande infortúnio na Itália e das instituições benéficas que procuram mitigá-lo e, diremos melhor, fazê-lo desaparecer, com o apoio de todas as indicações mais importantes sobre os métodos usados para a sua instrução que serão muito interessantes para os senhores congressistas, para os quais, tal trabalho será oferecido como homenagem.

Extraído de: Congresso de Maestri dei Sordo-muti. **Corriere Della Sera**. Milão, 04 sep. 1880.

INAUGURAÇÃO DO CONGRESSO DOS MESTRES DE SURDOS-MUDOS

Corriere della Sera

07 setembro de 1880

Ontem, no vasto salão do Instituto Técnico de Santa Marta, foi aberto o congresso internacional dos mestres de surdos-mudos. Foi uma solenidade.

O salão estava lotado de congressistas, a maioria franceses, alemães, ingleses e americanos. O diretor e o prefeito presidiram a abertura, além de vários senadores e deputados, vereadores provinciais e municipais. Entre os oradores, notamos Cesare Cantu, o Exmo. Fano, Correnti, Gorla, Visconti Venosta, Giulio Bianchi.

A banda tocou o hino real.

Após o hino, o presidente do comitê preparatório, Augusto Zucchi, fez um discurso que para nós e para todos pareceu esplêndido.

Ele começou dizendo:

“Para vós reunidos aqui de tantas partes do mundo civil, em nome do comitê milanês do Congresso dos Mestres de Surdos-Mudos, tenho o prazer de recebê-los.

Os antigos diziam que os convidados vinham dos deuses; vós fostes

enviados a nós pelo amor dos homens, pelo espírito de caridade, viestes para nos trazer a luz de sua experiência, o calor do seu afeto. Agradeço-vos, senhores, em nome do meu país e em nome daqueles não poucos aos quais foi negado o bem da audição e da fala. Muitos são aqueles em Milão que procuram prover essas pessoas infelizes, ao ver entre esses muros impulsionadores tão nobres de tal obra de redenção, sentem seus corações abertos a uma renovada esperança. Eles já lhe apresentaram e ainda lhes apresentarão os pobres, e lhes mostrarão os métodos que consideraram mais adequados para atenuar seu infortúnio, e do êxito de suas discussões esperam o encorajamento para perseverar em seus esforços sagrados.

Foi uma ótima ideia esta dos congressos internacionais que, reunidos a uma certa distância de tempo e, mudando a cada momento de lugar, oferecem a cada povo as descobertas recentes, enquanto que a partir de cada povo, por conhecimento direto, trazem à luz. Ainda não sabemos quanta luz poderá derivar aos representantes de nações do que é praticado em nossos institutos, mas, da breve permanência que terão entre nós, vos será dado, pelo menos, convencê-los de que a caridade é antiga e largamente difundida na Itália. E talvez o Congresso realizado em Paris, dois anos atrás, tivesse, se não as notícias certas sobre o conhecimento minucioso dos fatos, uma notícia distante e indeterminada, porque, para acolher o segundo Congresso escolhia esta nossa península, da qual pouco tempo é reivindicada em unidade e liberdade, e cujas filhas, depois de remover obstáculos internos e externos, voltaram ao caminho do progresso civil.

A Itália, chamada assim imediatamente após a nobilíssima França a se mostrar nesse campo da caridade, a deixa orgulhosa e ao mesmo tempo ansiosa, e a maior razão, pois deste duplo sentimento, Milão está comovida, como aquela que vós deveis examinar e que, tem a honra de hospedá-vos por ter sido eleita imediatamente segunda, logo após a imensa oficina de conhecimento humano e obras de caridade, que se chama Paris.

“Agora, como o Comitê Milanês respondeu a esta honra? ...”;

E aqui ele fez um relato do trabalho do Comitê de Milão. Ele falou sobre as ajudas obtidas do município, da província e do governo. Ele se referiu à publicação estatística sobre o Surdos-Mudos na Itália, publicada pelo gênio estatístico que é o nosso concidadão Bodio. “Não vou negar o fato, disse o Dr. Augusto Zucchi...”; mas vamos dar a ele a palavra, coletada por um estenógrafo milanês qualificado:

“Não vou me calar do fato que se destaca nesta monografia, onde é discutido o método de ensino adotado em cada instituto, ou seja, a quase totalidade dos professores em instruir o surdo-mudo não mais com o alfabeto dos dedos, não mais com a mímica, piedosa criação que não cessará por outro

lado de tornar sempre abençoado o ilustre nome de l'Épée, mas com a palavra viva que é o privilégio do homem; que é a única maneira de pensar; o dom do próprio Deus; então foi dito com razão.

Luz da alma é a palavra, e a alma
É luz na terra do pensamento divino.

“Mas se isso os conforta, senhores, por outro lado, as cifras inexoráveis têm uma triste eloquência.

Os surdos-mudos (segundo as estatísticas mencionadas acima), os surdos-mudos que hoje estão nos 36 institutos italianos a serem educados, são ao todo 1.500; mas sabeis quantos de nossos surdos-mudos têm entre 5 e 21 anos, idade que, em termos gerais, é a mais propícia à educação? São 15.000. Dividamos esse número pela metade, porque os cursos de educação geralmente não incluem mais de oito anos e, para cada cinco surdos-mudos, temos apenas um que é instruído. E os outros? Iguais em tudo a nós, diferentes apenas pela lesão que os pesa, que parte eles têm de vantagens na sociedade? Como eles vivem? Como eles morrem?”

Essas notícias, essas palavras despertaram uma sensação dolorosa nos espectadores, e algo semelhante deve despertar em nossos leitores.

No restante de seu discurso – que, devido ao espaço limitado, realmente nos dói não reproduzirmos inteiramente – Zucchi com um senso comunicativo, com sentimentos elevados, com uma palavra inspirada, elogiou os mestres dos surdos-mudos, seus salvadores.

Ele levou à emoção; ele rasgou os aplausos do coração e finalmente concluiu:

“Oh, também é verdade que o infortúnio atrai as almas humanas muito mais que a alegria”. Aqui estão homens de “todo clima, de toda língua, de toda doutrina especulativa, de cada fé religiosa; quantos aqui estamos, que talvez com alegria passássemos como estranhos lado a lado, ao invés, porém, por causa desta aventura, nessa luta persistente com a qual lutamos, nós apertamos as mãos direitas e nos reconhecemos como irmãos”.

Após esse discurso, o prefeito Bellinzaghi cumprimentou o povo reunido, em nome de Milão, e agradeceu aos estrangeiros: “Mas, agradecendo-vos, ele acrescentou, um sentimento de dor é apresentado à minha mente, e é que não vemos mais dois homens ilustres entre nós: o conde Paolo Taverna (aplausos), primeiro entre os fundadores do Instituto dos Surdos-Mudos Pobres da Província, e o conde Alessandro Porro, que fez avanços sérios ou verdadeiro progresso que é nosso desejo comum (aplausos). Evocando a memória deles, não duvido que, no rastro do exemplo desses ilustres que cito, vosso trabalho será ainda mais sábio e útil a toda a humanidade (aplausos)”.

Um velho, simpático, venerável, Leone Vaïsse, honorário do Instituto Nacional de Paris e presidente honorário do Comitê Organizador do Congresso em Paris, em francês, agradeceu as autoridades da cidade de Milão e os professores dos surdos-mudos pela cordial recepção.

Escolhendo Milão, disse ele, para o lugar dessa união, sabíamos que nos encontraríamos na Atenas da Itália e que estaríamos em um país ao mesmo tempo, onde a atividade de educar os surdos-mudos foi nestes últimos anos, muito difundida. Um mesmo pensamento como único pensamento, sentimento que domina hoje uns e outros. Já estamos satisfeitos por poder aplaudir os notáveis resultados das lições de nossos amados colegas milaneses. Vamos agora considerar os princípios, os nossos respectivos ideais e nosso ensino comum. Em nossas conferências, tenho a convicção, iremos nos encontrar, agora eu digo isso, mais próximos do que qualquer um poderia ter suposto até aqui, e à união já íntima de coração, será adicionada a união cada vez mais completa de pensamentos”. Aplausos fervorosos saudaram suas amáveis palavras.

Augusto Houdin, presidente do Congresso de Lyon e da Delegação Francesa no Congresso de Milão, também pronunciou belas palavras, elogiando sobretudo a Itália, nosso gênio científico e literário, nossos ardores pelo bem, pela caridade humana. Ele foi eloquente quando falou da fraternidade que liga a França à Itália.

Agora já são vinte anos (disse com força) que vínhamos em solo italiano, vínhamos com armas, mas não para lutar contra vós, porque a França e a Itália são irmãs, mas para lutar convosco e por vós por vossa independência e por vossa nacionalidade. Hoje retornamos a vós, mas sem armas, por graça de Deus para lutar novamente por uma causa maior, talvez ainda e certamente tão grande quanto a da independência e da nacionalidade... pela causa da humanidade. Nós triunfamos; esperamos que triunfemos novamente e desta vez sem custar uma gota de sangue, nem uma lágrima, mas, ao contrário, parando o sangue que geme da ferida do coração de muitas mães e secando as lágrimas que fluem de seus olhos maternos.

Também este foi muito aplaudido.

O entusiasmo, depois de tão caros e belos discursos, era sentido e geral. Pela sala havia uma aura de amor caloroso pelos infelizes. Nunca esqueceremos esta bela cerimônia de abertura.

Quando as autoridades saíram, ao som do hino real, os escritórios da presidência foram constituídos.

O Abade Giulio Tarra foi eleito o atual presidente do Congresso.

Quando este tomou o posto, todos aplaudiram.

O reverendíssimo Giulio Tarra disse algumas palavras de agradecimento pela prova de estima que seus colegas lhe deram, e ele aceitou, propondo, porém,

a nomeação de alguns presidentes honorários nas pessoas dos senhores Pendola, Ghislandi, Correnti, Pini, Waiss, Frank, Pereire, Balestra e Zucchi.

Sua proposta foi bem recebida com grande fervor.

Em seguida, passou-se à eleição para outras funções:

Para secretário geral foi eleito o prof. P. Fornari; um vice-presidente e vice-secretários foram eleitos para cada nação representada por congressistas estrangeiros.

E isto é: para vice-presidentes: Marchiò, italiano; Houdin, francês; Triebel, alemão; Peet, inglês.

E para vice-secretários: Lazzeri, italiano; Guérin, francês, Hugentobler, alemão; Kinsey, inglês.

Foi lido um telegrama do diretor da escola de surdos-mudos de Israel em Viena, que não pôde comparecer pessoalmente e aprovou e aderiu ao Congresso.

Depois passou-se para o reconhecimento dos diferentes representantes.

Foram enviados telegramas aos Soberanos, ao Ministério da Educação Pública da Itália, ao Governo francês, e a sessão inaugural foi encerrada.

O congresso dos surdos-mudos durará ao todo até o dia 10 corrente. As reuniões do congresso serão duas por dia, a partir de amanhã: a primeira das 9 às 12h; a segunda de 14 às 17h.

A sessão de encerramento será realizada ao meio dia.

Extraído de: Inaugurazione del Congresso dei maestri dei sordo-muti. **Corriere Della Sera**. Milão, 07 sep. 1880.

A EDUCAÇÃO DOS SURDOS-MUDOS EM MILÃO A RESPEITO DE UMA LÁPIDE

Corriere della Sera

07 de agosto de 1885

No outro dia, no exame final dos surdos-mudos pobres da Província, foi proposto e solicitada permissão ao prefeito Negri para colocar uma lápide onde é o Instituto destinado a ser demolido para a continuação das obras viárias do distrito de Porta Genova. À proposta, foi unido o texto da desejada inscrição, o qual era o seguinte:

“Aqui, os mestres dos surdos-mudos dos dois mundos – a primeira vez que se reuniram em congresso – aos 04 de setembro de 1880 – sob o exemplo das escolas milanesas – votaram para ensinar a seus alunos – a palavra e tão somente a palavra”.

Uma placa comemorativa, que deve servir como documento histórico, deve antes de tudo relatar exatamente a verdade histórica.

Note-se que o registro, conforme proposto, seria impreciso em relação às circunstâncias de tempo e local.

O Congresso Internacional de Mestres Surdos-mudos foi realizado em Milão, de 6 a 11 de setembro de 1880, no palácio do Instituto Técnico Real conhecido como Santa Marta, hoje nomeado Carlo Cattaneo. Na carta de convite e no cartão de registro, lemos: “Todos os membros honorários e efetivos são convidados para o exame sobre os estudos dos surdos-mudos pobres do país em 4 de setembro às 10 horas – no Instituto Real dos 5 a 12 meridianos – e aos dos surdos-mudos pobres no dia 13 às 9/2 da manhã”.

No dia 4, os participantes do congresso tiveram apenas o primeiro dos testes a partir dos quais foram levados a preferir o método realizado na área milanesa a qualquer outro. O voto – a palavra e tão somente a palavra – foi pronunciado na sala do congresso em Santa Marta; então, aqui eles se juntaram na via San Vincenzo, seria uma ofensa grave à verdade não registrá-lo.

Portanto, uma placa semelhante à proposta deveria ser colocada, ao invés, na fachada do Instituto Técnico, e certamente vale a pena lembrar de um evento de grande importância para a história da humanidade solidária e dos progressos da filantropia iluminada.

Da parte da antiga e atual sede dos pobres surdos-mudos que permanecerá em pé, poderia, também, colocar uma outra inscrição que diga:

“Aqui havia um edifício já dedicado à caridade, no qual uma comissão de cidadãos dignos, presidida pelo conde Paolo Taverna, em 23 de fevereiro de 1854, inaugurou o estabelecimento para a educação dos surdos-mudos pobres da Província. Mediante ajuda da beneficência milanesa, sempre generosa dos conselhos, das expansões, das obras, o instituto incentivado e protegido, prosperou e atingiu o nível de instituto modelo. 1854-1885”.

Pelo zelo do conde Paolo Taverna e de seus louváveis colaboradores, hoje se ensina a palavra aos surdos-mudos, e não seria justo esquecê-lo.

Extraído de: *L'istruzione dei sordo-muti a Milano. A proposito d'una lapide. Corriere Della Sera*. Milão, 07 ago. 1885.

O MONUMENTO A GIULIO TARRA

Corriere Della Sera

10-11 de junho de 1890

Hoje, no instituto de surdo-mudo do país, será inaugurado o monumento erigido a Dom Giulio Tarra pela Comissão para a educação de surdos-mudos pobres.

Hoje completa exatamente um ano em que o pobre Tarra morreu após 34 anos de reitoria do Instituto, o que ele atendia com verdadeira paixão de filantropo.

Tarra trouxe inovações importantes para o ensino de surdos-mudos. Ele entendeu desde o início de sua carreira como a orientação desse ensinamento estava errada, uma vez que começou não pelo conhecido, mas pelo desconhecido.

“Mímica – escreve um colega dele no ensino – essa linguagem que desperta a imaginação, mas incompleta e imperfeita ao despertar as ideias que as faculdades intelectuais realizam, era poderosa nele, o que não causava com frequência a mudança de lágrimas e empreendimentos heróicos. *Os noivos*³, *Minhas prisões*, de Silvio Pellico, e todos os contos de nossos melhores escritores, com a mímica combinada com a datilologia ele havia explicado aos alunos. No entanto, ele muitas vezes reconheceu que, dessa maneira, o surdo-mudo era sempre e grandemente infeliz, porque, além de não encontrar seus pensamentos, seu traje natural, tendo completado sua educação, era um novo estrangeiro para a sociedade. Lá onde Tarra, sabendo como a província de Verona havia dado admiravelmente a palavra a alguns surdos-mudos, e que Bianchi de Milão era habilidoso neste ramo, obteve que uma escola de articulação fosse fundada em seu Instituto, e por trás disso ele reconheceu que mesmo para o surdo afetado de afasia, o lábio poderia ser aberto; e, portanto, pouco tempo depois, aquele que era mestre dos mestres na arte de gesticular, proibiu – aplaudido pela Comissão e seu presidente – em sua própria escola, a mímica e a datilologia, usando a palavra oral para todos os estudantes”.

Em 1880, o Congresso de surdos-mudos foi realizado em Milão; Tarra então teve oportunidade de provar com a prática, para os 200 professores oriundos de todas as partes da Europa, a bondade de seu método, e isso veio de todos, mesmo daqueles que se opunham a ele, então reconhecidos como os melhores.

Ele era um rosmínio⁴ convicto e fez da filosofia do teólogo roveretense não apenas suas convicções individuais, mas também suas ideias pedagógicas.

3 NdT: Romance histórico escrito por Alessandro Manzoni.

4 NdT: Rosminiano: seguidor do filósofo e sacerdote, natural de Rovereto, Antonio Rosmini Serbati (1797-1855).

Ele também escreveu muitos livros para crianças, de leitura agradável, sobre geografia, cosmografia. Nos livros de história de sua terra natal, o padre nunca sufocou o patriota.

O monumento que é erguido hoje, pelo escultor Francesco Confalonieri, é muito simples. Acima de um pedestal alto, cercado por galhos de louro e carvalho, fica o busto do Tarra. O rosto é muito parecido: reproduz a expressão supremamente boa que era para o homem, por isso, justamente, chamado de pai dos surdos-mudos.

Extraído de: Il monumento a Giulio Tarra. **Corriere Della Sera**. Milão, 10-11 giu. 1890.

DA IMPORTÂNCIA INCONTESTÁVEL DA LINGUAGEM MÍMICA NO ENSINAMENTO DOS SURDOS-MUDOS DE NASCENÇA

Obra:

CHAMBELLAN, V.-G. *De l'importance incontestable du langage mimique dans l'enseignement des sourds-muets de naissance*. Paris: Chez L'Auteur, 1884. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5712484n.r=vic-tor+gomer+chambellan.langFR>.

Tradução¹:

DA IMPORTÂNCIA INCONTESTÁVEL DA LINGUAGEM MÍMICA NO ENSINAMENTO DOS SURDOS-MUDOS DE NASCENÇA²

POR V.-G. CHAMBELLAN, Professor aposentado das instituições nacionais de surdos-mudos de Bordeaux e de Paris, um dos secretários da Sociedade Central de Educação e de Assistência para os surdos-mudos em França

O tempo descobre a verdade.
(Academia)

Congressos internacionais para a melhoria dos surdos-mudos foram realizados desde 1878. Muitas questões foram tratadas. E, sobretudo, se ocuparam com o método que deve ser seguido para instruir essas pessoas infelizes. Depois de muitas discussões, a linguagem mímica foi condenada e proclamou-se como ideal o ensinamento pela palavra, o que considero lamentável para o desenvolvimento intelectual e moral do surdo-mudo.

Deve-se dizer que o método proposto não é novo; como outros sistemas, já foi testado: desfazemos e refazemos o que foi tentado muitas vezes.

Pedro Ponce de Leon, um beneditino espanhol que morreu em 1584, e

1 Realizada por José Raimundo Rodrigues e revisada por Bartira Zanotelli Dias da Silva.

2 NdT: Opúsculo publicado em 1884 pelo surdo professor Victor-Gomer Chambellan. O livro é uma reação ao processo de aposentadoria de professores surdos em função das decisões de Milão (1880).

Jacob-Rodrigues Pereire de Berlanga, estabelecido na França por volta de 1734, são considerados os primeiros como tendo conhecido e praticado a arte de ensinar os surdos-mudos.

François Vallès e Castaniza, autores de obras impressas em Salamanca em 1588, dão a conhecer o mérito de Ponce. A Academia de Ciências, em 1751, encorajou Pereire, reiterando a perseverar e aperfeiçoar seus procedimentos.

Estes dois professores se serviram em particular da palavra e da escrita. Eles usaram a linguagem da ação? Eles fizeram uso de alguns sinais? Seus alunos, que haviam sido pomposamente elogiados, nasceram surdos? Ou eles perderam a audição por acidente? Neste último caso, em que momento eles foram privados da faculdade auditiva? Finalmente, qual foi, de modo preciso, a extensão de seus conhecimentos? Estes são, me parecem, pontos muito importantes que devem ser fixados antes de se colocar os resultados obtidos com a atividade de um ou outro método.

O Abade de l'Épée, é verdade, diz à página 155 e seguintes do seu livro intitulado *Institution des sourds-muets* (1776), “que os ensina a falar, a ouvir com os olhos e a expressar-se de viva voz, e isso é restituir-lhes totalmente à sociedade; que somente seus alunos não conseguem escrever o ditado da palavra articulada; que uma surda-muda recitou em voz alta os vinte e oito capítulos do Evangelho segundo São Mateus; que um jovem surdo-mudo respondeu publicamente à missa; que este mesmo aluno explicou, em 1773, uma dissertação latina sobre a definição de filosofia, etc., etc.”

Como o Abade de l'Épée começa na carreira que o imortalizará? É continuando (1760) a educação da doutrina cristã de duas irmãs surdas-mudas, iniciadas, com a ajuda de gravuras, pelo Padre Vanin, que a morte acabara de remover. Ele não demora a reunir outros estudantes; ele usa um recurso valioso na linguagem da ação, na mímica; ele não rejeita o desenho; ele ainda usa a datilologia ou alfabeto manual adotado por Pereire, seu contemporâneo, que teve alguns pensionistas. Acorre-se para admirar seu trabalho; ele se espalha em toda Europa; ele se espalhará para qualquer outro lugar: ele servirá de modelo para todas as escolas do mesmo gênero.

Seu ensinamento prospera desde que seja baseado nos princípios mencionados acima. Mas quando um sistema de sinais metódicos³ substitui os sinais naturais⁴, o progresso dos alunos desacelera e o desânimo toma posse do professor. É sem dúvida, então, que ele faz a declaração acima mencionada, da

3 Os sinais metódicos emergem um por um na ordem da sintaxe; eles são puramente gramaticais; eles recordam as palavras; pessoas do verbo, os modos, etc., mas dificilmente dá ideias novas.

4 O sinal natural retrata os objetos, o pensamento, etc., como existem; é preciso, conciso e compreendido por todos; ele negligencia o acessório e menciona apenas o essencial.

qual os adversários da linguagem mímica se prevalecem.

O Abade de l'Épée achava que a palavra poderia ser proveitosamente ensinada a todos os surdos-mudos sem exceção? Eu não acredito nisso. Indivíduos que, sem mutismo, embora tivessem uma dureza de ouvido, teriam entrado em sua casa. O que surpreende que uma dessas pessoas pudesse ter servido a missa ou lido vinte e oito longos capítulos do Evangelho? A opinião que eu emito é apenas uma hipótese, mas uma hipótese muito provável; e se nada prova que estou certo, nada prova que estou enganado.

Além disso, o Abade de l'Épée afirmaria que este surdo-mudo e esta surda-muda nunca falaram? Ele o sugere ao menos? Ele silencia sobre esta questão crucial. Nada, portanto, nos impede de acreditar que essas duas pessoas haviam preservado um remanescente de audição. Ele estava certo em exercitá-lo para se expressar em viva voz.

Sua escola, dois anos depois de sua morte, erigida como instituição nacional, não perdeu de vista essa tentativa. Antes de 1829, meu falecido professor, o Sr. Valade-Gabel, estava encarregado de um curso de articulação. Então este curso foi confiado ao Sr. Puybonnieux⁵, mais tarde ao Sr. Léon Vaïsse. De janeiro de 1860 a fevereiro de 1871, graças a uma organização que teve a iniciativa dos senhores de Col e Vaïsse, ele foi professado ao mesmo tempo por vários mestres. Apenas os meio-surdos e os surdos-falantes foram admitidos; o uso da linguagem mímica não era absolutamente proibido a eles.

Desde 1880, se pretende ter entrado em um caminho melhor: tentamos fazer falar até mesmo os mudos, aqueles que nunca ouviram, e isso, dizemos, seguindo o exemplo de certos estabelecimentos da Alemanha e da Itália. Os sinais são rigorosamente banidos. Um método oral puro é preconizado.

A linguagem mímica parecia para o Abade de l'Épée, bem como para vários professores ilustres⁶, como meio mais apto para desenvolver a inteligência do surdo-mudo de nascença e elevar tanto seu coração como sua mente. Não,

5 NdT: Jean-Baptiste Puybonnieux (1803-1864) utilizava a língua de sinais, foi supervisor (em 1827), depois professor e bibliotecário no Instituto de Paris. Em seu livro de 1849, apresenta-se como advogado e intérprete juramentado dos surdos-mudos. Dele tem-se algumas obras: PUYBONNIEUX, J.-B. **La parole enseignée aux Sourds-Muets sans le secours de l'oreille**. 1843. PUYBONNIEUX, J.-B. **Mutisme et surdité ou influence de la surdité native sur les facultés physiques, intellectuelles et morales**. Paris: Chez J.-B. Bailliere, 1846. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=b4OHh7OvDDwC&source=gb_s_similarbooks PUYBONNIEUX, J.-B. **Droits des Sourds-Muets à l'assistance publique**. Paris: Chez J.-B. Bailliere, 1849. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Droits_des_Sourds_Muets_%C3%A0_l_assistance.html?id=Z75bAAAAcAAJ&redir_esc=y.

6 Abade Sicard, Saint-Sernin, Bébien, Abade Chazoites, Valade-Gabel, Edouard Morel, Vaïsse, Berthier, Forestier, Piroux, Gallaudet, etc. O próprio doutor Itard, que gostava de fazer Eugène Allibert, seu compatriota, falar, disse a outros: “a palavra não combina convosco; a mímica é seu recurso”. Podemos nos convencer disso consultando a primeira e a segunda circulares da Instituição de Paris.

esta linguagem não o prejudica; não prejudica o surdo-falante; não, ela não carrega o menor problema com eles. Muito pelo contrário, ela faz com que suas mentes funcionem como o latim e o grego fazem trabalhar aquela do estudante.

Um dia, eu fiz mímica para dois jovens estudantes com a fábula: *A rã que quer ser tão grande quanto o boi*.

O primeiro escreveu:

“Uma rã viu um boi; ele parecia ser de bom tamanho.

Ela não era gorda nem como um ovo; ela ficou com inveja.

Ela tentou se igualar ao boi, se alongando, se inchando.

Então ela disse para outra rã: ‘olhe bem, minha irmã; isso é suficiente? Eu já alcancei o tamanho do animal?’

Esta respondeu: ‘não!’

A rã, após novos esforços, perguntou se já havia conseguido.

‘Não!’, continuou a outra. Então, como estou? Você não se aproxima em nada.

A besta estúpida se inchou muito, seu ventre se rompeu, ela expirou.”

O outro traduziu:

“Uma rã viu um boi, ela o achou grande e bonito.

Ela não era maior que um ovo, ela lamentou e ficou com ciúmes.

Ela se esforçou para ficar parecida com o tal boi. Para isso ela trabalhou, se alargou, se elevou.

Ela então diz: ‘Veja minha irmã, eu agora estou no tamanho igual ao do animal?’

A irmã responde negativamente.

A ambiciosa rã se estende novamente, se incha e pergunta: ‘E agora então?’ ‘Não, não, você está bem longe ainda.’

A pequena besta fez um esforço supremo, seu ventre se abriu e ela morreu.”

Os atos são exatamente expressos. A construção das frases e as palavras usadas nem sempre são as mesmas para os dois alunos, o que prova que o ditado foi compreendido. Seremos indulgentes: não prestaremos atenção às suas pequenas irregularidades.

Quantas vezes não vimos os surdos-mudos repassarem servilmente as palavras de seus interlocutores em vez de respondê-las! Quantos pronunciaram sem entender o significado do que lêem! Quantos não foram ouvidos falar com clareza suficiente, mas que, quando foi necessário se exprimir por escrito, ficaram embaraçados e confusos! Se fosse chamado de progresso, seria ridículo, seria um caminho para a nulidade da educação, isso seria autorizar o primeiro a tornar o surdo-mudo um simples sujeito à experiências.

Tem sido observado, no entanto, que as crianças que vieram de escolas

onde a mímica era excluída e o método oral usado, faziam mais sinais do que falavam. Isso é de um significado ao qual me é impossível entender. Nunca acreditaremos que podemos, com os braços cruzados, instruir os surdos-mudos.

O que o induz ao erro, quando escreve o ditado mímico, ou se expressa espontaneamente, é a ignorância das regras da gramática, que deve ser-lhe ainda inculcada com exemplos bem escolhidos. O sinal natural, acompanhado pelo jogo da fisionomia, tem um poder que nem a palavra artificial nem o método intuitivo⁷ têm; ele não deixa ambiguidade; é como uma faísca elétrica que espalha a luz mais brilhante. “A força desta alavanca é tal”, diz Valade-Gabel⁸, “que ela reduz o idiotismo”.

Muitas vezes se pergunta como o surdo-mudo pensa: com as palavras? ou pelos sinais?

Ele não pode pensar com as palavras que ele não conhece. O objeto de suas impressões amplia o círculo de seus pensamentos. Se ele já conhece a palavra correspondente ao que sente, ele a usa. Se ele não sabe, é obrigado a pedir, ou elabora uma gravura onde seus sentimentos são expostos fielmente. A ideia precede o sinal. Portanto, não se deve dizer que ele pensa mais com a ajuda dos sinais do que com a ajuda das palavras, mas quase como o ouvinte-falante por meio da imagem ou ação que atingiu seus sentidos.

A linguagem mímica e a linguagem escrita seguem uma ordem diferente e processam perfeitamente o mesmo pensamento.

A construção dos sinais é feita desta maneira:	Em francês escrevemos:
Chapéu pertencer mim novo.	Meu chapéu é novo.
Chapéu René pertencer esfregar (imperativo).	Esfregue aquele de René.
Félix partir (passado).	Félix partiu.
Partida esta afligir nós (presente).	Esta partida nos aflige. ou Nós somos afligidos.
Vara uma Jules pegar (presente).	Jules pega uma vara.
Vara essa com Jules bater Eduardo (futuro).	Ele baterá em Eduardo. ou Ele baterá em Eduardo com a vara.

7 Este método, por melhor que seja, não dá, sem a ajuda da mímica, a explicação das nuances do pensamento e da delicadeza do estilo.

8 **Premier mémoire sur cette question:** quel rôle l’articulation et la lecture sur les lèvres doivent jouer dans l’enseignement des sourds-muets, p. 16. Bordeaux, 1839.

Você desenhar saber.	Você sabe desenhar. ou Ele desenha.
Você está chocado nós saber.	Nós sabemos que você está chocado.
Você refletir nós querer.	Nós queremos que você reflita. ou Que você pense.
Açúcar doce; açúcar meu amar; açúcar parte meu querer.	O açúcar é doce; eu o amo; eu o quero.
Verdade meu dizer você.	Eu te digo a verdade.
Você vir dizer (fazer o sinal de ordenar, de convidar).	Eu digo para ele vir.
Meu doente um pouco dizer você (anunciar, aprender).	Eu lhe digo que estou um pouco doente.
Você ver domingo meu ir se bom tempo.	Eu irei te ver domingo se o tempo estiver bom ou se estiver bom.

Não é suficiente localizar e especificar o sujeito, o verbo, o atributo, os complementos, os relatos, etc., desde que a confusão não seja possível, devemos ainda respeitar o gênio da mímica e evitar toda a monotonia. Não é menos indispensável fazer mil exercícios nas dez partes do discurso e insistir principalmente em composições como relatos de ações, descrições, histórias, diálogos, cartas etc. Eu listei, em 1872, esses vários exercícios em um panfleto⁹. Eu não vou revisitar isso hoje.

Uma vez que o surdo-mudo, um pouco inteligente que seja, conhecerá as regras da linguagem escrita, não se afastará dela. Mas devemos nos dar ao trabalho de apontá-las, de fazê-los sentir o dedo, do contrário cairão de novo e de novo, nos mesmos erros.

O Dr. Peyron, atual diretor da Instituição de Paris, me fez, há três anos e meio, a honra de me oferecer a oportunidade de retornar a título provisório. Ele me confiou uma seção de alunos atrasados. Dei a eles o que eles demandaram para revisar as lições até que pudessem tirar proveito delas. Muitos deles tendo permanecido no topo das classes superiores onde foram admitidos, chegaram a entender que não fazemos nada de bom com precipitação, que é impossível escrever de forma aceitável sem ter aprendido a voltar e retornar as frases.

⁹ Objetivo que deve se propor no ensino dos surdos-mudos.

NdT: De acordo com a lista de obras de Victor-Gomer Chambellan apresentada ao final do opúsculo, parece referir-se a: **But qu'il convient de se proposer dans l'enseignement des sourds-muets**. Paris: Boucquin, 1872.

Vamos voltar para a articulação. O Abade de l'Épée não reconheceu o privilégio atribuído a ele por Samuel Heinike de Leipsick, de melhor servir ao surdo-mudo. “Ensinar”¹⁰, diz ele, “não é um trabalho que requer grandes talentos”.

As maravilhas que, em 1880, os membros do Congresso de Milão testemunharam, poderiam tê-los deslumbrado. Para aqueles que as desejaram para a vida íntima do surdo-mudo, estas maravilhas devem ter sido preparadas de longa mão. Bem antes disso, um professor, querendo saber a verdade, visitou vários estabelecimentos no exterior. Dois ou três anos depois, ele se apresentou sobre outro traje; ele notou que se fazia falar diante dele os mesmos alunos que estavam em sua primeira visita. Eles haviam crescido, isso é tudo.

Um jovem, que se tornou surdo aos três anos de idade, entrou em uma de nossas escolas provinciais. No final de seus estudos, ele pagou um preço pela articulação. Muito orgulhoso, ele se apressou em compartilhar com sua família. Seu avô queria ouvi-lo. O jovem abriu a boca e deu o melhor de si. O avô, balançando a cabeça, parou-o e disse: “Oh! meu filho, vós não falais; vós gritais”. Que responsabilidade não assumimos afirmando que os pobres pequenos mudos falarão? Há um longo caminho desde a promessa até a realidade.

O ensinamento dos surdos-mudos remonta a cento e vinte e três anos desde a suposta época em que o Abade de l'Épée se ocupou dele, e três séculos desde a morte de Ponce. De onde vem que ainda estamos lutando com tentativa e erro? Teríamos sido mal orientados? Não usamos as lições da experiência?

Seja como for, não queremos que o surdo-mudo seja reduzido ao papel de autômato, queremos que ele reflita, entenda o que lê, o que lhe dizem; que ele saiba conduzir seus negócios, que ele esteja ciente de seus deveres e seus direitos. E esse progresso, que não esqueçamos, só pode ser alcançado se tivermos a sabedoria de não extinguir o farol que o Abade de l'Épée acendeu em sua escola, introduzindo a linguagem do gesto, essa linguagem que a natureza, na sua solicitude, compensou o surdo-mudo de nascença, linguagem que é usada até mesmo em um país estrangeiro, pelo viajante que não conhece uma palavra do idioma daquele país.

Reconheceu-se desde tempos imemoriais que a linguagem oral deve ser cultivada no surdo falante; que é útil de se servir com o mudo da linguagem da ação, da mímica. Se, falando em voz alta para um e a outro pela datilologia ou por escrito, vemos que não somos compreendidos, somos necessariamente obrigados a recorrer à linguagem da imagem ou aos sinais.

Para muitas pessoas, datilologia e linguagem mímica são sinônimos. Daí mal entendidos. A datilologia é a palavra na ponta dos dedos, representando as letras do alfabeto; supõe o conhecimento prévio do significado das palavras

¹⁰ *Véritable manière d'instruire les sourds-muets*, p. 133 e 136. 1784.

ou expressões que são transmitidas. A linguagem mímica é uma outra palavra silenciosa, ou melhor, uma espécie de pintura viva daquilo que se expressa; pode ser usada sem saber nenhuma palavra.

O trabalho consciencioso e notável¹¹ que o Sr. Adolphe Franck apresentou ao Ministro do Interior em 1861, em nome de uma comissão composta por ilustres estudiosos, teve um impacto e foi calorosamente aplaudido. Esta comissão tinha acabado de apreciar o progresso feito nas instituições de surdos-mudos na França. Enquanto declina de sua competência, não hesitou em dizer que os surdos-mudos, que ouviam e falavam, pareciam apenas chamados para colher os frutos do ensinamento oral. Ela foi tão sábia quanto aquele da Academia de Zurique, que em 1783, deu razão ao Abade de l'Épée contra Heinicke, um feroz oponente da linguagem de sinais.

O inspetor-geral Claveau relata¹² que “os professores franceses colocados à frente de escolas importantes declararam no Congresso de Lyon¹³ que, de acordo com sua experiência, só se podia contar com uma pequena minoria de alunos capaz de adquirir uma pronúncia clara da língua falada e uma segurança suficiente na prática da leitura nos lábios”.

Embora essa opinião não tenha parecido peremptória, novas investigações não nos ensinariam nada, exceto que não deveríamos mais confundir os mudos com os surdos falantes¹⁴. Estas são as exceções: se eles perderam a audição após os quatro anos de idade e sua inteligência permaneceu intacta, eles podem lembrar os sons que uma vez tocaram seus ouvidos, reproduzi-los e portanto, concluir sua educação de maneira justa e imediata. Outros não têm essa vantagem; eles carregam o selo de sua enfermidade; sua instrução demanda mais tempo e mais paciência.

O sinal não é somente a palavra do surdo-mudo de nascença; é especialmente, não seria muito repeti-lo, a chama por excelência de sua inteligência: suprimir o sinal seria mantê-lo nas trevas da ignorância.

Os fatos demonstram que é necessário ter em consideração o parecer da Academia de Zurique e da Comissão do Instituto de França, da qual o senhor Franck foi o relator. Os princípios do Abade de l'Épée permanecerão em pé. Será dada extensão ao ensino oral, ele será destinado aos surdos-falantes e semi-surdos. Eles poderão usar gestos de tempos em tempos, e o desenvolvimento de

11 Páginas 13, 14, 15, 18.

NdT: FRANCK, A. **Rapport à son excellence M. le ministre de l'Intérieur sur divers ouvrages relatifs à l'instruction des sourds-muets par une commission de l'Institut**. Paris: Colas-Gardin, 1861. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bd6t53701344>.

12 Memória apresentada ao Senhor Ministro do Interior, em 1880, p.35-36.

13 O congresso teve lugar em 1879.

14 De Gérando indica essa necessidade, mesma circular, p. 35.

NdT: Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5402559x/f41.item#>.

suas faculdades será mais favorável. Além disso, este método misto evidenciou um certo número deles.

Teremos o cuidado de não amarrar as mãos do mudo, de proscrever, aquela linguagem pitoresca que, sozinha, pode ressuscitá-lo para a vida moral e fazê-lo voltar ao coração da sociedade. Não vamos deixá-lo no isolamento porque sua pronúncia é nula, incompreensível. Ele será instruído ao mesmo tempo por mímica e intuição, que produziram resultados prodigiosos, ou, para citar textualmente as palavras do Abade de l'Épée, “por caracteres traçados por escrito e sempre acompanhados por sinais sensíveis, como se instrui os outros homens por palavras e gestos, que indicam o significado das coisas”¹⁵. Eu vou além: qualquer um que lhe tenha simpatia faria bem em saber como falar com ele pela datilologia, ou mais rapidamente, por sinais; e essas relações, assim estabelecidas, seriam melhores que qualquer outro meio na linha de demarcação que, por tantos séculos, o manteve separado da grande família humana.

CONCLUSÕES

É necessário estabelecer duas categorias entre os alunos surdos-mudos:

1º - Aqueles que nunca ouviram ou falaram, ou que perderam a audição antes dos quatro anos de idade;

2º - Aqueles que ouviram e falaram até esta idade.

A educação dos primeiros só pode ser feita com facilidade por exercícios de mímica e escrita.

Os outros, a menos que suas faculdades tenham sido atingidas, serão instruídos pela palavra, sem no entanto abandonar completamente a mímica que lhes prestará serviços reais.

15 *Véritable manière d'instruire les sourds-muets*, p. 157.

NdT: Parcialmente disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/La_v%C3%A9ritable_maniere_d_instruire_les_so/W4NgAAAAcAAJ?hl=en&gbpv=0.

OS ABUTRES DO PROMETEU DOS SURDOS-MUDOS¹

Obra:

LIMOSIN, Lucien. Les vautours du Prométhée des sourds-muets. *La Défense des Sourds-muets*, n° 24, dez. 1886, p. 127-129.

Tradução²:

“Quem é o Prometeu?” perguntarão muitos de vós, queridos leitores surdos-mudos. Segundo a mitologia, essa fabulosa história dos deuses, semi-deuses e heróis da antiguidade, Prometeu foi pai de Deucalião, rei da Tessália (Grécia). Ele formou um homem de lodo e adaga, e o animou, escondendo do céu uma centelha de fogo etéreo. Para puni-lo por essa fuga divina, Júpiter, o deus dos deuses, acorrentou-o ao Cáucaso (Rússia), onde um urubu permanecia roendo seu fígado, que ainda renascia. Libertado por Hércules, ele foi o inventor de todas as artes.

Para o entendimento do leitor surdo-mudo, acrescentarei que Prometeu é a imagem do gênio perseguido.

Bem, o Abade de l'Épée, sem dúvida, foi o Prometeu dos surdos-mudos.

Ele não descobriu, ou melhor, não roubou, de fato, depois de ter declarado prematuramente que a visão e a palavra restaurariam totalmente esses infelizes à sociedade, aquele fogo sagrado que é chamado de pantomima inata em todos os surdos-mudos de nascença, e desde o início para animar seus queridos filhos adotivos, que, até então, estavam no estado de vida animal? Que golpe de gênio foi essa descoberta, que havia escapado à clarividência dos homens por tantas eras!

Foi em nome da comissão do Instituto da França que o velho Franck, membro desse corpo de cientistas, enviou, em 1861, ao Ministro do Interior, um notável relatório, em que ele dizia com infinita sagacidade que “longe de ser um ensinamento vantajoso, a articulação provavelmente provocaria todo tipo de contorções dolorosas nesses seres silenciosos submetidos a esse tipo de tortura”.

1 NdT: É uma das primeiras reações dos surdos, através da imprensa, diante da implementação das decisões do Congresso de Milão (1880) em território francês.

2 Realizada por José Raimundo Rodrigues e revisada por Bartira Zanotelli Dias da Silva.

Infelizmente, há seis anos, o repórter da referida missão, obedecendo a um capricho que definirei em um dos meus próximos artigos, negou, como São Pedro, esse trabalho verdadeiramente humanitário. Então ele se entregou às utopias em que apenas os sonhadores são criados. Eis que ele vincula o método francês dos sinais ao método de articulação alemão, embora um tenha prestado serviços imortais e imperecíveis, e outro tenha sido criticado, repudiado e criticado pelo próprio Abade de l'Épée e condenado pela Academia de Zurique. É evidente que a controvérsia entre o bem-sucedido campeão francês de sinais e o campeão alemão da articulação Heinicke, e encerrada pela sentença daquela academia, incomoda na mente e no coração-sonhador de Júpiter. Sabe-se que ele tem interesse em explorar a afirmação mencionada acima para ocultar as épocas históricas onde ela foi escrita e onde ela foi declarada nula e sem efeito pelo Abade de l'Épée. Parece que o interesse às vezes faz milagres.

Se este São Pedro francês se considera chamado à glória de ter contribuído, em grande parte, para o desmutismo dos surdos-mudos, ele cai no maior dos erros; pois, assim como do fósforo brota a luz do palito, também é do sinal que brota a inteligência dessas pessoas deserddadas.

É exatamente isso que escapa à grrrrrande³ filosofia do utopista Franck! Aqui está precisamente o que justifica da maneira mais brilhante o artigo com este título: *Um pouco de atenção, por favor, Srs. Franck e Cia publicado no Défense* de outubro de 1886. (veja o artigo em questão)

Do ponto de vista oral, os idiotas dotados de audição e da palavra são incontestavelmente superiores aos surdos-mudos que, entregues, com as mãos e os pés atados, aos golpes nauseantes desses abutres humanistas que chamamos de cavaleiros da articulação, são condenados a passar a vida inteira a resmungar horriavelmente ou falar de forma desajeitada. No entanto, esses cretinos são assistidos por seus conselhos de família ou, antes, caem sob a interdição, na brutal aceitação da palavra, por causa do amolecimento de seu cérebro perturbado.

O grande filósofo Franck considerou sob todas as formas essa distinção lúgubre? Como ele ouve a brutalidade dessa lei, que atinge essas pessoas deserddadas do cérebro, e para a qual nenhum surdo-mudo escapará, já que a inteligência é fatalmente obscurecida pela articulação?

Ele não está disposto a admitir que, quer seja ouvindo suas línguas se embaraçarem, quer seja vendo seus olhos se aproximarem dos lábios dos outros, a sociedade cruel classificará os surdos-mudos na categoria de idiotas e dementes.

Deixe o rei dos sonhadores se afundar nas utopias. Ele só conhece o ridículo que mata.

3 NdT: No original a palavra foi grafada com a repetição da letra "r", parece-nos que sugerindo certa ironia. O mesmo ocorre num parágrafo à frente.

Vamos nos ocupar agora com uma nuvem de abutres humanos que, atraídos pela obsolescência do método francês, caem sobre quase todos os estabelecimentos de surdos-mudos. Envoltos na capa da humanidade e atrofiados por sua própria respiração, essas aves de rapina se jogam ansiosamente sobre esse osso para comer, que é chamado de pão de professores surdos-mudos. A carta do Sr. Balestie⁴, tão violentamente arrancado de seu cargo de professor na escola de surdos-mudos de Rodez, carta que eu havia inserido no *Défense* de novembro de 1886, é uma prova impressionante disso.

Com toda a probabilidade, os professores surdos-mudos da instituição nacional de Paris serão obrigados a abandonar a função, em um tempo muito próximo, a menos que ocorra alguma mudança imprevista.

Nossos abutres estão competindo ferozmente com diretores surdos-mudos, com o objetivo voraz de obter as doações que alguns conselhos municipais e gerais têm, até agora, concedido às instituições administradas por esses mestres silenciosos. O Conselho da Cidade e o Conselho Geral de Lyon⁵ dão um exemplo. Infelizmente, eles são enrolados por um espião alemão que tem o talento de se disfarçar de cavaleiro da articulação!

Não é vergonhoso, não é nojento ver sete surdos-mudos de ambos os sexos que, de fato receberam instrução, que conheceram o hálito fedorento dos cavaleiros da articulação, serem encontrados reduzidos a implorar as lições do Sr. Forestier, no decorrer do ano letivo?

Por meio do sufocamento sob os golpes sujos desses industriais, os surdos-mudos acabarão definhando na horrenda ignorância, que dará à sua fisionomia uma expressão assustadora de medo, de estupidez, de idiotismo, em uma palavra, de vida bestial; pois quando tiverem a chance de se expressar de viva voz, serão tomados por alguns minutos de hesitações, de aspereza, de esforços, de contorções e de gagueira, antes de se fazerem entender!

Os fabricantes de papagaios, no entanto, dizem em um tom de indiferença imprudente que esses futuros idiotas estão progredindo e suas gagueiras estão melhorando.

O Abade Goislot⁶, capelão da instituição nacional de Paris, me deu a entender que era necessário dedicar tanto esforço à valentia dos alunos pobres daquele estabelecimento. É difícil entender que o nome dele conste como um

4 NdT: Leópold Balestie, em 1873, foi demitido da sua função de professor em decorrência do avanço do método de articulação e também por suas ideias socialistas.

5 NdT: Referência às verbas destinadas à escola dirigida por Hugentobler, deixando sem auxílio a escola dirigida pelo surdo Forestier.

6 NdT: Abade Goislot foi capelão do Instituto de Paris, tornando-se querido pelos surdos por conservar amizade com eles mesmo depois de saídos da instituição e já adultos, tendo sido elogiado por isso junto ao presidente Félix Faure. Ver: <https://les-merveilles-de-l-injs.blogspot.com/2015/05/visite-de-m.html>.

dos colaboradores do *Revue française de l'éducation des Sourds-Muets*, notoriamente hostil ao método francês.

Aos processos realmente velados dos abutres do Prometeu dos surdos-mudos, é necessário opor a verdade dos fatos incansavelmente, e é isso que devemos fazer repetindo a saciedade – mostramos isso, infelizmente! com muita frequência – que, longe de ser um método de iluminação e educação, a articulação, esse método de violência, de opressão, de obscuridade, de envenenamento, de charlatanismo, enfim, apenas faz idiotizar as pobres crianças surdas-mudas.

É para esse fim que o *Défense* foi criado. Pela força de velar, pela força de vigilância, finalmente, triunfará o grandioso princípio do Prometeu desses infelizes!

DESCAMINHOS DESPOSSÍVEIS: DICAS PARA SE ESCREVER (OU NÃO) UM ARTIGO SOBRE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS¹

Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado

José Raimundo Rodrigues

Este texto tem um objetivo muito claro: pensar sobre o que escrever sobre a história da educação de surdos. Ou melhor, o que não fazer. Estamos nos baseando nas experiências de pareceristas de artigos que, dentre outras temáticas, bradam em uníssono uma certa “história” da educação de surdos em revistas de educação ou mesmo de educação especial. Quantas vezes, ao ler os artigos para dar pareceres, ficávamos estarecidos sobre como a história dos surdos era abordada. Contudo, como cobrar dos pesquisadores uma relação mais honesta com as fontes se os próprios não as conhecem?

Nas participações em bancas de qualificação ou de defesa tanto de mestrado quanto de doutorado precisamos constantemente lembrar que sem menção às fontes não há história. Em suma, existe uma prática equivocadíssima de sempre ter um subtópico de um artigo bem como um capítulo de dissertação/tese que verse sobre a história da educação de surdos, aliás, pior ainda, a história dos métodos sobre educação de surdos, como se fosse a história deles porque muitos dos trabalhos sempre começam: “antes do oralismo os surdos eram felizes, após o famigerado e amaldiçoado congresso de Milão em 1880 surge o oralismo que acabou com os sinais, ‘decepo’ as mãos dos surdos” (observe o sarcasmo). Na década de 90 no século XX se inicia o movimento surdo principalmente quando Stokoe ‘inventa’ a gramática dos sinais. Além disso, veio a comunicação total e por fim o bilinguismo.

Precisamos fazer uma digressão aqui... este texto para além de um desejo nosso de sempre propor alguma coisa para ajudar as pessoas a pensarem as histórias dos surdos, nasce de nossa recorrente leitura do artigo “Mais dicas” do professor Alfredo Veiga-Neto (2013), por quem temos uma profunda admiração

¹ Especial agradecimento ao quinteto que, em primeira mão, leu, avaliou e nos ajudou a confirmar a escrita desse texto provocativo. Pedro Witches, Keila Cardoso Teixeira, Leonardo Lúcio Vieira-Machado, Daniel Junqueira Carvalho e Eliane Telles de Bruim Vieira, vocês nos inspiram muitas desventuras!

e nele nos inspiramos muito. Vamos utilizar frases, aforismos baseados nele que consideramos um grande professor. Quando lemos o texto “Mais dicas”, é como se o escutássemos em sua escrita.

Contamos para ele que, inspirados por seu texto, iríamos fazer algo semelhante, pois está na hora de darmos uma virada sobre o que definimos como “História da Educação de Surdos”. Está na hora de lermos fontes e trabalhos sérios que mostram onde estão alguns documentos, por vezes mencionados, mas não visitados. Segundo Veiga-Neto:

A ideia geral é que cada dica fale por si mesma e possa ser lida como uma quase-autoajuda para a pesquisa e até mesmo para a vida cotidiana. Mas, mesmo que sirvam para qualquer um que esteja envolvido com a pesquisa científica. [...] Um último comentário: de certa maneira, este texto pode ser lido de modo articulado [...] ainda que cada um fale por si mesmo, acho que eles se complementam e podem até se potencializar (Veiga-Neto, 2013, p. 2).

Queremos contribuir de alguma forma para que os pesquisadores tenham total compromisso ético com as fontes históricas que vêm sendo a cada dia disseminadas e abandonem e se afastem completamente do que consideramos como verdades proliferadas com fontes nada confiáveis, ou pior ainda, fontes que bradam que são fontes. O fundamental é “matar a cobra e mostrar o pau”! Com isso não queremos dogmatizar as fontes, mas propor um trabalho de pesquisa que se disponha ir às raízes dos problemas, dialogar com os textos de um passado que se permite questionar por problematizações do presente.

Voltamos à pergunta: como cobrar dos pesquisadores uma relação mais honesta com as fontes se os próprios não as conhecem? Então, mais do que compromisso de cobrar, temos compromisso de difundir as outras formas de trabalhar esta temática.

Vamos então às sugestões/dicas (como sugere o professor Alfredo Veiga-Neto).

1. APONTAMENTOS INICIAIS: MENOS É MAIS!

- a) Há alguns anos uma máxima sempre ecoa em nosso grupo de pesquisa: “Menos é mais!” Com isso está implícita a sugestão de que nunca se “busque pegar a lua” nem que se queira “dar passos maiores que as próprias pernas”. Aquela coisa de fazer “palestrinha” é extremamente desagradável. Uma fala/escrita prolixa, rebuscada (estilo barroco ou rococó) costuma tornar o texto enfadonho, traz sono e é super cansativo.
- b) Será mesmo que QUALQUER trabalho sobre surdos, surdez e acessibilidade desses sujeitos precisa de um capítulo de “História da Educação de Surdos?” principalmente quando a temática não aborda a

história como pesquisa? A mania de tentar colocar um capítulo deste em geral é imprudente e pode ser um exagero para o trabalho acadêmico. Geralmente ao lermos tais capítulos percebemos que se arrancarmos as páginas da “suposta história da educação de surdos”, em nada prejudica o trabalho. Costuma ser mais uma palestrinha da qual saímos incólumes.

Ilação: Não se coloque na situação de dar uma palestra sobre algo que não saiba. De forma honesta, tratar da história da educação de surdos exige um basear-se em fontes históricas, atualmente uma infinidade delas disponíveis em acervos virtuais. E mais... não se comporte como “O homem que sabia falar javanês” do conto de Lima Barreto.

- c) Se seu trabalho NÃO FOR DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS, crie um capítulo sobre “HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS” com prudência e que tenha organicidade com o restante do texto.
- d) Desconfie de quem se comporta como “A FONTE HISTÓRICA” mas não mostra onde encontrou a tal “FONTE” nem que critérios utilizou para fazer dela parte de sua série de pesquisa.
- e) Se perceber que não entende de história da educação de surdos, fuja dela. A não ser que tenha acesso às fontes confiáveis. Neste caso, assumo uma sábia ignorância e coloque-se num e-terno aprendizado.

Ilação: O que afirmamos ou o que questionamos, longe da perspectiva positivista exige que demonstremos como as fontes nos provocaram, incomodaram, retiraram nossas certezas. Assim, faz-se também necessário deixar rastros desse encontro e mostrar a confiabilidade que atribuímos às fontes sobre as quais buscamos água limpa. E, nesse caso, nem sempre quem chega primeiro é que bebe a água limpa, mas sim quem se atreve a descer em profundezas. Cite as fontes!

2. COMO NOS COMPORTAR DIANTE DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS:

As dicas que seguem nasceram da nossa experiência com essa coisa de se tornar artesãos, tecedores de história.

a) Escape do labirinto da oposição surdo *versus* ouvinte

- Essa é pesada. Compreendemos que a oposição entre ambos sustentou, durante muito tempo, as lutas identitárias dos surdos. De forma alguma desacreditamos tais lutas, porém a oposição se encarrega de invisibilizar o surdo como alguém que foi resistência, não apenas nos anos 90 do século XX mas principalmente no

século XIX. Quem conhece os surdos do movimento surdo do século XIX?

Adendo 1: Alguém conhece Clerc? Berthier? Forestier? Gaillard? Louise Walsler? Chambellan? Desuzeau? Henri Genis? Marie Pauline Larrouy? James Denison? Curiosamente, repete-se com frequência a relevância de, por exemplo, um ouvinte, o Gallaudett. E segundo “curiosamente” não se costuma fazer a distinção entre o pai e o filho e o irmão.

Adendo 2: Berthier cita os “amigos falantes”. Expressão muito forte para dizer daqueles que apoiavam as lutas dos surdos e participavam dos banquetes organizados pelo surdo francês. Repare, a ênfase de Berthier não recai na audição...

b) Vomite o que você pensa que sabe sobre Milão, pois é muito mais complexo do que parece

“Aceite, que dói menos”: (quase) ninguém sabe sobre Milão (1880). (Só usamos o quase porque qualquer generalização é burra). Ou pelo menos sabem desverdades sobre o evento e declamam publicamente em uníssono tudo que ACHAM que sabem.

Contraponto: Quem leu as atas OFICIAIS do Pasquale Fornari, secretário do evento? O relatório resumido do Arthur Kinsey publicado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos NÃO são as atas oficiais. Então, como conhecer Milão sem ler seus documentos? Retroprojetando nele uma certa desonestidade acadêmica ao afirmar, mas não indicar as fontes, uma dicotomia do presente?

Ilação: Aceite que você não sabe absolutamente NADA de Milão. Essa postura pode contribuir para quê, numa curiosidade desenfreada, você devore os documentos sobre Milão, crie conexões inesperadas, nutrindo-se de um novo que, possivelmente despertará um escrever sobre aquele Congresso. Então, portanto não escreva sobre este evento sem tê-lo traduzido numa leitura fecunda. E, por favor, não escreva sobre Milão “baseado” em autores que se “AUTO PROCLAMAM FONTES”. Desconfie! Não passam de “fake news”.

Contraponto do Contraponto: Os artigos sérios sobre Milão trabalham com fontes assinadas e datadas como “Atas Oficiais” do secretário do evento Pasquale Fornari (texto volumoso e com pequenas variações entre as versões francesa e italiana) e os relatórios de La Rochelle, Adolphe Franck, Auguste Houdin, Louis-Ernest Peyron, Edmund Treibel, James Denison, Edward Miner Gallaudet (filho do Thomas Hopkins Gallaudet e irmão de Thomas Gallaudet²). E leia também o relatório de Kinsey.

Adendo: Alguém leu um dos melhores textos de toda história sobre Milão

2 Árvore genealógica da família Gallaudet: <https://gallaudetfamily.com/family.html>.

“Minhas impressões sobre Milão”, escrito em 1881 por um dos quatro surdos presentes neste evento, o professor James Denison?³

c) Desconfie de vitimizações, vilanizações, tribunalização do passado

Em cada pessoa pode habitar um Dom Quixote em potencial, aguardando para vestir a armadura e empunhar a espada para defender virgens indefesas. Movendo-se contra dragões, nem sempre se consegue ver os moinhos de vento...

Encontrar culpados, quase sempre gera um sentimento tranquilizador que, conseqüentemente, sugere necessárias punições, retaliações ou revides.

Nossa antiga cultura de faroeste, atualizada pelo maniqueísmo dos blockbusters hollywoodianos, frequentemente, impulsiona-nos a identificar mocinhos, estigmatizar vilões, torcer por vinganças, simplificar no nível mais básico aquilo que é complexo e cheio de densas camadas.

A crítica consiste em desentocar o pensamento e em ensaiar a mudança; mostrar que as coisas não são tão evidentes quanto se crê; fazer de forma que isso que se aceita como vigente em si não o seja mais em si. Fazer a crítica é tornar difíceis os gestos fáceis demais. Nessas condições, a crítica — e a crítica radical — é absolutamente indispensável para qualquer transformação (Foucault, 2006, p. 80).

Corolário 1: “Crítico não é falar mal dos outros” (Veiga-Neto, 2013, p. 10).

Corolário 2: “Crítico o outro não implica falar bem de si mesmo, à custa do outro” (Veiga-Neto, 2013, p. 10).

Não seja o juiz ou o carrasco ao olhar para o passado. Corra para as montanhas quando vir exageros como “Depois de Milão, mais de 700 milhões de surdos perderam a sua língua e seus empregos...” (sarcasmo).

Contraponto: Os surdos não foram e não são vítimas desse “amaldiçoado” congresso ou da vilania dos ouvintes. Sempre foram resistência.

Adendo: Os ouvintes não foram sempre os vilões, tampouco Edward Gallaudett foi um cavaleiro solitário na luta pelas línguas de sinais. Leia os textos fontes e perceba como tornamos ridícula uma história cheia de tramas, tensões, ambiguidades, enfim, tão humana e a esperar por outras narrativas menos idílicas.

3 Basta dar uma passadinha no link: <<https://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1934>> para entender como um surdo viu tal evento.

d) A história clássica da educação de surdos é datada: desventure-se noutras narrativas

Quem escreve uma história não está isento de suas histórias a constantemente atravessar o desejo inicial de uma historiografia asséptica. Historiografar é assumir explicitamente, mesmo sabendo que outras tantas motivações poderão ainda estar implícitas, que se tem uma posição, uma leitura, uma perspectiva desde a qual se deseja redigir o que o tempo encarregou-se de pulverizar. Não voltamos no tempo e, por mais que os documentos nos dêem elementos, jamais conseguiremos reproduzir o que foi um dado acontecimento. Conjecturamos, mas não o fazemos a partir de uma imaginação fértil. As fontes estão ali para nos questionar, nos retirando de nossos lugares e, inclusive, provocando conversões, no sentido de que nos remetem a direções anteriormente impensadas.

Os problemas de pesquisa “sobre história da educação de surdos” não estão vagando por aí, soltos no mundo e à nossa espera; eles têm de ser construídos, alimentados, tecidos, cultivados principalmente com as nossas descidas aos porões (Veiga-Neto, 2013).

Valendo-nos ainda mais de Veiga-Neto, um projeto de pesquisa só vale a pena se for de “RIR”: “Relevante, Inédito e Realizável”.

Corolário: “Se faltar uma dessas letras, abandone a empreitada”.

Contraponto: “A relevância, o ineditismo e a realizabilidade não são evidentes por si e não valem igualmente para qualquer campo; devem ser estudados e discutidos com quem já tem experiência no campo” (Veiga-Neto, 2013, p. 5-6).

Adendo: Qualquer projeto de pesquisa que utilize as fontes primárias disponíveis nos arquivos de confiança, possivelmente será inédito. Portanto leia as publicações que levam isso em conta.

Mas, nessa vida acadêmica, também “não jogamos fora o bebê com a água suja da bacia”. Leia o que anteriormente foi escrito, aproxime das fontes, compreenda as razões dos autores e suas intencionalidades historiográficas. História não é uma religião com dogmas eternos, é uma escrita dentro de uma atmosfera em constante transformações. Uma grade de inteligibilidade permitiu-nos produzir determinados documentos. Insistimos... leia, aproxime, compare, problematize, desconfie... e seduzido pela trama que vai se formando, aventure-se a dizer/escrever algo fora da curva...

e) Diante da encruzilhada “perspectiva clínica-terapêutica x perspectiva sócio- antropológica” opte pelos becos que abrem novos horizontes

Sempre, sempre, sempre, sempre fuja para longe das oposições binárias. É um equívoco seríssimo que provoca um reducionismo mentecapto da história.

Desde o início do século XXI a surdez foi dividida em dois modelos: modelo clínico-terapêutico e sócio-antropológico (como se a surdez pudesse ser classificada por modelos). Em um primeiro momento pareceu uma boa saída para diferenciarmos o bilinguismo e o oralismo. Contudo, há aí gafes consideráveis, principalmente históricas.

Gafe 1 - Considerar que o modelo clínico-terapêutico iniciou-se no Congresso de Milão (1880). Autores “CLÁSSICOS” escrevem isso como uma grande verdade e são citados “COMO FONTES CANONIZADAS E IRREFRAGÁVEIS”. O corpo como território para novas navegações e expansões transformou-se num verdadeiro parque de diversões da modernidade. E o corpo do surdo foi objeto cobiçado desde o início.

Gafe 2 - Considerar que o método oral puro é simplesmente clínico-terapêutico. Ledo engano! Ele também é pedagógico mesmo sendo corretivo. Sem dúvida que em 1900, no Congresso de Paris, a aproximação clínica ganha força e oficialidade. No Congresso de Milão (1880) apenas 15 profissionais da área clínica participaram deste evento sendo a maioria professores e sacerdotes. Vejam as atas oficiais de Pasquale Fornari.

Gafe 3 - A história não é dividida entres modelos clínico-terapêutico e o sócio-antropológico como se fossem DESCOBERTOS após anos 90 do século XX.

Gafe 4 (e a pior gafe) - Dividir a surdez e os surdos em dois modelos!

Ilação: Não existe modelo para a surdez. Existe a surdez como experiência e cada surdo a vive com suas agruras e vicissitudes! E a gente sente com Caetano Veloso: “Não me olhe como se a polícia andasse atrás de mim. Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é!”

f) Não repita determinadas informações sem buscar as fontes originais: alguns “historiadores” já cometeram esse erro.

Ixiiiiiii... esse erro já foi cometido, tantas, tantas, tantas, tantas vezes... em pelo menos noventa por cento dos trabalhos acadêmicos (gostaríamos muito de ter dito 99% mas soaria um pouco arrogante). E detalhe, citam grandes nomes que em si não são fontes e não citam as fontes primárias. Infelizmente, fontes secundárias e terciárias se colocam como “AS FONTES” e são citadas como tal. É desonesto, iniludível e merece que escapemos delas. Não pense que estamos

sob o fetiche das fontes. É o fato de considerá-las como uma forma que a história utilizou para ironizar nossas certezas que nos pede esse devotamento. É um amar-se ser questionado.

Fiasco: Citar o trabalho X, que citou o trabalho Y e que citou o Z como se fossem fontes confiáveis.

Fiasco do fiasco: Propalar que o trabalho X, que cita o trabalho Y que cita o Z são fontes irrefutáveis!

g) Considere a historiografia como tapeçaria e valorize os avessos e o pentear a contrapelo: ensaie descaminhos

Trabalhar com História da Educação de surdos é um desafio daqueles que muitos não querem assumir. Mexer e remexer com documentos nos porões significa lidar com traças, mofo, muitas vezes até ranço. Mas a cada entrada é surpreendente como vamos abrindo a “caixa de Pandora” onde tudo sai de lá e é impossível colocar de volta e fechar a caixa.

Além de tudo, devemos considerar sempre escrever para que todos tenham acesso e contribuam para que haja uma fuga em massa daquela historinha mal contada. Por isso:

Cuidado com as empulhações, embromações, enrolações (Veiga-Neto, 2013, p. 7).

— “Qualquer ideia, por mais simples que seja, pode ser expressa nos termos mais complicados” (Bloch, 1977, p. 83, *apud* Veiga-Neto, 2013, p. 7).

— “Para saber se o interlocutor sabe o que diz, peça para ele dizer de outra maneira”.

— A nível do ser humano e no bojo das histórias da educação de surdos, o arcabouço teórico que trata da arqueologia foucaultiana, além de ser um documento-monumento de acordo com Le Goff enquanto experiência válida e valor ético, varia enfaticamente em função das vertentes modernas que tratam das resistências, do cuidado de si e da biopolítica. Desse modo, a ação militante antibabélica se torna o propósito de uma consciência política libertária blá... blá... blá... (inspirado em Veiga-Neto, 2013)

Escólio: “Como é que é mesmo?????????”

Corolário 1: “Frases turvas denotam pensamentos opacos. E isso na melhor das hipóteses...” (Veiga-neto, 2013, p. 7).

Ilação: A História da educação de surdos deve ser fora dessas embromações e ser lida e compreendida por todos.

“Com frases curtas e palavras simples, é mais difícil enrolar”.

Corolário: “Afaste-se dos textos ricos em palavrórios vazios, circunlóquios rebuscados, erudição empolada, metáforas obscuras, construções pretenciosas. Em geral, eles são produzidos por mentes indigentes, muito indigentes” (Veiga-Neto, 2013, p. 7).

Parafraseando Maria Bethânia “o mais importante do bordado é o avesso, É o avesso. O mais importante da história da educação de surdos é o que eu não conheço, o que eu não conheço”. Siga as pistas mais desafiadoras. Os documentos foram escritos em papel, mas sobram neles inúmeras linhas soltas apontando para o avesso, para ir-regularidades.

E se a arte de ensaiar pode ser considerada como até mais séria que a apresentação final, no sentido de que todo um grupo cênico ensaia considerando o outro que ainda não se deu como público, ENSAIE outras escritas, outros estilos, outras aproximações.

Tapeçaria bem feita mostra que nasceu de um cuidado zeloso de mesclar o que estava nas linhas com o que estava nas entranhas. Assim, nas entrelinhas de nossas entranhas também se faz historiografia.

h) Assuma que, por vezes, temos mais indagações e problematizações que verdades a serem dogmatizadas e deixe-se provocar pelas dúvidas a ponto de não ter mais certeza além de que estamos num campo em desposível construção

— “*Por quê?* É filosofia. *Porque* é pretensão” (Fernandes, 1994, p. 435 *apud* Veiga-Neto, 2013, p.4).

Corolário: “Pergunte sempre”.

Corolário do corolário: “Duvide sempre”.

Corolário do corolário do corolário: “Duvide até de você mesmo” (Veiga-Neto, 2013, p. 4).

As certezas sobre a história da educação de surdos a partir das chamadas FONTES IRREFUTÁVEIS são sempre problemáticas. Duvide quando as fontes primárias não são citadas e busque trabalhos que tragam as fontes.

— “Não há nada mais equivocado do que a certeza” (Fernandes, 1994, p. 76 *apud* Veiga-Neto, 2013, p. 4).

— “Nada é mais falso do que a verdade estabelecida” (Fernandes, 1994, p. 487 *apud* Veiga-Neto, 2013, p.4).

Lidar com os documentos é algo fascinante. De repente, um sorriso nos toma o rosto, um sobressalto nos atemorize, uma palavra desemboca a caducar infinitas outras. Mais que palavras, talvez necessitemos de interrogações. Num mundo

onde os que dizem saber algo são associados a pessoas que têm certeza, não há muito lugar para dúvidas.

Aprender a fazer interrogações é uma arte. Aprender a interrogar, no sentido inquisitorial, é apenas uma técnica muito simples. Quando fazemos interrogatório com o texto, com a fonte, nós a violentamos. Porém, quando diante da fonte nos permitimos duvidar, existe uma fecundidade do “por quê” que faz brotar em nós e no texto questões desafiadoras. Como aqui pensamos em dicas, precisamos sugerir que se tenha sempre um caderno perguntador, um arquivo no celular ou outro mecanismo, para registrar as dúvidas. Nem todas serão respondidas, mas é para isso que existem. Dúvidas, inclusive, compartilhadas para que os outros que nos sucedem possam saber o que nos movia e, quem sabe, com outras ferramentas ou com outras fontes poderão fazer daquela questão um motivo de pesquisa.

Um campo teórico recente não sobrevive academicamente se não somente se retroalimentar. Justamente, por ser novo, sua aparência deve estar mais próxima de areia movediça que de pedra de granito. Como as folhas se esvoaçando, considere suas perguntas como aberturas ao possível e até para aquilo que tínhamos como impossível.

i) Da mesma forma como os “clássicos” da história da educação de surdos, também as novas perspectivas estão marcadas pelos problemas de nosso tempo, são datadas

Um exercício simples, mas de extrema potência, é tomar notas sobre os problemas de nosso tempo e sua relação com a área que pesquisamos. Inicialmente, apenas tomar nota, fazer um ajuntamento do que nos incomoda e acomoda, do que ingerimos e não aferimos, do que anda no embarço e daquilo que, propositalmente, se embaralha.

Ao historiografar é justo deixar para os leitores aquilo que nos guiou. Escrever sobre um campo movediço é saber-se com “vidraça” e não temer as pedras que os transeuntes queiram ora ou outra arremessar.

Ouvimos desde a tenra infância, quando começamos a caminhar: “Olhe para a frente! Pra frente!” E a cada pequena distração, a família, a escola, o trabalho, a academia, formaram coro dizendo: “Olhe para a frente!” Na contramão, desejamos olhar para frente olhando para trás, como uma cabeça de coruja que gira. Não que queiramos tudo controlar, mas porque regozijamo-nos ao perceber que neste mundo efêmero há tantas regularidades e nossos discursos, como águas que subterraneamente se tocam, por vezes, as proliferam.

E, por sermos também datados, é salutar deixar pequenos rastros do tempo que

nos movia e do que movia nosso tempo. Uma nota de rodapé, uma dedicatória, uma escolha de título, a narrativa de um fato, tudo que desde sua pequenês e aparente imprecisão e inutilidade é capaz de catapultar o outro.

Para nos despedirmos na certeza de que teríamos ainda muito café no bule
Manoel de Barros, o poeta das miudezas nos ensina muito sobre como ver e como escrever a história longe, muito longe dos clássicos:

As lições de R.Q.:

Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano)

A expressão reta não sonha

Não use traço acostumado

A força de um artista vem de suas derrotas

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um
formato de pássaro.

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

é preciso transver o mundo.

Isto seja:

Deus deu a forma. Os artistas deformam.

É preciso deformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades.

[...] Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por
aí a desformar.

(Barros, 2016, p. 55)

Para escrever a história da educação de surdos deve-se seguir essa receita: não usar traço reto e muito menos acostumado. A história reta/linear, sem suas gradações e suas tramas intrincadas não é honesta. Para olhar para a história em suas vicissitudes é preciso transvê-la, deformá-la.

Livro sobre nada

É mais fácil fazer da tolice um regalo do que da sensatez.
Tudo que não invento é falso.
Tem mais presença em mim o que me falta.
Melhor jeito que achei pra me conhecer foi fazendo o contrário.
Sou muito preparado de conflitos.
Não pode haver ausência de boca nas palavras: nenhuma fique
desamparada do ser que a revelou.
Meu avesso é mais visível do que um poste.
Sábio é o que adivinha.
Para ter mais certezas tenho que me saber de imperfeições.
Eu queria ser lido pelas pedras.
As palavras me escondem sem cuidado.
Aonde eu não estou as palavras me acham.
Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas.
A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela
expresse nossos mais fundos desejos.
Esta tarefa de cessar é que puxa minhas frases para antes de mim.
Melhor para chegar a nada é descobrir a verdade.
Por pudor sou impuro.
Não gosto de palavra acostuada.
A minha diferença é sempre menos.
Não preciso do fim para chegar.
Do lugar onde estou já fui embora
(Barros, 2016, p. 49)

- Assim encerramos este texto porque Manoel de Barros nos diz muito sobre como lidar com a escrita da história da educação dos surdos para além dos “CLÁSSICOS” e que inclusive deveriam sair dessa lista canônica. Quantas vezes escrever tolices sobre esta história é permanecer numa zona de conforto onde a sensatez pode causar um terremoto nas verdades estabelecidas.

- Entendemos que a história é uma invenção a partir das leituras de fontes primárias, por isso inventá-la está relacionado a expor o que mais nos falta em nós mesmos na leitura desses documentos. Aliás, fazer o contrário é o melhor jeito para nos conhecer, afinal somos muito preparados de conflitos visto que, não pode haver ausência de boca nas palavras e que nenhuma fique desamparada de quem as revelou.

- Como nosso amanhecer vai ser de noite, nosso avesso está muito claro, pois

sábio é o que advinha.

- Sabemos que somos imperfeitos mas queremos muito ser lidos até pelas pedras, afinal as palavras nos escondem sem cuidado já que onde não estamos, elas nos encontram.

- Quando preferimos não escrever de forma audaciosa, há histórias TÃO VERDADEIRAS que parecem ser inventadas. E por isso, nos valem da terapia literária para desarrumar a linguagem pois expressa nossos mais fundos desejos de expor o que sai da caixa de Pandora quando descemos aos porões. Afinal, esta tarefa de cessar é que puxa nossas frases para antes de nós. A história vem antes de nós e por isso descobrir a verdade é melhor para chegar a nada, nada específico.

- Falamos a verdade porque somos impuros por pudor e odiamos palavra acostuada, ou seja, dizer sempre o mesmo do mesmo.

- Enfim, a nossa diferença é sempre menos, já que não preciso do fim para chegar, afinal do lugar onde estivemos, já fomos embora.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro, Alfaguara, 2016.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Mais dicas...**⁴

4 Texto escrito por sugestão e solicitação da Profª Drª Paula Correa Henning, para o Caderno Pedagógico organizado pela FURG, em agosto de 2013. Uma primeira versão, menor e mais simples, já foi publicada em: VEIGA-NETO, Alfredo. Dicas... **Revista Aulas** (dossiê Foucault e as Estéticas da Existência), Campinas, n.7, 2010. p. 11-23. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/30247523/Revista-Aulas-Dossie-06-Foucault-e-as-Esteticas-Da-Exist-en-CIA>>..

MINICURRÍCULO DOS TRADUTORES E REVISORES DE TRADUÇÃO

Alexsandro Rodrigues Meireles

Pós-doutor pela University of Southern California (2015) com bolsa da CAPES. Possui graduação em Letras:Inglês pela Universidade Federal de Minas Gerais (1998), mestrado em Letras:Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2001) e doutorado-sanduiche em Linguística - Unicamp e University of Southern California (2007). Atualmente é Professor Associado I na Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: meirelesalex@gmail.com.

Bartira Zanotelli

Licenciada em Letras - Português pela Universidade Federal do Espírito Santo (2007), mestre em Tradução Técnica e Científica pela Université de Haute Alsace, França (2010). Doutoranda em Letras (UFES). Tem experiência nas áreas de ensino de língua portuguesa para estrangeiros, ensino de língua francesa, revisão de textos e tradução. E-mail: bartira.zanotelli@gmail.com.

Eliane Telles de Bruim Vieira

Licenciada em História pela UFES; mestrado em Educação pelo PPGE-UFES; doutorado em Educação pelo PPGE-UFES na linha de pesquisa Educação Especial e Processos Inclusivos. E-mail: ebruim@yahoo.com.br.

Gabriel Silva Nascimento

Doutor em Educação Especial pela Ufscar (2023), Mestre em Educação (2019) pela Ufes, Especialista em Libras (2015), Especialista em Educação Especial Inclusiva (2014), Licenciado em Letras Português-Inglês (2010), atua como Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico na área de Letras - Língua Portuguesa e Libras no Instituto Federal de São Paulo. E-mail: tilgabriel@gmail.com.

Geraldo Dias Buziani

Possui graduação em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2010) e graduação em Filosofia / Bacharelado pela Faculdade Arquidiocesana de Mariana Dom Luciano Mendes de Almeida (2006). Mestrado em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Ateneo Santo Anselmo - Roma. Doutorando no mesmo instituto. E-mail: gbuziani@yahoo.com.br.

José Raimundo Rodrigues

Licenciado em Filosofia (PUC-MG); mestre e doutor em Educação pela UFES, mestre e doutor em Teologia Sistemática pela Faje-BH; Coordenador de Turno na Rede Municipal de Ensino de Vitória-ES. E-mail: jrrzenaga@yahoo.com.br.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ackers 35, 37, 48, 50, 71, 78, 89, 97, 99, 106, 143, 149, 151, 152, 153, 157
Aluno 22, 28, 36, 41, 42, 44, 46, 61, 62, 88, 95, 96, 112, 114, 116, 121, 123, 124, 130,
134, 138, 141, 142, 153, 155, 170
Amor 54, 55, 61, 63, 79, 161, 163
Animal 172, 179

B

Balestra 33, 34, 35, 36, 42, 44, 45, 48, 49, 50, 64, 72, 78, 89, 98, 126, 128, 152, 156,
164
Bébian 42, 115, 119, 120, 171
Bourse 25, 28, 29, 42, 44, 48, 50, 56, 143, 149
Brambilla 40, 41, 131, 132, 155
Buxton 48, 78, 94, 95, 99

C

Claveau 39, 43, 45, 54, 73, 126, 127, 128, 131, 132, 147, 149, 155, 176
Comunicação 18, 22, 24, 29, 37, 38, 40, 55, 61, 68, 70, 75, 78, 79, 85, 95, 98, 104,
105, 106, 115, 122, 123, 126, 129, 130, 131, 151, 153, 183
Conhecimento 18, 25, 26, 32, 37, 44, 46, 47, 55, 58, 68, 69, 75, 78, 80, 86, 90, 95,
107, 124, 131, 132, 138, 143, 148, 153, 154, 161, 175
Criança 18, 19, 20, 21, 27, 35, 36, 39, 40, 60, 61, 73, 76, 77, 118, 123, 124, 131, 136,
139, 140, 141, 154, 156

D

Datilologia 24, 55, 112, 166, 170, 175, 177
Deliberação 39, 44, 45, 74, 125
Demonstração 130, 151
Deus 32, 42, 49, 50, 77, 116, 137, 143, 152, 162, 163, 193
Ditado 24, 63, 103, 117, 170, 172, 173

E

Ekbohrn 35, 41, 50, 71, 143, 156
Elliot 36, 39, 44
Ensino secundário 62, 74
Escola 7, 9, 18, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 31, 33, 35, 39, 45, 47, 48, 51, 58, 59, 61, 68,
75, 76, 78, 81, 86, 87, 94, 96, 97, 99, 104, 106, 113, 116, 119, 120, 121, 122,
123, 125, 128, 132, 133, 134, 135, 150, 153, 154, 157, 164, 166, 171, 175, 181,
192
Escrita 18, 20, 24, 27, 28, 35, 38, 42, 46, 49, 55, 56, 57, 58, 60, 63, 70, 75, 80, 86, 87,
88, 90, 91, 104, 115, 116, 117, 120, 121, 123, 124, 126, 127, 130, 132, 133, 134,
138, 139, 140, 151, 170, 173, 174, 177, 180, 183, 184, 188, 194
Estatística 32, 160, 161
Estudante 19, 24, 172
Estudo 18, 44, 79, 105, 120, 127, 130, 141, 153
Experiência 4, 8, 13, 20, 21, 41, 47, 51, 54, 68, 72, 76, 79, 81, 90, 97, 123, 135, 150,
153, 155, 161, 175, 176, 185, 188, 189, 190, 197

F

- Fornari 7, 8, 9, 10, 29, 34, 40, 43, 46, 48, 49, 69, 73, 78, 94, 100, 148, 155, 156, 164, 186, 189
 Franck 1, 8, 9, 10, 12, 34, 37, 38, 43, 48, 49, 50, 53, 62, 65, 73, 75, 128, 143, 147, 150, 151, 153, 154, 156, 157, 176, 179, 180, 186
 Frase 20, 70, 72, 107, 118, 130, 139

G

- Gallaudet 1, 8, 10, 35, 36, 44, 50, 71, 72, 74, 83, 89, 90, 93, 94, 97, 106, 143, 149, 153, 156, 157, 171, 186
 Gesto 18, 36, 39, 40, 55, 59, 68, 73, 77, 79, 80, 84, 96, 128, 150, 175
 Governo 20, 22, 38, 45, 64, 83, 119, 137, 161
 Grosselin 23, 24, 25, 28, 29, 48, 78
 Guérin 20, 21, 22, 23, 25, 29, 34, 41, 48, 56, 69, 72, 73, 78, 89, 148, 149, 153, 155, 164

H

- Haerne 99
 Hirsch 17, 26, 27
 Homem 32, 36, 42, 50, 60, 61, 64, 70, 114, 118, 156, 162, 167, 179, 185
 Houdin 1, 8, 10, 11, 15, 16, 19, 20, 29, 34, 37, 39, 41, 42, 48, 50, 51, 69, 78, 116, 117, 125, 127, 143, 144, 148, 149, 155, 158, 163, 164, 186
 Hugentobler 15, 18, 19, 20, 21, 23, 26, 28, 29, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 44, 45, 48, 50, 72, 78, 89, 98, 100, 125, 132, 143, 148, 153, 164, 181
 Hull 37, 40, 72, 97, 105, 132, 149, 152, 153, 155

I

- Ideia 41, 60, 61, 82, 90, 98, 104, 116, 117, 118, 121, 130, 132, 140, 141, 142, 151, 156, 161, 173, 184, 190
 Imagem 60, 80, 140, 173, 175, 179
 Instituição 15, 16, 18, 19, 23, 26, 27, 28, 36, 37, 45, 54, 56, 57, 58, 59, 63, 64, 70, 72, 74, 76, 78, 81, 87, 98, 102, 119, 120, 122, 125, 127, 128, 142, 148, 151, 153, 155, 156, 157, 171, 181
 Instituto 70, 160, 161, 165, 166, 197
 Instrução 17, 18, 24, 25, 27, 32, 33, 37, 38, 39, 41, 44, 45, 48, 49, 53, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 65, 74, 75, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 106, 112, 113, 119, 121, 124, 126, 131, 137, 148, 154, 160, 176, 181
 Intelecto 107, 140

J

- James Denison 10, 83, 186, 187

K

- Kinsey 7, 34, 44, 69, 99, 101, 102, 103, 106, 107, 146, 164, 186

L

- Lábios 17, 19, 21, 22, 23, 40, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 75, 89, 123, 124, 125, 130, 134, 135, 142, 143, 152, 157, 176, 180
 La Rochelle 1, 8, 9, 15, 16, 22, 24, 25, 26, 47, 48, 52, 78, 82, 114, 186
 Leitura 7, 8, 9, 10, 11, 12, 17, 18, 19, 22, 23, 26, 33, 35, 38, 40, 43, 47, 49, 56, 57, 58, 60, 61, 74, 75, 86, 87, 90, 97, 98, 99, 105, 106, 125, 129, 133, 134, 135, 138, 139, 150, 151, 157, 167, 176, 183, 186, 188, 194

Léon Vaïsse 32, 34, 120, 122, 125, 127, 137, 171
Língua 7, 11, 12, 18, 21, 22, 36, 37, 38, 40, 41, 45, 46, 55, 56, 57, 58, 60, 68, 69, 72,
75, 77, 81, 85, 89, 90, 91, 96, 106, 107, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123,
126, 127, 130, 131, 132, 133, 134, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 149, 153, 154,
162, 171, 176, 187, 197
Linguagem 11, 13, 18, 20, 27, 36, 39, 44, 46, 55, 56, 57, 60, 63, 68, 70, 71, 75, 76, 80,
84, 85, 90, 96, 97, 98, 102, 105, 106, 107, 117, 122, 123, 133, 134, 139, 140,
149, 151, 152, 153, 154, 156, 166, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177,
194, 195
Lyon 9, 15, 16, 18, 19, 24, 25, 28, 29, 30, 34, 37, 38, 42, 44, 51, 69, 89, 98, 111, 125,
126, 127, 128, 129, 137, 144, 146, 148, 163, 176, 181

M

Mãe 13, 35, 40, 76, 101, 104, 106, 121, 123, 136, 139, 140, 141, 151
Magnat 21, 22, 23, 26, 28, 31, 35, 37, 38, 39, 40, 45, 46, 48, 70, 71, 72, 78, 88, 94, 96,
97, 125, 132, 151, 153, 156
Mão 8, 41, 78, 102, 117, 123, 175, 183
Memória 11, 13, 21, 35, 46, 57, 62, 63, 80, 103, 118, 120, 130, 139, 143, 148, 162
Mestres 47, 50, 58, 134, 148, 160, 162, 164, 166, 171, 181
Método alemão 42, 55, 57, 68, 70, 71, 72, 73, 78, 80, 81, 97, 99, 103
Método combinado 35
Método da articulação 17, 20, 133
Método dos sinais 17, 37, 51, 97, 105, 107, 118, 149
Método francês 42, 57, 84, 89, 103, 180, 181, 182
Método misto 27, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 149, 154, 155, 156, 177
Método oral 7, 9, 10, 21, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 55, 56, 57,
59, 73, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 107, 115, 131,
132, 133, 134, 135, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 171, 173,
189

O

Ouvinte-falante 129, 136, 137, 138, 173

P

País 21, 33, 39, 44, 46, 59, 86, 91, 95, 96, 101, 105, 106, 107, 117, 121, 122, 123, 137,
141, 152, 155, 159, 161, 163, 165, 166, 175
Palavra 13, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42,
43, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 71, 73,
74, 75, 80, 87, 95, 103, 110, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123,
124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 142,
143, 144, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 162, 164, 165,
166, 169, 170, 171, 173, 175, 176, 177, 179, 180, 181, 191, 194, 195
Paris 9, 13, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 26, 28, 30, 31, 32, 33, 37, 38, 42, 44, 45, 49, 50, 51,
53, 54, 57, 58, 61, 62, 64, 65, 67, 69, 70, 73, 82, 88, 93, 94, 96, 98, 109, 110,
111, 114, 117, 119, 120, 122, 125, 126, 127, 128, 129, 132, 136, 144, 145, 146,
147, 148, 151, 153, 157, 161, 163, 169, 171, 174, 176, 181, 189
Pátria 32, 34, 35, 114
Pedagogia 72, 81, 139
Peet 34, 37, 39, 48, 69, 73, 78, 84, 89, 127, 132, 164
Pendola 16, 17, 34, 49, 50, 54, 61, 150, 164
Pensamento 24, 28, 32, 33, 39, 40, 41, 55, 84, 87, 105, 107, 108, 115, 116, 117, 119,

- 124, 136, 138, 153, 162, 163, 170, 173, 187
- Pereire 9, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 29, 31, 33, 34, 42, 45, 46, 48, 51, 52, 55, 62, 70, 78, 93, 94, 96, 97, 100, 113, 114, 116, 124, 125, 127, 139, 145, 164, 170
- Peyron 1, 8, 11, 37, 45, 48, 54, 78, 128, 153, 158, 174, 186
- Pobre 76, 77, 124, 137, 166
- Prática 7, 21, 23, 33, 45, 56, 58, 60, 61, 64, 72, 73, 78, 82, 90, 111, 116, 122, 123, 138, 139, 141, 152, 157, 166, 176, 183
- Professores 7, 18, 19, 23, 25, 46, 54, 58, 61, 64, 68, 70, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 81, 82, 84, 85, 87, 90, 93, 94, 95, 96, 103, 114, 116, 119, 125, 127, 129, 135, 142, 148, 161, 163, 166, 169, 170, 171, 176, 181, 189
- Profissão 78, 79, 87
- Programa 17, 18, 27, 32, 34, 35, 44, 70, 71, 96, 98, 129, 131, 132, 133, 151
- R
- República 33, 45, 136, 137, 143, 144
- S
- Sicard 36, 42, 70, 117, 118, 119, 121, 122, 171
- Sinais 7, 9, 10, 11, 12, 17, 18, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 51, 55, 56, 57, 58, 59, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 96, 97, 98, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 123, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 138, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 170, 171, 173, 175, 176, 177, 180, 183, 187
- Surdo-falante 46, 59, 60, 62, 124, 130, 131, 133, 134, 138, 172
- T
- Tarra 16, 32, 34, 39, 40, 41, 43, 46, 48, 49, 50, 52, 54, 56, 60, 61, 69, 73, 78, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 94, 97, 107, 127, 131, 143, 148, 155, 157, 163, 166, 167
- Treibel 1, 8, 10, 34, 39, 44, 48, 67, 69, 70, 78, 98, 127, 132, 186
- U
- Universidade 10, 13, 90, 197
- V
- Verbo 117, 118, 170, 174
- Verdade 1, 20, 21, 35, 36, 37, 55, 65, 88, 90, 91, 96, 103, 128, 141, 143, 151, 162, 165, 169, 170, 174, 175, 182, 189, 191, 194, 195
- Visão 36, 55, 67, 75, 81, 84, 101, 123, 130, 147, 150, 179
- Voz 26, 37, 57, 59, 62, 63, 64, 68, 77, 83, 85, 87, 88, 96, 114, 143, 152, 158, 170, 171, 175, 181, 193
- Z
- Zucchi 32, 33, 34, 43, 48, 49, 54, 69, 127, 143, 148, 157, 160, 161, 162, 164

